

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

D O

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.*
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 1.º

JULHO.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.

Com Licença.



*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*



C H I M I C A.

Memoria sobre hum novo principio da Theorica do Calorico. Por Silvestre Pinheiro Ferreira.

QUando acontece apresentar-nos a observação hum phenomeno, que, apesar de todos os esforços, não podemos reduzi-lo a nenhum dos principios constitutivos da Theorica da Sciencia, a que o phenomeno pertence; inferimos que a Theorica, sem ser falsa, he sem duvida defeituosa em seus principios.

Porém quando aquelle phenomeno, não só se não pôde reduzir a nenhum dos principios da Theorica, mas até se acha ser contrario a algum delles; he natural o concluirmos que esse principio, ou he hypothetico ou que pelo menos tem sido demasiadamente generalizado.

Este ultimo he justamente o caso, que me parece verificar-se a respeito do principio o mais importante da Theoria do Calorico, se observarmos que na explosão da polvora ha desenvolvimento de Calorico, entretanto que os elementos da mesma polvora passão do estado de solidez, em que se achavão, ao estado gasoso, mediante a explosão.

He verdade que o immortal Lavoisier, tendo em vista este mesmo phenomeno, suppoz que o acido azotico (i) fixando-se na sua combinação com

a ii

(i) Chamo assim ao que geralmente se' chama acido nitrico, com huma manifesta e inexcusavel violação de hum dos mais luminosos principios da Nomenclatura Chimica, de se designar cada hum dos acidos pela sua respectiva base, sempre que esta he conhecida. He verdade que alguns Chimicos

a potassa, para a formação do nitro (hum dos principaes ingredientes da polvora) conserva a maior parte do calorico, que continha no seu precedente estado gazoso.

Mas esta supposição de Lavoisier além de não ser fundada em nenhum outro facto senão aquelle mesmo, que por elle se pertende explicar he incompativel com a Theoria tal como ella nos tem sido ensinada até ao presente.

Por quanto essa supposta retenção de Calorico do acido azotico no azotato de potassa (ou nitro) não salva a difficuldade de que passando os elementos da polvora (corpo solido) ao estado gazoso, não só não tomão dos corpos ambientes calorico fazendo que elles esfriem; mas antes perdem huma tão consideravel porção delle, que se manifesta na calorificação excessiva de tudo o que os cerca até huma notavel distancia.

Eu estou certo que estas e outras semelhantes reflexoens se offerecerão ao espirito penetrante, que regenerou a Chimica; mas como esta consideração o demoraria na rapida carreira que seguia; contentou-se com aventurar esta simples idéa; sem com tudo lhe dar mais valor do que o de huma hypothese: moderação tão rara e admiravel quanto o costuma ser a sabedoria inseparavel daquellas qualidades.

A esta reserva, com que aquelle grande homem expõe a unica explicação scientifica, que eu conheço do phenomeno de que se trata he que devo a tentativa, em que entrei, de o tornar compativel com

desapprovão o nome de azoto dado á base do acido nitrico. Mas sem entrar nesta questão, pede a Philosophia da Sciencia que, em quanto assim se denominar a base, o acido, que della se compõe, seja chamado azotico, ou azotoso, segundo o grão de oxigenação.

os principios da conhecida e aliás incontestavel Theoria do Calorico. Mas depois de ter feito varios ensaios pouco felizes, vim por fim a encontrar a solução que exporei nesta Memoria, em occasião que procurava explicar pela Theoria chimica da Luz (que exporei em outro lugar) as bellas experiencias do celebre Wedgood sobre os raios do sol.

Assim como eu tinha derivado aquella Theoria da definição que primeiramente assentava da palavra Calorico: assim me pareceu que desta se deverião deduzir todos os principios, tanto os já conhecidos, como os addicionaes, que eu presumia faltarem á propria Theoria do Calorico.

Sigamos pois a analyse, que me conduzio a esta conclusão.

Pela palavra Calorico entendem todos os Chemicos huma substancia cujas partes exercitão todas, humas sobre as outras, huma repulsão indefinida (1).

(1) Eu não digo que todos os Chemicos definem assim a palavra Calorico. Definir huma palavra he enumerar as idéas, que ella desperta no animo de todos os que della se servem. Para definir huma palavra he portanto necessario analysar o que se passa no espirito daquelles que della se servem. Donde se vê que, como para huma mesma expressão, se pôdem fazer muitas analyses; muitas pôdem ser as definiçoens: cada huma mais ou menos perfeita, segundo que a analyse for mais ou menos bem feita.

Entretanto no caso de que tratamos todos concordão em dizer, que o Calorico dilata os corpos: e isto he o que exprime a definição, que acabamos de dar da palavra Calorico. Poderia parecer que desta generalidade deverião exceptuar-se aquelles Chemicos, que negão a existencia de huma substancia, a que se haja de dar o nome de Calorico: e na sua opinião esta palavra, bem como na opinião

Señdo pois certo que os corpos , á medida que se approximão do minimo da affinidade de aggregação , se approximão igualmente do maximo da affinidade de combinação ; a primeira consequencia , que deriva da definição , que acabamos de dar de Calorico , he que esta substancia deve possuir a maxima affinidade de combinação para com todos e quaesquer corpos , que se acharem na sua esphera de actividade.

Mas se nós consideramos por outra parte que a affinidade de aggregação das partes de hum corpo entre si , differe da que existe entre as partes de outro corpo , segue-se que a affinidade de combinação do Calorico deve ser differente para com os differentes corpos.

Seja ella porém qual for da sua combinação com qualquer corpo resulta sempre , que a força repulsiva das partes do mesmo Calorico entre si , ha de ser aniquilada em todo ou em parte pela força de attracção , que existe entre as partes do corpo , com que elle se achar combinado.

Ora he evidente , que achando-se cada huma das partes de hum corpo reunida a todas as outras pela força da attracção ; esta deve crescer em huma rasão directa do numero das partes componentes.

de todos a palavra attracção , nada mais significa , do que hum simples factó : isto he a dilatação dos corpos , que se dizem calefactos. Seria improprio deste lugar o fazer ver que semelhante discrepancia deriva unicamente da errada definição , que vulgarmente corre da palavra substancia ; pois que partindo da verdadeira definição , desaparecem , tanto esta como innumeraveis outras questoens sobre o serem as coisas , de que se trata , substancias ou meras quantidades. Em humas Prelecçoens Philosophicas que faço actualmente imprimir , trato circunstanciadamente esta materia.

Desta observação segue-se necessariamente, que a somma de forças attractivas existentes em hum numero qualquer de partes, he menor, quando ellas se achão separadas, do que quando estavão unidas; visto que depois de separadas não existem, senão as forças que reúnem as particulas de segunda ordem: e que no outro caso existem tambem as que as partes, que destas se compoem, exercitão entre si.

Não he menos evidente que, quanto maior se suppozer huma força attractiva, tanto maior se deve suppor a força repulsiva, que com ella tem de equilibrar-se. Logo, se as partes de hum corpo reunidas tem maior somma de forças attractivas, do que separadas, hão de poder anniquilar no seu estado de reunião huma maior somma de forças repulsivas, ou (o que val o mesmo) hão de precisar de huma maior quantidade de Calorico para a sua saturação do que estando separadas.

Agora he facil de ver, que vindo a separar-se as partes de hum corpo, huma porção de Calorico, até agora retida pela força de attracção, que perece pela simples fractura do corpo, obedecerá á força repulsiva das outras partes do mesmo Calorico, que ainda ficão combinadas com o corpo; e no estado de Calorico livre, passará a ser sensivel, e por consequente a aquecer todos os corpos ambientes.

Não he pois unicamente pela *solidificação* (1)

(1) Eu entendo esta palavra na sua significação mais extensa, quero dizer que chamo *solidificação* não sómente á effectiva formação de hum corpo em solido; mas tambem a todos os passos, que desde o estado de gaz, fluido, e liquido, elle dá para chegar á final e effectiva *solidificação*. Por quanto esta successiva progressão, sempre mais e mais chegada ao verdadeiro estado de solidez, consiste na

que se desenvolve Calorico livre, como até ao presente se tem ensinado. Ha, alem deste, outro principio de desenvolvimento de Calorico, que he a *pulverisação* como acabo de demonstrar.

Façamos applicação deste novo principio ao phenomeno da explosão da polvora, de que fallamos ao principio desta Memoria.

Logo que a ordem das affinidades dos ingredientes da polvora se acha alterada, pela elevação de temperatura, mediante a applicação da faisca com que se lhe dá fogo, o oxygeneo do acido azotico abandona a sua base: a qual não pôde por si só ficar em combinação com a potassa, que ou se decompõe, ou he pulverisada pela acção do desenvolvimento do acido, que com ella compunha o nitro. Em huma palavra o azoto e o oxygenio, que em virtude das suas precedentes affinidades e combinaçõens se achavão disseminados pela massa do sulfuro-carbureo da potassa, nesta nova ordem de

realidade em se hirem reduzindo de facto a esse estado moléculas de huma massa sempre crescente, até á final solidificação, que consiste na reunião de todas as moléculas em hum só corpo. Nem pareça que esta Theoria da solidificação he contraria á que acima expendi sobre a pulverisação; porque esta consiste na separação de partes para fora da esfera de cohesão; e por tanto fora da esfera de toda a acção chimica: o que he contrario ao que acontece com os fluidos. Por outra: para manter separadas as moléculas de hum fluido he necessario tanto maior quantidade de Calorico quanto são menores as moléculas do mesmo fluido: o que vem a ser o mesmo que dizer: que quanto maior somma de forças de cohesão se houverem de equilibrar, tanto maior deve ser a somma de forças repulsivas, tanto maior porção de Calorico, a esse fim necessario. Ora isto mesmo he o que eu disse tra-

affinidades se desprendem , arredando as partes da massa total e solida ; e operando deste modo a sua pulverisação.

He desta que deriva a prodigiosa quantidade de Calorico , que não só he bastante a converter em gazes huma grande parte dos ingredientes da polvora ; mas tambem a aquecer os corpos ambientes , a não pequena distancia.

Quanto a pulverisação for mais consideravel , e mais completa ; quanto menor for o tempo , em que ella se executar , tanto maior será a quantidade de Calorico livre , que observaremos desenvolver-se.

Com effeito a experiencia prova que , dadas duas iguaes quantidades de polvora , igualmente secca e igualmente bem misturada com seus ingredientes ; aquella será mais forte , que inais longe estiver do gráo de finura , que pelo incendio della admitta pou-

tando da pulverisação , durante a qual não ha desenvolvimento de Calorico livre , dizia eu , senão porque postas humas partes do corpo fóra da esfera de attracção das outras , diminue a somma total das forças attractivas , que antes alli existião , e já não ha com que fazer equilibrio a huma correspondente porção de forças repulsivas : e assim esta porção exercita a sua actividade desprendendo aquella massa de Calorico superfluo , que passa a combinar-se com os corpos ambientes.

Eis-aqui como o perfeito accordo entre phenomenos , que parecião contradizer-se , vem a servir de huma nova confirmação á Theoria , que me propuz completar com a addicção de hum principio , que me parece tão fecundo nas suas applicaçoens , quanto rigoroso na sua deducção da mesma origem donde se derivão philosophicamente os outros dois principios : a saber , da definição mesma de Calorico.

ea pulverisação ulterior. Daqui vem a necessidade de a granular.

He certo que excedendo os grãos hum determinado volume, perde a polvora parte da sua força; mas isso he quando este volume he tal, que a pulverisação se não pôde fazer em todo elle ao mesmo tempo: e só neste sentido he que se verifica que a polvora fina he mais forte do que a mais graúda; porque tanto huma como outra coisa tem seus limites.

Entre outros muitos phenomenos, a que se pôde fazer applicação deste novo principio da *pulverisação*, e que se consideravão até agora como inexplicaveis, e por tanto como destacados do systema, apontarei sómente hum, que pela frequencia com que occorre debaixo de differentes apparencias e pelas desvariadas hypotheses, a que os Physicos tem recorrido para o explicarem, merece huma particular attenção.

Battendo-se duas pederneiras, huma contra a outra, tem-se observado que ferem fogo, como se huma dellas fosse aço. E com effeito não tem faltado Physicos, que attribuem aquelle phenomeno á oxydação de particulas de ferro, que elles suppoem contidas nas mesmas pederneiras. Porém estes Physicos deverão ter reflectido que o mesmo phenomeno acontece com outras pedras, taes como o crystal de rocha, em que nenhuma analyse tem descoberto nem hum atomo de ferro. Ora não he por supposiçoens gratuitas que se devem explicar os phenomenos da Natureza.

Quanto a este, a sua explicação deriva tão naturalmente do principio da pulverisação, que julgo excusado demorar-me em detalhar o como. He verdade que nelle concorre hum desenvolvimento de luz, cuja explicação mereceria que eu accrescentasse aqui algumas reflexoens mais. Porém como no Ensaio da *Theoria Chimica da Luz*, que mencionei ao prin-

cipio, trato expressamente desta materia, a elle me refiro: tanto mais que esta parte do phenomeno em nada influe sobre a explicação do desenvolvimento do Calorico, que era o unico objecto da presente Memoria.

MINERALOGIA.

Memoria feita pelo Dezembargador José Bonifacio de Andrade.

Ha terrenos que pelo arado não dão fructo, mas sendo cavados com o picão do Mineiro, sustentão mais do que se fossem ferteis.

Xenophonte das Rendas dos Atheniens. Cap I.

INTRODUÇÃO

EM todos os paizes cultos da Europa a lavra das minas, e sua administração tem merecido o maior cuidado e disvelo dos Soberanos. Entre nós desde os primeiros tempos da Monarquia as minas principalmente de ferro, e de oiro, e depois varias outras, merecerão os maiores cuidados aos nossos antigos Reis. Desde o Senhor D. Affonso II até o felicissimo Senhor D. Manoel, as minas do Reino forão fomentadas e patrocinadas com o maior zello; mas nem sempre estes bons dezejos tiverão feliz effeito, por varias causas, que apontarei depois. Com as infelicidades do Reinado do Senhor Rei D. Sebastião, e calamidades, que se lhes seguirão até a acclamação do Senhor D. João IV este ramo da industria e riqueza publica soffreu muito e apezar dos estabelecimentos de Ferrarias do mesmo Senhor e seus Successores, he ao nosso Au-

gusto Principe a quem devemos de novo novos cuidados e providencias para o fomento das minas e fabricas mineraes. Desgraçadamente as circumstancias do tempo tem feito mallograr até hoje estes bons começos. E he tal a cegueira e o desleixo sobre esta materia, que mui pouca gente ha entre nós, que esteja capacitada dos grandes proveitos, que com sigó trará a lavra regular das nossas minas, e humma boa administração metallurgica: mas quem haverá, se tiver juizo e lição da historia, e alguns conhecimentos de economia publica, que possa duvidar das utilidades da mineração para qualquer paiz rico em producçoens mineraes?

A mineração nutre e sustenta numerosas familias, que por falta de trabalhos uteis em terrenos pela maior parte estereis e desertos, se entregarião á inercia e aos vicios seus filhos. Ella povôa montanhas escalvadas, e charnecas inuteis, e as apinha com o andar do tempo de Aldêas, Villas, e Cidades. Ella enriquece immediata, ou mediatamente o Erario Publico com os lucros provenientes das minas da coroa, e dos direitos metalicos: ella augmenta e segura os impostos sobre a entrada e consummo dos viveres, fazendas, e materiaes necessarios aos mineiros; consummo, que cresce progressivamente com a povoação e com a industria. A mineração augmenta o cabedal metalico da nação, que pôde, sem diminuir o preciso para a agricultura e fabricas já estabelecidas, ser empregado em novas e uteis emprezas, como estradas canaes, portos, pescarias, plantios de bosques, e outros objectos importantes de que tanto precisamos. Ella fomenta mui particularmente o commercio e industria nationaes, diminuindo a importação de mineraes estrangeiros, subministrando materias primeiras ás fabricas, augmentando a exportação de generos novos, dando consummo e actividade aos trabalhos da agricultura, estabelecendo ou sustentando manufacturas para uso

das minas, como as de cordas, couros, polvora, agoa forte, e outras.

Se o paiz he esteril em productos agriculturales, como a maior parte das nossas vastas serranias, e charnecas; se as fabricas tem obstaculos quasi invenciveis para se porem em concorrencia com as estrangeiras como entre nós succede; que outro modo mais natural e seguro terá humia nação para não empobrecer e despovoar-se, do que a lavra em grande dos seus mineraes com que a Providencia a quiz dotar? Sem o seu ferro, e cobre, que seria hoje em dia da Suecia, e dos vastos desertos da Siberia?

O Commercio e as manufacturas só trazem riqueza certa e de monta ás naçoens, que principalmente as cultivão, quando os estranhos e visinhos são ignorantes e preguiçosos. Mas isto muda todos os dias, como nos ensina a historia do commercio Europeo nos dois ultimos Seculos. Os mineraes uteis porém, que a natureza repartio com mão escassa por poucas terras privilegiadas são sempre necessarios aos outros povos, que os não tem de proprio cabedal: de mais ninguem pôde prohibir-nos em nenhum caso tirar o oiro, a prata, o chumbo, o ferro, o cobre, o estanho, e o carvão de pedra das entranhas dos nossos montes. Se a Russia, a Prussia, e a França se enriquecerão de novo tanto com a lavra das suas minas, quem prohibe a Portugal enriquecer-se do mesmo modo? Pão, polvora, e metaes são quem sustenta e defende as naçoens: e sem elles de proprio fundo he precaria a existencia e liberdade de qualquer Estado.

As minas pois fomentadas e administradas sabiamente poem em circulação riquezas immensas debaixo de fórmãs diversissimas: abrem novas fontes sempre perennes de nutrição e soccorro á lavoura, ao commercio, e ás artes: crião e sustentão hum

grande numero de braços: e diminuindo a vadiação e mendicidade das comarcas firmão o socego e a segurança publica; espalhão luzes e conhecimentos uteis por hum grande parte da nação; augmentão em fim a dignidade do homem social pelas victorias, que obtem diariamente contra a Natureza, muitas vezes madраста, executando maquinas e trabalhos portentosos. Isto que nos prova a historia moderna, se confirma pela antiga; pois que os povos mais famosos da antiguidade, os Egipcicos, os Phenicios, Gregos, Carthagineses, e Romanos, da lavra das suas minas tirarão muito principalmente a sua riqueza; e' o que mais he, a sua civilisação.

Já disse que os nossos antigos Reis desde o principio da Monarquia favorecerão muito com privilegios novos, e concessoes a particulares este importante ramo da nossa industria; em a nossa Torre do Tombo nos Livros da Chancellaria do Senhor D. Diniz se acha hum grande collecção de Cartas Regias, Privilegios, e outras providencias dadas desde o tempo do Senhor D. Sancho I até o Senhor D. Manoel a favor dos Mineiros da Adissa, que mineravão oiro desde Almada até a Costa; e esta mesma Villa deveo a sua origem e nome a esta rica mineração, porque *Almadan* ou *Almaden*, significa em Arabico *Mina* ou Castello de Mina. A mineração de ferro foi tambem muito fomentada, e extensa em Portugal, porque além das noticias dos nossos escritores e cartorios, basta ter viajado com olhos intelligentes o nosso Reino para descobrir por toda a parte restos de escorias deste metal. O nome de muitas terras de Portugal, de Ferreira, Ferrarias, Tendaes, de Ferreiros, Escocira &c., comprovão o mesmo.

Ora entre todos os Monarcas Portuguezes os que mais se distinguirão nesta parte forão os dois grandes Reis, o Senhor D. Diniz e o Senhor D. Manoel. Desta vasta mineração de ouro, prata,

ferro, chumbo, e estanho, tirou Portugal grandes riquezas; e reflectindo nós nos grandes exercitos e armadas, que levantarão, e sustentarão em tantos seculos, aos faustuosos Templos e Palacios, que erigirão; aos soccorros pecuniarios, que derão a tantos Principes alliados; e considerando por outra parte a falta, que então havia de manufacturas, com que podessemos chamar a nós o dinheiro dos estranhos; e o muito, que tiravamos delles em mercadorias, e generos da primeira necessidade desde o principio da Monarchia, como se vê da curiosa Lei do Senhor D. Affonso III publicada em Lisboa aos 7 de Janeiro da era de 1261 tirada da Torre do Tombo de necessidade devemos annuir á opinião do Padre João Baptista de Castro no seu Mappa de Portugal, que attribue estas grandes riquezas ás opulentas minas, que havia então no reino; mas dirá talvez algum ignorante, ou malevolo, porque não tem continuado ou prosperado este ramo de industria, e responderá muito cheio de si, porque de certo ou se esgotarão, ou não fazião conta, e não podem fazer muito menos hoje em dia. Mas porque razão se diminuiu a nossa agricultura? Porque razão se diminuirão os nossos portos mercantes, e perecerão as nossas armadas? Porque acabarão as nossas pescarias que se estendião até ás Costas de Inglaterra e da Baixa Bretanha em tempo dos Senhores D. Fernando e D. João o I? Porque razão acabou o nosso commercio e imperio da India? Que respondão elles. Eu só me limitarei a esboçar em breve as causas, que concorrerão até hoje e poderão concorrer para a decadencia das nossas minas.

A 1.^a causa foi a falta de legislação publica como teve a Allemanha, desde 1200 para cá: 2.^a a falta de humma boa administração fundada em Tribunaes, e Magistrados proprios, que dirigissem esses estabelecimentos, e vigiassem sobre os abusos dos

mineiros, e justiças territoriaes: 3.^a a falta de caixas publicas de economia e piedade, para soccorrer a laboração das minas, e os seus empregados, e ajudar aos Proprietarios, quando lhes faltavão cabedades para a manutenção das mesmas: 4.^a outra causa muito principal forão as concessões extensas e dadas sem regra a particulares que por falta de cabedades, pela ignorancia delles e de seus afilhados, pelo dezejo de quererem ganhar muito de repente, sem attender ao futuro, pela falta de simultaneidade de trabalhos reciprocos das diversas minas de hum districto, que se ajudassem mutuamente na lavra e mistura dos mineraes para as fusões, e evitassem despezas damnosas em casas superfluas de fundição e outras fabricas, esgotarão os seus fundos em pouco tempo ou motivarão lavras de roubo, de buracoens e superficiaes, que em breve se alagarão e desmoranarão: 5.^a as guerras continuas de correias e devastação com os nossos visinhos: 6.^a a indolencia dos homens em tudo que tem dificuldade a principio, e não promette logo milhoens: 7. o espirito de conquista, navegação, e commercio, que se apoderou do corpo inteiro da nação, e fez abandonar os trabalhos industriaes do reino: 8.^a o preço mais alto dos nossos metaes, que pelo máo methodo de lavra, e administração das minas, não podem concorrer com os estrangeiros mais baratos, que achavão huma entrada livre e desembaraçada em Portugal: 9.^a as ricas minas da Africa, e depois as da America Hespanhola e do Brazil: pois já em 1599 Duarte Nunes de Leão na sua discripção de Portugal, fallando do muito oiro e prata, que tem este reino se queixava do abandono das minas, ou porque, diz elle, os Portuguezes soffrem melhor a fome, que o trabalho, ou pelas muitas minas de S. Jorge, de Arguim, de Sofala, e de Moçambique, de que trazem muito ouro cada anno. Querem antes hir busca-lo por mar, que cava-lo na terra:

10.^a a falta de huma boa administração de mattas, que vedasse a diminuição das madeiras, lenha, e carvão de pedra, de que tanto precisavão as minas: 11.^a as más estradas e falta dos canaes para facilidade e barateza dos transportes dos generos, sem os quaes não pôde haver duração e prosperidade em fabricas, e estabelecimentos publicos.

Contra a maior parte destas causas de ruina tenho eu que pelear: muitas e muitas vezes ponderei e pedi remedio a estes males. Circunstâncias infelices dos tempos baldarão o meu patriotismo. Hoje em dia he preciso sustentar os estabelecimentos que existem, sustenta-los talvez sem gastos e avanços pecuniarios. Farei o que for possível, e exporei os meios, que me lembrão, com que, ou se possão diminuir as despezas dos dinheiros publicos applicados para estes estabelecimentos, ou se co-steem estes por particulares sem avanço do Estado.

H Y D R O G R A P H I A.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, com a declaração dos pontos mais notaveis na Hydrographia, que precisão de mais profundo exame. Por Joaquim Bento da Fonseca, Primeiro Tenente da Marinha.

I N T R O D U C Ç Ã O.

Considerando-se o immenso Plano de agoa, que occupa ametade da Circunferencia do Globo entre os Continentes da America e Asia, que parecia haver condemmado os Povos esparzidos sobre o liquido da sua superficie a não serem jámais conhecidos; ver-se-ha que sómente ás viagens de circumnavegação he que se devem essas Ilhas sem

numero, esses Archipelagos fertes repartidos no Oceano Pacifico, em fim todas essas Terras, cuja formação, e a origem de cujos habitantes, offerecem hum vasto campo aos systemas do Physico, e ás meditações do Philosopho. Assim he que o Astronomo, o Naturalista e o Artista (que fazem a parte essencial das viagens das descobertas) partem a estenderem os progressos do espirito humano; á sua volta, cada hum põe em ordem os seus materiaes, dando ao objecto particular do seu trabalho o gráo de perfeição, de que he susceptivel, e da reunião bem escolhida destas diversas partes resulta huma relação completa, onde tudo está ligado, e posto em seu lugar, servindo a mostrar aos olhos do Cosmographo os quadros fieis das differentes partes, que compoem, e ajunta este Globo Terraqueo, e finalmente a assignar a rota dos Navegadores na obscuridade das noites, e a entreter communições faceis entre todas as porções da Terra habitavel.

A necessidade, que temos de huma Obra desta natureza, fará por ventura em tempos mais serenos, o objecto de serias meditações, e de empresas semelhantes ás dos felicissimos dias dos Senhores D. João II, e III, e do feliz D. Manoel. Porém será no entretanto infelicidade, e mesmo funesto ao augmento dos conhecimentos humanos, se os nossos Navegadores; Geografos e sabios, imaginarem „ *que a carreira está percorrida; que tudo está feito.* „ He certo que não devemos esperar, sem duvida, aquellas grandes descobertas, que tem consagrado á immortalidade o nome daquelles, que as fizeram, e mesmo está demonstrado, que exceptuando algumas Ilhas, que se achão sobre as rotas pouco frequentadas, e aquellas terras inhabitadas, e inhabitaveis que podem estar cercadas pelos gelos dos Pólos, cuja barreira não se tem podido penetrar; não nos resta mais terras

a descobrir , porém entre aquellas , que estão conhecidas , nós temos muitas , que até o presente não tem sido , (por assim dizer) mais que percebidas ; de maneira que , se algum sujeito , (instruído ao menos no Estudo da Geographia) me fizer a honra de ler as Observações , que formão a segunda parte deste folheto , posso contar de certo com a satisfação de que finalizará a leitura , dizendo ,, a expressão he má , aspera , e rude , a marcha , que segue , não tem ordem ; porém não obstante ,, *tudo não está percorrido , tudo não está feito.* ,,

T Odas as Nações sabem que na época do principio heroico dos nossos descobrimentos toda a Europa jazia em trevas a respeito da Navegação , Commercio , e Geographia ; e por consequencia em Historia Natural , além de outros ramos , que estas sublimes arvores produzirão e que sómente se deve á Nação Portugueza a grandeza do circulo dos conhecimentos humanos ; e he evidente que , se não tivéssemos dado , por assim dizer , muito maior extensão á terra que habitamos , seria extremamente limitada a esphera dos nossos conhecimentos. A Russia nos faz justiça nas suas obras de viagens. Porém que os Francezes chegassem á cegueira horrorosa de se esquecerem dos beneficios , que nos devem (pois he sem contradição a nação da Europa , que mais se aproveitou das nossas pizzas e lições para augmento das Artes e do Commercio) a ponto de nos maltratarem nas suas obras periodicas , ainda que pela contradição dos seus mesmos autores claro fica , que semelhantes escriptores devem forçosamente sentir o remorso do seu trabalho , pois sómente se vem obrigados a escrever pela inveja do quadro brilhante da Potencia Luzitana no continente Antartico : he sem duvida

hum acontecimento extraordinario. A sua grande obra, intitulada *Neptuno Oriental*, bem patenteia as suas dividas. Como he no sentido da Geographia e Astronomia, que elles attacão a Nação de ignorante, e o meu trabalho he parte daquella sciencia, toca-me (antes que o principie) refutar a sua illusão manifestada na introducção, que acrescentarão em o seu Atlas Geographico, que copiarão do de *Pinkerton*.

Entre as obras, que pude obter, em a miseravel e ultima Colonia, que lhes restava, se acha huma que se intitula: *Escolha das melhores viagens modernas feitas a diversas partes do Mundo por terra e mar. precedida de hum discurso sobre as descobertas dos Portuguezes para lhes servir como de introducção*: e sendo o fim desta classe de obras instruir a mocidade na Geographia Navegação, e Historia Natural, vê-se que o autor conhece a injustiça de seus companheiros, pois que busca para fundamento da sua obra parte da nossa historia. No conhecimento dos tempos, ou dos movimentos celestes, para uso dos Astronomos e Navegadores, para o anno de 1809, se servem tambem dos trabalhos dos nossos sabios, e mesmo o confeção logo no frontespicio desta obra, dizendo na advertencia que os calculos tem sido feitos debaixo da inspecção do Deposito das longitudes, por *Haros e Marion*, sobre as taboas de *Bug* para a Lua, e das de *Lalande* para *Mercurio*, *Venus* e *Marte*, contendo addiçoens, e differentes memorias de *Burckhardt*, e huma de *Dacum* sobre a Astronomia Nautica; *et enfin les nouvelles methodes analytiques de M. Monteiro pour le calcul des éclipse*; dizendo mais *M. Bouvarde*, encarregado do observatorio, a fol. 482, *les méthodes de M. Monteiro m'ont fourni une nouvelle occasion d'examiner les formules données par M. Olbers, pour dispenser les Astronomes du calcul de la paralaxe*: e em as taboas celestes do anno

de 1810, entre outros accrescentamentos novos expressados na advertencia da mesma obra, se nota a amplificação e retificação das taboas, que mostrão as posiçoens Geograficas, que elles dizem ser devida aos trabalhos de *M. Monteiro*. Logo se as Ephemerides de Coimbra, concorrem, como aquellas de *Greenwik* a formarem parte da litteratura dos Francezes em obras de tanta ponderação, fica provado que são destituidas de fundamento as suas censuras, que só tem origem na inveja do que ainda possuímos sobre o Globo. Digo ainda possuímos; porque em a obra já citada, diz o autor, que nós senhoreámos toda a Costa Occidental de Africa, e quasi toda a Oriental, parte d'*Arabia* e da *Persia* - as duas Peninsulas inteiras d'aquem e d'além do Ganges, o que confeça ser devido á nossa natural intrepidez para a Navegação, e ao valor heroico, e esforço dos nossos bravos guerreiros, não escapando até as *Molucas*, e-que retinindo o echo Portuguez no *Japão*, lá nos confins d'Asia; todos os Potentados daquelle antigo mundo procuravão adquirir nossa amizade e alliança, porém que do excesso desta grandeza e poder não nos resta mais que a sombra, como premio devido (diz o autor) á nossa arrogante soberba e tirania; o que he bem contrario, pois toda a Europa sabe que a nossa decadencia foi consequencia de acontecimentos inteiramente oppostos. Este autor pelo Elogio, que nos rende, dizendo devermos as nossas conquistas ao Heroismo, mostra querer satisfazer á sua consciencia, confeçando a verdade, porém em dizer que o excesso, a que queriamos levar o nosso Imperio, e tirania, que dezejavamos exercer no resto do Globo (pois era já tal que navio de nenhuma Nação podia navegar sem nossa licença e passaporte) forão a causa da grande queda, isso he querer coincidir com a opinião da Planeta destruidor, e dos mais satellites.

Porque razão dirá o autor que das nossas con-

quistas não temos mais que a sombra ? A meu ver, julgou-se por si, pois das duas Ilhas unicas, que ainda ha pouco lhe restavão, eu fui testemunha occular da tristeza e afficção, que causou a noticia da perda de huma, que por tanto tempo gozou do nome do seu descobridor, que fixando a sua posição pelos meios que a Arte naquelle tempo ministrava, a publicou ás Naçoens da Europa, para, quando quizessem nella formar estabelecimentos a poderem encontrar : bem se vê que fallo do Portuguez *Marcarenhas*, cuja Ilha deste nome foi tomada ha poucos mezes, pelas armas dos nossos Alliados; acaso não somos senhores da melhor parte da Costa Oriental de Africa desde 10^o de Latitude Sul, ou Fortaleza de *Cabo Delgado*, até o paralelo de 24^o ou *Cabo de Correntes*, onde se acha a praça e porto de *Inhambane*, formando toda esta extensão o nomeado Canal de *Mossambique*, cuja passagem he a derrota geral e a mais curta para se hir á Costa de *Malabar*. onde os Navios das Naçoens amigas encontrão hum porto seguro, e capaz de os fornecer de provisoens, e remedia-los de qualquer inconveniente, proveniente dos elementos durante a passagem do canal, e que sendo situado quasi a iguaes distancias, dos Cabos de *Boa Esperança*, e *Guardafu*, (á entrada do mar vermellio) se faz mais digno de apreço pelas naçoens amigas, que o frequentão, e cujas vantagens só ellas podem conhecer : acaso ignorará o autor a quem devemos o nosso panegirico, que he sobre esta mesma costa que possuímos, que desagoa o famoso Rio *Ituama*, cujo nascimento se ignora, sabendo-se sómente que *Damberger* na sua famosa viagem por terra desde o *Cabo do Boa Esperança* até *Marrocos*, o atravessara em o paralelo do 20^o, a menos distancia da Costa Occidental do Continente, que da Oriental; tornando-o a passar a 30 legoas mais ao Norte, donde fazendo caminho de 18 legoas, chegou a

Drosab, Capital do Paiz de *Segériens*. Não he má fôz deste famoso Rio que se acha a nossa praça de *Quilimane*, e sobre as suas bordas por terra dentro e a muita distancia, os estabelecimentos de *Senna*, *Manica*, *Fette*, e suas dependencias; e que he sobre estes ultimos que os Geógrafos concordão em situar o monte *Ophir*, donde *Salomão* (diz a historia) mandava buscar o oiro, cuja opinião não encontra alguma outra, e até se confirma pelo mesmo metal, que se tira, e em tal quantidade, que passa por hum ramo de commercio em os nossos estabelecimentos dos Rios de *Senna*, donde chega até *Mossambique*, que junto com o *Alvoro marfim*, partem a enriquecer não só o *Indostão*, mas a *Europa*; não fallo de outros metaes, que nos serião conhecidos, se a morte não pozesse termo ás descobertas e indagaçoens do Doutor *Lacerda*, a quem S. A. R. tinha encarregado a viagem do famoso Rio de *Senna*, e cujas primeiras observaçoens se apresentarão á Sociedade Real Maritima; em fim eu desejaría perguntar a este author, ou a outro, se o pantanoso territorio de *Guyana* mereceu do seu Governo huma obra de dois volumes, para a sua discripção, e de hum Atlas com a gravura de suas plantas, arbustos, animaes, e mais producçoens da natureza; quantos volumes serião necessários para descrever e gravar as producçoens do territorio extenso, de que venho de fallar, e daquelle que lhe ficá no mesmo continente, formando a parte opposta o Reino de *Angola*, cujo famoso Porto de *Loanda* he Capital, e que o seu navegador *M. de Grand Pré* tanto soube avaliar. descrevendo na sua obra as producçoens naturaes de huma pequena parte, que elle teve occasião de indagar quando em 1787 levantou o plano daquella Costa, mais para observar os nossos estabelecimentos do que para utilidade da Navegação; talvez que me respondesse; que hum folheto seria bastante para a discripção; eu então

o remetteria a lêr a obra do seu compatriota M. *Jaille*, que em 1784 e 1785 se occupou por ordem do seu Governo, a visitar o estabelecimento do Rio *Senegal*; de cujas observaçoens se publicou ha poucos annos huma discripção, acompanhada de huma Carta Geografica e do Plano da Ilha *Goréa*, na serie da qual M. *Jaille* diz que os nossos estabelecimentos do Rio de *S. Domingos* ou *Geba*, e do Rio *Grande*, são de iguaes producçoens ás do *Senegal* porém mais superiores em territorio. Com effeito, se se considera o forte de *Caconda* a 40 legoas da fôz do Rio *Grande*, e aquelles que ficão para o Norte ainda de *Bissau* e *Cacheo*; seria hum absurdo, affirmar o contrario em o tempo que M. *Jaille* escreveu; porém querendo eu ser grato ao author das viagens modernas, pelo annuncio, que faz publico, de nos restar sómente a sombra do que possuíamos lhe quero certificar que do seu estabelecimento de *Guyana*, dividido em 8 cantoens, sómente lhe resta a sua obra de dois volumes e, o seu Atlas de Descripção (a).

Pelo que pertence ao autor da introducção do Atlas Geografico, que traduzio, seja-me permittido dizer (em confutação ao que nos nota) que elle não tem noticia, ou quer ignorar as obras Geograficas da sua Nação. M. *de la Condamine* hum dos encarregados da grande operação da medição do arco do Meridiano no *Pertú*, conhecia e fez publico em suas obras, que os Portuguezes já em 1639 tinham hum conhecimento Geografico dos Paizes, que banna o maior rio do Globo; pois em 1638 o General do Estado do Gram *Pará*, determinou huma expedição para este mesmo objecto, a qual foi entregue a *Pedro Teixeira*, sendo o primeiro que subio o grande Rio a maior longitudé; este chefe de

(a) Esta obra foi escrita no tempo da tomada de *Cavena*

Expedição, chegando á embocadura de hum Rio, até então desconhecido (que hoje se domina *Napo*) navegou por elle até o seu nascimento, donde continuou por terra, e em pouco tempo se achou na Cidade do *Quito*; o dito autor Geografo tambem ignora que os Portuguezes da Capital do *Pará* em 1743 subirão pelo Rio das Amazonas, e entrando e navegando pelo Rio Negro, chegarão a *Orinoco*, que he o rio, que divide Guyana da nova Granada, e que vai desagoar no Mar do Norte; de cujas viagens se conheceo o territorio com tantas vantagens, que hoje temos hum famosa Capitania Geral, cuja Capital, denominada *Rio Negro*, se acha a 250 legoas da Cidade do *Pará*, que em consequencia da Navegação, pôde-se considerar toda esta extensão como se fosse hum costa de mar commerciante. Se o meu empenho fosse mostrar que já de tempos anteriores, nós sabemos a Geographia do nosso Paiz, ainda que contra a vontade dos Francezes eu lhes faria ver que elles se confutão em as suas mesmas obras, como quando dizem, em o seu resumo da Geographia de Guthrie, publicada em 1805, a folhas 549, relativo ás Ilhas dos Ladroens, que este Archipelago foi descoberto por *Magalhaens*, Navegador Hollandez, em razão dos Insulares lhe furtarem alguns instrumentos. He bem digno de reparo que o Author de hum tal Obra, e o seu Editor Francez ignorem a Historia Chronologica dos descobrimentos do grande mar do Sul, em pontos tão geraes, como tambem que o termo, que expressa aquelle comportamento dos Insulares, em Hollandez he *Dief*, que não tem analogia com as outras duas denominaçoens, pelas quaes se conhece aquelle grupo, isto he *Ilhas das Velas*, ou *Marianas*; porém elle se retracta a folhas 663 da mesma Obra, que trata sobre a terra *Magalhanica*, dizendo que tomou este nome do Estreito, que a limita ao Sul, e que a denominação

deste deriva do Navegador *Portuguez*, que o descobriu. Porém como não devo tratar sobre objectos, em que realmente se necessita de outras luzes e principios, e me limito a fixar toda a minha applicação sómente áquelles proprios do meu emprego na Real Armada; por tanto passo a expor as observaçoens sobre hum Plano para huma viagem de circumnavegação, não só por me servir de instrucção, a fim de que para o futuro possa ser util á minha patria, como tambem, realizando-se a expozição, se consiga formar huma litteratura original em semelhante Classe.

São muitos, e de differentes Naçoens aquelles que tiverão a gloria de seguir as pizadas do nosso immortal *Magalhaens*, os principaes até á epoca do primeiro ensaio das taboas lunares de *Mayer* pelo Astronomo *Maskelyne*, na viagem a *Santa Helena* são *Mendana Queiroz*, *Pasman*, *Dampier*, *Roggewein*, e *Anson*; daquella epoca até a aparição das primeiras Ephemerides; *Wallis*, *Carteret* e *Bougainville*, e depois desta feliz publicação, em que tambem *Arnold*, *Hendal*, *Mudgo* e *Emery*, nos derão as suas maquinas, sob o nome de Chronometros, reduzindo-as a hum volume igual áquelle de hum relógio de algibeira e levadas a hum grão de uniformidade na sua marcha, igual áquella das melhores pendulas de observatorio, se seguirão *Cook*, *Perouse*, *Vancouver*, *Dentre-Casteaux*: he sobre as viagens destes quatro Navegadores, que eu deduzo o meu Plano.

O objecto da primeira viagem de *Cook* era reconhecer, e fixar com toda a precisão possivel, as descobertas dos Navegadores, que ficão apontados, a que deo causa a passagem de *Venus* pelo disco do Sol em 1769. Este phenomeno, muito interessante á Astronomia, mereceo a attenção dos Academicos da Europa, de sorte que a Sociedade Real de Londres em 1768 apresentou ao Rei huma memoria

relativa ao phenomeno, expondo a utilidade das Observações, que se poderião fazer em differentes partes do Globo, em todas as latitudes antarcticas, entre 180° e 140° de longitude occidental do seu observatorio de *Greenwick*; ajuntando na mesma que a Academia aprontaria navios para conduzir os observadores a paizes remotos porém que não se achava em estado de fornecer com todas as despesas, de maneira que S. M. B. ordenou ao Almirantado que preparasse huma expedição para este objecto, e sendo destinado o navio *Indagador*, foi entregue ao Capitão *Cook*, que já se tinha distinguido na Marinha. O objecto das observações da passagem de *Venus*, foi encarregado ao Astronomo *M. Green*, de sorte que, sahindo o *Indagador* de *Plimouth* a 26 de Agosto de 1768 chegou á Ilha de *Tayti* a 13 de Abril de 1769, onde *M. Green*, *Banks*, e *Dr. Solander* (celebre pelos seus conhecimentos de historia natural, e sobre tudo de botanica) se occuparão nos trabalhos respectivos. As observações da passagem de *Venus*, forão feitas com todo o successo desejado, e a Europa inteira conheceo a utilidade de suas fadigas: *Cook* se occupou nas suas descobertas, seu principal objecto, e por consequencia na sua derrota da terra do Fogo para *Tayti*, elle a fez dirigir sempre entre as duas derrotas do navio *Delfin*, isto he entre a primeira do *Commodore Biron* e a segunda do Capitão *Wallis*, e antes que largasse ancora na dita Ilha descobrio os dois grupos, e em continuação as Ilhas da Sociedade e a Ilha de *Oheterva*; abordou á parte de Leste da nova *Zelandia* descoberta por *Tasman*, e reconheceo parte das Costas deste vasto paiz; como tambem a parte Oriental da Nova Hollanda, ou terra *Australazia*, descobrindo o estreito, que separa esta terra da *Nova Guiné*, a que deo o nome do seu navio. Porém a descoberta de huma tal separação não foi de tanto apreço

para a Geographia e Navegação, como aquella da *Nova Zelandia*, em que já havia a probabilidade fundada em a relação de *Luiz Vaz de Torres*, hum dos da expedição de *Queiroz* donde se deduz que *Torres* passou entre a *Nova Guiné* e *Australazia* em 1606, porém relativo ao reconhecimento da *Nova Zelandia*, *Cook* deo aos Geographos duas Ilhas em lugar de huma, que *Tasman* nos deo em 1642, e aos Navegadores hum Canal quasi a meia extensão desta grande terra, diminuindo com esta descoberta o trabalho de se hir a tanta altura para a dobrar o qual para perpetuar o nome deste grande homem, se denomina Estreito de *Cook*.

Porém como depois desta viagem a opinião do continente Austral existia, e fixava a attenção da maior parte dos Maritimos, e os Geographos fallavam della sem cessar, S. M. B. determinou huma segunda expedição, que foi entregue, como a primeira, ao Capitão *Cook*, sendo o principal fim deste navegador o indagar, de huma maneira certa, a existencia ou quimera do continente austral; os dois navios *Resolução* e *Aventura* sahirão em Julho de 1772 e depois de huma digressão de tres annos e 18 dias *Cook* se recolheu, tendo feito a roda do Globo no hemispherio austral sobre as latitudes mais elevadas, sem que nada encontrasse; porém eu exporei mais adiante as razoens, que impossibilitarão a *Cook* de mudar a resolução de não penetrar huma segunda vez para dentro do circulo Polar, como elle tinha projectado, e juntamente a opinião deste celebre navegador a respeito de tal continente.

Relativo á sua terceira viagem para que foi nomeado em 1776, tinha por principaes instrucçoens, o reconhecimento das partes Occidentaes do mar pacifico Boreal, e procurar huma passagem ao Noroeste, entre os continentes d'*Asia* e *America*; o que tudo realisou, e demais, no seu regresso des-

descobriu as Ilhas de *Sandwick*, onde infelizmente acabou os seus dias.

Perouse, que se lhe seguiu, teve por objecto, não a pesquisa do continente Polar Antartico, nem tão pouco o pertender passar o estreito de *Behring*. afim de penetrar para a vante dos Cabos *Glacial*, e *do Norte*, pois o que *Cook* não pode obter com a sua constancia em 18 e 29 de Agosto de 1778, e 18 de Julho de 1779, prova que seria imprudencia teimar em hum tal passo: o resultado da commissão do infeliz *Perouse* era fixar as posiçoens, de hum modo exacto, de todas as Ilhas e terras do grande mar do Sul; não só as descobertas pelos navegadores apontados, como assegurar-se das que ultimamente *Surville* descobriu e reconheceo; visitando em continuação todas as partes, que *Cook* não pôde reconhecer, principalmente aquella parte da Costa NO da America, de *Monte Rey* até o *Monte de S. Elias*, e os Portos dos *Remedios* e *Bulareli*, descobertos pelos *Hespanhoes* em 1775. Este homem, que reunia aos seus grandes conhecimentos todas aquellas qualidades de hum bom Cidadão, teve a infelicidade, na serie das suas indagaçoens, de se nos separar até o dia de hoje, sem sabermos o modo e o como; cuja perda bem se pôde avaliar, pelo augmento, que recebeo a navegação, e a geographia, e historia natural, sómente com o que este mal afortunado mandou do Porto de *Avaticha* na península de *Kamtschatka* na *Tartaria*, cujos despachos forão entregues ao Consul *M. Lesseps*, que partindo, desta parte mais Oriental d'Asia em 7 de Outubro de 1787, chegou a *Petersburgo* a 22 de Setembro de 1788. Esta famosa viagem por terra, que fez *M. Lesseps*, foi ha pouco publicada por elle mesmo, com todas as observaçoens proprias do seo talento, e genio, além de duas Cartas Geograficas, em que estão traçadas as suas jornadas em hum ponto intelligivel, de sorte que, até *Perouse*

com a escolha do seu emissario, illustrou os pontos geograficos de huma grande parte da *Siberia*.

Parece que, depois das viagens de *Cook* e *Perouse*, ficava destruida a opinião favorita da existencia de huma passagem á costa do NO da America pela *Bahia de Hundson* porém ao contrario tomou nova força; isto he, as especulaçoens, que então principiarão, destinadas a formar relaçoens commerciaes entre a China e a dita Costa, erão onde se dirigião os homens dados áquelle genero de negocio: mas estes navios desprovidos de instrumentos Nauticos, e Astronomicos, não tendo outras vista senão o objecto, em que se empregavão, não podião dar informações geographicas; com tudo o resultado de algumas relaçoens, que estes aventureiros publicarão, a pezar de se contradizerem, estavão todos de acordo para traçarem de novo (aquelle espaço, que se acha nas cartas de *Cook* com Ilhas mui extensas) huma costa extremamente cortada por numerosas entradas, representando por este modo a costa NO da America, formando aberturas pelas agoas do Oceano Pacifico, dando lugar a mais de huma hypothese.

O *Archipelago de S. Lazaro*, cuja existencia se apoiava sobre a authoridade do Almirante Hespanhol *Fuentes*, servio para mais sustentar a opinião, como tambem aquelles estreitos, em que se suppunha ter navegado *João da Fuca*; em fim para se decidir este pronto geografico, S. M. B. fez armar o navio *Descoberta* e o brigue *Chatam*, entregando o commando ao Capitão *Vancouver*, a fim de reconhecer a Costa do NO da America, que banha o Oceano Pacifico Boreal, desde 30º de latitude N até o paralelo de 60º Septentrional; assegurando-se, com a mais grande exacção, da natureza, e extensão de toda e qualquer communicação por agoa, que podesse facilitar relaçoens commerciaes entre esta costa, e os paizes situados ao outro lado do mesmo

continente, de sorte que sahindo *Vancouver* para esta importante expedição em Abril de 1791, recolheu-se em 1795; e pelos seus preciosos trabalhos, provou fundamentalmente que entre os parallelos Arcticos de 30 e 56° não existe nenhuma communição navegavel, entre o mar Pacifico e o Oceano Atlantico, nem tão pouco com algum lago, ou rio interior do Continente da America Septentrional; em quanto as antigas descobertas de *Fuca* não são apoiadas mais, que em huma simples tradição. Tal foi o resultado da viagem deste 2.º navegador depois de *Cook*.

Pelo que respeita ao do 3.º, apézar de não ser de circumnavegação, deve entrar neste numero o Contra-Almirante *Dentrecasteaux*, que sahio da Europa pelo mesmo tempo que *Vancouver*, e teve por principaes instrucçoens, o procurar *Perouse*, e seus tristes companheiros pelas derrotas que este infortunado deveria seguir á sua sahida da Bahia Botânica, visitando todas as costas, que elle diz na sua ultima carta premeditava reconhecer; em fim *Dentrecasteaux* sahio da Europa em Setembro de 1791, porém a sua exploração infelizmente foi em vão em quanto o primeiro objecto da commissão, mas, pelo que pertence aos trabalhos scientificos o resultado foi de summa importancia para a navegação. Entre as suas descobertas e reconhecimentos, de que se formou hum grande Atlas, se notão as indagaçoens feitas na parte do Sul da grande Ilha denominada terra de *Van-Diemen*, na qual se descobrio hum canal cheio de famosos portos, que conduz os navios a sahir ao outro lado, cuja sahida ou entrada ao Sul, he o que *Tasman* nomeou bahia das tempestades; os planos desta terra, que eu deduzi do grande Atlas de *Dentrecasteaux* me fez admirar mais a sua situação no Globo, que o deliniado abrigo e segurança dos seus Portos, pois separados, por assim dizer, do resto do Universo,

e postas ás extremidades do mundo, se podem considerar como querendo perfeitamente fecha-lo.

Tendo pois apontado as rasoens das viagens seguidas dos quatro celebres navegadores do nosso tempos, eu passo a mostrar, que cada hum delles alternativamente descobriu novas Ilhas, baixos, recifes, e determinou outros pontos dos antigos; sendo as innovaçoes em todos distintas entre si, pois deste modo se manifesta a necessidade, que temos de fazer huma igual viagem.

Póde-se pensar, e com rasão, que depois das tres viagens de *Cook*, em que este habil navegador determinou, por assim dizer, a extensão do Mundo antigo e moderno, humas vezes entrando no grande mar do Sul, pela porta de *Magalhaens*, e outras hindo ao mesmo mar, dobrando a de *Gama*, chegando a estender por estas duas vias, tão famosas como antigas, os limites navegaveis na direcção dos Polos, torno a repetir, talvez se pense, que de tão feliz consequimento a *Geographia* tinha adquirido o maior grão de perfeição e por consequencia nada mais se ignore, porém a illusão cessará, quando se reflectir que os *Geographos* jazirão em trevas impenetraveis por muito tempo, ainda depois de *Cook*, sobre as partes do Globo com o nome de *Jesso* e *Oku-Jesso*, cuja posição, além de ser variavel era tambem a sua existencia fabulosa, no conceito de alguns *Geographos*.

Em 1650 *Sanson*, na sua carta, representa a *Coréa* como Ilha, e *Jesso* e *Oku-Jesso* e *Kamtschatk* não existindo e o estreito de *Amian* separado de *Azia*, e tambem da *America*.

Em 1700 *Lisle*, ajuntou *Jesso* e *Oku-Jesso*, e o prolongou até o estreito de *Sangar*, sobre o nome de terra de *Jesso*.

Em 1770 *Desnos* recuou mais a sciencia da *Geographia* pela sua carta bem inferior áquella que elle tinha publicado em 1761.

Vuugondy, em 1775 representa em sua carta, esta parte de Asia, conforme as precedentes, de maneira que a carta geral deduzida das descobertas de *Cook*, nos mostra a terra de *Jesso*, desenhada com tres Ilhas em que as duas mais do Norte, estavam lançadas de Leste Oeste na sua maior extensão, não passando o seu Parallelo mais septentrional de 44° 30'; e a Ilha de *Sagalim* situada á entrada do mar de *Okotsk*, formando hum canal de 10 legoas com a terra adiante do Rio de *Amur*, deixando por este modo hum espaço de mar livre, de 8 grãos em latitude, tudo diametralmente opposto ao que hoje sabemos; de sorte que *Biron* em 1784, *Lisle* e *Buache* em 1788, successivamente copiarão, e reproduzirão os mesmos erros, e que somente á constancia e zelo de *Perouse*, he que os Geographos devem os conhecimentos, que fixarão suas incertezas, os quaes por prova de reconhecimento, concordarão todos em assignalar, nas suas cartas, a nova passagem, que divide o *Jesso*, com a denominação de Estreito de *Perouse*; respectivo á Navegação vemos que este infortunado, nos descobrio Ilhas e escolhos em parages de derrota, e proximo ao Archipelago de *Sandwich*, de que *Cook* não teve noticia, não obstante ter descoberto este grupo em a sua 3.^a viagem pois a 100 legoas para o NO fica a Ilha, que foi nomeada *Necker* e a 23 legoas mais para Oest as rochas e recifes, em que *Perouse* se hia perdendo, e em consequencia nomeou a este escolho baixo das Fragatas; tanto na relação das suas viagens, como sobre o seu Altas: o Banco a mcio canal entre a Ilha formosa e a costa da China, e huma Ilha a 20 legoas da costa Oriental de *Coréa*, que se dominou *Dagelet* tambem nos era desconhecida antes da viagem deste Navegador, como outros muitos, que elle nos fez conhecer.

Vancouver, que se lhe seguiu, pôde-se dizer que

descobriu huma costa de 30° de extensão, pois o sabermos que esta existia, e ao mesmo tempo ignorando a natureza do terreno, os seus Portos, Bahias, principalmente depois do Porto de *Noutka* ou de *Rey George* para o Norte, valia o mesmo conceito que huma terra incognita; mas prescindindo de grande parte do seu Atlas, que nos mostra em bons Planos não só a linha geral da costa, mas também a extensão, direcção, e limite, de todas as entradas produzidas por braços de mar, que por tanto tempo servirão de apoio ás probabilidades formadas sobre a communição com a Bahía de *Hudson*, como já fica referido; elle nos fez conhecer, entre outras descobertas, hum grupo de Ilhas, também em parage de derrota a poucas legoas das *Marquezas* a que *Vancouver* nomeou Ilhas de *Herrest*, para perpetuar a memoria do seu companheiro de viagem, que foi atreçoadamente morto pelos Selvagens de *Sandwich*. Este novo grupo, apesar da sua proximidade ao das *Marquezas*, não foi conhecido de *Mendana*, que descobriu estas ultimas em a sua segunda viagem em 1595, nem tão pouco o Capitão *Cook*, que as visitou, nos deo a menor idéa de semelhantes Ilhas.

Dentrecasteaux, que rodeou duas vezes a *Australazia* e a *Nova Guiné* com os seus Archipelagos adjacentes, entrando a primeira vez, pelo canal de S. Jorge, e a segunda pelo estreito de *Dampier* da nova Bretanha nos descobriu ao Sul da *Australazia* hum grande numero de pequenas Ilhas, e baixos, que elle nomeou *Archipelago da Pesca*, e para Leste da *Abra de Balida* na nova *Calédonia* a distancia de 35 legoas, tres pequenas Ilhas cercadas de recifes, que elle nomeou Ilhas de *Beaupré* e na travessa da nova *Zelandia* para o Archipelago dos amigos, e quazi a meia distancia, mais quatro, a que deu o nome de Ilhas *Hermades* além outros reconhecimentos e innovaçoes,

feitas sobre a terra de *Van-Diemen*, e mais Archipelagos, que visitou.

Logo, se estes Navegadores acharão sempre occasioens, de serem uteis á humanidade pelas suas descobertas, he de esperar que fazendo nós huma expedição, semelhante áquellas, com que já em outro tempo fixámos o grande circulo, adquiriremos huma tal gloria, principiando outro de novo, e com esta esperanza, eu passo a notar aquellas partes do Globo já descobertas, que necessitão de hum reconhecimento mais exacto para illustrar de huma vez as noticias confusas, que nos restão dos seus antigos descobrimentos.

Fim da Primeira Parte.

A R T E S.

Continuação da descripção do Alambique n.º 2 p. 99 deste periodico, e construcção de huma fornalha pertencente ao mesmo Alambique. Por Gaspar Marques.

NA primeira discripção faltou demonstrar o encaejamento horizontal das cadeias pegadas á cruzeta 4 4 (fig. 2 do mesmo n.º) por não caber nas duas estampas, que então se publicarão; por tanto as descrevo para total intelligencia da sua construcção, e dos differentes sentidos, em que as ditas trabalhão.

Na fig. 3 deste n.º se vê a posição das cadêas, que passão de huns braços da cruzeta *ac* aos outros *d b*, prendendo em roda desta cruzeta as 4 series de cadêas nos ganchos 3. 3. 3. 3., que tambem suspendem as que tocão verticalmente no fundo do

Alambique (fig. 2. n.º 2). Logo que as primeiras cadeias fig. 3 sejam postas em rotação, agitarão o liquido em differentes direcções, e mudarão rapidamente a superficie delle pelos raios, que ao diante descrevem, donde resultará grande augmento de evaporação, que accelera a distillação, como disse no mesmo numero.

As fig. 4, 5, 6, 7, são humas secções da fornalha que regularmente fornece no fundo, e em roda do alambique, hum fogo permanente, sem que a chamma tenha alguma outro desvio: *a*, *a*, (fig. 4) he o corpo do alambique collocado sobre as paredes *b*, *b*, e pilares *c*, *d*, da fornalha, (fig. 5.) revestido de parede de tijolo em roda de todo elle: desde aborda *e*, do fundo do Alambique até cima *h*, perto da valvula, *x*, (fig. 1.ª n.º 2.) como no mesmo n.º recomendei. Servem estes pilares *c*, *d*, de apoio ao alambique, e de retardar algum tanto a chamma na alcova *f*, *g*, retrogradando dalli a maior porção de calorico; por tanto se precizará de menor quantidade de combustivel para hum dada distillação.

l, *l*, (fig. 4, 5, 6) são as differentes secções das grelhas feitas de ferro fundido, ou batido, fixas nas paredes da fornalha, e do tamanho, que der o petipé, que nesta estampa marquei, o qual serve só para as dimensoens destas fornalhas.

MN Cinzeiro, e caixa de ar.

o, *o*, Taboas, que tapão a caixa de ar, para que se possa andar sobre a dita, quando se fornece a fornalha com o combustivel necessario.

P valvula para regular o tirante de ar, quando se queira obter mais ou menos fogo na fornalha, e reter maior porção de calorico, o que não aconteceria, sendo o tirante de ar regulado por porta no cinzeiro M, como em algumas fornalhas se usa. Esta valvula he aberta, mais ou menos, pelo cordel *q*, no qual se fazem dois laços para se pren-

der no prego *r* da chaminé *i i*, o superior serve, posto no emprego *r*, de abrir totalmente a valvula *P*, afim de se obter toda a corrente de ar, e o inferior huma corrente media para haver mais ou menos fogo, segundo a effervescencia, que se requer no alambique. Deixando cahir a valvula para fechar o orificio da chaminé, se obtem o abatimento da chamma e amortecimento do fogo.

s s he hum quadrado de ferro do tamanho da grossura e largura da chaminé *e i*, no qual he rebatido e bem cravado o apoio *t*, em que se move a alavanca da valvula *P*, ficando o dito quadrado, e o apoio firme no interior das paredes com o pezo de tijolo da continuação da dita chaminé.

u u Fig. 5, e 6 he huma tapadeira feita de chapa de ferro grosso, que serve de evitar a communicação do fogo immediato ao fundo do alambique quando se estiver para acabar a alambicada, ou quando aconteça haver alguma effervescencia mais forte do que se precisa, se abre, ou fecha-se, puchando a dita tapadeira dentro, ou fóra da fornalha.

Esta tapadeira corre entre as duas corredeiras de ferro *z z*, *z z*, fixas nas paredes *b b*, (fig. 4, e fig. 5) por meio dos pontoens de ferro *yy*, *yy*, nascidos das mesmas corredeiras.

Estas corredeiras sahem fóra da fornalha para melhor apoio da tapadeira, e são apoiadas por dois varoens de ferro *U* embebidos no cinzeiro (Fig. 6. e fig. 7).

Fig. 7 he o corpo exterior da fornalha mostrada com a sua porta *x*, por onde se fornece o combustivel, e he movel em duas niachas-femeas pafuzadas no caxilho de ferro, que fórma a boca da mesma fornalha e corredeiras *z z*, *z z*, fixas nas paredes da dita fornalha.

L I T T E R A T U R A .

Aos felicissimos annos da Serenissima Senhora
D. CARLOTA JOAQUINA, Princeza do Brazil.

Rio de Janeiro 25 de Abril de 1812.

Imitação da Ode XII. do L. 1. de Horacio.

E P I G R A P H E .

Mas eu , que fallo humilde , baixo e rudo ,
De vós não conhecido , nem sonhado ,
Da boca dos pequenos sei com tudo ,
Que o louvor sahe ás vezes acabado .

Camoens C. X.

O D E .

ENcosto ao peito a lira sonora ,
Que ao cantor Venusino Febo empresta ,
Em divino furor accessa a mente ,
As aureas cordas firo .

Do Rei dos Numes canto a Esposa e Filha ,
A quem respeita o Erebo , e o pego immenso ;
Minerva , das sciencias creadora ,
Sacros hymnos merece .

Da bella Cytherea canto as graças ,
Que em chammas immortaes o Olympto accendem ;
Louvo a triforme Deusa que nos bosques
Actéon enamora .

Deixo da fabula os sonhados Numes ,
E encaro entre os mortaes mortaes mais dignos ;
Semiramis , Elissas , Sophonisbas ,
Tamiris , Arrias , Porcias .

Dos Seculos rompendo a espessa nuvem,
 As Izabeis recordo, as Catharinas,
 O Ebro e Thames vejo reverentes,
 E o Volga celebrado.

Eis o horisonte assoma luz mais clara,
 Hum astro mais brilhante se levanta,
 E o esplendor, que diffunde, embaça, eclipsa
 As estrellas menores.

Com passo de Gígante já se eleva,
 Já se apressa ao Zenith, fulgidos raios,
 Hum e outro hemisferio allumiando,
 Os dois pólos aquentão.

Os fideis Lusitanos venturosos
 Menos amou a filha de Dióne,
 Quando abriu do Oriente as roseas portas,
 A despeito de Baccho.

Em quanto Alecto queima, abraza, estraga
 Da Europa desgraçada a melhor parte,
 E o Solio dos Affonsos e Fernandos.
 Abala o voraz monstro.

A nova Astréa sobe ao cinto ardente,
 Que transpoz Phaetonte, ignaro, e insano;
 Dás setas de Chiron, segura e firme,
 Não teme o fatal damno.

D'alli vê com prazer Hispanos, Lusos,
 Unidos, quaes outr'ora no Salado,
 Destroçar as phalanges atrevidas
 Nos campos de Albuhera.

O nome de JOÃO seu braço alenta,
 As fadigas suaves, doce a morte
 Se entolhão aos guerreiros destemidos,
 Que tem por fito a gloria.

Da lealdade a voz não suffocada
Aos golpes de Bellona, e da perfidia,
O nome augusto de CARLOTA, invoca,
E os perigos investe.

Mas onde vôa o estro presumido?
De Thebas o cantor fora mesquinho,
Se em nobre assumpto as forças ensaiando
D'Orpheu vencera a lyra.

Penetrar corações se he dado aos Numes,
Singela producção de hum genio escasso,
He mais grata oblação, he dom mais puro
Do que canções sublimes.

M. F. A. G.

Epigramma tirado do Grego.

COM o famoso Heitor cahio rendida
Troia soberba a cinzas reduzida:
De Alexandre, a quem muda a terra admira
Com a morte de Pela a gloria expira.
Que não da Patria aos homens se derrama,
Mas dos homens á Patria, immortal fama.

Outro tirado de Palladio.

DUAS pombas no casco de hum Soldado
O seu ninho fizeram dezejado.
Bem mostra a bella Venus nesta parte
O quanto amiga foi sempre de Marte.

Diniz.

O D E.

Est mollis flammâ medullas.

Virg.

QUE fogo abrazador meu peito inflarama,
E as faces incendêa!

Roe as entranhas solapada chamina:
Salta de vêa em vêa

Em giro impetuoso o sangue ardente,
E o coração o incendio estranho sente.

Tu, ó debil farol, e só brilhante,
Se a paixão adormece

De espesso fumo nuvem crepitante
Teu clarão escurece:

O teu soccorro imploro, acode, acode,
Se o teu imperio contra Venus pôde.

Nome fatal, no Coração guardado,
Que dos lábios não fio

D'esse objecto sublime, que adorado
Causa o meu desvario:

Nenhum mortal pretenda adivinhar-te
Se em meus tormentos não quizer ter parte.

Amor sem esperança! (oh! que tormento!)

Eu sinto os teus furores.

E não pôde alcançar o pensamento
A idéa de favores!

Deuses crueis, se a vossa furia he tanta,
Como a vós o mortal as mãos levanta?

Para que liberal, ó Natureza

Lhe destę dotes tantos!

Ajuntando talentos á belleza

Mais valentes encantos!

Se á minha alma devias dar dezejo,
A gloria desses, porque louco adejo.

Mas viver em suspiros afogado,
Sem soltar hum suspiro!
Sem discurso, perdido, perturbado,
Esconder que deliro!
Não podem teus tormentos, ó Inferno
Igualar o que sente hum peito terno.

Cruel destino! . . e devo em fragoa ardente
Extremoso adora-la!
E teu barbaro furor não me consente
Que eu espere alcança-la!
Deverei vê-la em braços mais ditosos . . .
Primeiro, abismos, me tragai piedosos.

Tu, que envenenas meus affictos dias,
O' Numen adorado,
Que felices tornar só tu podias,
A despeito do Fado;
Se amor não sentes no mimoso peito,
Eu sei que a condoer-se elle he affeito.

Ah! volve huma só vez olhos brilhantes,
Em ternura banhados:
E sejam meus suspiros incessantes
No teu peito guardados:
De tua compaixão hum só momento
Seculos mil apagaõ de tormento.

A LIBERDADE A NIZE.

Traduzida de Metastasio por Alexandre de Gusmão,

BEM hajão os teus enganos,
Já respiro socegado,
Já o Ceo a hum desgraçado
Compassivo se mostrou.

As cadêas , que a prisão ,
Sacodio minha alma fora ,
Eu não sonho , Nize , agora ,
Não sonho , que livre estou .

Acabou-se o ardor antigo ,
Tenho o peito socegado ;
Nem para fingir-me irado
Acha Amor em mim paixão .

Se o teu nome escuto , o rosto
Não se córa n'esse instante :
Quando vejo o teu semblante ,
Não me bate o Coração .

Sonho sim , mas não te vejo
Em sonhos huma só vez ;
Eu desperto , e já não és
Quem logo dezejo ver .

Quando estou de ti auzente ,
Já por ver-te não suspiro ;
Se te encontro não deliro ,
De disgosto , ou de prazer .

Da tua belleza fallo ,
Não me sinto enternecido ;
Considero-me offendido ,
E já me não sei irar .

Bem que estejas de mim junto ,
Ninguem me vê perturbado ;
Co' o meu rival ao teu lado
Bem posso de ti fallar .

Mostra-me severa o rosto ,
Falla-me com doce agrado ;
He o teu rigor baldado ,
He o teu favor em vão .

Tuas vozes já não tem
Sobre mim a força usada ;
Teus olhos errão a estrada ,
Que me vai ao coração.

Se me vejo alegre ou triste ,
Se inquieto , ou socegado ,
Já não he por ti causado ,
Não o devo ao teu favor.

Sem ti me agrada a campina ,
Verde selva , ou fonte pura ,
A caverna , a brenha escura ,
Com tigo me causa horror.

Olha como eu sou sincero ,
Ainda te julgo bella ,
Mas já não te acho aquella
Que não tem comparação.

Não te offenda esta verdade :
Nesse teu rosto perfeito ,
Descubro hoje algum defeito ,
Que julguei belleza então.

Quando quebrei as cadêas ,
Confesso a fraqueza minha ,
Julguei que jámais não tinha
Hum instante que viver.

Mas para fugir de penas
Para opprimido não ver-se ,
Para a si proprio vencer-se ,
Tudo se deve soffrer.

Em o visco , em que se enlaça ;
O passarinho innocente ,
Deixa as pennas , mas contente ,
Vai liberto da prisão.

Mas depois que em breve espaço
Se renovão as penninhas ,
Canta em roda das varinhas
Brinca em outra occasião.

Eu sei que extincto não julgas
O voraz incendio antigo ;
Porque a todo o instante o digo,
Porque não o sei callar.

Natural instinto ó Nize ,
A que falle me convida ,
Porque da passada lida
Costuma qualquer fallar.

Seus perigos o Soldado
Depois da batalha conta ,
E para os sinaes aponta
Das feridas , que apanhou.

O cativo , que nos ferros
Entre trabalhos gemia ,
Mostra cheio de alegria
As cadêas , que arrastou.

Fallo , e só por desabafo
Do meu gosto me entretenho :
Fallo , porém não me empenho
Em saber se fé me dás.

Fallo , porém não procuro
Se a minha expressão te agrada
Ou se ficás socegada ,
Quando em mim fallando estás.

Eu desprezo hurna inconstante ,
Tu hum peito verdadeiro ;
Eu não sei de nós primeiro
Quem se ha de consolar.

Sei, que, Nize, achar não pôdes
Outro tão fiel amante,
Como tu, outra inconstante,
He mui facil de encontrar.

Soneto do Doutor Ignacio José de Alvarenga.

POr mais que os alvos cornos curve a Lua,
Roubando as luzes ao Author do dia,
Por mais que Thetis na morada fria
Ostente a pompa da belleza sua.

Por mais que a linda Cytherea nua
Nos mostre o premio da gentil porfia,
Entra no campo, tu, bella Maria,
Entra no campo, que a victoria he tua.

Verás a Cynthia protestar o engano,
Verás Thetis sumir-se envergonhada
Para as humidas grutas do Oceano.

Verás ceder-te o pomo namorada
E, sem Troia sentir o ultimo damno,
Verás de Juno a colera vingada.

G E O G R A F I A.

Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso.

A Capitania de Mato Grosso, a mais Ocidental do Brazil, comprehende hum vasto terreno, situado no centro da America Meridional cuja superficie equivale proximamente a 480 legoas quadradas. Pelo Norte confina com as duas Capitancias do Rio Negro e do Grão-Pará, pelo S e E com as de Goiaz, e de S. Paulo; e pelo Occidente com o Perú, que por este lado se limita com os tres Governos Hespanhoes do Paraguay, de Chiquitos, e de Moxos. O Paraguay commum na sua parte media a ambas as Naçoens confinantes, juntamente com grande parte dos rios Guaporé, Mamoré, e Madeira, fórmão a raia dos dous Estados, ficando a Capitania de Mato Grosso naturalmente cingida por hum largo e extenso fosso de 500 leguas de ambito, que a separa e defende dos Dominios Hespanhoes; por meio do qual, e do grande numero de rios, que désaguão nos quatro que o fórmão, se pôde penetrar para muitos e distantes pontos do interior do Brazil, e até chegar ao centro dos ricos estabelecimentos do populoso Perú.

Por este breve esboço da situação desta Capitania se reconhece logo a sua grande importancia, não só porque a natureza a fez hum propugnaculo do Brazil, por cobrir as Capitancias interiores desta vasta porção do Novo Mundo, mas porque nella tem origem os seus maiores rios, em numerosos braços, que por ventura em si encerrão grandes, e ainda não tocados thesouros.

Duzentas legoas em distancia de Villa Bella, fórma o termo mais Oriental desta Capitania o Rio Grande, conhecido no Estado do Pará pelo nome de Araguaya, que lhe dão as muitas e valentes

Naçoens que habitão as suas fibeiras, ferteis em todos os effeitos, que fazem a privativa riqueza do Pará. Este rio tem as suas mais remotas fontes pela latitude de 19° (a), e correndo de S a N cortado em varios pontos pelo meridiano de 325° , conflue pela latitude de 6° com o Tocantins, onde perde o nome, formando ambos hum grande e caudoloso canal, que com 370 leguas de curso, vai engrandecer pelo latitude de $1^{\circ} 40'$ com 5 legoas de foz, a boca Austral do maximo Amazonas, entre as duas famosas bahias de Morapaté, e do Limoeiro, fronteiras á grande Ilha de Joanes, ou Marajó, 20 leguas a O da Cidade do Pará.

O Rio das Mortes, que existe todo na Capitania de Mato Grosso, tem as suas mais distantes vertentes muito a O das fontes do precedente, que elle vai engrossar pela latitude de 12° com 150 leguas de curso, que por grande espaço dirige a E, e depois ao N.

Pelo Araguay se pôde, por huma não interrompida navegação, penetrar desde a Cidade do Pará até ao centro do Brazil, e á Capitania de Mato Grosso; o que tambem pôde effeituarse pelo Rio das Mortes, e por outros Occidentaes braços, que o Rio Grande em si recebe mais inferiormente, os quaes não deixarão de occultar em seu seio inda não vistas minas, não havendo rasão alguma para que ellas se achem nos rios, que entrão no Araguay pelo Oriente, em que além de que em Villa Boa existem outros arrayaes da Capitania de Goiaz, e se não encontrem semelhantemente nos braços, que lhe vem pela margem opposta. O rio das Mortes

(a) Todas as latitudes, de que se faz menção; são Austraes, e as longitudes são contadas do Meridiano do Ferro, suppondo-o 20° ao O do Meridiano de París. As leguas são de 20 ao grão do Equador.

he aurifero, em hum seu braço Occidental existem as minas dos Araies, ha pouco abandonadas, não por deixarem de ser copiosas, mas por ficarem muito distantes da estrada geral, no centro de hum infestado e perigoso sertão, o que difficultava a poucos moradores a aquisição das ferramentas e utensilios necessarios para minerar, e agricultural as terras, bem como a de outros generos indispensaveis para a manutenção da existencia; defeito ordinario dos estabelecimentos com pouca população, e força, que não podendo chamar a si o commercio, succede logo que os generos da primeira necessidade sobem a hum preço exorbitante, e estas debeis fundações, passando do estado precario ao da decadencia, acabão pelo abandono total. O ouro de algumas partes destas minas he de 23 quilates; mas pela maior parte he de 17, e de cõr verde, como o que os Francezes empregão enlaçadamente nas suas obras e douraduras, e para este fim he buscado na Bahia; e pago além do seu valor.

O Rio Chingú, o mais cristalino, e hum dos caudaes braços do Amazonas entra com 300 leguas de extensão na margem Meridional deste ultimo, pela latitude de $1^{\circ} 42'$, e longitude de $325^{\circ} 54'$, 70 leguas em linha recta a O da Cidade do Pará, porém 100 leguas, segundo a derrota da ordinaria navegação. Este rio tem grande parte do seu vasto corpo na Capitania de Mato Grosso, e as suas distantes origens abraçã assim os terrenos de que igualmente nascem os braços que por E e N fórmão a parte superior do Rio Cuiabá, mas tambem o largo espaço, que fica ao N do Rio das Mortes, e que a estrada de Goiaz vem cortando até as fontes do Rio de S. Lourenço, vulgarmente dos Porrudos. He tradição constante entre os praticos dos sertoes do Pará, e Indios aldeados nas povoações do Rio Chingú, que vencidas as suas primeiras e maiores catadupas, se tem achado

neste rio copiosa quantidade de ouro, e que os Jesuitas, ávidos esquadrihadores deste agente universal, daqui extrahirão muito. A famosa e primeira descoberta de Bartholomeu Boeno, chamada dos Martirios, ha toda a probabilidade de que só possa existir sobre algum dos muitos braços que fórmão o todo deste rio. Este celebre Sertanejo, havendo descoberto aquellas minas, achou por extremo ricas, voltou a S. Paulo a fim de se reforçar com mais gente, e de se munir dos utensilios necessarios, para com mais força povoar aquelle sitio, e extrahir as riquezas, que alli vira; mas passando na sua derrota proximo ás minas de Cuiabá que então se descobrirão, e trabalhavão com grande fama de proveito, lhê desertou grande parte da gente da sua bandeira, e temendo que o mesino fizesse o resto, mudou de rumo inclinando-se para o Oriente; e affastando-se assim consideravelmente das minas do Cuiabá e das dos Martirios, que buscava, se perdeu naquelles vastissimos sertoes, por onde vagou muitos mezes, até que achou casualmente as minas de Goiaz, já vistas por seu Pai, e que, como todas as mais forão riquissimas nos seus principios. Esta rica e nova descoberta e a delonga do tempo fez perder até hoje a vereda, e o verdadeiro lugar dos Martirios, de que sómente existe a vaga tradição, que o situa em hum rio, que corre para o Amazonas, e que se procura passando proximo dos braços superiores e de E. do Rio Cuiabá, collocação em que só existe o Chingú; e posto que outros roteiros o situem no Araguaya, hum factó mais recente nos confirma em a nossa opinião. Hum neto de Bartholomeu Boeno, guiado por hum antigo diario deste descoberto desceu pelo Rio das Mortes, até entestarem na sua margem Occidental humas vastas campinas, que atravessou por alguns dias a O; e chegando a huma planicie coberta de Mangabeiras brancas (sinal indicado), daqui observa

vou entre N e O huns destacados e altos montes, de que tres erão da configuração procurada, entre os quaes devião ficar aquellas minas; porém hum subito ataque do gentio, em que pereceu o Chefe, e algumas pessoas mais dissipou esta bandeira, frustrando o intento, que já se suppunha conseguido. Este lugar parece só pôde existir no Rio Chingú abundante em inuitos effeitos, principalmente em Cacão, Cravo, e Paxirí.

O terceiro rio, que tem as suas soberbas fontes em multiplicadas e grandes ramificaçoens na Capitania de Mato Grosso, he o Tapajos, o qual correndo ao N entre os Rios Madeira, e Chingú, vai com 300 leguas de extensão confluir no Amazonas pela latitude de $2^{\circ} 24' 50''$, e longitude de $323^{\circ} 13'$, posição geografica da Villa de Santarem na boca deste grande rio, 118 leguas em distancia da Cidade do Pará e 162 segundo a navegação mais seguida. Nasce o Rio Tapajos nos famosos campos dos Parecis, assim chamados pela Nação dos Indios, que os habitavão. Estes campos comprehendem huma extensa superficie não plana, mas sim formada por altas e prolongadas medas, ou comoros de arêa, ou de terra solta, que apresentam huma semelhança do mar cavado: o expectador no meio delles vê sempre em frente hum distante e prolongado monte; encaminha-se a elle, descendo hum suave e largo declivio; e atravessando huma varzea passa a subir outra escarpa igualmente doce, até se achar sem lhe parecer que subira, no cume que havia observado: então se lhe offerece logo á vista outra altura, a que chega com a mesma insensibilidade. Todo este terreno he arenoso, e de tal modo fofo, que as bestas de carga enterrão nelle as mãos e pés hum e dois palmos; por isso os seus pastos são insufficientes, consistindo a sua relva em humas pequenas hasteas de dous palmos, ou pouco mais de alto, revestidas de

pequenas folhas ásperas e espinhosas, a que chamão ponta de lanceta, que os animaes arrancão juntamente com as raizes envolvidas em arêa, o que lhes embota os dentes; circumstancia que difficulta o transitio destes campos; todavia procurando alguma das muitas vertentes, que nelles a cada passo nascem se encontra algum taquari, e outras folhas macias, que lhes servem de sofrivel pacigo. Os campos dos Parecis estão situados no terreno mais elevado de todo o Brazil, e terminão a O no cume das serras do mesmo nome, as quaes prolongando huma alta escarpa, ou face, na direcção de NNO de 200 leguas de extensão, formão soberbas serranias, que olhão para O. parallelas ao Guaporé, e delle distantes de 15 a 25 legoas.

Nestes campos tem as suas remotas origens os dous maiores rios da América Meridional, quaes são o Paraguay nas suas proprias e multiplicadas cabeceiras e nos seus grandes e mais superiores braços, Jauru, Sipotuba, e Cuiabá; e o grande Madeira o maior confluente da margem Austral do Amazonas, no seu grande e Oriental braço Guaporé, huma das suas origens principaes.

Fazendo contravertentes com os mencionados rios, nasce no alto das serras dos Parecis o Rio Tapajos, em grandes e distantes ramificaçoens, das quaes a mais Occidental he o Rio Arinos, que enlaça as suas fontes com as do Cuiabá, a pouca distancia das do Paraguay. O Arinos tem hum braço Occidental denominado Rio Negro, desde o qual até o Rio Cuiabá abaixo das suas superiores e maiores catadupas, onde he navegavel, são 8 leguas de trajecto de terra e 12 do mesmo Arinos a sahir ao mesmo lugar do Cuiabá. Este Arinos já nas suas cabeceiras he aurifero, e nelle se descobrirão em 1747 as minas de Santa Izabel, abandonadas logo tanto por não preencherem as esperanças daquelles aureos tempos, como pelo valente gentio, que habitava aquelles terrenos.

Pela margem do Poente do Arinos nelle desagoa o Rio do Sumidouro, que fazendo contravertentes em breve intervallo com o Sipotuba, grande e Occidental braço do Paraguay, facilita a navegação de hum para outro rio. O celebre Sertanejo João de Souza e Azevedo em 1746 fez este transito, descendo pelo Rio Cuiabá até entrar no Paraguay, e navegando por este agoas arriba, entrou no Sipotuba, que tambem navegou contra a corrente até ás suas vertentes: então varou as canoas em terra, e as transportou para o Rio do Sumidouro, que navego e agoas abaixo a pezar de occultar-se este rio por não pequeno espaço por baixo da terra, circumstancia de que deriva o nome. Passada esta furna entrou do Sumidouro no Arinos, e deste no Tapajos, rio em que achou venciveis cataratás inda que maiores que as do Madeira; encontrando tambem grandes mostras de ouro no Rio das Trez Barras, braço Oriental do Tapajos, 100 leguas abaixo das fontes do Arinos.

A O do Sumidouro, e nos mesmos campos dos Parecis, tem as suas origens ao N das do Rio Jaurú, o Rio Xacuruina, celebre por ter em hum dos seus braços hum grande lago, em que se cristaliza naturalmente todos os annos copiosa quantidade de sal; producto, que motiva guerras annuaes entre os Indios, que habitão aquelles sitios. Alguns praticos fazem o Xucuruina braço do Arinos, e outros do Sumidouro.

Nos mesmos campos tem a sua principal e mais remota origem o Rio Juruena, entre as cabeceiras do Sarure, e do Guaporé, huma legua a E do primeiro, e duas a O do segundo. O Juruena, o maior e mais Occidental braço do Tapajos, nasce na latitude de $14^{\circ} 42'$ 20 leguas ao NNE de Villa Bella, e correndo ao N, conflue depois de 120 leguas de curso com o Arinos, e ambos unidos formão o alveo do Tapajos. Recebe o Juruena por am-

Das as margens muitos e não pequenos rios, facilitando os que lhe entrão pelo lado Occidental, praticaveis communicações, com breves trajectos de terra, para o Guaporé, e seus confluentes. O mais alto, e proximo á Villa Bella, e seus arroyaes, he o Rio Sucuriu, já de sufficiente fundo, e por tanto navegavel até perto da sua origem, que fica huma legua ao N da principal cabeceira do Rio Sararé.

Navegando pelo Juruena acima até entrar no Sucuriu, se pôde da origem deste com o breve trajecto de huma legua, passar ao Sararé, 3 leguas abaixo do seu nascimento, quando se precipita pela escarpa de O das serras dos Parecis; difficulda-de, que se pôde vencer ou por partes, ou fazendo o trajecto de quatro leguas, que parece ser o mais commodo e breve para Villa Bella por ser o Sararé desde aquella cachoeira navegavel sem embaraço algum até esta Capital de Mato Grosso, em menos de 8 dias de viagem

Huma legua ao N da origem do Sararé está a primeira cabeceira do Rio Galera, segundo confluente do Guaporé, abaixo de Villa Bella; e huma legua a E desta cabeceira nasce a chamada Ema, braço Occidental do Sucuriu, que facilita igual communicação. O Galera tem nos campos dos Parecis mais tres origens ao N da primeira, e todas ricas de agoas, distando a ultima e mais de N denominada Saborá, pouco mais de legua da nascente do Juina, grande e Occidental braço do Juruena.

Pelo Juina, e pelo Sucuriu, com 5 ou 6 dias de trajecto até vencer as cataratas, que o Galera fórma na face de O das serras, se pôde por este rio communicar o Juruena com o Guaporé. O Juruena pôde ser navegado até duas leguas abaixo do seu nascimento lugar de sua mais alta catadupa, e ainda mais acima, passada ella: neste lugar tem já o rio 15 braças de largo, e grande fundo, e

delle para baixo a corrente he bastante arrebatada, por ser o leito assás inclinado; mas dizem que as cataratas, que se encontrão, não são maiores, e todas são mais venciveis que as do Arinos; e por isso se pôde communicar por semelhantes e breves trajectos de pé o mesmo Jeruena com o Jaurú, que lhe fica a E, assim como o Guaporé, inda que estes dous ultimos rios formem logo que se despenhão ao S do alto das serras dos Parecis, onde nascem, repetidas cataratas, e por grande extensão.

Pela posição geografica do Rio Tapajos fica evidente que este rio facilita a navegação e o commercio da Cidade maritima do Pará com as minas do Mato Grosso. e do Cuiabá, navegando-o agoas arriba, entrando pelos seus grandes braços Jeruena e Arinos até ás fontes destes rios, e praticando os mencionados trajectos; ou mesmo conduzindo as fazendas directamente por terra, principalmente para Villa Bella, ponderada a curta distancia, em que ella fica das mesmas fontes. Esta navegação para Mato Grosso será mais curta pelo menos 200 leguas que a praticada pelos Rios Guaporé e Madeira e consequentemente se fará em menos tempo, e com menor despeza: ficando igualmente uil para as Minas do Cuiabá, porque na viagem usual de S. Paulo até a Villa daquelle nome, se gastão 6 mezes em huma navegação de 600 leguas, em que se passão 113 catadupas, e por terra o varadouro de Camapoan; não fallando ainda na grande despeza, e tempo, que se consome na condução das fazendas desde o Rio de Janeiro por mar até a Villa de Santos; daqui em canoas até ao porto do Cubatão; e deste por terra até a Cidade de S. Paulo; donde igualmente por terra se conduzem por mais de 22 leguas para o porto da Araraytaguaba no Rio Tieté, distancia esta, que com pouca differença iguala ao caminho de terra desde o Arinos, ou desde o Rio Negro, até a Villa do Cuiabá.

bá; consumindo-se no total desta viagem, contando desde o Rio de Janeiro, 9 ou 10 mezes: que vem a ser o mesmo, que se gasta na carreira do Pará pelo Rio da Madeira até Villa Bella poupan-do-se nesta ultima navegação mais de 200 reis em cada carga, despeza que sefaz em conducções, e em Capamoan.

A navegação do Tapajos para os estabelecimentos de Mato Grosso pôde concorrer muito para o augmento desta Capitania, pelos novos descobertos, que naturalmente se faráõ nos dilatados Sertoens deste rio, colhendo nelles os muitos effeitos, que fazem a privativa riqueza do amplissimo paiz do Amazonas. Além disto o Arinos he aurifero em grande parte da sua extensão; e entre as origens do Camararé que entra no Juruena pela sua margem Occidental inferiormente á fós do Juina, e sobre as cabeceiras do Rio Jamari, ou das Candêas, que vai entrar no Madeira formando com aquellas origens largas vertentes na face Oriental das Serras dos Parecis; entre aquellas origens digo, e sobre as cabeceiras do Jamari existem as minas do Uru-cumacuá já vistas, e de que ha grandes esperanças, mas buscadas ha 20 annos sem effeito algum; o que não deve causar espanto, porque a uniformidade destes largos sertoens, talhados de huma infinidade de rios, e lagos e cobertos de espessas e altas matas, que vedão os mesmos raios do sol, e confundem os valles com as montanhas, não deixa discernir as differenças caracteristicas dos lugares, parecendo encontrar-se a cada passo aquelle que se procura; e o acaso que o descobre, he quasi sempre o mesmo agente que novamente o encontra.

A navegação deste rio parece de urgente necessidade para a Capitania de Mato Grosso, no caso de guerra neste Continente com os Hespanhoes; por quanto elles pôdem pela Provincia de Moxos, situada em grande parte na margem do Mamoré,

descer até a junção deste rio com o Guaporé, e allí embaraçar a indispensavel communicação, que esta Capitania deve manter com a do Pará; o que tambem pôdem praticar na confluencia do Mamoré com o Madeira; e estabelecendo-se na catarata deste nome, fixarão allí hum obstaculo inda mais insuperavel. Da mesma sorte pôde esta Nação sobre o Paraguay interceptar a navegação do Taquari, ou de S. Paulo para o Cuiabá, e Jaurú; e assim ficará a Capitania de Mato Grosso ilhada por toda a sua limitrofe extensão e privada dos necessarios soccorros de guerra, que por seu pezo e volume só em canoas lhe pôdem chegar dos portos de mar. A navegação do Tapajos sendo pelo interior desta Capitania dissipará com segurança todas estas ponderosas difficuldades.

Não se pôde todavia abandonar a navegação dos Rios Madeira, Guaporé, e Mamoré, tanto para com ella se vigiar a importante e larga fronteira, como pelo maior cabedal de agoas destes grandes rios que facilita o chegarem a Villa Bella grandes botes empregados nesta carreira de mil a duas mil arrobas de carga, vantagem que não admittem os Rios Chingú, e Tapajos, que he necessario viajar até as suas vertentes, o que tolhe a navegação a cañas de maior porte.

continua no N.º 2 deste Volume a pag. 50

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro continuada do N.º 6.º pag. 44.

Salvador de Brito Pereira succedeu no governo do Rio de Janeiro a Duarte Corrêa Vasquianes, e a sua Patente cumprida em 25 de Janeiro de 1649, data de 30 de Outubro de 1648. Em 1651 ainda exercia este emprego.

Neste mesmo anno foi rendido por Antonio Galvão, o qual ainda governava em Fevereiro de 1652. Foi este Governador quem enviou a El-Rey D. João IV as primeiras amostras das pedrarias que hum Theodosio de Ebanos teve noticia haver junto da Villa do Parnaguá.

Seguiu-se D. Luiz de Almeida, que governava a 16 de Abril de 1652.

Thomé Corrêa Alvarenga succedeu ao precedente; mas ignora-se o dia da sua posse; com tudo he indubitavel que governava a 17 de Setembro de 1658.

A Serenissima Senhora D. Luiza, como Regente do Reino, pela minoridade de seu filho o Senhor D. Affonso VI conferio naquelle mesmo dia de 17 de Setembro o Governo do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá e Benevides, com o caracter de Governador General da repartição do Sul, sem subordinação alguma ao Governador General do Estado; e por este motivo lhe ordenou que levantasse a este Governador o preito e homenagem, que havia feito por aquella repartição. Na Patente declara S. M., que no caso de estar governando o Rio de Janeiro João de Mello devia Salvador Corrêa deixar-lhe o regimen desta Capitania e encarregar-se das outras; mas este Mello parece que não chegou a governar.

Partio Salvador Corrêa para a Bahia; e levantada a homenagem a 12 de Setembro de 1659, se fez á vela para o Rio de Janeiro. Não he conhecido o dia da sua posse; sabe-se porém que elle já governava a 4 de Outubro de 1659 dia em que proveu no posto de Capitão Mór da Capitania de S. Vicente a Antonio Ribeiro de Moraes com aquelle acerto e desinteresse, que sempre o dirigio na escolha dos empregados publicos. Pelos fins de Setembro, ou principios de Outubro do seguinte anno, embarcou para a Villa de Santos, a fim de visitar as minas situadas nos districtos de Iguape, Cananéa, Pernaguá e Villa de Serra-acima; e em sua ausencia deixou governando a Thomé Corrêa Alvarenga, que já em outro tempo preencherá estas funcçoens com geral satisfação.

Poucos dias contava Salvador Corrêa na Villa de Santos, quando lhe chegou a participação de hum levantamento, que na sua ausencia havia rebentado no Rio de Janeiro, contra a sua pessoa, e de seus consanguineos. Alguns malevoios, invejosos da gloria desta familia, que tanto se distinguira sempre no serviço desta Colonia, por ella conquistada, fundada e engrandecida, não podião tolerar a sua elevação, e o seu lustre; e esquecendo os beneficios, que della em todo o tempo receberão, estimulados pelo mais baixo, vil, e injusto incentivo da vingança, qual he o que tem a sua origem na intima confissão da alheia superioridade, e que só cabe nas almas despreziveis; estes homens alliciarão alguma gentilha da Freguezia de S. Gonçalo, para começar huma sublevação estribada nas mais futeis calumnias: e como o seu fim era amortecer a luz que os cegava, clamavão: que se não obedecesse a Salvador Corrêa, nem ao interino Governador: que se tirassem os cargos publicos das mãos desta familia, e que Agostinho Barbalho Bezerra, juntamente com os Officiaes da Camara governassem a Capitania.

São logo presos Thomé Corrêa Alvarenga, o Sargento Maior do Terço, o Provedor da Fazenda Real, e varias outras pessoas; e o virtuoso Barbalho, que procurara no Convento de S. Antonio hum seguro latibulo, he arrancado deste asilo sagrado, e constringido sob pena de morte a acceitar o Governo. Os Camaristas parece indubitavel haverem tido grande parte nesta sublevação, e não foi necessario violenta-los a acceitarem a sua parte.

Os agentes do motim escreverão logo a seus amigos e correspondentes em S. Paulo, insidiosas cartas, em que se esforçavão de persuadir aos Paulistas: que elles devião affincadamente recusar a obediencia a Salvador Corrêa, se não querião ver-se reduzidos á ultima miseria; por quanto elle intentava anciosamente a libertação dos Indios, em cujo dominio consistia o fundo de suas riquezas: que S. Magestade lhe dera sómente jurisdicção sobre as outras Capitanias do Sul nos casos respectivos ás minas; mas que elle ampliava a sua auctoridade, interpretando a seu sabor a Patente Regia: que Salvador Corrêa fallava em perfeição a lingua do paiz, e era extremosamente amado dos Indios; e que se huma vez chegasse a subir a serra poderia dispor de muitos mil frecheiros, e dar a ley a seu grado.

Os Paulistas, geralmente fallando, erão pouco affectos a Salvador Corrêa, pelo affinco, com que protegia a liberdade dos Indios. Elle, e seus parentes havião defendido os Jezuitas, na accasião em que o povo amotinado acomettera o Collegio destes Padres, por haverem publicado huma Bulla do Papa, que fulminava a escomunhão contra os plagiarios do gentio Americano. Em outra occasião havia tambem castigado o Mestre de hum barco vindo de Santos, por ter apparecido com insignias de que trazia grandes, e boas novas, reduzindo-se estas a noticiar, que os de S. Vicente, e de Itanhaen

havião igualmente expulsado os Jesuitas pela mesma causa. Finalmente elle havia sollicitado e conseguido a restituição dos mesmos Padres ás suas casas de Santos, e de S. Paulo. Todas estas rasoens, e a certeza, que davão os sublevados do Rio de Janeiro, da ommissão de Salvador Corrêa em fazer registrar a sua Patente na Camara Capital de S. Vicente, cerimonia antiquissima, e indispensavel para validar estas Cartas, fez que alguns dos correspondentes illudidos, procurassem amotinar o povo de S. Paulo, e conseguissem que 50, ou 60, despreziveis individuos fossem á Casa do Conselho, e obrigassem aos Senadores a decretar, que se vedasse a entrada a Salvador Corrêa, empregando os meios violentos.

Na mesma Villa de Santos recebeu este habil politico estas noticias, que lhe não fazem perder o sangue frio; e elle vai mostrar quanto hum sistema de doçura bem concebido e manejado, vale mais que a justiça austera e inexoravel. Dizia-se-lhe que D. Simão de Toledo Piza então Juiz dos Orfaõs, e o Ouvidor da Capitania de S. Vicente, Antonio Lopes de Medeiros, havião sido os cabeças do motim; e a 15 de Novembro de 1660 mandou publicar hum bando, em que suspendia o exercicio de seus cargos a estes dous Ministros; intimando-lhes ao mesmo tempo, que dentro de hum mez comparecessem perante elle. Mandou registrar a sua Patente na Camara de S. Vicente, e remetteu huma copia aos Vereadores de S. Paulo, a qual foi hum Santelmo, que serenou aquella borrasca. No 1.º de Janeiro de 1661 mandou lançar outro bando, já em S. Paulo, em que concedia o perdão aos sublevados do Rio de Janeiro, comminando justas penas aos que perseverassem na rebelião. Ordenava mais, que Agostinho Barbalho Bezerra proseguisse no Governo; mas com jurisdicção por elle delegada, e não em virtude da que lhe havião conferido as amotinados. Os dous Ministros, confiados na sua

innocência, havião já partido para Santos, onde não acharão a Salvador Corrêa, que se havia ausentado para as minas do Sul, donde partira a dar algumas providencias relativas a outras da Serra acima; porém este generoso Governador, reconhecendo em S. Paulo a irreprehensivel conducta destes homens, os mandou publicar innocentes, por hum bando de 20 de Janeiro do mesmo anno, ordenando que ambos reassumissem a justa posse de seus cargos. Neste mesmo bando concedeu tambem o perdão de quaesquer ditos ou acçoens em que os moradores de S. Paulo houvessem cahido na occasião do tumulto.

Com tão prudentes e sabias providencias, de mistura com a sua affabilidade e rectidão, conseguiu Benevides ganhar os coraçãoes daquelles mesmos Paulistas, que antes lhe erão desafeiçoados pelas rasoens, que havemos exposto.

Em pouco mais de tres mezes, que por aqui se demorou este genio creador, fez levantar 70 pontes; melhorou as estradas, por onde até então ninguem transitava sem muito trabalho; e grandes perigos; e deu providencias para que os viajantes achassem canoas promptas nos rios não vadeaveis. A todos fez justiça com brandura; e os Paulistas presenciando o seu zelo pelo augmento do Estado, o seu desvelo pelas conveniencias dos povos, e mais que tudo as suas lisongeiras attençoens, desejavão perpetuar a sua residencia na Capitania de S. Vicente. Constando-lhes pois que Salvador Corrêa estava determinado a retirar-se para a Villa da Ilha Grande, com o desígnio de accelerar a conclusão de huma Náo, que alli se estava construindo, concorrerão ao Paço do Conselho todas as pessoas mais distinctas da Villa, e acordarão, que se escrevesse ao Governador, pedindo-lhe instantemente, que não sahisse de S. Paulo, nem fosse para a Ilha Grande, porque não obstante pertencer ella naquelle tempo á Capitania de Itanhaen, ficava

com tudo muito proxima ao Rio de Janeiro, e por isso corria alli risco a sua pessoa. Elles concluíram a carta com estas formaes palavras = “ To-
 ,, dos os moradores desta Villa em seu nome, e
 ,, de todos desta Capitania. pedimos a Vossa Se-
 ,, nhoria nos declare, se leva intenção de passar
 ,, a aquella Cidade do Rio de Janeiro, sem esperar
 ,, nova ordem de S. Magestade; porque nós como
 ,, seus vassallos leaes, estamos aparelhados com
 ,, pessoas, vidas, e fazendas para acompanhar a
 ,, Vossa Senhoria, assim em rasão do serviço de
 ,, S. Magestade, como da obrigação em que Vos-
 ,, sa Senhoria nos tem posto com a sua affabili-
 ,, de e bom governo de justiça. ,, A esta carta
 respondeu Salvador Corrêa de Sá e Benevides em 2
 de Março de 1661; e agradecendo muito o zelo,
 e interesse que tomavão pela sua pessoa, expunha
 as rasoens urgentes, que o constringião a retirar-se,
 e a esperança em que estava de que o Rio de
 Janeiro já estivesse socegado.

Não se enganava o prudente e perspicaz Go-
 vernador naquella conjectura. Como os seus inimi-
 gos erão poucos nesta Capitania, não só a maior
 parte da nobreza, mas tambem os homens cordatos
 e de probidade condemnavão a sedição, e os furo-
 res da gentalha; e esta reconhecendo finalmente
 a gravidade de seu crime, passou, como de costu-
 me, de hum desenfreado atrevimento, a hum fraco
 e pusillanime temor do castigo merecido. Foi por
 isso para os sublevados alegre a nova do generoso
 perdão, que o Governador lhes concedera, e agora
 cuidavão sómente em cumprir a condição, com que
 lhes fora outorgado. Não se pôde duvidar que para
 isso muito concorresse a noticia do offercimento
 dos Paulistas, formidaveis naquelle tempo, assim
 pelo exercicio que tinham dos combates, criando-se
 por assim dizer na guerra contra os barbaros, co-
 mo porque com estas podião facilmente pôr em
 campo hum exercito numeroso de bons soldados.

Em Março desceu Salvador Corrêa para Santos, e daqui partiu para Ilha Grande, onde lhe foi participada a noticia de estar já tudo em socego no Rio de Janeiro. Voltou finalmente para esta Cidade; mas não se pôde assignar o mez, em que a ella se restituiu; todavia sabe-se que já nella existia no 1.º de Julho de 1661.

Durante a sua ausencia, depois de deposto Thomé Corrêa Alvarenga, e de haver governado a Camara conjunctamente com Agostinho Barbalho Bezerra, houve duas epochas notaveis; a primeira desde 8 de Fevereiro até 11 de Abril em que a Camara teve só o manejo do Governo; e a segunda, que começou no ultimo dia da primeira, em que governou o Mestre de Campo João Corrêa de Sá, filho de Salvador Corrêa. Ignora-se a razão desta alternativa, mas há algum fundamento para crer, que o virtuoso Barbalho continuasse em subtrahir-se á acceitação de huma auctoridade, que lhe era conferida por vias incompetentes; que a Camara fatigada destas repulsas, tomasse o partido de arrogar a si o Governo, e que finalmente na occasião do arrependimento, ou por ser João Corrêa a maior Patente ou por lisongearem ao Pai, sujeitando-se ao filho, lhe entregarião as redeas do Governo.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides continuou a immortalisar a sua memoria, e ainda governava a 17 de Janeiro de 1662. O seu brilhante Governo, semeado de sedições e de tumultos, deixa bem reconhecer o fundo de prudencia, e de conhecimento do coração humano, que elle possuia em gráo superior: raros, e apreciaveis dotes, sempre uteis, mas indispensaveis áquelles, que se destinão a reger os povos. Oxalá fossem mais communs, ou sempre tão bem escolhidos como este, os homens que se determinão para esta delicada empreza!

Salvador Corrêa entregou o Governo do Rio de Janeiro a Pedro de Mello, a quem S. Magestade

tade o conferiu a 20 de Novembro de 1661. Este Governador tomou posse no anno de 1662.

Seguiu-se D. Pedro Mascarenhas, que governava a 25 de Maio de 1667, e ainda regia esta Capitania a 28 de Agosto de 1669.

Sucedeu João da Silva e Souza pelos annos de 1670, o qual ainda governava em 29 de Novembro de 1673.

Veio depois Mathias da Cunha, que administrava esta Capitania pelos annos de 1678.

D. Manoel Lobo foi nomeado Governador desta Cidade inda antes de 19 de Setembro de 1677; e por hum Decreto de 12 de Novembro de 1678 lhe foram também sujeitas as Capitancias do Sul, com o fundamento de que, só tendo jurisdicção sobre ellas, podia executar as ordens, de que vinha encarregado. Tomou posse a 9 de Maio de 1679; e em Outubro do mesmo anno partiu para Santos, aonde chegou a 30 do dito mez. Daqui velejou para o Rio da Prata, a fundar a Nova Colonia junto da Ilha de S. Gabriel; e tendo alli sido atacado pelos Hespanhoes de Buenos Ayres, foi feito prisioneiro, e lá morreu.

Na ausencia do precedente ficou regendo a Capitania João Tavares Roldon até Janeiro de 1681.

A 28 daquelle mez tomou conta do Governo o Mestre de Campo Pedro Gomes, por Carta Regia, que lhe devolvia a authôridade no impedimento de D. Manoel Lobo.

Seguiu-se o Mestre de Campo Duarte Teixeira Chaves, que tomou posse a 3 de Junho de 1682. Este Governador passou á Capitania de S. Vicente a dar algumas providencias em qualidade de administrador das minas, e em sua ausencia ficou a Camara governando.

Foi o immediato João Furtado de Mendonça, que tomou posse a 22 de Abril de 1686.

O Senhor D. Pedro, sendo ainda Regente da

Reino, e mandando reedificar a Colonia do Sacramento por D. Francisco Naper de Lancastro quem fez Mestre de Campo, e Governador da mesma Colonia, lhe ordenou que governasse o Rio Janeiro até á chegada do Governador que para a nomeasse. Lancastro tomou posse deste Governo a 24 de Junho de 1689.

Sucedeu a Lancastro Luiz Cezar de Menezes que tomou conta do Governo a 17 de Abril de 1690.

Antonio Paes de Sande governou o Rio de Janeiro pelos annos de 1693, e por seu falecimento ficou o Senado regendõ esta Capitania.

D. João de Lancastro, sendo Governador do Estado, proveu o Governo do Rio de Janeiro em Andre Cozaco, Irlandez, e Mestre de Campo do Terço velho da Cidade da Bahia, que d'elle apossou em 7 de Outubro de 1694.

Veio depois Sebastião de Castro Caldas, tomou posse a 19 de Abril de 1695.

P O L I T I C A .

Copia de huma Carta de Mr. de Krusemark

Pariz 27 de Março de 1813.

Senhor Duque. — Acabo de receber ordem meu Soberano para pôr na vossa presença o seguinte: — As proposições, que anteriormente tive honra de dirigir-vos, erão de tal natureza que recião huma resposta tão pronta como decisiva. Os progressos das armas Russas no centro da Europa, não consentem que a Prussia prolongasse aquelle estado de incerteza, em que está. Por uma parte o Imperador da Russia, unido ao por laços de amizade pessoal, offerece á Prussia neste momento decisivo o auxilio do seu po-

as vantagens da sua amizade; por outra Sua Magestade o Imperador dos Francezes persiste em repellir hum Alliado, que se tem sacrificado em sua causa, e ainda desdenha *explicar-se* sobre os motivos do seu silencio. Por muito tempo a França tem infringido em todos os pontos os tratados, que a ligão com a Prussia. Não contente com haver dictado em Tilsit huma paz *igualmente dura e humilhante*, ella nem ainda lhe consentio gozar das insignificantes vantagens, que parecia conceder-lhe aquelle tratado. Ella fez uso de pretextos odiosos para abater até os alicerces a fortuna do Estado e dos particulares. Desde aquella epoca, a Prussia foi tratada como hum paiz conquistado e opprimida por hum jugo de ferro. *Os Exercitos Francezes ficarão nella contra os termos do Tratado*, e nella viverão a discrição durante dezoito mezes: forrão-lhe impostas contribuiçoens exorbitantes e arbitrarias; obrigando-a a adoptar o systema continental, arruinou o seu commercio: poz guarniçoens Francezas nas tres fortalezas do Oder: o paiz foi obrigado a pagar a despeza dos seus soldos; em summa, pelo Tratado de Bayona, se dispoz dos bens das viuvas e dos orphãos, em manifesta contradicção ás convençoens do tratado de paz: tudo annunciava que não se guardava especie alguma de attenção com hum estado infeliz e opprimido. Neste estado de cousas, a paz era hum beneficio illusorio. O Rei gemia debaixo do enorme pezo, que opprimia seus vassallos. Elle se lisonjeava de vencer á força de condescendencia e sacrificios huma animosidade, da qual conhecia os effectos, porém cujos principios elle ignorava. Entregou-se á esperanza de poupar ao seu povo maiores desgraças, *enchendo escrupulosamente suas obrigaçoens para com a França, e evitando tudo quanto podesse offend-la*. Por esforços extraordinarios e nunca onvidos, a Prussia conseguiu pagar dois terços da contribui-

ção ; preparava-se para pagar o resto , quando se levantarão nuvens entre a Russia e a França , e quando os immensos preparativos destas duas Potencias não o deixarão duvidar que hia atizar-se a guerra no Norte. O Rei fiel ao seu principio de salvar a todo o custo a existencia nacional julgando do futuro pelo passado , sentio que *tinha tudo que temer da França. Sacrificou as suas affeições* e concluiu com ella hum tratado de alliança. Na epoca da conclusão do tratado , antes de chegar a noticia a Berlin , as tropas Francezas entrarão na Pomerania e na Marcha Electoral. O Rei vio com pezar que não se tinha attenção ás suas intenções francas e leaes. Ellas obtiverão por força o que parecia impossivel conseguir por negociações. Agentes da Prussia , atterrados pela ameaçadora attitude da França , assignarão em Pariz convenções separadas que continhão condições summamente peizadas , relativas ás provisões e mistères do Grande Exercito. O Governo Francez instruido da mediocridade de nossos recursos previo huma recusa , preparou-se a ganhar o consentimento do Rei pelo apparato da força , e enganou-se. Sua Magestade ratificou aquellas convenções , ainda que sentisse a difficuldade de as desempenhar ; contou com a affeição dos Prussianos e esperou que , definindo a extensão dos nossos sacrificios livraria o seu povo de requisições arbitrarías , e de suas fataes consequências. A experiencia não justificou esta esperança. Em quanto a Prussia esgotava todos os seus meios para metter em armazens os generos estipulados *os Exercitos Francezes vivião á custa dos particulares.* Ao mesmo tempo se exigio o cumprimento do tratado e o consumo diario das tropas. A sagrada propriedade dos habitantes era tirada a viva força , sem fazer disso o menor caso ; e a Prussia perdeu por estes actos de violencia mais de 700 cavallos , e 200 carruagens.

Sem embargo de todos estes grilhoens, o Rei fiel ao seu systema, encheu com religiosa fidelidade todas as obrigaçoens, que havia contrahido. Realisarão-se felizmente os subsidios; adiantou-se o contingente estipulado; nada se omittio para provar a lealdade do nosso procedimento. A França só correspondeu a estes sacrificios com pretençoens sempre novas, e julgou-se habilitada para dispensar-se da sua parte de satisfazer as estipulaçoens do tratado que estão a seu cargo. Recusou constantemente examinar as contas dos subsidios ministrados, ainda que fosse obrigada formalmente a ajusta-las todos os tres mezes.

A Convenção militar segurava ao Imperador, até novo arranjo com a Prussia a posse das fortalezas de Glogau, Stettin e Custrin mas as muniçoens da primeira daquellas praças devião ser á custa da França desde a data da assignatura daquelle convenção. O Rei, annuindo a este artigo, tinha já dado á França provas da sua condescendencia, renunciando ás estipulaçoens de 1808; conforme as quaes Glogau devia ser dada á Prussia, logo que esta houvesse pago metade das contribuiçoens. A França não guardou melhor o novo tratado do que o precedente. As provisoens de Glogau e das outras fortalezas, que a Convenção mencionava e o pagamento das contribuiçoens já realisado no mez de Maio do anno passado sem embargo das mais urgentes representaçoens, continuão até hoje á custa da Prussia. A Convenção nada estipulava a cerca das fortalezas de Pellau e Spandau; por consequencia ellas devião ficar occupadas pelas tropas Prussianas: com tudo as tropas Francezas entrarão nellas por huma especie de surpresa militar, e conservarão-se.

Em quanto se augmentava indefinidamente o pezo das despezas da Prussia — em quanto *ella* provava que, depois de haver pago a sua contribui-

ção, os seus avanços subião a sommas immensas — recusou-se-lhe teimosamente todo o genero de soccorro: respondeu-se a todos os seus pedidos com hum silencio de desprezo, e exigindo incessantemente novos sacrificios: parece que se considerava como nada os esforços incomprehensiveis de huma nação sobre-carregada. No fim do anno passado, os avanços da Prussia importavão em 94,000,000 de francos. As contas estavam na melhor ordem, em que podião estar, considerando a constante recusa das Authoridades Francezas em ajusta-las na fórma do tratado. Sua Magestade nunca cessou de representar por via de seus agentes que cumpria fazer justiça ás suas requisições — que os seus Estados exhaustos não podião já supprir os exercitos Francezes. O Rei, por então, se limitava a pedir huma conta acerca daquelles avanços, declarando ingenuamente, que elle não respondia pelo resultado, no caso de não ser attendido. Esta linguagem, tão justa como clara: estas representações, fundadas nos titulos mais sagrados, ficarão sem resposta, e sómente produzirão vagos protestos, e promessas distantes. De mais como se não fosse bastante infringir os tratados mais positivos, succederão novos procedimentos para illustrar a Prussia a respeito das tenções do Imperador, e de quanto ella devia esperar d'elle. O Rei, vendo huma parte das suas provincias invadida, e outra ameaçada, não podendo contar com o soccorro dos exercitos Francezes, foi obrigado a reforçar o seu; e sendo o caminho ordinario fastidioso e insufficiente, Sua Magestade dirigio huma appellação aos moços Prussianos, que quizessem alistar-se debaixo das suas bandeiras. Esta despertou em todos os corações o dezejo de servir a patria. Preparava-se hum grande numero de voluntarios para sahir de Berlin para Breslau, quando agradou ao Vice-Rei prohibir qualquer recrutamento, e a partida dos voluntarios nas provincias occupa-

das pelas tropas Francezas. Esta prohibição foi expedida da maneira mais peremptoria, e sem que o Rei tivesse participação alguma. Hum ataque tão directamente disparado contra os direitos de Soberania, excitou no coração de Sua Magestade, e nos seus fieis vassallos, huma justa indignação. Ao mesmo tempo, e em quanto as fortalezas sobre o Oder devião por muito tempo ter sido municionadas á custa da França, depois do Imperador haver declarado formalmente em huma Audiencia dada a Hatzfeld, que elle prohibia aos empregados Francezes fazerem algum genero de requisição nos estados do Rei, os Governadores daquellas fortalezas receberão ordem para tomar a viva força dentro de hum circulo de dez legoas, tudo quanto fosse necessario para a sua defeza e sustento. Esta ordem injusta e arbitraria a qual tambem não tiverão o incommodo de communicar ao Rei, foi executada em toda a sua extensão, a despeito dos sagrados direitos da propriedade e com procedimentos violentos, que seria difficil descrever. Apezar de todas as razoens, que o Rei tinha para romper com a França elle queria ainda tentar o effeito de negociaçoens. Elle informou ao Imperador Napoleão que elle queria mandar huma pessoa de confiança ao Imperador da Rússia para o obrigar a reconhecer a neutralidade da parte da Silesia, que a França tinha reconhecido. Erão os unicos meios, que restavão ao Rei, desamparado ao menos por então, pela França para ter hum seguro asylo. e não se achar na cruel situação de deixar os seus Estados. O Imperador declarou-se altamente contra este passo, e não se dignou de explicar-se sobre as proposiçoens, que accompanhavão a abertura. Em tal estado de cousas, não podia por mais tempo ficar duvidosa a decisão do Rei. Elle tinha (annos havia) sacrificado tudo á conservação da sua existencia politica: — agora a França compromettia aquella exis-

tencia, e nada fazia para protege-la. A Russia póde aggravar suas desgraças, e generosamente se offerece a protege-lo. O Rei não pode hesitar: — fiel aos seus principios e aos seus deveres, ajunta os seus exercitos aos do Imperador Alexandre, mudando de systema sem mudar de objecto. Elle espera, rompendo com a França, e apegando-se á Russia, conseguir, por huma paz honrosa, ou a força de armas, o unico objecto da sua vontade — a independencia do seu povo — os beneficios que della resultão, — e a herança de seus pais, metade da qual lhe tem sido roubada. O Rei adherirá, com todo o seu poder, a toda a proposição conforme aos communs interesses dos Soberanos da Europa. Elle dezeja ardentemente que elles cheguem a hum estado de cousas, em que os tratados não sejam mais *simplices treguas* — em que a força venha a ser a garantía da justiça, — em que cada hum, voltando aos seus naturaes direitos, não seja atormentado em todos os pontos da sua existencia, pelo abuso do poder.

Isto he, Senhor Duque, quanto estou encarregado de informar a V. Excellencia. Digne-se participa-lo a S. Magestade, o Imperador. A Europa tem visto com assombro a longa resignação de huma nação distinta nos annaes da historia pelo seu brilhante valor, e pela sua nobre perseverança.

Agora guiado pelos mais sagrados motivos, ninguem ha entre nós que não esteja determinado a sacrificar todas as considerações aos grandes interesses do Throno, á patria, e á independencia da Europa: ninguem que não julgue felicidade morrer por este nobre fim, e defendendo os seus lares.

Eu tenho ordem de caminhar immediatamente para o Rei, meu augusto Amo, com o Principe Hatzfeld, com seu Particular Conselheiro de Estado Beguolin, e outras pessoas empregadas em differentes missoens. Tenho a honra de rogar a V. Excellencia

que me envie os passaportes necessarios para este fim.

Appresso-me a renovar-vos, ao mesmo tempo, os protestos da minha mais alta consideração.

(Assignado)

Krusemarck.

Resposta á nota de Mr. o Barão de Krusemarck.

Paris 1 de Abril de 1813.

Senhor Barão, — Puz na presença de Sua Magestade Imperial e Real a Nota, que me fizestes a honra de dirigir-me a 27 de Março.

Tudo que merece mais seria consideração pôde reduzir-se ao seguinte: —

Que a Prussia sollicitou e concluiu huma alliança com a França em 1812, porque os exercitos Francezes se approximarão mais aos Estados Prussianos, do que os exercitos Russos.

A Prussia declara em 1813 que ella infringe os seus Tratados, porque os exercitos Russos estão mais perto dos seus Estados, do que os exercitos Francezes. A posteridade julgará se hum tal procedimento he fiel e digno de hum grande Principe, conforme á equidade, e san politica.

Ella fará sempre justiça á perseverança do vosso gabinete nestes principios.

Em 1792, quando a França estava interiormente agitada por huma Revolução, e ainda não sendo atacada por hum formidavel inimigo, parecia proxima a abismar-se, a Prussia lhe fez guerra.

Tres annos depois, e no momento, em que a França triumphou das potencias unidas, a Prussia abandonou os seus alliados, deixou a parte da combinação juntamente com a sua fortuna, e o

ei de Prussia foi o primeiro dos Soberanos que marão armas contra a França, que reconheceu a república.

Havião apenas passado quatro annos, (1799); quando a França sentio as alternativas da guerra: orderão-se algumas batalhas na Suissa e na Italia; Duque d'Yorck desembarcou na Hollanda, e a república foi ameaçada pelo Norte e pelo Sul: a fortuna mudou e a Prussia mudou com ella.

Mas os Inglezes forão expulsos da Hollanda; Russos forão batidos em Zurich; a victoria seio outra vez as nossas bandeiras na Italia, e a Russia tornou a ser amiga da França.

Em 1805, a Austria tomou as armas: levou seus exercitos até o Danubio; tomou posse da Aviera; em quanto as tropas Russas passarão o Tiemen, e avançarão para o Vistula. A união de es grandes Potencias, de seus immensos preparativos, parecia presagiar não menos do que a ruina

França. A Prussia não hesitou hum instante; tomou-se; assignou o tratado de Berlin; e os males de Frederico Segundo forão chamados para testemunhas do eterno odio, que ella votava contra a França. Quando o seu Ministro, mandado a S. M. para lhe dictar a lei, chegou a Moravia, os Russos vião perdido a batalha de Austerlitz, e pertencia generosidade dos Francezes o permittir-lhes voltar para a sua patria. A Prussia immediatamente rompeo tratado de Berlin; concluido só seis semanas antes, abjurou o celebrado juramento de Potsdam; sahio a Russia, bem como trahia a França, e entrou com nosco em novas obrigaçoens. Mas desas eternas fluctuaçoens em politica procedeu huma anarchia na opinião publica da Prussia; houve um levantamento nos espiritos dos homens, que o Governo Prussiano não era capaz de dirigir; e reportarão-no, e em 1806 declararão guerra contra a França, no momento, em que era do seu

maior interesse conservar com ella boa harmonia. A Prussia, sendo inteiramente conquistada, vio-se ella mesma, acima das suas proprias esperanças, admittida a assignar em Tilsit huma paz, pela qual recebia tudo, e nada perdia.

Em 1809 rebentou a guerra com a Austria: a Prussia hia outra vez mudar de systema: mas não deixando os primeiros acontecimentos militares duvida sobre o resultado definitivo da campanha, a Prussia deixou-se governar pela prudencia, e não ousou declarar-se.

Em 1811 ameaçada a Europa com huma nova guerra pelos preparativos, que fazia a Russia, a situação geographica da Prussia, não lhe permittia ficar espectadora indifferente dos acontecimentos, que estavam a ponto de effectuar-se; e vós, Senhor Barão, fostes encarregado no mez de Março do mesmo anno de sollicitar a alliança da França; e escuso lembrar-vos o que se passou n'aquelle periodo. Escuso repetir assim as vossas continuas instancias, como os vossos ardentes disvelos.

S. Magestade, recordando-se do que era passado, ao principio hesitou no partido, que havia de tomar. Mas pensou que o Rei da Prussia, ensinado pela experiencia por fim percebia a inconstante politica do vosso Gabinete. Elle se julgou obrigado pelo passo, que havia dado em S. Petersburgo, a prevenir o rompimento. Além disto era contrario á sua justiça e ao seu coração declarar a guerra simplesmente por consideraçoes de interesses politicos. Olhou aos seus sentimentos pessoaes para com o vosso Soberano, e consentio em fazer com elle huma alliança.

Em quanto os acasos da guerra nos forão favoraveis, a vossa Corte se mostrou fiel; mas apenas os rigores temporãos do inverno attacarão os nossos exercitos no Niemen, quando a desecção do General D'Yorck despertou suspeitas muito be-

fundadas, o comportamento equívoco da vossa Corte em tão ponderosa circumstancia: a partida do Rei para Breslau; a traição do General Bulow, que abriu ao inimigo as passagens do Nether-Oder: os publicos Editaes para excitar huma mocidade turbulenta e facciosa a tomar as armas; a junção em Breslau de homens apontados por chefes dos amotinadores, e como os principaes motores da guerra de 1806; as communicações diarias estabelecidas entre a vossa corte, e o quartel general do inimigo, ha muito que não deixavão em duvida as resoluções da vossa corte; quando, Senhor Barão, eu recebi a vossa nota de 27 de Março, e ella não me surpreendeu. A Prussia, dizem pertende recobrar a herança de seus antepassados, mas nós lhe perguntaremos, se, quando falla de perdas, que a sua falsa politica lhe fez soffrer, ella não fez igualmente algumas acquisições para pôr na balança, — se, entre estas acquisições, não ha alguma, que ella deve á sua infiel politica? Ella deve a Silesia ao desamparo de hum exercito Francez nas muralhas de Praga: e todas as suas acquisições na Allemanha á infracção das leis e interesses do Corpo Germanico.

A Prussia falla do seu dezejo de obter huma paz fundada em huma solida base; mas como he possivel contar com huma solida paz com huma potencia, que se crê justificada, quando quebra as suas obrigações, segundo os caprichos da fortuna?

S. - Magestade prefere hum inimigo declarado a hum amigo sempre pronto a desampara-lo.

Não levarei mais longe estas observações; contentar-me-hei com perguntar que faria hum illustrado Politico, e hum amigo do seu paiz, que mentalmente pondo-se ao leme dos negocios da Prussia, desde o dia em que estalou a revolução da França, se conduzissè segundo os principios de huma politica san e moral?

Metteria elle a Prussia em 1792 em huma guerra em que ella se arriscava em favor de estados mais poderosos do que ella? E se o fizesse, aconselharia elle que suspendesse as armas antes de acabar a Revolução?

Se, não obstante, elle fosse levado a reconhecer a Republica não teria elle persistido no seu systema, — não teria elle procurado tirar vantagem delle e aproveitar daquelles sentimentos que a França havia abraçado por hum Principe que por amor della, arrostrou os prejuizos do tempo? Elle teria estabelecido a influencia da Prussia no Norte, por allianças, a Monarquia de Frederico teria sido mais firmemente estabelecida, e a Prussia haveria fundado sua interior felicidade, e a sua consideração em huma apertada união com a França. Ella não se deixaria inchar em 1799 pelas vantagens passageiras de nossos inimigos.

Em 1805 elle haveria engeitado com politica e dignidade a alliança, á qual a Inglaterra a Russia e a Austria, de mãos dadas entrarão em reciprocos empenhos para obrigar a Prussia. Sem embargo, se obrigado por circumstancias imprevistas, elle houvesse firmado hum juramento sobre o tumulo de Frederico, elle não deveria quebra-lo depois da batalha de Austerlitz; elle haveria tomado o unico caminho honroso em huma falsa determinação, persistindo fiel áquelles Alliados, que erão maltratados pela fortuna.

Se em 1812 elle pensasse poder esquecer-se do que a Russia havia feito em favor da Prussia em Tilsit, quanto permitião as circumstancias; e se houvesse assignado a Alliança com a França, elle devia permanecer fiel a ella. Elle teria achado em acontecimentos inesperados huma occasião da Prussia representar hum bello papel, apezar da sua fraqueza e manifestar decisivos sentimentos, e dos quaes podia para o futuro allegar a honrosa lembrança.

ça. Esta fiel resolução seguraria á Prussia a estima ainda de seus inimigos. Ella haveria servido não ao seu odio mas aos seus verdadeiros interesses: porque o General D'Yorck não haveria sido traidor; e os Russos não terião passado o Niemen; o General Bullow não haveria atreçoado, e os Russos não passarião o Oder; e não se haverião exposto á catastrophe, que os ameaça: em summa a França sentindo a falta de hum medianoiro entre ella e a Russia, te-lo-hia achado na Prussia fiel, e teria consentido em engrandecer pelo interesse do seu systema e para paz e descanso do mundo, que he a sua unica vista, huma Potencia, cuja sinceridade tinha sido posta em prova.

Agora Senhor Barão, que resta á Prussia? Ella nada tem feito a bem da Europa; nada tem feito pelo seu fiel Alliado; nada fará pela paz. Huma potencia cujos tratados são condicionaes, não pode ser huma util medianoira; ella nada garante: não he mais do que hum assumpto de discussão; ella nem ainda he huma barreira. O dedo da Providencia se tem mostrado nos acontecimentos deste inverno; elle os produzio para desmascarar falsos amigos e mostrar os fieis; elle deu a sua S. M. forças suficientes para segurar o triumpho de huns, e o castigo dos outros.

Terminando as minhas transacções com vosco, Senhor Barão, eu me dou os parabens de ter de expressar-vos que S. M. está satisfeito com o vosso procedimento todo o tempo, que haveis residido junto delle.

Compadeço-me de vós, como militar e como homem de honra, de que fosseis obrigado a assignar similhante declaração.

Tenho a honra de enviar-vos os passaportes, que me pedistes.

Rogo-vos, Senhor Barão, que acciteis a certeza da minha alta consideração.

(Assignado) O Duque de Bassano.

Manifesto do Rei de Dinamarca, que appareceu em hum papel Official Dinamarquez, datado de Copenhagen, a 23 de Abril.

A Corte de Suecia achou conveniente chamar o seu Encarregado dos Negocios, que ultimamente foi nomeado para esta Corte. Em consequencia o nosso Encarregado dos Negocios na Corte de Suecia sahe de Stockolm.

Não obstante que o modo ordinario de tratar negocios nacionaes já não existe entre as respectivas Cortes Dinamarqueza e Sueca, continuará ainda a communicação ministerial por troca de cartas.

A presente mudança de situação entre as duas Cortes não pôde deixar de chamar a attenção de seus vassallos.

O Rei da sua parte não deu causa a ella.

Todos os seus vassallos estão já convencidos de que S. Magestade recusou ceder seu Reino de Norwega, ou hum parte d'elle, pela compensação offerecida de haver praças e terras confinantes com o Ducado de Holstein.

O amor, que S. Magestade tem ao seu paiz, affiança que o Seu Senhor e Rei poem muita confiança na lealdade e affeição do seu povo, para resolver-se, em qualquer circumstancia que seja, a troca-lo por estrangeiros, a cuja affeição S. Magestade não tem direito, quando de motu proprio não requerem a protecção de S. Magestade.

Costumado a ver a boa vontade, com que os seus vassallos sacrificão as suas vidas, e prosperidade em hum guerra defensiva tão continuada, Sua Magestade está seguro de que sempre achará todos os Dinamarquezes, Norweguezes, e Holsteinezes prontos a defenderem a independencia do seu Estado, e a sua inteira preservação, caso que os esforços do Soberano em fazer outra vez a paz sejam abortivos: ou hum systema de abuso obrigue a S. Magestade a requerer aos seus prezados vas-

sallos novos esforços para a sua segurança, e a do throno.

Resumo Politico.

AS noticias ultimamente recebidas pelas folhas Inglezas não satisfazem á geral expectação. A Peninsula não tem sido ainda theatro de alguma acção igual á dos Arapiles, que trouxesse com sigo decididas vantagens. Successos parciaes dos bravos Mina e Longa, e hum denodado ataque da expedição da Sicilia, são compensados pelo desastre de Yecla, e perda consideravel de dous regimentos Hespanhoes. Os inimigos desalojados de huns postos, passão a occupar outros, e parecem tentar huma reunião: todavia o exercito alliado começa a fazer movimentos e o mez de Maio deve provavelmente ser fecundo em estrondosos acontecimentos, que, segundo he de esperar da pericia dos nossos chefes e do valor das nossas tropas, segurarão a nossa independencia dos ataques da perfidia. Em quanto confiamos na Providencia o complemento das nossas esperanças, a Allemanha nos offerece hum espectáculo digno da nossa admiração.

Os dois Monarcas da Russia e da Prussia, congregados estreitamente, e jurando restaurar a liberdade da Allemanha, se abalanção ás maiores emprezas, ajuntão todas as forças militares das duas naçoens, fazem extraordinarios sacrificios, e colhem o fructo de seus desvelos, assim na successiva defeccão dos pequenos satellites, como nas renhidas batalhas, que briosamente tem sustentado. Luneburgo foi o theatro de hum bem concertado ataque, pelo qual pequenas forças desalojarão de huma Cidade fechada hum corpo consideravel, e pelas mais acertadas combinaçoens, apanharão ás mãos os que escaparão ao ferro dos Alliados. Este feliz começo não foi esteril. Hum golpe de mão de Mestre livrou Berlin das furias dos inimigos. O Conde de Wittgenstein os atacou com a sua costumada inte-

ligencia e felicidade, e Mockern, Zerbst, e Darnigkow forão testemunhas do valor das tropas alliadas: em quanto os aggressores do Continente perderão 2000 homens entre mortos e feridos, e perto de 1000 prisioneiros.

Não seguirei passo a passo aquellas tropas victoriosas. Já tive a satisfação de expor ao publico as suas vantagens, em lugar mais opportuno. Saltarei por tanto aos principios de Maio, epoca dos maiores acontecimentos. Alli nos offercem os papeis Francezes victorias assignaladas, mas que são desmentidas por noticias de Berlin. No dia 1.º hum accção entre o General Winzingerode, que commandava tres divisoes, e todo o exercito Francez, privou este do General Bessieres Duque de Istria, de outros Generaes, e de grande numero de Officiaes. No dia 2.º foi sem duvida mais renhido o ataque: não se sabe ao certo quem commandava o exercito alliado: noticias de Berlin dão o commando ao General Blucher, o que prova que não era a massa toda do exercito, como os Francezes pertendem. Os Francezes confeção a perda de 10000 homens, que hum Redactor affirma que equivale a 50000 na arithmetica das outras naçoens, e attribuem aos Russos 25 a 30000. Esperamos anciosamente que os Officios dos Russos nos conduzão na indagação desta verdade.

No dia 3 parece ter havido hum accção entre Macdonald e Mileradovitch, que igualmente dizem ser a favor dos Francezes mas confeção hum perda de 6000 homens.

Estas são as noticias mais notaveis militarmente, mas quanto á politica parece merecer muita attenção a real cooperação da Suecia, a decisão de Saxonia, e talvez a oscilação da Austria. Não quero avançar cousa alguma, em quanto as trevas da incerteza derem hum character de misterio. No N.º seguinte desenvolverei estes objectos guiado pela informação mais exacta de factos importantes.

CORRESPONDENCIA.

Lemos com muito prazer hum artigo de hum Jornal muito acreditado , e cujos Redactores não podem ser suspeitos nem de ignorancia , nem de prevenção : da primeira , pelos seus acreditados talentos e profundo saber : da segunda , porque nenhuma relação nos liga salvo o concorde fim de sermos uteis ao Publico , *haud passibus æquis*. Todos sabem que eu fallo do N.º 23 do *Investigador Portuguez em Inglaterra* — Artigo Politica — paginas 389.

„ Recebemos o Prospecto de hum Jornal que
 „ se vai publicar no Rio de Janeiro , e que vamos
 „ com muito gosto inserir em o nosso , porque o
 „ achamos mui digno disso . Este novo Jornal he
 „ consagrado ás Sciencias , Litteratura Politica ,
 „ Agricultura , Commercio . &c. , e se o Prospecto
 „ for dignamente desempenhado , como he de espe-
 „ rar , não só dos conhecidos talentos , e sa-
 „ ber do seu Redactor , como tambem do auxi-
 „ lio , e cooperação . que lhe tem promettido pes-
 „ soas recomendaveis por suas qualidades , e por seus
 „ conhecimentos : este Jornal será por certo meito
 „ interessante á propagação das luzes pelo vasto e
 „ nascente Imperio do Brazil ; e mostrará , se ainda
 „ he preciso , que *a accusação de ineptos , que nos*
 „ *fazem authores estrangeiros , e por desgraça al-*
 „ *guns nacionaes* he injusta e filha , ou da ignoran-
 „ cia , ou do orgulho e presumpção , ou talvez de
 „ tudo junto. „

Agradecido á lisongeira esperança dos sabios Redactores , quanto convencido de que apenas possuo dezejos do Publico interesse , capazes de superarem a minha inercia eu aproveitarei este honroso obsequio para animar o meu espirito abatido , e fazer-me arrostrar difficuldades apenas superaveis , para desempenhar quanto permitirem minhas debeis forças , a epigraphie que escolhi.

Continuação do Estado da atmosphera

Junho.

<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo.</i>
	<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	<i>Mil.</i>	
<i>Graos</i>				
67½	30	1	36	claro
67½		0	10	
67	29	19	12	nebrina

Julho.

<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo</i>
	<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	<i>Mil.</i>	
<i>Graos</i>				
68	29	19	12	claro
68		18	28	
69		16	26	
70		15	34	nebrina
70		16	0	chuva
68		17	36	denso
64½	30	1	0	
64		0	24	muita chuva
65		0	4	pezado
65		0	0	claro
64	29	19	20	
64		19	0	claro
67		18	4	chuva
66		17	34	claro
68		17	22	
71		16	20	
72		16	40	
73		13	0	pezado
73½		15	34	claro
72½		16	44	
68½	30	0	16	

INDICE.

CHIMICA.

Memoria sobre hum novo principio da Theorica do Calorico. Por Silvestre Pinheiro Ferreira. 39

MINERALOGIA.

Memoria feita pelo Dezembargador José Bonifacio de Andrade. 11

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento Fonceca. 17

ARTES.

Continuação da descripção do Alambique n.º 2 p. 99 deste periodico, e construcção de huma fornalha pertencente ao mesmo Alambique. Por Gaspar Marques. 35

LITTERATURA.

Ode aos felicissimos annos da Serenissima Senhora D. CARLOTA JOAQUINA, Princeza do Brazil. 38

Epigrammas de Diniz. 40

Ode. 41

A liberdade. 42

Soneto do Doutor Ignacio José de Alvarenga. 46

GEOGRAFIA.

Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso. 47

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro continuada do N.º 6.º pag. 44. 58

POLITICA.

Copia de huma Carta de Mr. Krusemarck. 66

Resposta á nota de Mr. o Barão de Krusemarck. 78

Manifesto do Rei de Dinamarca, datado de Copenhagen, a 23 de Abril. 79

Resumo Politico 80

Correspondencia. 82

Continuação do Estado da athmosfera. 83

Fig. 5.

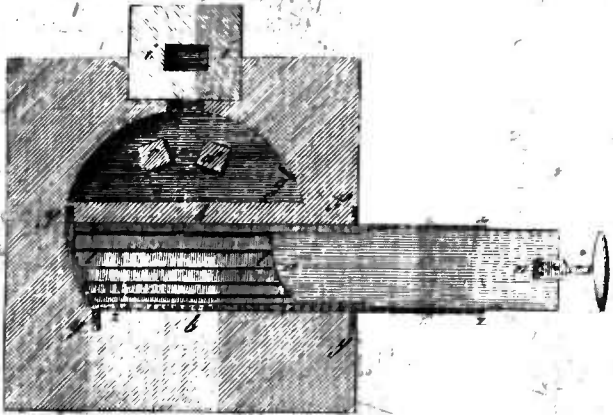


Fig. 3

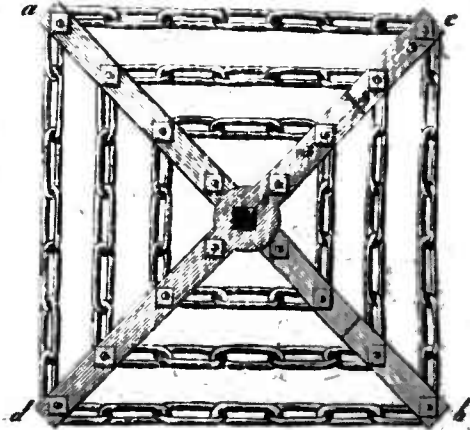


Fig. 7.

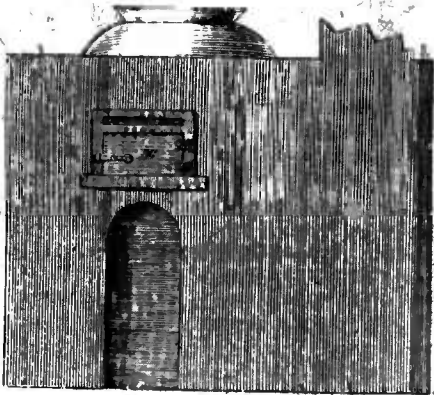


Fig. 6.

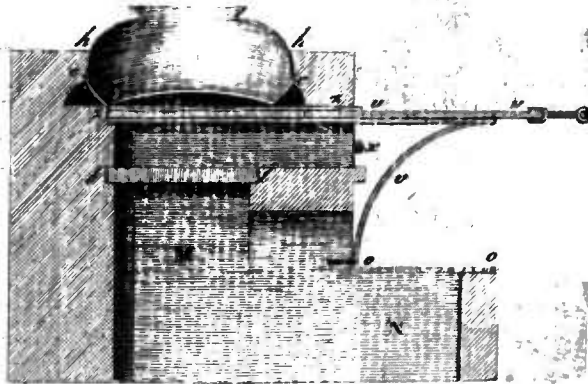
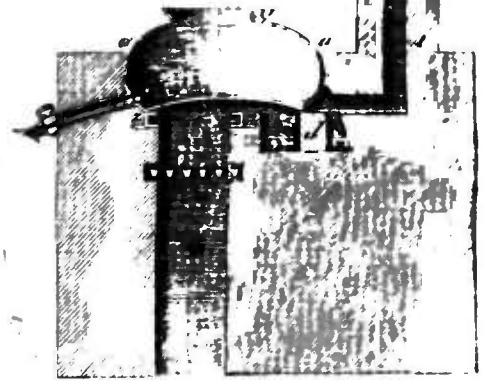


Fig. 4.



1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 *10 Pts English.*

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

D O

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.*

Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 2.º

A G O S T O.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1 8 1 3.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*



A G R I C U L T U R A .

Memoria sobre o Café continuada do N.º 6. pag. 43
*Por B.****

T E R C E I R A P A R T E .

Amanhos do Café.

HE com a colheita que o Lavrador vê pagas suas fadigas e despezas, e a do café pede que a não principiem, sem que o fructo o denote na côr vermelha carregada passando a escura, que indica a sua perfeita maduréz. Fugamos de imitar aos habitantes das Mauricias, que pelo temor da perda, que os ratos e outros animaes os fazem sofrer. colhem antes de tempo, vindo a perder em qualidade, e pezo; e augmentar o trabalho da separação ou escolha do grão pois que vem de mistura muito miudo e inferior com o bom. A colheita nas arvores decotadas facil he, mas nas que o não forão cumpre ser feita com escadas de mão, e duplas, a fim de que não haja estrago de ramos com o tirar por elles para alcançar o fructo: reprovo que se corra a mão pelo ramo, de medo que se ofendão os rebentoens, e as flores, quero porém que se colhão os fructos separadamente em cada anel, virando, e revirando a mão direita sobre si mesma, em quanto com a esquerda se segura o ramo: deve haver summo cuidado em poupar as extremidades dos ramos, e não pizar os que arrastão.

As pessoas empregadas na colheita levarão cestos ou sacos atados a si, os quaes estando cheios serão lançados em carros ou ceiroens, para serem conduzidos ás eiras, por animaes. Os Arabes nunca levão a mão aos ramos do cafezeiro, e vendo que o

fructo está maduro, estendem lençoes, ou esteiras, por baixo das arvores, e sacodem-as alternativamente, julgando só maduros os fructos, que então se desprendem. (1) Os habitantes de Yemen persuadidos de que o café humido he sujeito a fermentar, espalhão-o ao sol em esteiras com a pólpa; tirão-lhe depois o involucro seco por meio de hum cilindro de pedra, e o poem de novo a secar.

Os fructos não amadurecem todos ao mesmo tempo, e este defeito (se assim se pôde chamar) provem de que a arvore floresce por differentes vezes, e de que estando apinhoados, opprimem-se mutuamente, de modo que he mister esperar que se colhão huns para que outros gozem de liberdade, ficando-se deste modo obrigado a fazer 5 ou 6 colheitas, que, como se succedem, fórmão como huma só.

Ha tres especies inferiores de café, que se não devem misturar com o bom: 1.^a o infezado ou prematuro por falta de bom tempo, ou boa vegetação, o qual, em vez de tomar côr, séca na arvore, e cumpre colher logo que começa a amarelecer e a manchar-se; este com facilidade se faz branco, e perde o seu oleo, e cahê aos primeiros abanos, que se dão á arvore, o que he huma ventagem, por isso que poupa o trabalho de separa-lo do bom; recebendo-se assim apartado: 2.^a he o atacado do mesmo defeito e em peor gráo, séca na arvore antes de chegar á metade de sua madurez, por efeito de excessiva producção, com que a arvore não pôde, e que a poem muitas vezes em risco de morrer, o que de ordinario succede aos cafezeiros, que se deixão crescer livremente e cujos ramos carregados de medula, não tem força para sustentar o pezo dos fructos, e nem a seiva a de fornecer-lhes o preciso; assim vendo-se huma rama

(1) Bryan Edwards.

atacada deste mal, deve-se logo cortar: a 3.^a conhece-se quando se lava o café, porque sobrenada, e facilmente se separa, e tanto esta, como as mais qualidades de café devem ser preparadas e ensacadas separadamente.

Mr. Monneréau diz que privava os seus cafezeiros do primeiro inconveniente acima notado, praticando o decote, apesar do qual, se o mal se annunciava, logo que o sentia cortava hum terço de cada huma das ramas atacadas.

Depois de colhido o café, trata-se de secar, e desta operação depende quasi toda a sua boa qualidade. Huns batem a terra, e fórmão eiras, na qual o espalhão, outros lanção-o sobre cinza, outros o espalhão sobre a relva outros calção a eira, e dão-lhe declive para o esgotamento das aguas das chuvas.

Todas as manhãs estende-se o café, e revolve-se durante o dia, e á noite põe-se em montes cobertos de esteiras o que reprovoo por isso que o café fermenta, e adquire certo gosto de azedo. Melhor seria para livra-lo da chuva cobri-lo sim, mas espalhado nbs sitios, em que as chuvas não são frequentes, porém nas em que o são sou de parecer que se use das estufas por meio das quaes seca-se melhor, e com mais promptidão.

Pensão alguns que o suco mucilaginoso da polpa póde por este modo communicar máo cheiro á fava, porém temos experiencias em contrario, e antes vio-se que até perdia o gosto de verde, que de ordinario só perde com o tempo. Os que secão o café com a polpa (o que desaprovoo) tem a seu favor a commodidade de não precisarem de moinhos, porém tem contra si a grande perda de tempo e por tanto o risco das chuvas &c. a acção de volve-los descasca alguns que por isso tomão côr diversa, e dá por consequencia má venda, e o trabalho de separar augmenta de mais o muito tempo,

que se emprega em seca-lo , dá lugar a que fermenta , quando o que está só com o pergaminho ou pelicula seca melhor , e mais depressa e está livre de fermentar : attenda-se mais ao tempo empregado em pizar - limpar , escolher , e eu estou que em quanto se amanha huma carga de café seco só com a pelicula , se não faz o mesmo a tres de café seco com a polpa.

Para secar o café só com a pelicula , fazem-se eiras d'alvenaria alteadas seis polegadas do chão com rebordos em roda e d'igual altura nas quaes se praticão escoadoiros ás agoas , calça-se bem o fundo , e passa-se-lhe hum bitume , de modo que a area pareça inteiriça , dando-se-lhe sempre hum suave declive e se ha a precaução de abriga-lô todas as noites , 3 ou 4 dias bastão para seca-lo , quando a polpa leva ás vezes tres semanas e mais.

O café na Ilha de Bourbon he posto em montes , e por isso fermenta , e o que he hum defeito os lavradores attribuem á boa qualidade.

Seguem-se varios methodos no despojar o café da sua polpa e pelicula ou pergaminho : 1.º os que não podem , ou querem ter moinhos , pizão-o com piloens : 2.º outros uzão do moinho , que consiste em duas rodas de madeira maciças , de 6 pés de diametro , e cuja espessura he de 12 polegadas ; a qual roda gira em huma tina ; o movimento lhe he communicado por hum eixo de 21 pés de alto , que a atravessa. Outros se servem de mós , outros de maquinas á maneira das empregadas nos lagares de azeite. O fructo he posto em vazos d'agoa por espaço de 72 &c. horas , os grãos defeituosos vem á superficie do liquido , tirão-se , e trabalhão-se á parte ; o fructo bem ensopado he posto em eiras por 20 dias , depois dos quaes descascão-se , e joelirão-se : o 3.º methodo consiste em passar pelo moinho o café recém colhido , e esmaga-lo antes de ser molhado , e tendo já estado dez dias ao sol :

o 4.º methodo he fazer tirar a polpa, em quanto está vermelha (como nas Antilhas), para o que logo que os negros lanção os cestos de café nas separaçõens, ou caixas feitas para esse fim, e que levão mais do que a colheita de hum dia, passão-o á noite pelo moinho: este pelo seu movimento de rotação, leva com sigo os fructos e os comprime contra huma lamina de ferro, e immovel; a peneira posta por baixo não deixa passar a polpa, outra rede ou peneira mais fina que a primeira (ambas de arame) ainda limpa mais o grão, que cahe para hum tanque de alvenaria, ou tinas de madeira; e passa n'agoa toda a noite, para que se separe o gluten; e o grão lavado, he postó a secar; por este meio se aprompta o café quatro vezes mais depressa do que pelos outros.

Vendo que a mucilagem glutinosa da polpa era o que retardava a dessecação do café, Mr. Brulley o fez bater por alguns minutos em leite de cal mui deluido, o gluten desapareceu, e não havendo necessidade de deixar então o grão n'agoa, espalhó-o em balcoens, onde seis horas de sol bastarão para po-lo em estado de ser recolhido ao armazem. O café assim preparado, além da bella côr, que conserva, tem hum aroma muito mais suave. He muito grande ventagem a de privar o café de ficar por muito tempo n'agoa; pois que isso deve alterar mais ou menos o café, que he impossivel não perder do seu aroma, quando está n'agoa muito tempo, e huma vez que o fructo passou 2 ou 3 dias n'agoa, apparece na superficie escuma avermelhada, que detona applicando-se-lhe fogo, o que prova a desenvolução do gaz inflammavel.

Mr. Tussac apresentou no Jardim das Plantas de París huma maquina dita *Klain* com a qual em 3 dias se seca o mesmo grão, que se secaria em 6 semanas por meio dos esteiroens; a maquina consiste em hum cilindro em fórmula de tambor, cujas bases

ção de madeira, prezas a varetas, também de madeira ou de ferro, cercado de huma rede de arame de latão dividido interiormente em 6 ou 8 compartimentos feitos em rede do mesmo arame, e que partindo de duas varetas, vão-se apertando até unir-se no lugar, por onde passa o eixo, e abrem por meio de huma charneira; pelo meio, e ao longo, passa hum eixo de madeira com manivela em hum dos extremos: he este tambor colocado em huma estufa, e aqui se enche de café com a polpa, ou sem ella, e se faz girar por meio de huma força qualquer, e á medida que se volve, muda o grão continuamente de lugar: os compartimentos impedem-o de cahir todo para hum lado, e alterar assim a rotação: seca-se com presteza, e a pelicula, que envolve o grão, com facilidade se despega. O cilindro tem 8 pés de circumferencia, e 15 de longo.

Procurei a Mr. Tussac para ver tanto a maquina, quanto examinar o seu processo acerca do licor, que extrahê da polpa do café, a que chama Rome de Café (1). Sobre este artigo nada me quiz communicar, dizendo que eu o veria quando publicasse a sua Flora das Antilhas; porém mostrou-me a maquina, que he segundo descrevi, e obstando-lhe eu que o calor do fogo podia fazer com que o café perdesse do seu aroma e pezo, respondeo com a experiencia de muitos annos, e confessou que quanto ao pezo assim era porém que a differença tão limitada he em comparação da brevidade da mão de obra, que era coiza que se podia desprezar.

(1) Este licor vem anunciado nos Annaes do Muzeo de Paris, e os Lentes desta corporação, que o provarão, assegurarão-me ser excellente, e ter hum gosto longe do café. A lembrança de Mr. Tussac he tanto mais para estimar, quanto a polpa do café era lançada fóra: os Arabes porém fazem d'ella huma infusão, que bebem.

Tornando á operação de pilar o café, digo que convém expo-lo ao sol por dois dias successivos antes de pila-lo, e não começar senão no terceiro dia, pois que o melhor café, se não he pizado depois de bem seco, esmaga-se, e fica esbranquiçado ao sahir do pilão.

Em quanto huns pizão, outros se empregão em joeirar o café, a fim de que se limpe da pellicula, arêas, grãos quebrados &c. Depois de joeirado, ou peneirado, leva-se de novo ao sol em balcoens, á imitação dos que nos servimos para secar o assucar.

Tem-se imaginado moinhos de joeirar - mas os que os não tem, fazem como se pratica com o trigo, levantando-o ao ar com pás; outros uzão de grandes peneiras de arame de malhas maiores e menores, e depois de passado por ella, a escolha á mão he men s difficil.

Lança-se o café, mesmo quente, em barricas, e cobre-se com muito cuidado, precaução que ajuda á boa qualidade, fazendo o grão mais rijo, e dando-lhe a côr, de que o sol o havia privado; deixa-se assim 5 ou 6 dias, e depois dá-se-lhe ainda hum dia mais de sol.

Hum dos maiores cuidados, que pede o café he livra-lo da humidade: esta o faz perder todas as suas boas qualidades; e tanto mais ganha, quanto mais seco se conserva.

Os sacos de folhas de palmeira são os melhores para guardar o café tanto pelo seu preço quanto porque atrahem pouca humidade e se se poem duas capas, tanto melhor.

Cumpre não pôr o café nas embarcaçoens em lugares humidos, pois que se sabe o quanto atrahe a humidade, e nem perto de materias cheirosas, pois que não he menor a sua tendencia em adquerir cheiros: assim não se ponha ao pé de cachaça, tabaco, especiarias etc. Miller refere que hum navio vindo da India chegou com toda a carregação

de café perdida , porque vinhão com ella varios sacos de pimenta.

Grande numero de experiencias se tem feito para livrar o café dos cheiros , que attrahe a si , mormente do de marezia , e só a que teve exito feliz foi a de lança-lo em agoa fervendo por alguns minutos e expolo depois ao calor de Sol ardente , ou ao da estufa.

Tudo quanto he a bem da Agricultura ; e que pôde incitar a imitação , desejo que se publique : razão porque refiro o que praticou o Consulado d'Havana , e que vem publicado no correio Mercantil de Hespanha de 23 de Abril de 1797 huma das maiores attenções da Havana (1) foi sempre animar a Agricultura , mormente pelo que pertence aos estabelecimentos pouco consideraveis , porque contribue da maneira mais segura ao augmento e aos progressos tanto da população como da riqueza (2) : elles são o emprego dos colonos , que tem meios limitados para interprehender fabricas tão dispendiosas quanto os engenhos d'assucar etc. Este consideração levou o concelho a tratar com predileção os cultivadores do café desta produção huma das mais preciosas d'America : em consequencia nomeou commissarios que examinassem os meios de animar este ramo de cultura , e reconhecido que , apezar da protecção concedida por El-Rei , esta cultura não avultara quan-

(1) O Consulado d'Havana he ao mesmo tempo tribunal para os negocios contenciosos de commercio , e conselho d'administração para os progressos e melhorações da colonia ; foi creado aos 4 de Abril de 1794 , sendo de las Casas Governador da Ilha de Cuba.

(2) A população da Ilha era de 300 mil habitantes quasi todos indigenas , e quando muito o quinto só de escravos.

to se esperava da fecundidade das terras (3), das vantagens de que gozava no mercado, e dos seus benefícios e falta de direitos, que se lhes haviam concedido; em attenção do que o consulado pensou que se devia attribuir o abandono notavel d'essa cultura á ignorancia, em que se achava geralmente o paiz sobre o methodo, que lhe he mais conveniente, circumstancia que lhe provou que os seus esforços devião tender a aperfeiçoar os methodos e que para este efeito se deveria formar huma escola pratica sustentada pelo Governo: á vista do que prometeo sem interesse algum, e pagaveis em termos commodos, o adiantamento do valor de 10 escravos, ao colono, que cultivasse melhor o café, e tivesse a sua fazenda em estado de servir de escola ou modelo para as outras: portanto hum dos membros foi nomeado para examinar as diversas plantaçoens: ouvida a sua relação, procedeo-se á adjudicação do premio, na sessão de 29 de Março do anno seguinte, e a maioridade de votos foi em favor de

(3) Pretendem que de todas as colonias situadas entre os Tropicos, Cuba, S. Domingos, e Porto Rico são as mais ferteis: todavia se da actividade, que apresenta a vegetação, se do viço, valentia, e formosura das plantas de hum paiz podemos concluir para a sua fertilidade calando o parallello, que dos productos da cultura das Colonias estrangeiras, com mais bem entendidos methodos, mais trabalho etc. podia fazer com o do nosso terreno, recommendo só que visitem o Museo de París, nas Salas consagradas ao Reino vegetal, comparem as mesmas plantas, nascidas em outras Colonias, com as nossas, veção se aquellas podem sustentar a mesma magestade de vegetação: talvez que o demaziado amor da Patria me deslumbrasse, porem gosto de enganar-me, quando em erro, que tem plantas por objecto, tenho por companheiro o nosso insigne Botanico o Abbade Corrêa da Serra.

D. Antonio Roboredo ; a Sociedade Patriótica ajuntou a aquelle premio o de trezentas piastras mais. ,, Não he o valor pecuniario dos premios o que mais incita os homens outros ha que elevão a alma e são mais apreciaveis ainda ; por quantos milhões daria hum General Romano a Coroa de Loiro, que recebia na Capitolio depois do triumpho ? No mesmo Periodico vem o resultado dos trabalhos do dito Roboredo , o capital necessario para estabelecer huma plantação de café , despezas annuaes , que ella exige e beneficios , que produz ; e por achar que vale a pena de ser lido , convido a quem poder obter aquelle periodico que lance as suas vistas sobre o artigo em questão , e quando este escrito filho de huma pena , pobre de idéas , e só rica de Patriotismo , não causar outro bem , ao menos annunciando as obras dos autores , que tem escrito sobre o café , ao mesmo tempo que incita a curiosidade , encaminha-a para se poder satisfazer , o que he sempre hum bem.

H Y D R O G R A P H I A .

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores , que tem feito o giro do mundo , e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero , &c. Por Joaquim Bento da Fonseca. Continuado no N.º 1.º pag. 17.

I L H A G R A N D E D E R O C H A .

LE-se em hum livro intitulado *Descripção Geographica , e Roteiro da Região Austral Magalhânica* , impresso em Madrid pelo Capitão Seixas , que em Maio de 1675 Antonio da Rocha em seu regresso da Ilha do Chilloé (na Costa do Chille) dobrara o Cabo de Horne , e entrara no Oceano

Atlantico Meridional ; porém não se sabe se pelo Estreito de Maire , ou por Leste da terra dos Estados , onde encontrou ventos tempestuosos da parte do Oeste , e correntes rapidas , que o lançarão para Leste de maneira que o impossibilitarão de avistar as terras , que fórmão o Estreito de Magalhães e como já nos fins de Maio se sente o inverno naquelles climas , Rocha principiou a desesperar da sua navegação ; porém estas inquietações cessarão quando hindo mais para avante , descobrio huma terra desconhecida a Leste , e fazendo todos os esforços para se aproximar , ganhou huma bahia , detraz de huma ponta que se estendia para o SE , onde encontrou 28 , 30 , até 40 braças de fundo tença de areia , distinguindo-se para dentro da terra montanhas cobertas de neve. Rocha esteve 14 dias exposto a ventos fortes , e quando aclarou o tempo , reconheceo que tinha fundiado á extremidade daquela terra , descobrindo para o SE , e Sul , mais terras altas , cujos cumes se divisavão cobertos de neve. Por fim huma ligeira briza do SE , permitio o fazer-se á vella , e navegando ao longo da Costa de Oeste da Ilha , deixou as outras terras meridionaes ao SE e ao Sul ; de sorte que o canal lhe pareceo de 10 legoas ; as correntes o levarão com rapidez para o NE , pois no intervallo de hora e meia , que navegou a ENE , se achou fóra da passagem , e fazendo derrota para NO por 24 horas , lhe sobreveio hum vento tempestuoso da direcção do Sul , que o obrigou a correr por tres dias para o Norte até o paralelo de 46.º Sul , onde a tormenta acalmou , e Rocha , julgando-se livre dos perigos , determinou a derrota para a Bahia de todos os Santos , tendo encontrado na latitude de 45.º huma Ilha alta , que elle diz ser muito grande , e de agradável vista , com hum bom porto á parte de Leste , no qual esteve 6 dias para se prover de agoa , lenha , e peixe , sem que visse , durante este tempo ,

habitantes, e nada mais encontrou até largar ancora na Bahia de S. Salvador. He quanto se deduz do diario nautico de Rocha, inserido na dita obra do Capitão Seixas. Quanto á primeira terra, que Rocha vio julga-se ser aquella mesma, que *M. Guyot* reconheceo em 1756, e a que nomeou Ilha de S. Pedro, fixando a sua posição em $54.^{\circ} 20'$ Sul, e $29.^{\circ} 11'$ ao Oriente do Cabo de Horne, isto he, a sua parte mais meridional: *Cook* tambem avistou esta terra, nomeando-a Ilha Georgia e a situou entre os paralelos de $54.^{\circ} 57'$ e $53.^{\circ} 57'$, e os meridianos de $29.^{\circ} 8'$ e $31.^{\circ} 47'$ a Leste do dito Cabo.

A segunda terra, ou *Ilha Grande de Rocha*, todos crem ser a mesma que *Americo Vesputio* descobriu na sua 3.^a viagem em 1502 á qual os Geografos tem assignalado differentes posiçoens em razão de não terem conhecido o diario original deste antigo Navegador. A' vista do exposto, todos os publicadores Hydrographicos tem assentado em collocar a Ilha Grande de Rocha sobre huma posição de conjectura, ou aproximação, isto he, situando-a em o paralelo de $45.^{\circ}$ a 30 legoas para Oest, da primeira terra, que *Rocha* vio.

O Capitão *Cook* na sua primeira viagem, tendo sahido do Rio de Janeiro dirigio a sua derrota de tal fórma, que se affastou pouco da Costa do Brazil, e Magalhanica: por consequência não pôde fazer nenhuma pesquisa relativa ao reconhecimento da Ilha de Rocha, porém o Chefe de Esquadra *La Perouse* fez huma indagação formal, procurando-a por todas as differentes posiçoens, segundo as cartas de maneira que este infortunado navegador deduzio que a Ilha Grande lhe parecia ser como a *Ilha Pepis*, isto he, huma terra fantástica, apezar desta ultima ter sido vista na viagem de *Cowley* em 1683, em posição pouco differente daquella assignalada á Ilha de Rocha: não obstante o referido, parece-me (segundo a minha fraca

intelligencia) que a Ilha Grande existe, pois se pelo diario de Rocha se sabia a existencia daquella Ilha, que Cook reconheceo, e denominou *Georgia*, verificando-se por este modo o credito da obra do Capitão Seixas, segue-se que, sendo a vista daquella Ilha apoiada pela mesma obra, se não pôde duvidar de que exista, e que sómente seja fantastica a sua posição; visto que *Dalrymple*, na sua carta, a situa sobre o meridiano de 8° para Occidente da passagem, donde o Cappitão Rocha principiou a fazer derrota ao NO, e em outras cartas se vê situada a 3° para Oriente do meridiano do Estreito de Rocha: havendo huma differença em posição de perto de 11° : Eu sei que esta não se pôde saber senão por conjectura; porém com menos differença; pois apezar de se não deduzir o sentido do diario do referido Navegador, relativo á distancia, que navegou em as primeiras 24 horas, e se a derrota foi feita pelo rumo do NO, ou no quadrante deste nome, como tambem o não sabermos o rumo, que Rocha seguiu do paralelo de 46° para 45° , onde se diz encontrara a Ilha; com tudo, se a parte do diario inserido na dita obra de Seixas dissesse sómente, que Rocha vira huma Ilha na Latitude de 45° , parecendo-lhe ser alta e grande, poderiamos estar então certos (vista a pesquisa de la Perouse) que Rocha se tinha enganado, tomando por terra alguma nuvem, como por muitas vezes tem succedido; pois sabe-se que nas regioens distantes da Zona Torrida a évaporação do calor do Globo he muito menor, e por consequencia a capa densa do ar, não alcança a muita altura, e que parecendo tocar a sua superficie, retem as nuvens, as quaes não podendo elevar-se cobrem aquellas paragens de huma nevoa ou arrumação quasi perpetua, que conforme as circumstancias se toma por terra; porém nós vemos que o diario diz que não só aquelle navegador, encontrara a Ilha, mas que

fundiara á parte de Leste em huma abra muito boa, na qual estivera 6 dias, logo pelo que fica dito e mesmo pela navegação que os navegadores modernos tem feito para encontrar a Ilha grande, deduzo que esta terra existe e que a sua posição, assim como se conjectura com tanta differença para Oeste na Carta de *M. Dalrymple*, se deve suppôr huma igual differença porém para Leste, visto que o Capitão Rocha navegou por tres dias com ventq tempestuoso, que o obrigara a correr para o Norte, e sómente abonançou no paralelo de 46° pois suppondo que no primeiro dia da sahida do Canal não fizesse mais que 1° em Latitude, fazendo a derrota ao NO, como elle diz, vê-se claramente que no paralelo de 53° he que principiou a correr para o Norte, e não deveria fazer mais caminho por hora que de 5 milhas para chegar á Latitude de 46° . Logo he muito provavel que o Navio, a correr com huma tormenta, fizesse muito mais caminho do que aquella distancia, verificando-se por este modo o sentido de Rocha ser correr para o Norte, mas por huma derrota obliqua no quadrante do NE, não só em razão da variação da Agulha ser na referida paragem muito sensível, e da parte Oriental como tambem porque ainda que o dito navegador seguisse a direcção de N₄NE ou NNE com o temporal, não tinha outra maneira de notar, na sua discripção, a direcção que o Navio tomou, obrigado pela tormenta, senão da fórma que elle se expressa, dizendo se vira obrigado a correr para o Norte; por não estar em uso na pratica analizar os rumos até ás quartas, bem entendido quando se falla em geral de hum acontecimento; e pelo que respeita aos navegadores, que tem procurado esta Ilha devo dizer que sómente de passagem he que o tem feito, e isto por ficar a sua posição nas cartas pouco distante da derrota da Costa do Brazil para os Estreitos de Magalhães, ou de Mai-

re : as indagaçoens que la Perouse fez ; depois que se fez á vella da Abra da Ilha de Santa Catharina , para reconhecer a Ilha Grande , forão feitas com toda a attenção , porém limitarão-se em Meridiano mais occidental daquelle , que eu julgo deveria servir de limite , pois la Perouse principiou a sua indagação no meridiano de 4° para Leste da posição na Ilha na Carta , e navegou para Oest entre os parallelos de 44° e 45° , de sorte que , tendo feito 15° em Longitude , abandonou o projecto de a procurar . Este mesmo navegador tinha premeditado o principiar a procura-la por hum meridiano , não de 4° , como fica referido , mas sim de 10° , porém parece-me que lhe servio de inconveniente o estar a estação já hum pouco avançada não só porque dezejava chegar antes do fim de Janeiro , como porque os ventos occidentaes na Costa Magalhanica são muito frequentes já naquella estação .

Vanconver no regresso da sua viagem da Costa do NO da America , procurou esta Ilha , porém de passaje : eis aqui as suas formais palavras : „ a Ilha Grande de Rocha jáz nas Costas por $45^{\circ} 30'$ de latitude Sul , e $313^{\circ} 20'$ de Longitude ; no dia 4 de Junho de 1795 , achando-me pela Latitude de $46^{\circ} 16'$ e $310^{\circ} 8'$, continuei a navegar com hum vento forte , de sorte que a 5 a Latitude foi de $45^{\circ} 30'$, e $312^{\circ} 55'$ de Longitude : o tempo estava claro , e huma terra , que estivesse de 10 a 20 leguas de distancia , forçosamente se deveria vêr , no dia 6 a Latitude foi de $45^{\circ} 6'$, e a Longitude $314^{\circ} 50'$, e nada se vio , excepto hum grande numero de passaros (o mesmo vio la Perouse) : no dia 7 o mau estado do Velame e Aparelho me constrangeo a abandonar a pesquisa da Ilha Grande . „ . .

A' vista do exposto fica claro que Vanconver não procurou esta Ilha senão no espaço de $4^{\circ} 42'$

de Longitude, e isto suppondo que esta terra possa estar situada por 46° de Latitude, o que he contra toda a probabilidade; e em quanto ao que o mesmo Navegador diz de que humra terra que estivesse a 20 leguas de distancia, forçosamente se deveria vêr, não he em todos os casos visto que do estado da athmosfera e da elevação das terras depende o avistarem-se de mais, ou menos distancia: e eu observo que o Brigue *Chatam* em a mesma expedição de Vancouver descobriu em Novembro de 1791, a ESE do Canal da Rainha Carlota (na Nova Zelandia), e a 120 leguas de distancia, humra Ilha alta da qual o Capitão Cook na sua viagem passou o meridiano pela parte Septentrional a menos de 20 leguas de distancia, e na 3.^a expedição cortou o dito meridiano pela parte meridional a humra igual distancia, sem com tudo perceber signal que indicasse aproximação de terra. Mal suporia Cook que dentro do pequeno triangulo, que o seu Navio descreveo, ficasse humra Ilha bem extensa, bem alta, e bem povoada. Humra igual observação se pôde fazer relativo ao grupo de *Snares*, descoberto pelo mesmo Vancouver a 100 leguas para SO, da Ilha *Chatam*, que elle se admirou de ter escapado á attenção do Capitão Cook, visto que este navegador tinha passado a menos de 11 leguas dos *Snares*. Humra semelhante conclusão se tira das asserçoens deste navegador, pois tendo na segunda viagem penetrado para dentro do Circulo Polar Antartico, e achado impossivel continuar para o Sul, resolveo navegar para o Norte, com a idéa de procurar directamente a terra descoberta em 1772 por *Herguelen*, de sorte que no 1.^o de Fevereiro de 1773, achando-se pela Latitude de $48^{\circ} 30'$ e $58^{\circ} 7'$ de Longitude, e não vendo o menor signal de terra, fez navegar a Leste a tempo que o Capitão *Furieux*, Commandante da *Aventura*, lhes fez signal para passar a

falla, e lhe deo noticia, que elle e toda a tripulação acabavão de vêr hum grande páo de mangue entrelaçado com outros mais pequenos, e hum grande numero de passaros. Isto com effeito he hum signal certo de aproximação de terra, porém como Cook não podia saber se lhe ficava para Leste ou para Oest, projectou fazer 4 até 5° para Occidente, e depois continuar a sua pesquisa para Leste, mas apesar de não poder realizar esta navegação, em razão do máo tempo, com tudo no dia 3, achando-se na Longitude de 60° 47', e supondo que este meridiano era mais Oriental 3°, que aquelle assignalado á Ilha de Herguelen, perdeu as esperanças de descobrir terra a Leste. e em consequencia decidio procura-la para Oest: porém nada encontrou. Agora será necessario reflectir que, na Longitude de 60° 47', Cook fazia-se estar 3° para Leste da terra descoberta em 1772 a tempó que elle jazia 8° para Oest, como o mesmo navegador reconheceo, quando visitou esta terra na viagem seguinte em 1776.

Logo, se os Circumnavegadores da epoca dos Circulos de Reflexão e dos Chronometros, tem circumstancias, que os obrigão a publicar as suas descobertas com tanta differença em posição. não he de admirar que as terras, descobertas pelos navegadores da epoca dos instrumentos de sombra se achem situadas em posição muito differente da que elles publicarão. Por consequencia julgo que para se fazer huma indagação. com que se ponha fim a tantas incertezas, seria necessario que a pesquisa da Ilha Grande fosse feita de premeditação; quero dizer procurando-a do Oest para Leste. que he o que se não tem feito até o presente; e com razão, pois os navegadores, que ficão apontados, ao cortar o paralelo daquella Ilha não querem apartar-se para Leste a procura-la; na razão da frequencia dos ventos Occidentais por aquellas pa-

rajes lhes servir de inconveniente á derrota de tomar sonda da Costa Magalhanica, antes de penetrar o Estreito de Maire. Logo se deve principiar a correr para o Oriente em o meridiano, donde la Perouse começou a navegar para o Occidente, devendo-se abandonar a indagação, logo que pelo paralelo de 45° se tiver chegado a cortar a derrota do Dr. Halley, e a causa de determinar por limite Occidental aquelle Oriental de la Perouse, he porque estou bem certo que para Oest deste ponto, o que aquelle infortunado não achou outro qualquer não póde encontrar. Pelo que respeito ao Dr. Halley, devo dizer para melhor intelligencia, que este Astronomo sahio da Ilha Grande da Costa do Brazil em 1700, e navegou para o Sul até o paralelo de 53° , tendo cortado o paralelo da Ilha Grande de Rocha a 20 leguas para Oest da posição assignalada por *Dalrymple*: o Capitão *Bouvet*, em 1738 fez-se á vela da Ilha de Santa Catharina dirigio a sua navegação ao SE, até encontrar a derrota de *Halley*, de sorte que as duas derrotas destes navegadores, e aquella que descreveo o Capitão *Furieux* quando pela segunda vez se separou de Cook, limitão hum espaço de 320 leguas quadradas, e que até o presente não tem sido trilhado por algum navegador.

MINERALOGIA.

Continuação da Memoria do Dezembargador José Bonifacio de Andrade.

Mina de Buarcos e suas pertenças.

A Mina de Buarcos merece que fallemos della em primeiro lugar por ser o mais antigo estabelecimento dos que hoje existem. A sua historia, que vou em breve delinear, dará mais hum documento irrefragavel das causas, porque tem sido impossivel em Portugal fazer durar, e prosperar estabelecimento algum montanistico.

O seu descobrimento, e primeiros trabalhos, forão devidos a hum Inglez morador na Figueira, quasi nos principios do reinado do Senhor D. José I. de gloriosa memoria; depois mandou lavrar S. M. por sua conta; e por má direcção, e falta de conhecimentos na arte montanistica, ficou abalado e rachado o monte, e alagou-se, e estragou-se a mina; pelo qual motivo ainda hoje sofre esta mina pelas fendas, que abriu no monte; pelas quaes finalmente em 1804 o mar inundou de todo a mina velha. Já então se havia suspendido o trabalho das Ferrarias velhas de Figueiró dos Vinhos.

Em 1785 se fizerão obras grandiosas mas inuteis, galarias, obras de extracção e ventilação, nada aproveitarão; e já em 1802 por falta de espaldamento e escoramentos das escavaçoens estava tudo alagado e desmoronado. O que junto a outras causas fez hesitar se se devia abandonar de todo este estabelecimento; porém pareceu mais acertado emendar e aperfeçoar do que destruir. Foi preciso fazer quasi tudo de novo; maquinas carros, novas bocas de ventilação, carreiras novas de extracção; entulhar galarias velhas, abrir outras novas, fazer bombas para facilitar o esgoto, fazer novas

ferramentas, segundo as regras da arte, desentulhar e fazer novas praças, concertar casas, armazens, telheiros, forno de cal; abrir nova estrada para a Figueira; e por fim aproveitar e reduzir a cultura as terras da charneca que em 1789 tinha comprado a Rainha Nossa Senhora, e jazias inutilizadas, bem que para o sustento dos bois da Mina se gastassem por anno dois contos de reis. O resultado destes trabalhos foi exportar-se para Lisboa em Setembro de 1803 hum grande numero de pipas de carvão, de que havia 5 annos não se extrahia hum grão.

Suspendidos estes trabalhos em Janeiro de 1804, ficou a mina abandonada até Setembro do mesmo anno e tudo se arruinou, e destruiu, de maneira que em Novembro fez o mar hum rombo por huma das fendas antigas, de que já falei, e mallogrou todos os meus trabalhos. A Administração pecuniaria deste estabelecimento, na fórma do Real Decreto de 4 de Maio de 1804, havia passado á Direcção da Fabrica das Sedas, e Obra de Agoas Livres.

Não perdi o animo; comecei de novo em 1805 a fazer novas pesquisas ao Sul e ao Norte da mina velha alagada para descobrir os vicios, e por-me a salvo da inundação. Trabalhei anno e meio; e por fim tive o gosto de abrir huma nova mina com duas bocas, huma grande praça, cavada no monte para assentar as maquinas, e pôr o carvão extrahido, tudo livre dos insultos do mar, e da communição da mina velha. Achei carvão tão bom, como o melhor de Inglaterra, que pôde ser ganhado e extrahido com pouca despeza por ter parado o esgoto das agoas.

Passemos á natureza dos bancos, e ao que pôde ministrar a mina nova. O carvão de pedra na mina de Buarcos acha-se em seis differentes camadas ou veios, que se dirigem na hora 3 da agulha do mineiro, isto he de Nordeste a Sudoeste, e se

Além destes lucros he preciso tambem admittir em linha de conta o que renderá o forno de cal, e a fabrica de tijolo ; e se se acabar a fabrica de vitriolo , igualmente o que dará este estabelecimento , de que ha tanta falta no Reino. A lavoura das terras paga os amanhos , e sustenta o gado da mina que tambem serve para a mesma lavoura. Não entro na miudeza destes estabelecimentos , porque já fallei delles em outro lugar.

Tenho mostrado a grande utilidade e proveito, que pôde dar esta mina , mas tudo será baldado , se o seu carvão não tiver consumo e sahida certa; As providencias , que se podem dar para este fim , são as seguintes : 1.º Que S. A. R. ceda da sua marinha dois hiates á administração das Minas , os quaes se empregarão no transporte do carvão para Lisboa , e para o Porto , e do Porto para Lisboa : 2.º Deve haver hum armazem Real em Lisboa , onde se descarreguem e vendão os productos das minas ; como carvão , ferro tijolo , &c. Estas duas providencias já estavam dadas antes da retirada de S. A. , e nomeado hum negociante para commissario : 3.º Continuarem debaixo da Administração das minas , os Fornos de cal da Lapa da Moura , vendendo-se a sua cal ou á Administração das obras publicas , ou aos particulares ; porque este estabelecimento dá muito lucro ás minas de carvão , como mostrarei depois : 4.º Insinuar-se aos distilladores de agoardente das fabricas de Lavos , que destillem com carvão de pedra , e construaõ novas fornalhas , vedando-se deste modo o estrago , que tem feito nas lenhas d'aquele districto , que vão faltando absolutamente , e para isto devem estar seguros os fabricantes de que a Companhia do Alto Douro não poderá estender os seus privilegios além do Mondego : 5.º que a Companhia do Porto destille com carvão de pedra , e não lenha , e use do de Buarcos misturado com o do Porto na sua fabrica dos arcos de ferro . e

nas forjas das obras da Barra e estradas, como igualmente nos seus fornos de cal: 6.º que nas saboarias, fornos de cal de Lisboa, tinturarias, fabricas de refinar assucar, e outras, não se use senão do nosso carvão de pedra: 7.º que nos Arcenaes Reaes do Exercito e Marinha, e nas Fabricas Reaes de Polvora em Barcarena e Alcantara se introduza de novo o uso do nosso carvão, como se praticava no tempo do Tenente General Bartholomeu da Costa: 8.º que em vez de lenha se subministre carvão de pedra aos quartéis dos Soldados e navios Reaes, construindo-se para isso as competentes fornalhas: o que tambem se praticará nos Hospitaes Reaes e Publicos: 9.º que os fornos de cozer pão para a tropa usem do nosso carvão de pedra, construindo-se novos á Ingleza, para o que darei os riscos necessarios: 1.º Que a Junta do Commercio não dê licença, nem privilegio novo, nem renove os antigos ás fabricas, que gastão combustivel, sem a obrigação expressa de usarem do nosso carvão.

Para dar sahida ao tijolo da Real Fabrica de Buarcos hajão as Adinistraçoens das Agoas Livres e Obras Publicas de lhe darem consumo por hum preço estabelecido e arrezoado.

Lembrei acima os lucros que pôdem dar os fornos de cal da Lapa de Moura, agora os demonstrarei melhor pelo seguinte orçamento.

Despezas	99	680
Producto — Hum forno de cal gastando 5 pipas e meia de carvão e 84 carradas de pedra (como se suppoz no orçamento acima) produz pelo menos 84 moios de cal, que a 1800 reis o moio importa	151	200
Lucro liquido de hum forno por Semana	51	520

Ora demos que não trabalhe hum forno por anno senão 45 Semanas, temos de lucro annual 2:318 400 reis. Mas he de notar que naquelle estabelecimento da Lapa de Moura ha tres fornos,

que pôdem trabalhar ao mesmo tempo; e então se poderá dar a cal com muito lucro a menos de 1600 reis o moio.

Fabrica de ferro da foz do Alge. e suas pertenças.

A mineração, e fabrico do ferro, como já disse na Introducção, foi muito extensa nestes reinos: ainda em tempo dos Senhores D. João III e D. Sebastião se tirava muito ferro na Villa de Pênela, como diz Duarte Nunes de Leão, e de huma Carta Regia do Senhor D. João III, escrita ao Desembargador Luiz de Azevedo, Corregedor de Moncorvo, consta que naquella Villa, e na de Ouva e seus termos se minava muito ferro, e havia mais de 50 forjas, que trabalhavão de continuo, e porque os Mineiros não pagavão cousa alguma á Fazenda, nem tinhão o ferro por direito Real, o dito Corregedor os condemnou a 8 coroas por pessoa segundo o regimento antigo da Fazenda. Estes e outros estabelecimentos porém acabarão no tempo dos Filippes. Pela gloriosa acclamação do Senhor Rei D. João o IV a falta, que havia no Reino de balla, artilharia, ferro em barra e verga, e pregaria, obrigou o mesmo Senhor a mandar estabelecer de novo as Ferrarias de Thomar e Figueiró dos Vinhos, para as quaes deu regimentos em Outubro de 1654 e em 1687; e por fim o Senhor D. Pedro II outro novo em 1692. Foi nomeado Superintendente Francisco Dufour, Official Francez, que servia no exercito do Alemtejo, a quem succedeu Pedro Dufour seu filho em 1667, o qual fez vir de França por contrato 4 mestres para os engenhos, que havia hum em Thomar no sitio do Prado, e outro na Machuca termo do Avella. O Senhor Rei D. Pedro II mandou construir outro novo na Foz do Alge, lugar que aproveitei para a

nova fabrica, que S. A. mandou erigir pelo Alvará de 30 de Janeiro de 1802. Morto Pedro Dufour passou a Superintendencia para os Corregedores e Provedores da Villa de Thomar, e forão definando as Fabricas até 1761, em que de todo cessarão. Acabarão pois essas fabricas, e se arruinarão de todo.

Em 1802 principiou-se com muito fogo a trabalhar outra vez em tão importante estabelecimento; mas logo em Setembro de 1803 tudo parou, e tudo principiou a arruinar-se até Agosto de 1804, em que de novo se derão alguns soccorros.

Muito custou a dar com o verdadeiro methodo de fusão, e de refino por causa da natureza dos mineraes de ferro e do combustivel que era carvão de cepa; mas conseguiu-se fazer hum milagre em Metallurgia, e he fundir-se ferro com cepa rachada em vez de carvão, e refina-lo em barra pelo mesmo modo, poupando-se desta maneira muito em jornaes, e combustivel. De mineral de ferro ha hum grande abundancia por aquelles sitios e de cepa igualmente, alem de muitos pinhaes, carvalhos sobros, e castanheiros, que tem o districto.

Segundo a experiencia das fundiçoens, que se fizerão e das despezas dos refinos, vem a ser os gastos necessarios os seguintes:

Ordenados	1:080\$000
Despezas dos 3 refinos	2:312\$000
Ditas de fundição	4:206\$600
	<hr/>
Total	7:598\$600
Productos	13:260\$000
Lucro	5:661\$400

Para realisarmos este lucro he preciso acabar dois refinos, em que se gastará pouco mais ou menos, 650\$ reis. Quando se queirão construir mais refinos, e trabalhar com a 2.^a fornaça, havendo os avanços necessarios, então duplicará o lucro.

Deste orçamento, que he o mais desfavoravel; que se póde fazer para a Fabrica e fundado nas despezas, que se fizerão em tempos de provas e do ensino dos Officiaes, ainda estrangeiros, dos quaes a muitos faltava a pericia pratica destes trabalhos, se vê o quanto perderia o Estado, se devesse parar esta Fabrica. Demais, ainda quando a Fabrica não desse lucro algum devião sustentar-se, e ampliar taes estabelecimentos, principalmente nas 5 fornaças de ferro, como esta da foz d'Alge, e seus competentes refinos, teremos todo o ferro preciso para Portugal e suas Colonias, e poderemos alimentar muitas fabricas de pregaria espingardaria, e outras, de que tanto precisamos, pois que ha muito mineral de ferro em todas as Provincias, especialmente em Tras os Montes, Beiras, e Estremadura Alta, com muitas lenhas e cepa e boas localidades. Não causa lastima o ver que em 1801 levarão-nos os estrangeiros só em metaes em barra, e obras, e em carvão de pedra, ácima de 30 milhoens de cruzados?

E porque razão se suspenderá o trabalho da fabrica? Porque tem gastado cabedaes? Estes forão precisos para levantar, e crear este bello estabelecimento, e muita parte consumirão os ordenados de homens, que vindos de fora para outros estabelecimentos, que se projectavão, e que não se fizeram, carregarão sobre o cofre das ferrarias, os quaes agora cessão porque muitos destes estrangeiros tem partido, e partirão para o Brazil.

Os Ordenados, que se pôdem poupar, se reduzem em somma a 1:890⁰⁰⁰ reis, despezas inuteis, e que as circunstancias tornarão forçosas.

Tenho exposto todas as economias, que se pôdem praticar na administração desta fabrica; e espero o Governo protegerá hum tão bello estabelecimento, para que não inutilise sem motivo tantas despezas: agora só me resta lembrar algumas pro-

videncias, que se devem dar para conservação e manutenção da fabrica. Além de se ministrarem os cabedaes necessários para o costeio de hum anno, deve o Governo ordenar que todo o ferro forjado seja com preferencia comprado pelos Arcenae Reaes do Exercito, e Marinha e pela Administração das Obras Publicas; pagando-se porém indefectivamente o seu importe, para que não faltem nos annos seguintes os cabedaes necessários: 2.º Que do Arcenal Real do Exercito vão para Figueiró dos vinhos, como já S. A. R. tinha determinado, 2 Mestres Moldadores para aprontarem as formas necessárias de panellas, cassarolas, fogaens, &c; pois que este artigo de ferro coado he tão preciso a Portugal, como lucroso á nossa Fabrica.

Continuar-se-ha.

L I T T E R A T U R A.

Continuação das Maximas, Pensamentos, e Reflexoens Moraes. Por hum Brasileiro.

Nosce te ipsum.

O Nosso amor proprio argúe de soberbos aquelles, que o não lisongeão.

A riqueza do avarento, transmittida ao prodigo, se assemelha ao fogo de artificio: leva muito tempo a fazer-se, consome-se em pouco, e diverte a muita gente.

A pezar da extincção do Paganismo ainda ha muita gente, que adora a Deoza Fortuna.

Os ricos e poderosos raras vezes se esquecem

do que valem e somos tão avaros em louvar os outros homens, que cada hum delles se crê authorisado a louvar-se a si proprio.

A vaidade não he menos benefica do que a virtude; ainda que sejam diversos os motivos e fins da sua beneficencia.

O avaro por hum máo calculo soffre de presente os males que recêa no futuro.

Há muitos homens que se estimão porque se não conhecem péfeitamente.

Raras vezes o prazer da posse e da fruição corresponde á expectativa e alacridade dos nossos desejos e esperanças.

Há pessoas que affectão desprezar a morte, para occultar o horror, que ella lhes causa.

A civilidade he a arte de encobrir o nosso amor proprio e lisongear o dos outros.

Nenhum tempo, e nenhum lugar nos agrada tanto como o tempo que não existe, e o lugar em que não estamos.

O nosso bom, ou máo procedimento he o nosso melhor amigo, ou peor inimigo.

O homem máo não conhece os seus verdadeiros interesses.

A economia com o trabalho he huma rica e preciosa mina de ouro.

A amizade a mais perfeita, e a mais duravel he aquella, que contrahimos com o nosso interesse.

Ninguem avalia tão caro o nosso merecimento como o nosso amor proprio.

Há pessoas, que dizem mal de tudo por inculcar que prestão para muito.

São falsos quasi sempre os nossos juizos, quando as nossas paixoes os determinão.

Os Legisladores não legislarão contra a avareza. Que penas podião cominar ao avaro, que excessessem ás que elle voluntariamente soffre pelo seu vicio?

Mentem mais os nossos gestos, semblante e maneiras, que a mesma lingua.

Somos impellidos pelo amor proprio a dar grande importancia ao que nos pertence, e diz respeito, sem considerarmos, que os outros homens nada curão dos nossos interesses, senão em relação ás vantagens, que podem resultar para os seus proprios.

O coração do homem he hum corpo, em que brotão, simultanea ou successivamente, sentimentos de heroes, e de lacaios.

A sabedoria he reputada geralmente pobre; porque se não podem ver os seus thesouros.

Há homens, cuja actividade he semelhante á dos macacos, importuna, desordenada, e ruinosa. Elles trabalham, e se fadigão incessantemente em damno alheio, e seu proveito proprio.

O avarento acha tanto prazer em não gastar, como o prodigo em dispendir.

O meio mais efficaç de medrar no Mundo, e agradar aos outros homens consiste em identificar-nos com elles, affectando esquecer-nos de nós, e parecer, que só nos occupamos da sua ventura, quando tudo referimos ao nosso interesse.

Somos tão indulgentes com as pessoas, que amamos, como austeros e crueis com aquellas, que aborrecemos. Perdoamos tudo a huns, e nada os outros. O nosso amor proprio absolve, e condemna, segundo os seus sentimentos.

Assim como no mundo physico os fluidos penetração e dissolvem os solidos, igualmente no mundo moral o geito rende e subjuga a força.

O homem douto e erudito he semelhante a hum cofre cheio de moedas antigas e modernas, entre as quaes há muitas falsas, e cerceadas.

Por muito sagaz que seja o nosso amor proprio, a lisonja quasi sempre o engana.

Há homens tão corrompidos e velhacos, que

julgando os outros por si, se tornão incredulos sobre a existencia da probidade em alguém.

O nosso amor proprio nos ensina a lisongear o dos outros.

Muitas vezes sacrificamos o nosso amor proprio nas aras do nosso interesse.

*Apotheosis Poetica ao Illustrissimo e Excellentissimo
 Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza, Vice-Rei
 e Capitão General de Mar, e Terra do Brazil &c.
 Canção offerecida no dia 10 de Outubro de 1785.
 Por Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Profes-
 sor Regio de Rethorica, na Capital do Rio de Ja-
 neiro.*

E Gregia flor da Lusitana Gente,
 Nobre inveja estranha,
 De antigos Reis preclaro descendente,
 Luiz, a quem se humilha quanto banha
 Do Grão Tridente o largo Senhorio,
 Desde o Amazonio até o Argenteo Rio.

Em quanto concedeis repouso breve
 A's redeas do Governo,
 Ouvi a Muza, que a levar se atreve,
 Ao som da lyra d'ouro em canto eterno,
 O Nome vosso a ser brilhante estrella,
 Onde habita immortal a Gloria bella.

Só ás Filhas do Ceo foi concedido
 Do Lethes frio, e lasso.
 Os Heroes libertar; calca atrevido
 Tempo devorador com lento passo,
 Tudo quanto os mortaes edificarão;
 Nem deixa os eccos das acções, que obrarão.

Receba o vasto Mar no curvo seio
 Os marmores talhados ;
 O amoroso Delfim , o Tritão feio
 Respeitem temerosos , e admirados
 A moralha , onde Thetis quebra a furia ,
 Do maritimo Jove eterna injuria.

Ao ar se elevê a Torre magestosa
 Thesouro amplo , profundo
 Das riquezas , que envia a populosa
 Europa , e Asia grande ao Novo Mundo ;
 Por quem soberbo , ó Rio , ao mar te assomas ,
 Tu , que do mez primeiro o nome tomas.

Lago triste , e mortal , no abismo esconda
 Pestifero veneno ;
 E o leito , onde dormia a esteril onda ,
 Produza os bosques , e os Jardins amenos ,
 Que adornando os fresquissimos lugares
 Dem sombra á terra , e dem perfume aos ares.

O vosso invicto braço os bons proteja ,
 E os soberbos opprima :
 Modelo sempre illustre em vós se veja
 D'alma grande , a quem bella gloria anima ;
 Regendo o sceptro respeitado , e brando ;
 Digno da mão , que vos confia o Mando.

Os justos premios de emula Virtude
 Da vossa mão excitem
 Ao nobre , ao generoso , ao fraco , e rude :
 As Artes venturosas resuscitem ;
 E achando em vós hum inclito Mecenas
 Nada inyejem de Roma , nem de Athenas.

A paz , a doce paz contemple alegre
As Marciaes bandeiras :
Prudente , e justo o vosso arbitrio regre ,
E firme a sorte de Nações vintearas ;
Derramando por tantos meios novos
A ditosa abundancia sobre os Povos.

Crêsça a prospera industria , que alimenta
Os solidos thesouros :
O ocio torpe , e a Ambição violenta
Fujão com funestissimos agoiros ;
Fuja a ceja Impiedade ; e por castigo
Negue-lhe o Mar , negue-lhe a terra abrigo.

Acções famosas de louvor mais dignas ,
Que as de Cezar , e Mario !
Vós não seréis ludibrio das malignas
Revoluções do tempo iniquo e vario :
Que as bellas Muzas , para eterno exemplo ,
Já vos consagrão no Apollineo Templo.

Lá se erige mais solida columna
Que o marmore de Paros ;
E longe dos teus golpes , ó Fortuna
Lá vive a imagem dos Heroes preclaros :
Assim respeita o tempo os nomes bellos
De Scipiões , de Emílios , de Marçellos.

Entre estes vejo o Achilles Luzitano ,
Que prodigo da vida ,
Foi o açoite do barbaro Africano ,
E exemplo raro d'alma esclarecida ,
De que são testemunhas nunca mortas
D' Ourique o campo , de Lisboa as portas .

O grande Vasconcellos vejo armado ,
 Que arranca , e despedaça
 O alheio ferreo jugo ensanguentado ;
 E soberbos Leões forte ameaça ;
 Da guerra o raio foi , da paz o leme ;
 America inda o chora , Espanha o teme.

Quem he , o que entre todos se assignala
 No provido conselho ?
 E no valor , e na prudencia iguala
 Da antiga Pilos o famoso velho ?
 He Pedro , que com hombros de diamante
 Foi de hum , e de outro Ceo robusto Atlante.

Mas que lugar glorioso vos espera
 Apar de taes maiores ,
 Inclito Heroe , na scintillante esfera ?
 Eu vejo o Busto , que entre resplandores
 As virtudes , e as Muzas vos levantão
 Ao som dos hymnos que alternadas cantão.

Luiz , Luiz a abobeda celeste
 Por toda a parte sôa ;
 E tu , Clio , tu que lhe teceste
 Com a propria mão a nitida coroa ,
 A voz levantas , entornando as Graças
 O nectar generoso em aureas taças.

Delicias dos humanos , clara fonte
 De justiça , e piedade ,
 Não sentirás do pallido Acheronte
 Ferreo somno , nem densa escuridade ,
 Cantou a Muza : a inveja se devora ,
 E o tempo quebra a foice cortadora.

Então, d'entre segredos tenebrosos
Erguendo o braço augusto,
Que vio nascer os Orbes luminosos,
Dá vida a Eternidade ao novo Busto:
Hum chuveiro de luz sobre elle desce
E nova Estrella aos homens apparece.

Astro benigno! Eu te offereço a Lyra,
De louros enramada;
Recebe ella já voa, e sobe, e gira,
Rompendo os ares d'esplendor cercada;
Já Satellite adorna o Firmamento,
É te acompanha lá no Ethereo Assento.

Canção, quanto te invejo!
Vai, e ao feliz habitador do Tejo
Canta que a nova Estrella,
Banhada em luzes da Rainha Augusta,
Reflecte ao novo Mundo a Imagem della.

A ausencia de Armia.

R O N D Ó.

O Campo viçoso,
De flores juncado,
Em si esmaltado
O riso trazia.

Agora despido
Sem fresca verdura,
Só pinta a amargura,
Retrata a agonia.

Pergunta-se a causa?
Ausentou-se Armia.

O rio engrossava
Em água abundante,
Soberbo, arrogante
Das margens sahia.

Agora em segredo
Mofino já corre,
Parece que morre
A sua alegria.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

O gádo formoso
Alegre brincava,
Ligeiro buscava
A relva macia.

Agora espantado
Nos montes errando,
Tristonho balando,
Pavor desafia.

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

As setas funestas
Lançava Cupido,
Nem Paphos, nem Gnido
Mais ledo o não via.

Agora encerrado.
Em ermo retiro,
Saudoso suspiro
Aos ares envia,

Perguntas a causa?
Ausentou-se Armia.

Zombava da sorte
 Elmano ditoso .
 No seio mimoso
 O prazer bebia.

Agora aos suspiros
 Succedem os ais ,
 Em ancias fataes
 Aborrece o dia.

Perguntas a causa ?
 Ausentou-se Armia.

Ha pouco de hum bem ,
 Que adora constante ,
 O bello semblante
 O gosto infundia.

Agora em tormentos
 Exhalando a vida ,
 A morte convida ,
 A morte tardia.

Perguntas a causa ?
 Ausentou-se Armia.

Elmano Bahiense.

*Descripção de huma tormenta. Por B.****

*D'un tonnerre éloigné le bruit s'est fait entendre
 Les flots en ont frémi, l'air en est ebranlé.*

Poem. das Estações por Lambert.

QUAes na Campina os olhos alongando
 Apoz montes , montanhas sobranceiras ,
 Surgir cuidamos , terminando o espaço ;
 Surge das ondas triplicado manto ,
 Hediondos monstros finge , e desdobrado ,

A abobada celeste inteira obumbra.
 Com rosto merencorio repellindo
 Os abraços de Thetis baixa Phebo,
 E a torva claridade, que promete
 Medonha noite, com seus raios morre.
 De envergonhadas somem-se as estrellas,
 Das trevas na espessura insulto achando
 O scintillar, que os Ceos abrilhantára.
 Aquilo atraído sopra escasso:
 No ar as nuvens já rotas pelejão:
 Largas as vagas ponderosas rolão:
 Ao longe muge o mar, o trovão ronca,
 E sobre o negro azul do mobil campo
 D'arrebentadas ondas ferve a espuma.
 O relampago os olhos fere e offusca,
 E das trevas o lucto mais negreja.
 Sibilla, zune pela enxarcia o vento:
 Já nil boiantes serras se atropelão,
 Huns sobr' outros relampagos se abração,
 Os ares ardem, os trovões rimbombão;
 Ao rude embate das pejudas nuvens,
 Dos rotos bojos os coriscos saltão.
 A chuva em catadupas se despenha,
 Embravecido o vento, e o mar rebramão.
 Qual o volátil povo que repouza
 Nas tenras hastes que meneia o vento,
 Balança a antena a nautica companha.
 D'ambos os bôrdos rotas as escotas
 Com furia açoita o ar farpada vella.
 Estático ante a morte o nauta espera,
 Da morte o aspecto augmenta o amor da vida.
 Com voz forçada o animo releva
 Dos abatidos socios ao trabalho.
 Da encapelada vaga ao rude encontro
 O bordo inclina, estoirão as enxarcias.
 Qual dos ventos batido anoso roble,
 Do cimo da montanha derribado,
 Mostra a raiz ao Ceo, o masto tomba.

Da liquida montanha o pezo ingente
 Com surdo estrondo no convez baqueia :
 Qual esteira a roqueira , assim quebrando.
 Da nave no costado , a vaga estruge ;
 Co' impeto o ar , tremendo a quilha sulca.
 Este ao machado corre aquelle a bomba ;
 Todos aos Ceos a voz , e as mãos levantão .
 Aos Ceos , seguro e ultimo refugio.
 Amigo do infeliz , o Ceo o escuta ,
 A esperança o sustenta. Pouco , a pouco
 O véo caliginoso levantando ,
 Da bonança desponta a leda face.
 Já não bramem as ondas , já se aplanão :
 Surdo rola o trovão , fuzila a espaços :
 Aquilo fatigado a furia quebra.
 Desprendidas da verga as velas descem.
 Já do animo cahe da Morte o pezo ,
 Traz aos rostos a cor o livre sangue ,
 A' boca , aos olhos a alegria vôa ,
 Liberto o coração dos nós do medo ;
 E os nautas , entregando os lassos membros
 No somno , da fadiga refocillão.

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo sobre a introdução das Artes no Reino que escreveu sendo Enviado na Corte de Paris no anno de 1675.

DIZ-me V. M. que está lastimoso o Commercio do Reino, porque as nossas mercadorias (por falta de valor) não tem saca; e que os Estrangeiros para se pagarem das que metem no Reino, levão o dinheiro: mal he este, que pede remedio prompto; porque, se continúa, perder-se-hão as conquistas, e o Reino: as conquistas, porque a sua conservação he dependente do valor dos fructos, que nellas se cultivão; e se não tem valor, não tem gasto; nem se podem commutar pelo infinito numero de generos, de que os moradores dellas necessitão: o Reino, porque o dinheiro he o sangue das Republicas, e succede no corpo politico com a falta de dinheiro o mesmo, que succede no corpo phisycos com a falta de sangue: sem dinheiro, e sem commercio poderão viver os homens mas da mesma sorte que vivem os Indios no Brazil, e os Negros em Africa, dos fructos rusticos, e naturaes; mas sem sociedade civil, que he o que os distingue das feras? Estes principios não necessitão de prova; passemos de examinar a natureza do mal, á dos remedios. Dizem os Politicos, que o mal procede do luxo, e das modas introduzidas no Reino, dos gastos superfluos da Nobreza nos vestidos nos adornos das casas, nas carroças, e no excessivo numero dos criados; e que praticando as Leis Sumptuarias, as prohibiçoens, e pragmaticas contra os gastos superfluos, não meterão os estrangeiros no Reino mais que o necessario e não sahirá do Reino o muito dinheiro, que por aquelle cano sai continuamente. He muito boa razão

ésta ; e foi praticado em todos os Reinos e Republicas bem governadas : he doutrina derivada das fontes de Platão , e Aristoteles : seguida e approvada de todos os Autores ; e sobre que se fundarão varias Leis , que achamos no Direito Civil .

A Ley Papia regulava em Roma as cores , que as Damas honestas podião vestir , e taxavão a quantidade de ouro , com que se podião adornar . A Ley Fabia limitava o custo dos banquetes ; e a Ley Familia o numero dos pratos ; com pena pella transgressão , não só a quem convidava , mas aos convidados . A Ley Julia ordenava que senão fechassem as portas e as janellas das cazas , em que se davão os banquetes , para que pudessem ser vistos e examinados dos Censores ; cujo supremo Tribunal foi creado para a execução das Leis Sumptuarias . He conveniente e justo que se pratiquem entre nós ; mas o nosso mal he de qualidade , que não basta este remedio . Dizem os mercadores que procede este mal dos excessivos direitos , que tem nas nossas Alfandegas as drogas do Brazil ; e ainda as do Reino , que os Estrangeiros levão ; e argumentão desta sorte : os Estrangeiros não ganhão nos generos que levão de Portugal , senão nos que metem ; e hão de pagar-se delles ou em fazendas , ou em dinheiro : e sendo certo que perdem nas fazendas , e no dinheiro . he tambem certo que levão aquillo em que menos perdem ; e que levão o dinheiro porque perdem menos nelle : com que se se abaixassem os direitos nas Alfandegas , perderião menos nas fazendas , que no dinheiro : e esta razão he muito boa porque he certo , que se os mercadores perdem por exemplo vinte e cinco por cento no dinheiro , e vinte e quatro nas fazendas , hão de levar antes as fazendas , que o dinheiro . Não reprovoy esta razão antes me parece digna de se executar ; mas tenho por certo , que não procede o mal deste principio , e ambos estes remedios não

servirão mais, do que de entreter o achaque sem o curar: cortaremos os troneos, mas como fica a raiz, ha de produzir os mesmos effeitos.

Communmente gritão todos que se executem as Leis, que prohibem a saca do dinheiro; que se visitem as Nãos que sahem do Reino; que se castiguem capitalmente os culpados neste delicto; mas este remedio he inutil; a experiencia o tem mostrado assim, e a razão o mostra; porque os mercadores estrangeiros hão de pagar-se, ou em fazendas, ou em dinheiro, e se estas fazendas não bastão (como provarei), hão de levar o dinheiro, apesar de todas as prohibições e de todas as deligencias, e castigos: e daqui nasce que deste unico remedio não faço nenhum caso.

O primeiro remedio das Leis sumptuarias curarão o mal se o dinheiro, que nos levão, fora só o pagamento do que nos metem superfluo; mas como he certo, que não he só do superfluo, mas do necessario, não são aquellas Leis o remedio do mal: além de que, que Leis destas vemos observadas? Se a vaidade dos homens se curára facil execução terião aquellas Leis; mas como he quasi impossivel aquella execução, esta he a razão porque Tiberio (no Senado) reprovava a publicação das Leis, que só servião de descobrir a impotencia das Leis, contra aquelle vicio de muitos annos introduzido, como refere Tacito.

O segundo remedio de abaixar os direitos nas Alfandegas, e o preço das drogas do Brazil, he remedio, que curaria o mal, se as drogas do Brazil fossem bastantes para pagar aos estrangeiros o preço de todas as fazendas que recebemos delles; como por exemplo; se recebemos oito milhoens, e temos quatro que dar em troco, necessariamente havemos de pagar o resto em dinheiro: não he com tudó para desprezar este meio, por duas razões: 1.^a porque, se os estrangeiros perdem mais

em levar fazendas, que em levar dinheiro, como affirmão os homens de negocio; levárão menos em dinheiro tudo o que levassem mais em fazendas, e drogas. A 2.^a razão, he porque a falta de saca de nossos assucares, não procede só da carestia delles; mas das fabricas, que os Inglezes, Holandezes, e Francezes tem nas Ilhas da America; e a diminuição dos preços dos nossos junta com a sua bondade, lhe facilitava a saca, sendo o seu vil, e custozo; e por esta razão ouvi a muitos mercadores estrangeiros, que por facilitarem o gasto dos seus assucares, os misturavão com os nossos.

C A P I T U L O 1.º

Qual he a causa da saca do dinheiro do Reino.

O Commercio se faz ou por permutação ou por compra, e venda, trocando fazendas e fructos, por fructos e fazendas; ou pagando a dinheiro. Deste principio sabido em direito, se seguem tres estados de commercio, o 1.º rico; 2.º mediocre; 3.º pobre: O rico he quando hum Reino tem mais fazendas, que dar, de que os outros necessitão, do que tem necessidade de receber; porque pello valor, em que excedem as fazendas, e fructos, que dá ás que ha de receber, necessariamente recebe dinheiro. O mediocre he quando tem fazendas, e fructos, que dar em igual valor, aos que recebe; porque nem se empobrece dando dinheiro, nem se enriquece recebendo-o. O pobre he quando necessita de mais fazendas para dar; porque necessariamente paga o excesso a dinheiro.

Nós estamos neste 3.º estado de commercio, e esta he a unica causa, porque os estrangeiros tirão o dinheiro do Reino. Elles o confessão assim. O Marquez Durazo, Rezidente de Genova em

Paris, me disse que o seu commercio com Portugal se perdia; porque metendo em sedas, papel, e outros generos muitas fazendas, tiravão em assucars e tabacos em maior quantidade do que podião gastar; donde se segue terem os armazens cheios destes generos e se vendião em Genova a mais baixo preço do que em Portugal; o que os obrigava a levar dinheiro, com risco de lhes ser tomado pelas nossas prohibicoens.

Os Inglezes só em tres generos de baetas pannos, e meias de seda e lan (deixando outros de menos conta) metem no Reino huma fazenda inestimavel: só em meias de seda me disse hum Inglez pratico, que gastava Portugal oitenta mil pares; que a quatro cruzados cada par fazem trezentos e vinte mil cruzados. O que tirão do Reino são azeites (que tambem tirão da Italia), sal, (suposto que do de França se servem para o uzo commum das cozinhas, e mezas) fructa de espinho; assucar, (aiada que com pouca conta pelo muito que fabricão nas suas Colonias da America) tabaco com a mesma pouca conta, porque o cultivão nas mesmas Colonias; pão brazil, e outras couzas de menos consideração: dizem que tudo o que tirão lhe não paga duas partes do valor, do que metem; e daqui se segue, que não sai Não Ingleza do Porto de Lisboa; sem levar grande somma de dinheiro. Os Francezes metem grande numero de fazendas, como são tafetás, estôfos de seda, e lan. Sarmezão he huma Ilha junto a Ar-rochélla, aonde se fabricão sarjas, e estamenhas, vivendo deste trabalho mais de dez mil pessoas; e toda a saca he para Portugal; chapeos, e fitas de toda a sorte, em quantidade incrível; e chega isto a tanto, que até aos nossos alfaiates, e çapateiros tirão o sustento, mandando capotes, e vestidos feitos; talins, botas; e até saltos de çapatos. Deixo hum numero de bagatellas, de que não he a me-

nor as obras de pedras falsas, cabelleiras, relógios, espelhos e outras. Tirão de Portugal pão brazil, assucar, e tabaco, com a mesma pouca conta que os Inglezes; algum azeite (porque tem muito em Languedoc e Proença), lans (particularmente depois da guerra com Castella), e outras couzas de menos conta, como são fructas de espinho cheiros, madeiras do Brazil, doce da Ilha da Madeira, marfim, sumagre (que tambem he boa droga para outras partes). Elles mesmos dizem, que tirão algumas couzas mais por necessidade, que por interesse, não lhes sendo possível tirar dinheiro por tudo; e me consta, que não vem embarcação, nem se retira Francez de Lisboa, sem trazer a maior parte do seu cabedal em dinheiro. Há poucos mezes que desembarcou hum na Arrochella, e levando á Alfandega algumas caixas de assucar tirou de huma dellas, á vista de todos os Officiaes, vinte mil cruzados em dinheiro.

Hollanda Suecia e Amburgo metem em dinheiro todas as couzas necessarias para a fabrica das Náos; como são Polvora, Ballas, Ferro, Bronze, Cobre, e todas as obras de Arame. Hollanda introduz grande quantidade de Sarjas, Estamenhas, Duquezas (particularmente da Corgran), e o que mais lastima, as drogas da India; e tendo não as melhores madeiras do Mundo, de lá nos vem huma grande quantidade de fabricas de madeira, como almarios, e contadores; e pela sua mão temos as armaçoens de Flandes as pinturas, e outros communs adornos das Cazas: de couzas que servem ao sustento nos metem queijos, manteigas; e os Francezes e Inglezes bacalhão; e nos annos esteries nos vem de França huma grande soma de trigo, e cevada.

A Amburgo temos de pagar com sal, que he o fructo que lhe damos de melhor conta, assucar, tabaco, e fruta de espinho. A Hollanda pa-

gamos tambem com sal, drogas do Brazil, e su-
magres, (que tambem levão Francezes, e Inglezes)
e azeites ; e estes annos levarão alguns vinhos do
Porto, e outras couzas de menos conta.

A Flandes pagamos com alguma pedraria ; que
para Anvers particularmente sahe a que temos. Mas
he certo, que não temos com que commutar tudo
o que recebemos : são com tudo os Hollandezes
tão senhores do commercio do mundo, que ainda
que seja com pouca conta, tomão tudo o que lhe
damos ; porque lhe dão sahida navegando o genero
de fazenda. Tambem entre as couzas, que nos me-
tem, he grande a despeza que nos fazem os Livros
de Leão ; e Hollanda as roupas que são . volan-
das, cambraias, e rnoens ; e em fim outras muitas
couzas, de que os nossos mercadores darão conta
mais individualmente.

Entendo que Castella nos ajuda a pagar grande
parte do dinheiro, que sahe ; porque he certo que
toda a moeda Castelhana, que entra de Castella
(pelo genero que sabemos) sahe para as Naçoens
referidas ; se busca, e troca a toda a deligencia em
Lisboa ; porque lhe achão melhor conta, que ao nosso
dinheiro.

Finalmente, a melhor prova do muito, que ex-
cede o que introduzem no Reino, ao que tirão,
será o exame que cada hum de nós pôde fazer em
si mesmo : Qual he de nós, que traga sobre si al-
guma couza feita em Portugal ? Acharemos (e não
ainda todos) que só o panno de linho e çapatos
são obras nossas. Chapeos já se desprezão os nos-
sos, e não se chama homem limpo o que não traz
chapeo de França ; não digo já a nobreza, e os
seculares, a que o luxo, ou estimação errada,
que se faz das couzas estrangeiras podia fazer
desprezar as naturaes ; mas os religiosos mesmos
se vestem commummente todos de sarjas, e pannos
de fabricas estrangeiras : feito este reparo, veremos

facilmente, que não temos drogas, fructos, nem fazendas, com que commutar esta prodigiosa consumption, que fazemos no Reino, e nas conquistas.

C A P I T U L O 2.º

Este he o mesmo damno, em que tem cahido, e com que se tem empobrecido o Reino de Castella.

FIZ muitos dias huma particular observação entre as riquezas de França, e a pobreza de Castella: França sem minas está riquissima; os particulares, que tem só dous mil escudos de renda são pobres; os gastos das mezas; os adornos dos vestidos, e das casas; e o fausto das carroças, passão a hum excesso incrível. ElRey tem quarenta milhoens de renda; paga na guerra presente cento e sessenta mil Infantes, e quarenta mil cavallois: Hespanha tem minas, e recebe frotas carregadas de prata todos os annos, e está sem dinheiro; e necessita de que a Europa toda se arme para defendêla de França. Isto não he couza, que a historia nos deixasse escrito, he hum facto, que temos diante dos olhos. A razão desta differença he a do commercio, e não ha outra.

França mete em Castella mais de seis milhoens todos os annos em fazendas; e retira mais de seis milhoens de ouro em dinheiro e barras: só de roupas brancas de Bertanha, e Normandia dizem os Francezes que metem em Castella oito milhoens de libras: depois desta observação fiz este argumento. Todo o commercio do mundo se faz ou por commutação de humas fazendas por outras; ou por compra e venda, pagando a dinheiro o que se recebeo em fazendas, e drogas. França manda a Castella seis milhoens de ouro em fazendas; e não necessita das drogas, nem das fazendas de Castella,

Logo faz o contracto por compra, e venda recebendo dinheiro; e daqui nasce a riqueza de França e pobreza de Castella. Achei hum tratado Castelhana intitulado: Restauracion de España, composto por Dom Sancho de Moncada, Cathedratico de Escripura em Toledo, e offerecido no anno dezanove deste Seculo a Felipe 3.^o, que me confirmou nesta opinião com provas tão evidentes, e com huma tão lastimosa relação das miserias de Castella, que cuidei, que se tivéssemos a industria de nos prevenir á vista dellas, e de acudir com remedios aos mesmos damnos, que começam a nos maltratar e caminhão a nos pôr no mesmo estado, poderamos justamenté exclamar com aquelle verso Latino: *Felix quem faciunt aliena pericula cautum.*

Referirei algumas das observaçoens deste Tratado, e que servem a este discurso. Diz o Autor, que no anno de 1619, em que escreve, tinhão entrado em Castella cento e vinte milhoens de ouro; de que não havia oitenta; sommas ambas incriveis! a que entrou por grande; e a que ficou por pequena. Examinando a causa, refuta a razão commua dos que dizem, que são as guerras de Flandes, e Italia; porque prova que até aquelle anno se tinha gastò, conforme as remessas, e assentos, trezentos milhoens; concluindo em fim, que valem mais as mercadorias, que entrão em Castella estrangeiras que as que sahem, trinta milhoens todos os annos: porci só hum dos muitos exemplos, que traz, que não serve pouco a este discurso. De vinte lavadeiras de lan, que diz havia naquelle tempo em Castella, sahão quinhentas mil arrobas, que a tres cruzados importão milhão, e meio; e metião os estrangeiros em diferentes generos de lans sete milhoens e meio, de sorte, que deste genero de mercadorias, excedião seis milhoens o que metião ao que tiravão.

Da ultima consideração, que fiz no Capitulo

passado, tiro hum argumento infallivel. Não ha pessoa nenhuma em Castella que ao menos não gaste todos os annos seis cruzados em mercadorias estrangeiras; e que havendo em Hespanha (não declara se comprehende Portugal) seis milhoens de almas, fazem trinta e seis milhoens todos os annos de gasto, só com as fazendas, que servem ao uso de vestir; e elle confessa (e eu o creio) que diz pouco em dar a cada pessoa seis cruzados de gasto sómente. Seria conveniente, que S. A. R. mandasse fazer a conta, do que entra no Reino de fazendas estrangeiras e o valor dellas; e do valor, generos, e fazendas, que os estrangeiros tirão, com distincção particular para averiguar a verdade infallivel deste discurso.

Continuar-se-ha.

HISTORIA.

Continuação da Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso (1).

A Oeste das cabeceiras do Arinos, na latitude de 13^o, e longitude de 321 tem as suas mais remotas fontes o famoso Paraguay, que correndo ao S por huma extensão de 600 leguas vai entrar no Oceano pela sua amplissima boca, conhecida pelo nome da do rio da Prata. As cabeceiras do Paraguay ficão 70 leguas a NE de Villa Bella, e 40 a N da Villa do Cuiabá, divididas em muitos ramos, os quaes correndo ao S já formados rios, se vão successivamente reunindo para formarem o al-

(1) Esta Descripção foi feita em 1797 pelo Sargento Mór do Real Corpo dos Engenheiros Ricardo Francisco de Almeida Serra.

veo deste maximo rio , logo caudaloso e navegavel , e cujas princiras fontes encerrão copiosos , mas velados thesouros.

A O , e a pouca distancia das origens do Paraguay tem o seu nascimento o rio Sipotuba , que desagoa na margem Occidental do primeiro , na latitude de $15^{\circ} 50'$ com 60 leguas de correnteza. Na parte superior deste rio e proximo do seu braço de O , Jurubaûba , já se trabalharão minas de ouro , que forão abandonadas perdendo-se até o lugar da situação . por não corresponderem ás esperanças daquelles primitivos tempos. No Sipotuba vive a nação de Indios barbados , mansa , e valentissima assim chamada por ser a unica destes sitios , que , conservando copiosas barbas , se distingue das outras , cujos homens nesta parte se não dissemelhão das mulheres.

O pequeno rio Cabaçal tambem aurifero , entra no Paraguay pela mesma margem , 3 leguas inferiormente á foz do Sipotuba. As suas ribeiras são habitadas pelos Bororós-Aravirás (mistura de duas naçoens differentes) , os quaes em 1796 mandarão a Villa Bella sollicitar a nossa amisade por quatro Indios , entre os quaes se distinguirão dous dos principaes da sua tribu , que vinhão acompanhados de sua Mãi. Nas vizinhanças vive a nação Purarioné.

Huma legua abaixo da foz do Cabaçal , na margem de E do Paraguay , e na latitude de $16^{\circ} 3'$, e longitude de $320^{\circ} 2'$, existe Villa Maria , pequeno , mas util estabelecimento , fundado em 1778.

Sete leguas ao S de Villa Maria , na latitude de $16^{\circ} 24'$, desagua na margem opposta do Paraguay o rio Jaurú. Este rio he notavel não só pelo marco de limites , que em 1754 se collocou meia milha abaixo da sua foz , no acto das demarcaçoens , mas por ser todo elle , com os terrenos , que formão a sua margem meridional Portuguez , e limi-

trofe com os Dominios Hespanhoes. Nasce o Jaurú nos campos dos Parecis na latitude de $14^{\circ} 42'$, e longitude de $319^{\circ} 13'$, e correndo ao S até á latitude de $15^{\circ} 45'$, lugar em que se acha o registro, que delle toma o nome, volta depois ao SO, cujo rumo segue por espaço de 34 leguas, até desembocar no Paraguay, depois de 60 leguas de curso total. As copiosas Salinas denominadas do Jaurú, de que os Portuguezes tem extrahido sal desde o principio da fundação da Capitania de Mato Grosso, começão no interior do paiz, 7 leguas distante do registro e continuão para o S, inclinando para O, até a latitude de $16^{\circ} 19'$, lugar, que conserva o nome de Salina do Almeida, perpetuando a memoria do primeiro que fez esta labutação. Estas Salinas estão postas ao longo de huma larga e pantanosa varzea, que cria os mesmos pescados, que o Paraguay, e cujos terrenos circundantes são povoados de grandes matos. Este salitroso lago fica pouco distante da margem do Jaurú e no terreno intermedio alto, e coberto de bellas matas, existe a serra de Burburena a E da Salina do Almeida. Esta caverna communica-se ao Poente com outra chamada Pitas, passada a qual, seguindo o mesmo rumo de O já por enxutos e altos campos, se observão grandes espaços circulares, fechados pela especie de palmeiras chamadas Carandás, cujas superficies estão cobertas de alvas crostas de sal, de que mão habil talvez tiraria grande partido. Terminão estes campos 9 leguas a O da tapera do Almeida, na latitude de $16^{\circ} 21'$, em hum grande pantanal chamado Páo-apique, que corre ao S a unir-se com os antecedentes, e fica encostado á face de E da serra, a qual, tendo neste paralelo a sua extremidade austral, corre de S a N a formar a que se passa na estrada geral de Villa Bella para o Cuiabá 10 leguas a E daquella capital, serra, em que existem os seus arrayaes. Pe-

la Salina do Almeida passa a estrada, que vai do registro do Juarú para a Missão Hespanhola de São João de Chiquitos, com 50 leguas de caminho, mais de huma vez trilhado pelas duas naçoens confiantes.

O ponto da confluencia do Jaurú com o Paraguay he summamente importante, porque defende e cobre a estrada geral entre Villa Bella e a Villa do Cuyabá, e os seus intermedios estabelecimentos; e igualmente fecha, com a privativa posse e navegação destes dous rios, a entrada para o interior da Capitania de Mato Grosso, principalmente pelo Paraguay que deste lugar para cima offerece huma livre navegação até perto das suas diamantinas fontes, sem mais obstaculo do que huma grande catadupa, inferiormente, e proxima destes ricos lugares. Meia milha abaixo deste ponto, sobre a margem Occidental do Paraguay, e 6 braças em distancia do rio, existe, orientado diagonalmente, o marco de limites de que fallei. He hum tronco de piramide recta quadrangular, assentado sobre a sua correspondente baze, e rematado por huma pequena piramide tambem quadrangular, de cujo vertice nasce huma cruz de quatro braços iguaes, de trez palmos e meio de altura; tudo de bello marmore. Os trapezoides que formão as faces do tronco tem 12 palmos de altura; o maior dos lados parallellos tem $5\frac{1}{2}$ palmos de comprimento, e o outro 4: o todo deste padrão tem 23 palmos de alto. Em cada huma das faces trapezoidaes está gravada a sua inscripção. Na que olha para o Paraguay, debaixo das armas de Portugal, se lê—

*SUB JOANNE QUINTO LUSITANORUM
REGE FIDELISSIMO.*

Na face opposta, em que se vem as armas de Hespanha,

*SUB BERDINANDO SEXTO HISPANLÆ
REGE CATHOLICO.*

Na face, que defronta para o SO, e centro do paiz,

JUSTITIA ET PAX OSCULATÆ SUNT.

Na face opposta, que olha para o Jaurú,

EX PACTIS FINIUM REGUNDORUM CONVENTIS. MADRID. IDIB. JANUAR.

M. DCC. L.

As altas serranias, que vem desde as fontes do Paraguay, abeirão no rio, fronteiras á foz do Jaurú, e findão 7 leguas abaixo della com 80 de extensão, no Morro-escalvado na latitude de 16° 43'. A E deste monte são tudo pantanaes, e 9 leguas abaixo delle faz barra na mesma margem oriental do Paraguay hum profundo escoante, ou rio descoberto em 1786, a que dei o nome de Rio-novo, o qual pôde dar navegação até muito perto de S. Pedro d'ElRey, logo que se cortem os aguapés, e outras plantas aquaticas que confundem o seu alveo com os largos pantanos, que o bordão. Os ribeiros de S. Anna de Bento Gomes, e outros, que se passão na estrada do Cuiabá a O do Coaens, são as mais remotas fontes deste rio.

Na latitude de 17° 33' principia a ser montuosa a margem occidental do Paraguay na ponta de N da serra da Insua, que 3 leguas a S faz huma profunda quebraça, para formar na latitude de 17° 43' a boca da lagoa Gaiba, que para o Poente se estende pelo interior das terras; havendo desta lagoa hum largo canal de 4 leguas de extensão, que vem de N encostado á face de O da dita serra da Insua, por meio da qual se communica com a lagoa Uberaba, de pouco maior grandeza que a Gaiba, e de 3 leguas de diametro, existindo por consequencia a Uberaba contigua e ao N da mesma serra.

Seis e meia leguas abaixo da boca da Gaiba, defronte desta margem montuosa do Paraguay, desagoa na sua margem Oriental, e na latitude de 17°

55' o rio de S. Lourenço, antigamente denominado dos Porrudos; o qual navegado 26 leguas recebe pela sua margem de O o rio Cuiabá na latitude de $17^{\circ} 20'$, e longitude de $320^{\circ} 50'$. Ambos estes rios são bastante extensos: o de S. Lourenço tem as suas fontes pela latitude de 15° quarenta leguas a E da Villa de Cuiabá, e recebe, além dos braços cortados pela estrada de Goiaz, outros que lhe entrão pelo Oriente, como o Parnaíba, o Pequiri, que recebe o Jaquari, o Itiquira, todos de mediana grandeza, mas navegaveis. O Itiquira já foi navegado até as suas cabeceiras, das quaes se passarão as canôas por terra a tomar agua do rio Sucuriu, que desagua no Paraná 4 leguas abaixo da foz, que o Tieté fórma, entrando pela Oriental e opposta margem. Os rios Itiquira e Sucuriu tem menos e menores catadupas do que os rios Taquari e Pardo; o varadouro he mais commo e breve que o de Camapoan; e por isso esta navegação, sendo mais facil e prompta, offerece maiores vantagens do que a actualmente praticada pelos dous ultimos rios; mas dous obstaculos empecem á fruição destas vantagens, o gentio, e a falta de hum estabelecimento, como o de Camapoan em que os viajantes possão refazer-se de mantimentos, e do necessario para proseguirem a vante.

A navegação para a Villa de Cuiabá pelo rio deste nome desde a sua confluencia com o de S. Lourenço, he breve, e facil. Nas primeiras dez leguas se passão as não pequenas Ilhas Ariacuné, e Tarumás, e se chega a hum grande bananal plantado na margem de E deste rio, sobre hum aterro consideravel feito com bastante trabalho, porque inda acima deste lugar chega a maxima chéa do Paraguay. Pouco mais de 3 leguas acima, e ao S do bananal, entra no Cuiabá pela sua margem oriental o Quáchó-uacú; e pela mesma margem 7

leguas acima deste recebe tambem o Quacho-mirim. Do Quacho-mirim se navega com repetidas e muitas voltas ao rumo de NNE por espaço de 11 leguas, até á boca inferior do furo, ou até a ponta da Ilha Pirahim de 9 leguas de extensão ao mesmo rumo. No canal de E, que he o mais largo e breve, ha contiguas outras tres Ilhas, e neste espaço pela mesma margem oriental recebe o Cuiabá varios arroyos, e o rio Cuiabá-mirim. A dita ponta de S da Ilha Pirahim está na latitude de $16^{\circ} 18' 52''$. Daqui com grandes voltas descreve o rio huma semicircumferencia de 42 leguas, em cujo espaço lhe entrão pela margem oriental os rios Croaracuaçú, Croara-mirim, e o Coxipó. Finalmente chega-se á Villa do Cuiabá: situada huma milha a E da margem deste rio, na latitude de $15^{\circ} 36'$ e longitude de $321^{\circ} 35'$, noventa e seis leguas a E de Villa Bella, e na mesma distancia da foz que este rio, unido com o de S. Lourenço, faz em Paraguay. As minas do Cuiabá forão descobertas em 1718; estabeleceu-se o arrayal em 1723, e criou-se Villa em 1727: presentemente he hum grande povo, que com as suas dependencias monta a 1800 almas. O paiz he fertil em carnes, pescados, fructas, e hortaliças; as minas são bastante ricas, mas em tempo de seca faltão as agoas para minerar; dellas se extrahem annualmente 20 arrobas de ouro, de toque superior a 23 quilates. Os habitantes são de huma constituição robusta.

O arrayal de S. Pedro d'El-Rei, que fica 21 leguas ao SO da Villa do Cuiabá, he o maior dos seus adjacentes estabelecimentos; tem perto de 2000 habitantes; está na latitude de $16^{\circ} 16'$ e longitude de $321^{\circ} 2'$, proximo á margem Occidental do ribeirão de Bento Gomes. Legua e meia ao S. do arrayal forma este ribeirão huma grande bahia, que denominação do Rio de Janeiro, desde a qual se seguem para O vastos pantanaes, que vão entrar no Para-

guay, de que distão 20 leguas, pelo Rio-novo. O rio Cuiabá tem as suas fontes 40 leguas acima da Villa a que dá o nome e na maior parte desta extensão, e inda 14 leguas abaixo são as suas margens cultivadas.

Quatro leguas inferiormente á boca principal do rio de S. Lourenço, na latitude de 18° e quasi $2'$, e longitude de 320° $13'$, abeira no Paraguay a serrania, que borda desde a Gaiba a sua margem Occidental, chamada neste lugar Serra das pedras de amolar, por serem aqui as que a fórmão desta natureza. Este lugar he o unico pouso, que se não alaga nas enchentes do rio, por ser na escarpa desta alta serra, por isso frequentado sempre dos viajantes. Aquella serrania inda continúa inferiormente duas leguas para o S, em que pega na dos Dourados, abaixo logo daqual ha hum furo na margem de O do Paraguay, que encanando entre dous altos e destacados montes denominados Cheinés, conduz ao lago Mandiuzé de 5 leguas de longo, e o maior do Paraguay. A O destas serras, que bordão a margem Occidental deste grande rio, existe huma grossa cordilheira de montanhas entre as quaes medêa como hum valle de vinte leguas de extensão. e de pouco mais de 3 de largura, em que existem ao N a lagoa Vberaba, no centro a Gaiba, e ao S a Mandioré. A Gaiba tem hum canal de huma legua de extensão, que corta as serras que fórmão a sua margem de O, por meio do qual ella se communica com a Gaiba-mirim, menor lagoa de huma legua de comprido. A extremidade de N da mencionada cordilheira, chamada Ponta de limites, fica 7 leguas a O da lagoa Vberaba, aqual tambem se communica por canal semelhante com outra maior, que cobre ao N a dita ponta. Por estes lugares vive o gentio Quató.

Dos Dourados corre o Paraguay ao S até á serra de Albuquerque, que elle toca perpendicularmen-

te na sua face de N, sobre aqual está a povoação de Albuquerque, na latitude de 19° , e longitude de $320^{\circ} 3'$. Esta serra tem muita pedrã calcarea, e he o melhor torrão, que se encontra do Jaurú para baixo em ambas as margens do Paraguay; e só podem entrar em competencia, pela sua maior extensão, as serras, que bordão a O as lagoas Mandioré e Gaiba, accessiveis, e cobertas de altos e densos matos.

De Albuquerque volta o Paraguay a E, encostado ás serras deste nome, que findão com 5 leguas de extensão na serra Rabicho, em frente da qual, na margem do N, e opposta do rio, está a boca inferior e de S do Paraguay-mirim que he hum braço do Paraguay, que termina neste lugar, formando huma Ilha de $1\frac{1}{4}$ leguas de extensão de N a S: por este canal seguem as canoas no tempo das cheas.

Da boca do Paraguay-mirim vai o rio voltando ao S até a foz do rio Taquari navegando todos os annos pelos comboys, que nas proprias monçoens fazem a viagem transcripta em o numero 5.^o do primeiro semestre deste jornal. Esta viagem, que se destina a fazer o commercio de S. Paulo com a Capitania de Mato-Grosso, parece inuito menos vantajosa do que a praticada desde a Cidade maritima do Pará até Villa Bella, pelos rios Amazonas, Madeira Mamoré, e Guaporé não só porque o numero de catadupas, que nesta se encontrão he sómente de 17, mas pelo maior cabedal de agoas destes, que dão franca navegação a grandes botes e canoas, que recebem o quintuplo da carga, que podem conduzir as que fazem a outra carreira. Além destas ha inda outras ponderosas razoens, que se hirão notando no decurso deste escripto.

Cinco leguas abaixo da foz do Taquari entra pela mesma margem no Paraguay o rio Embotetiú, hoje Mondego, navegado antigamente pelos mesmos comboys de S. Paulo, os quaes entrando pe-

lo rio Anhandai-uauçu , braço meridional do Pardo , com mais cataratas , e maior varadouro , passavão as canoas para o Embotetiû , pelo qual entravão no Paraguay. Na margem do N do Mondego , 20 leguas acima da sua foz , fundarão os Hespanhoes a Cidade de Xerês que os Paulistas totalmente destruirão pelos annos de 1626 , e cujos vestigios ainda forão observados pelo Capitão João Leme do Prado que em 1776 foi reconhecer aquelle rio. Dez leguas acima deste lugar , e nas serras , que fórmão a parte superior do Embotetiû , ha tradição que existem ricas minas.

Onze leguas abaixo da foz do Mondego existem dous altos e ilhados montes , situados cada hum em sua margem do Paraguay , e na extremidade da escarpa do S , do monte do lado de O , proximo á borda do rio , está o Presidio da Nova Coimbra , na latitude de $19^{\circ} 55'$, e longitude de $320^{\circ} 2'$, fundado em 1775 por Luiz de Albuquerque. Este he o último e mais austral estabelecimento Portuguez sobre o grande Paraguay , e que foi erradamente considerado como a chave da sua privativa navegação. He verdade que este rio no tempo da sua seca , que dura menos de metade do anno , corre encanado entre estes dous montes ; mas he necessario advertir que tanto acima como abaixo deste ponto são as suas margens de tal modo alagadas a maior parte do anno , que consentem huma navegação desempedida. Estas aquosas campinas comecão muitas leguas inferiormente ao paralelo de Coimbra , e vão sahir ao Paraguay muito acima deste Presidio ; donde se conclue que aquella supposição era van.

O monte , em que está o Presidio de Coimbra he notavel pela celebre gruta , que occulta em seu seio , a que o vulgo chama do Interno , observada pela primeira vez em 1786 na deligencia do reconhecimento , que se fez de grande parte do Paraguay

de que fui encarregado. Desembarcando na ponta de N deste monte andei 45 passos atravessando os matos, que o circumdavam, e 145 subindo a sua escarpa até dar em duas aberturas rectangulares, talhadas na penha viva. Então deslisando-me por hum destes boqueiros, cahindo de penedo em penedo, fui descendo, até que me achei em hum salão sotterraneo de 50 palmos de comprimento, e 25 de largo: o seu tecto em fórma de abobada compoem-se de huma grande lage inteiriça; e as duas aberturas rectangulares, vasadas nesta penha, são como duas claraboias, que communicão os raios do dia a esta famosa caverna.

Desta abobada pendem muitas piramides agudissimas da pedra chamada Stalactites, formadas por antiquissimas lapidificaçoens, de varia, e algumas de consideravel grandeza. O pavimento he alastrado de soltos penedos, e de outros solidos perpendiculares da materia das mesmas piramides, superabundancia do succo da sua formação. Para a parte do S vai esta abobada cahindo em 45° para o coração do monte, e juntamente com o pavimento, que tambem pende para o mesmo lado, fórma humaurna atravessada de penedos, cujo fundo se perde na escuridade: a sua largura em cima he de huma braça, e em baixo parece de 3 palmos. Huma pedra, que deixei cahir gastou 5 segundos até chegar ao fundo visivel.

Em 1791 o Doutor Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que se achava em Mato Grosso, visitou pela segunda vez esta famosa gruta, por ordem, que teve do nosso Ministerio. E descendo ao salão descripto, se conduziu, a favor de mil luzes, pelo boqueirão formado pelo seu tecto e pavimento, o qual se perde na profundidade de 190 palmos de escarpa, cheio de enormissimo entulho das pedras abatidas da abobada, que constitue o tecto; até que, vencido este tenebroso principio, se

achou na entrada de outro maior salão, sobre o
 qual elle se explica deste modo. „ Eis-aqui onde a
 „ natureza nos tinha preparado hum maravilhoso
 „ espectáculo; porque, olhado á primeira vista, o
 „ todo que se me offereceu, depois de distribuidas
 „ as luzes em proporcionadas distancias, foi huma
 „ Mesquita sotterranea, que observada por partes
 „ cada huma dellas apresentava aos olhos pasmados
 „ huma diferente e interessante perspectiva. O es-
 „ pectador, colocado á entrada deste salão, observa
 „ no seu fundo hum magnifico templo, todo de-
 „ corado de curiosissimos Stalactites; huns penden-
 „ tes da abobada, que constitue o tecto, á maneira
 „ de outras tantas goteiras sirsiformes, curtas, ou
 „ compridas, grossas ou delgadas, redondas, com-
 „ pressas, simples, bifurcadas, ramosas, verucosas,
 „ tubarosas &c.; outros sahindo do pavimento á
 „ maneira de pilares, columnas columelos lizos,
 „ ou acanelados, pavilhoens de campo. e hum tão
 „ grosso, que dous homens o não abrangem &c. Ao
 „ lado esquerdo da mesma sala se deixa ver como
 „ debruçada sobre ella, huma soberbissima cascata
 „ natural, com todas as suas pedras cobertas de
 „ incrustações espathosas e calcareas, que pela
 „ sua alvura representão vivamente os borbotões
 „ espumosos que farião as agoas precipitadas da-
 „ quella altura. Em outra parte porém do mesmo
 „ lado parece que a natureza se moldou ao gosto
 „ da architectura gothica: por aqui se vem espa-
 „ lhados diversos labirintos, cada hum dos quaes
 „ de per si constitue huma curiosissima gruta. Vio-se
 „ que tão sómente o salão, incluída huma recamera,
 „ tinha 510 palmos de comprimento: pôde allí
 „ aquartelar-se á vontade hum corpo de mil homens.
 „ Todo o seu plano he irregular, e se tinha con-
 „ vertido em hum lago de agoa salobra, porém
 „ fria e cristalina.

Não obstante o cuidado, e o grande numero

de luzes, com que se fez esta indagação, no anno seguinte o Tenente Coronel Joaquim José Ferreira achou que de huma das camaras, ou fundos desta celebre e grande gruta, se passou a outra de não inferior grandeza e curiosidade. Semelhantemente depois d'elle o Ajudante Francisco Rodrigues do Prado, actual Commandante de Coimbra, achou outra não menor, contigua, e communicada da mesma fórma com a precedente; e por ventura haverá inda muito que observar nas entranhas desta caverna sotterranea. Quando o rio séca, fica hum correjo ou ribeiro formado neste grande espaço sotterraneo, que se communica com o Paraguay, pois nelle se achou vivo e nadando hum não pequeno Jacaré.

No N.º 5 deste Volume a pag. 32 Continuar-se-há.

P O L I T I C A .

Allemanha.

Francisco I, por Graça de Deus Imperador da Austria, Rei da Hungria, Bohemia, Gallicia, e Lodomiria, &c. Archi-duque da Austria, &c.

Os acontecimentos dos annos passados, e particularmente do que ha pouco expirou, devem necessariamente ter a mais evidente influencia nas relações do nosso Império. A paz e a guerra, a prospera ou desastrada situação dos Estados nossos visinhos, indispensavelmente alterão a tranquillidade, e o bem do povo, que a Providencia nos confiou.

Os nossos vassallos reconhecerão agradecidos quanto nos havemos empenhado em tornar os esforços, a que nos tem obrigado o estado das cousas, compatíveis com os grandes interesses e prosperidade de nossos vassallos. Não só o nosso Imperio, mas toda a Europa, se convencerá plenamente que

o objecto das nossas diligencias, — o alvo de todos os grandes e extraordinarios sacrificios, que se tem exigido das nossas Provincias o anno passado, — tem sido o estabelecimento se he possivel de hum tranquillidade, fundada sobre firmes alicerces.

E como nos lisonjeamos com a esperanza, na imminente crise da sorte da Europa, de tornar proveitoso aquelle peso que o estado da nossa monarchia, e as nossas relaçoens com outras Potencias nos seguráo, em geral, para o interesse commum, do qual he inseparavel o nosso; por tanto vem a ser da maior necessidade, constituir-nos, pelo augmento da nossa força militar, em humã condiçáo perfeitamente accommodada a tão importante resoluçáo.

Quanto maiores tem sido as provas, que o nosso povo nos tem dado da sua affeição e fiel cooperaçáo nos importantes e difficeis periodos do nosso reino, tanto mais razão temos de contarmos com a sua pronta vontade em fazer todos os esforços, nesta crise a mais importante de todas, que ha de decidir do estabelecimento de hum estado de descanço com todas as suas felices consequencias, tão necessario a todos, e que he o objecto de tão ardentés dezejos.

Sem embargo, o objecto dos nossos paternaes desvelos tem sido conseguir os meios de supprir as nossas consequentes extraordinarias necessidades por hum plano, que sem exigir de nossos vassallos sacrificios tão immoderados, que perturbem a prosperidade do nosso systema de finanças; ou os mais importantes trabalhos da industria, mostre melhor a confiança, que pomos no nosso povo.

Como ainda persistinaos nas resoluçoens, que fizemos saber na Ordenança de 20 de Fevereiro de 1811 de nunca, por motivo algum augmentar o numero dos bilhetes de resgate (*Redemption bills*), achamos necessario estabelecer hum fundo conside-

ravel e immediatamente applicavel , por modo de antecipação , sobre huma porção das rendas mais seguras do estado. Por tanto resolvemos , e ordenamos o seguinte :

1. Para credito deste fundo de antecipação , destinamos a somma annual de 3:750 florins que por doze annos successivos , contados de 1814 , será annualmente separada para este fim da receita das rendas de terras nas nossas provincias Allemans, Bohemias, e Gallicianas.

2. Por quanto a Junta do Resgate e Extinção, pelo completo desempenho dos deveres , que lhe estão confiados , tem merecido a nossa gratidão e a geral confiança , pomos tambem em suas mãos o manejo exclusivo dos fundos referidos.

3. Para este fim a sobredita somma de 3:750 florins . proveniente da receita das sizas das terras , será paga annualmente á Junta de Resgate e Extinção , pelo qual meio receberá , dentro do prefixo periodo de 12 annos , a somma de 45 milhoens de florins.

4. Mas porque o todo deste fundo póde ser applicavel , segundo a occasião requer para pagar as despesas extraordinarias , authorisamos a dita Junta para preparar bilhetes de antecipação , até a somma de 45 milhoens de florins , e pólos a disposição do nosso *exchequer*.

5. Outra ordenança fará conhecer a fórma destes bilhetes de antecipação , segundo as suas varias subdivisoens.

6. A Junta de Resgate será responsavel pela extinção annual , desde o anno de 1814 , de huma somma de 3:750 florins em bilhetes de antecipação e regularmente se fará conhecer o exacto cumprimento desta obrigação.

7. Como os bilhetes de antecipação , que desta maneira virão a entrar em circulação , estão cobertos por hum amplo fundo da mais segura natureza ,

por meio do qual será completamente extincto dentro do periodo de doze annos — por tanto ordenamos que sejam recebidos em seu pleno valor em todos os pagamentos ao *Exchequer* - bem como em transacçoens particulares e em todas as outras vias, porque forem empregados.

Dado em Viena a 13 de Abril de 1813.

Francisco.

Suecia.

O Principe Real, Generalissimo, a seus camaradas do interior.

Soldados! — O Rei ordenando-me que fosse tomar o commando do seu exercito na Pomerania, me encarregou de deixar na Suecia dois corpos de exercito assás numerosos para segurarem as fronteiras do Reino, e obrarem offensivamente no ponto, em que o exigirem a honra e o interesse da Patria. Estes corpos serão commandados pelos *Marchaes Toll e Essen*. Prestai-lhes a vossa confiança; vós o deveis a seus serviços, a seu patriotismo, e a sua experiencia.

Eu me separo do meu Rei de meu filho, e de vós, por algum tempo; não para hir perturbar o descanso dos povos, mas sim para cooperar á grande obra da paz geral, á qual anelão ha tantos annos os Soberanos e as naçoens. Soldados! — Huma nova carreira de gloria, e novos mananciaes de prosperidade, vão abrir-se para vossa patria. Tratados fundados sobre huma san politica, e que tem por alvo a tranquillidade do Norte, affianção a união dos povos da Scandinavia. Tornemo-nos dignos dos bellos destinos, que nos estão prometti-

dos ; e os povos , que nos estendem os braços , não tenham que arrepender-se de sua confiança em nós.

Soldados ! — Nossos antepassados se distinguirão por huma braveza arrojada , e hum valor acisado. Unamos a estas virtudes guerreiras o enthusiasmo da honra militar , e Deus protegerá as nossas armas.

Carlsrona , 8 de Maio de 1813.

Carlos João.

Rio de Janeiro.

HUM dos objectos , que merecerão sempre a attenção dos Soberanos , he a communicacão reciproca dos seus povos. Esta serve , não só de facilitar o commercio (o que já por si era hum grande bem) ; mas até de propagar a civilisacão e com esta as vantagens da Sociedade. O Principe Regente Nosso Senhor , havendo venturosamente chegado a este Continente , pôz todo o Seu esmero em felicitar povos , que , pertencendo-lhe por herança , havião sido de novo conquistados pela ternura de Seu Magnanimo coração , e pelo prazer , que a Sua Augusta Presença havia despertado.

Como porém aos particulares apenas toca o desejo do bem publico , quando aos Regentes cumpre attentar aos meios de o conseguir ; esta feliz concordia deu azo a se utilizarem os já bem acreditados talentos do Governador do Ceará. Repassado das verdades , que tenho apenas esboçado , elle desenvolveu o seu zelo e patriotismo , propondo a communicacão interna , e externa da sua Capitania. Para a primeira empregou correios nas principaes seis Villas do seu districto , ás quaes , segundo as circumstancias , se ajuntarão mais duas ; e para completar

este relevante destino, estabeleceu estafetas para outras cinco, ficando apenas para as tres mais proximas á Capital a communicação immediata com esta. E porque as creações novas são de ordinario dispendiosas e os lucros comparativamente muito escassos, se vio obrigado a levantar hum pouco o porte das cartas para aquelles correios e até a recorrer á liberalidade dos principaes moradores das Villas mais consideraveis, que voluntariamente offercerão a quantia de mais de 7000\$ reis. Mostrando porém a experiencia que o simples porte das cartas pagava exuberantemente as indispensaveis despesas, desceo o preço respectivo ao modico de 120 reis por carta para o interior e de 240 para o exterior, com alteraçoes relativas á distancia. E porque circumstancias, que occorrerão desde o 1.º de Maio de 1812 até 2 de Março de 1813, fizeram mudar a escolha do centro de communicação entre as tres Capitancias do Ceará, Maranhão, e Piauí, a que estava destinado o presidio da amarração, elegerão-se novos pontos, cujo arbitrio ficou reservado ao Governador do Maranhão.

Desta maneira a Capitania do Ceará, não só ficou tendo hum communicação immediata com a Capitania de Pernambuco, cujas vantagens estão já sobejamente reconhecidas; mas até se estendeu ás do Maranhão e Piauí facilitando desta maneira a reciproca correspondencia de pontos distantes, e com esta faculdade animando o commercio, e propagando as luzes. He a parte mais grata do nosso dever pagar ao merecimento o justo tributo de louvor, e a nossa penna corre de bom grado neste assumpto.

O Governador e Capitão General do Maranhão, sendo consultado sobre este interessantissimo objecto, não só se prestou cordialmente a cooperar com as vistas vantajosas do mencionado Governador, e em empregar os esforços ao seu alcance para este desempenho; mas até aproveitando a oportunidade se

propôz a huma nova e directa communição com a Capitania da Bahia , e com os Sertoens deste Continente. Demoremos a nossa vista por hum momento nesta notavel creação.

Reconhecida a difficuldade da navegação do Maranhão para esta Corte , e reciprocamente , em epochas determinadas , assim em consequencia dos ventos constantes na mesma estação , como das correntes precipitadas durante ella , o unico recurso he a correspondencia por terra entre os lugares mais notaveis. Ha muito tinha lembrado esta providencia indispensavel ao bem publico , mas o seu desempenho estava reservado para esta epocha. Os Representantes do Nosso Augusto Soberano animados daquelle fervoroso desejo de felicitar os povos do Brazil , que inflamma o Seu coração tem accordemente empenhado as suas forças nesta briosa porfia. Em vez de correspondencias particulares em extremo despendiosas , e só ao alcance dos mais abonados , se estabelecem faceis e frequentes communições , pelas quaes não só se expeção avisos de commercio , mas até noticias familiares. O que parece logo da maior importancia he a correspondencia com a Corte , e esta se consegue facilmente dirigindo-se do Maranhão á Bahia e desta Capitania á do Rio de Janeiro. Sua Alteza Real , para proteger este digno projecto , se tem dignado de expedir ordens aos respectivos Governadores para de mãos dadas desempenharem estas emprezas , e tem authorisado o Capitão General do Maranhão para impor o porte das cartas particulares , que forem enviadas pelo Correio , que se houver de estabelecer , proporcionalmente ao pezo dellas ; e quando não baste o seu producto , para propor o meio que julgasse mais proprio , e menos oneroso aos povos e á Real fazenda , a fim de suprir a despesa necessaria.

Todos sabem quantas vantagens se colhem ao mesmo tempo deste estabelecimento : melhorão-se as

estradas, povoão-se as suas beiras; estende-se o commercio: gasta-se com a Sociedade a rudeza da solidão, e aquelles vicios inherentes ao estado de bruteza cedem o lugar ás virtudes sociaes. Cheios de prazer adiantamos as nossas vistas a essa epoca afortunada, e bemdizemos as Sabias Providencias do Nosso Augusto Soberano.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto.

Tratado Elementar da Arte Militar e da Fortificação, composta para uso dos Discipulos da Escola Polytechnica e das escolas militares de França, por Mr. Guy de Vernon, Official Engenheiro e Professor de Fortificação na Escola Polytechnica. Tomo 1.º Traduzido por Ordem Superior para uso da Real Academia Militar do Rio de Janeiro, com algumas alteraçoes e notas criticas, por João de Souza Pacheco Leitão, Official no Corpo de Engenheiros.

Esta Obra, cujo merecimento he geralmente conhecido, se divide em tres Secções; a 1.ª trata da Tactica, a 2.ª da Artilharia, e a 3.ª da Castrometação e Strategia. E porque este tratado não he propriamente hum livro elementar, como muito bem reconhece o Traductor, sendo em muitas partes hum livro de erudição, e composto para instrução de hum Engenheiro, foi necessario acrescentar muitos conhecimentos elementares assim no corpo da Obra, como em algumas notas: a Tactica soffreu muito particularmente estas addições, porque (diz o mesmo habil Editor na nota a paginas 62), „ o A. não se propondo a hum Compendio de Tactica, porém sim a noções geraes para instrução dos Officiaes Engenheiros, dá saltos consideraveis no seu en-

cadeamento de materias, que nos tem sido bem difficil apezar de todas as transmutações, que lhe fizemos, a produzi-los em fôrma didactica,,.

Citaremos apenas hum exemplo, que illustrará esta asserção. A paginas 74 vemos em poucas linhas as evoluções particulares, e geraes, cujo desenvolvimento só por si faria hum volume consideravel ainda que mediocrementemente tratado; o que obrigou o erudito Editor a acrescentar as seguintes palavras = Vê-se pelo enunciado destas evoluções, que será necessario hum tratado particular para sua exposição de nenhum modo compativel com os aditamentos, a que nos propomos, nem tambem com as nossas forças acceleradamente postas em movimento, e talvez compromettendo o nosso credito; entretanto que se fôrma hum ensaio a novo trabalho, que será complemento deste, no decurso das lições se darão as instrucções necessarias para os discipulos se porem em estado de resolverem por si mesmos estes problemas, que servirão a formar-lhes o espirito militar, e a particularmente instruirem-se nos livros, que cita o A., e nos nossos regulamentos e ordenanças. =

Nós pensamos, que assim os Appendices, como as Notas já correctivas, já ampliativas; humas vezes de erudição militar; outras accommodadas á differença de escola e ordenança, farão muito recomendavel esta Tradução; e portanto não querendo nausear o Leitor indifferente a este genero de applicação, convidamos os Militares á stria leitura e meditação desta Obra.

Relação dos factos, praticados pela Commissão dos Comerciantes de vinhos, em Londres, correspondentes da Companhia Geral da Agricultura dos vinhos do Alto Douro no Porto; em consequencia

da Petição apresentada á Camara dos Communs em 12 de Julho de 1812, por certas pessoas, que se intitulão membros da extincta feitoria. Offerecida aos Senhores Neiva e Sá, Agentes da Companhia em Londres. Com hum Appendix, que contem Documentos, Explicaçoens e Illustraçoens. *Audi alteram partem.* &c. Por Ordem Superior.

Esta Obra contém varias Cartas; na 1.^a, que serve de preparação, se estabelecem tres principios muito notaveis: 1.^o a Companhia não he hum monopolio: he hum comprador e exportador em concurso e competencia com os Feitores Inglezes; porém com a singularidade de que não quer estender o seu commercio exterior antes procura limitá-lo, e que tem todo o esmero em conservar a qualidade e reputação do vinho do Porto, de que os Feitores tem tirado dez vezes mais beneficio do que a Companhia, e de que tem igualmente resultado grandissimo interesse a ambas as Naçoens: 2.^o Que a Companhia adiantando aos lavradores o dinheiro necessario para apromptarem as suas vinhas, a juro de 3 por cento, evita a oppressão dos mesmos lavradores, que sem este beneficio seriam obrigados a recorrer a hypothecas, e interesses, que em breve os privariam de suas propriedades: 3.^o Que este acontecimento pondo nas mãos dos Feitores os vinhos de todo o genero, sem fiscalisação alguma, estes exerceriam então hum verdadeiro monopolio, e com lotaçoes proprias a augmentarem os seus interesses temporarios estragariam o credito deste genero; e desta sorte se perderia hum importantissimo ramo de Commercio.

Estes principios se achão mais ou menos desenvolvidos, tanto na exposiçáo á Commissáo do Conselho Privado do Commercio em 30 de Julho de 1812, como na carta ao Lord Visconde Castlereagh, da mesma data. Nesta se refutáo as objecçoens dos feitores, e (o que he muito notavel)

se prova que ,, aquella Petição, sendo apparentemente assignada com os nomes de 35 cazas, estas se reduzem realmente a 19, por se achar assignada por cada hum dos socios da mesma caza como se fosse o chefe de outra diversa; e estes mesmos 19 poder-se-hião ainda reduzir a Membros da Feitoria extincta, e casas de Londres, as quaes poderião tambem reduzir-se a menos fazendo-lhes hum semelhante abatimento. ,, Nesta Carta se dá huma idéa da criação da Companhia, do estabelecimento dos Feitores, das providencias para a conservação dos bons vinhos; denominando-a inspectora e fiscal da qualidade do vinho. Não cabe nos curtos limites deste Periodico seguirmos os argumentos que se achão espalhados neste escrito mas não deixaremos esta Carta sem transcrever duas das suas passagens: a 1.^a he a seguinte.

„ Mas por ventura, My Lord, não he o
 „ Governo de qualquer nação, quando o seu terri-
 „ torio tem adquirido a geral estimação para hum
 „ genero da sua particular producção, obrigado a
 „ pôr em pratica todas as diligencias e precauçoens
 „ convenientes para o proteger, para o augmen-
 „ tar, e para o fazer verdadeiramente util ao
 „ Paiz, conservando-o nos limites, que lhe marcou
 „ a natureza sem consentir que querendo esten-
 „ der-se a sua quantidade além dos ditos limites,
 „ venha a destruir-se huma reputação e conceito,
 „ que dependendo de muitos annos para se esta-
 „ belecer, pode em hum só anno arruinar-se
 „ para sempre em grave prejuizo do bem de toda
 „ a Nação? ,, pag. 28.

A 2.^a he tirada da pag. seguinte.

„ Se por *commercio livre* se quizer entender
 „ aquelle, em que cada hum pôde introduzir ar-
 „ bitrariamente abusos contrarios á saude e com-
 „ modidade do genero humano, a Companhia não
 „ permite certamente esta illimitada soltura; mas

„ se o vigiar que o vinho seja fabricado com per-
 „ feição e pureza que se conserve nesta estado,
 „ e que livremente possa ser comprado por preços
 „ justos e racionaveis, sem algum embaraço ou
 „ violencia, e com as mesmas condiçoens que o
 „ compra qualquer Portuguez de nascimento; de
 „ maneira que entre o nacional e o estrangeiro
 „ não haja outra preferencia mais que a da priori-
 „ dade de se apresentar para a compra: se hum
 „ commercio assim regulado pôde justamente cha-
 „ mar-se *commercio livre*, he indubitavel que os
 „ Feitores gozão plenamente desta liberdade; assim
 „ como não duvidamos affirmar que a abolição des-
 „ tas saudaveis restricçoens seria muito perigosa e
 „ prejudicial a ambas as naçoens. „

A pag. 33 começa a refutação das asserçoens dos Feitores, o que termina na pag. 37 e expende então os argumentos, que ao principio resumimos.

Seria fastidiosa huma miuda analyse dos documentos, que se seguem: mas he para notar que muito frequentemente se empenha em arredar da quelle estabelecimento o titulo de monopolio, e isto com factos, que parecem innegaveis, mostrando por exemplo a pag. 132 e 133, que ha 25 casas, que exportão vinhos, contando por huma a Companhia (sendo muitas destas Inglezas) e de 18536 $\frac{1}{2}$ pipas exportadas em 1811, sendo só 7438 pela Companhia, e destas muitas por conta e por ordens de Feitores, he claro que a Companhia he huma caza, que está em perfeita igualdade com todas as outras cazas nas compras e vendas, e não pôde com verdade, propriedade, e justiça chamar-se monopolio.

Tal he o esboço, que nos julgamos obrigados a dar da referida Obra. Apresentando muitas vezes as suas mesmas palavras nos havemos inteiramente desviado de huma questão alheia da nossa profissão e dos nossos estudos.

Lei publicada nesta Corte no corrente mez.

Alvará de 26 de Julho de 1813; Declarando o de 20 de Outubro de 1809, e Determinando que as Appellaçoens Crimes interpostas por parte da Justiça pelos Juizes de Primeira Instancia sejam dirigidas aos Ouvidores das Comarcas, quando o caso das Sentenças couber na alçada destes; e ás Relações do Districto, quando a exceder.

Continuação de Estado da atmosfera

Julho.

Dia.	Ther. Graos	Bar.			Tempo.
		Pol.	Vint.	Mil.	
22	68	30	0	28	claro
23	68			14	
24	68 $\frac{1}{2}$	29	19	36	
25	70			30	
26	70			8	denso
27	68 $\frac{1}{2}$			20	chuvoso
28	68 $\frac{1}{2}$	30	0	20	
29	66 $\frac{1}{2}$			4	
30	66	29	19	14	denso
31	70		17	30	claro

Agosto.

1	70	29	19	42	
2	71 $\frac{1}{2}$		16	26	trovoada
3	71			34	chuva
4	66 $\frac{3}{2}$	30	0	18	enevoado
5	64 $\frac{1}{2}$	29	19	12	claro
6	64 $\frac{1}{2}$		16	30	dito
7	66			16	
8	65			14	
9	67		19	30	
10	66	30	0	4	
11	67			12	
12	65	29	19	30	
13	67		18	8	

INDICE.

AGRICULTURA.

- Memoria sobre o Café continuada do N.º 6.
pag. 43. Por B.**** 3

HYDROGRAPHIA.

- Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres
navegadores, que tem feito o giro do mundo.
e a necessidade de huma nova viagem do mes-
mo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fon-
seca. Continuadas do N.º 1.º pag. 17* 12

MINERALOGIA.

- Continuação da Memoria do Dezembargador José
Bonifacio de Andrade.* 21

LITTERATURA.

- Continuação das Maximas, Pensamentos, e Re-
flexoens Moraes. Por hum Brasileiro.* 29
- Apotheosis Poetica ao Illustrissimo e Excellen-
tissimo Senhor Luiz de Vasconcellos e Souza &c.
Por Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, Pro-
fessor Regio de Rethorica, na Capital do Rio
de Janeiro.* 32
- A ausencia de Armia.* 36
- Descripção de huma tormenta. Por B.**** 38

ARTES.

- Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo
sobre a introducção das Artes no Reino, que
escreveo sendo Enviado na Corte de Paris
no anno de 1675.* 41

HISTORIA.

Continuação da Descripção Geografica da Capitania de Mato Grosso. 50

POLITICA.

Decreto do Imperador da Alemanha, ordenando o giro do papel moeda até a quantia de 45 milhoens de florins 62

Despedida do Principe Herdeiro da Suecia. 65

Noticia de novas estradas do interior para facilitar a communicação das Capitancias Centraes. 66

Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto. 69

Continuação do Estado da athmosfera. 75

O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.

D O

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.*
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 3.^o

S E T E M B R O .

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

1813.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*



MINERALOGIA.

Fim da Memoria do Desembargador José Bonifacio de Andrade, continuada do N.º antecedente, pag. 21.

Minas de carvão de pedra do Porto e suas pertenças.

DUAS leguas ao Nascente do Porto, e huma para o Norte do Rio Douro, ficão estas minas na freguezia de S. Pedro da Cova. Por ordem minha, expedida em 28 de Junho de 1802 ao Bacharel José Jacinto de Souza, hoje Inspector Economico, foi este ao lugar da Ervedosa fazer os primeiros sucavoens de pesquisa, onde se descobrio bastante carvão, e se tirou algum, que depois pela sua qualidade pouco combustivel se abandonou, continuando-se em novas pesquisas na Quinta de Vallinhas, e no passal do Abade de S. Pedro da Cova, onde se descobrio o excellente carvão que hoje se extrahe: em 1803 para o costeio destes trabalhos adiantei eu 2000\$ reis, e depois pedi emprestados a hum Negociante patriota 5000\$ reis, com que se forão costcando estes primeiros trabalhos sem a menor despeza da Real Fazenda.

Sobrevindo a fatal suspensão das Minas em Janeiro de 1804, aproveitou-se da tempestade que ameaçava de todo arruinar estes estabelecimentos o dito Abade de S. Pedro da Cova, e por empenhos pôde obter obrepticia e subrepticamente huma Provisão illegal, a que se seguio depois hum Decreto, em que se lhe dava a commissão da Mina do Passal; mas rasando no horisonte metallurgico de Portugal mais benigna estrella, revogarão-se estes actos, e foi incorporada a Mina do Passal ás outras Reaes.

Em Outubro de 1804 comecei a dar forma regular aos trabalhos destas Minas empregando dois Directores Allemaens que não tinham em que occupar-se; e como era preciso então construir hum casa de residencia, e hum armazem em Grami-o, aprontar ferramentas e petrechos para hum avra regular, e abrir poços de extracção e galarias de esgoto requeri alguns subsidios pecuniarios a Direcção da Fabrica das Sedas que se me subministrarão por mezadas de 4000\$ reis.

Desde este tempo até o de 1807 se venderão 5834 carros de carvão de pedra de diversas sortes e preços pelo valor de 800, 1200, até 1600 reis cada hum, á boca da Mina: se a esta quantia acrescentarmos 13558, que se venderão no Portollesde 1808 até Junho de 1809, teremos de sommatotal de carvão vendido 29392 carros, que importão perto de 40 contos pelo preço da Mina, da qual recebeo em pagamento a Real Fabrica das Sedas pelo valor de 2:2870320 reis, como consta das facturas dos embarques. Este numero de carros vendidos em Portugal fazem em pipas perto de 2940, que escusarão a entrada de outro igual numero de carvão inglez, que calculando sómente a 40\$ reis a pipa, importarão 117:6000\$ reis, que nos terião levado para fora do Reino. E que utilidades não tirarão os particulares? Os donos das forjas lucrarão a differença de preço do nosso carvão ao Inglez pelo menos 20\$ reis por carro: de mais no inverno de 1803 para 1804, em que houve falta quasi absoluta de carvão Inglez, de maneira que subio a 96\$ reis e mais a pipa, tiverão os senhores das forjas e fabricas de ferrages carvão barattissimo para continuarem os seus trabalhos. Pela

seio do nosso carvão de pedra, que não tem fumo, nem máo cheiro. A agricultura do districto ganhou consideravelmente porque 18 mil carros, que pouco mais ou menos se gastarão em todo este tempo pouparão pelo menos 54 mil carradas de lenha que precisão de outros tantos carros com juntas de bois, e seu lavrador para a sua condução, os quaes se empregarão em outros trabalhos uteis de lavoura; e por consequencia diminuirão igualmente o numero de braços estrangeiros, que nos vem de Galliza para os trabalhos ruraes, e que nos levão o dinheiro, pois que huma junta de bois com o seu respectivo lavrador faz em lavoura o serviço pelo menos de 16^o homens por dia. De mais os bosques e matos forão poupados em grande parte, e podem augmentar e crescer.

Se este unico estabelecimento tem trazido a Portugal tanto proveito, que utilidade nos não promettem os multiplicados e vastos depositos de carvão de pedra, que encerra o nosso terreno se os quisermos aproveitar devidamente e não desmaiarmos logo no começo da empreza, segundo o nosso velho e desgraçado costume?

Além das duas minas hoje lavradas na freguezia de S. Pedro da Cova, temos novamente começada huma pesquisa na Serra do Covelo junto ao Douro no lugar de Guindaes, que promete bastante; pois já se tem encontrado hum veio possante de 3 palmos de excellente carvão.

Para o Sul do Covelo descobrio-se huma rica mina de antimónio que na superficie ao dia já tem 7 pollegadas de grossura, e consta de antimónio grosso, e cal de antimónio esbranquiçada e amarella. Para se descobrir e pesquisar este veio mandei fazer huma galaria, que já tem 11 braças de comprido, e se continuará até o veio, logo que houver mais dinheiro. Deste veio a 70 braças de distancia na direcção do tecto corre outro paralelo

do mesmo metal, cuja possança e natureza particular ainda não está examinada por falta da devida pesquisa. Tenho esperanças bem fundadas, que com este metal se encontrará talvez prata ou ouro, como succede em outros paizes.

Portugal he muito rico em antimonio porque, alem destes dois veios de Covelo, o ha tambem em Alfena, não longe do Porto, e em huma abundancia incrível em Lamas de Orelhão ao pé de Mirandella na Provincia de Traz os Montes, de que tenho bellas amostras, assim como em Villar Chão, e termo de Mogadouro na mesma provincia, e em Murça na Beira.

Visitando em 1804 as vastas escavaçoens antigas da serra de Santa Justa, ao pé de Valongo, em que os Romanos trabalharão por mais de 500 annos, admirei a extensão destas obras, e assentei comigo que este veio mineral dava ainda muito grandes esperanças de huma lavra rendosa, visto que os Romanos não podião lavrar senão minas ricas pela falta de conhecimentos scientificos de metallurgia, falta de instrumentos proprios, que hoje temos, de maquinas de extracção e esgoto, e pela ignorancia da economia de minas trabalhadas por escravos desleixados e grosseiros. Demais em todas as minas antigas, que observei em Salzburgo, Hungria e Transilvania, e que hoje estão de novo em lavra rendosa, não passavão os seus trabalhos de escavação abaixo da galaria principal de esgoto ficando intacta toda a communicação do veio para o fundo, como tambem succedeo nesta mina de Santa Justa. A pezar das circumstancias calamitosas do tempo, e falta de cabedaes, arrojé-me todavia a mandar desentulhar a galaria de esgoto antiga, por 160 braças, até chegar ao veio, que já está feito; e por causa de grandes penedos, que impedem a continuacção deste desentulho, mandei principiar huma galaria de rodeio, que já tem huma

braça de comprido; e tem custado trabalho por serem as matrizes quartzosas e mui difíceis de ganhar. Nós podemos aproveitar todos os trabalhos preliminares, e de soccorro dos antigos, que existem, como da galaria, e poços de extracção, e ventilação, sem novas despesas. Dos pedaços de mineral, que se ganharão, fiz os devidos ensaios no Laboratorio metallurgico da Universidade, dividindo-os em tres sortes, segundo a sua riqueza. A mais pobre deu por 100 lib. de chumbo 5 onças e 4 oitavas, e alguns grãos de prata: outra mais rica pelo mesmo pezo de chumbo 8 onças e 13 oitavas e alguns grãos de prata; e a ultima e a 3.^a forte, que não continha chumbo, mas era de prata negra ferruginosa, deu acima de tres marcos e 3 onças de prata; e todavia ainda não sabemos tudo o que contém o veio em achados ricos.

Além destes jazigos mineraes, de que tenho fallado, pôde-se tambem ganhar com muito proveito pedra hume e caparroza, de que muito abundão estas minas de carvão. Igualmente descobrio-se no sitio do Lodeiro, pouco distante das ditas minas, hum banco de argilla pura porcellanica, muito branca e pura que se pôde aproveitar com muita utilidade em cadilhos, e outras obras, de que tanto precisamos. Assim só neste circumscripito termo do Porto, pôde-se, havendo zelo e actividade, fazer huma mineração muito extensa e proveitosa.

Para o costeio das minas do Porto, se não cuidarmos no mais, que aponte, não se precisão avanços nenhuns pecuniarios do Estado, pois que ellas se lavrarão a si mesmas e dão avanços para os outros estabelecimentos, e só precisamos das providencias pedidas para a Mina de Buarcos, para podermos dar sahida e consumo ao grande numero de pipas de carvão miudo, que se acha desaproveitado, e a perder-se nas eiras, e dentro das escavações das minas. Lembro sómente de novo: 1.^o

que se deve promover o transporte do carvão para o Alto Douro, onde há tanta falta de lenha, escrevendo-se, e recomendando-se aos Corregedores, e Juizes de Fóra este negocio, estabelecendo-se huma tarefa arrasoadá e fixa dos fretes das barcas do Alto Douro, que trazem os vinhos para o Porto, e voltão vasias, e podem levar carvão: 2.º Que o Governador das Justiças obrigue aos donos das fabricas de ferragens, e aos Juizes do Officio de Ferreiro, a que usem ao menos de hum terço do nosso carvão miudo do Porto, misturando-o com o grosso de Buarcos, ou com o Inglez: 3.º Finalmente que se não dê licença a particulares a levantarem de novo fornos de cal, de telha, e tijolo, sem serem construidos á Ingleza para o uso do carvão de pedra, para o que darei os riscos e instruçoens necessarias.

Creio ter satisfeito ao que de mim se exigia, apontando o estado de cada hum dos estabelecimentos, as utilidades certas, que promette, as economias que se podem fazer, as novas providencias que são necessarias; e os cabedaes, de que precisão para o seu costeio, em quanto não tem fundos proprios para o seu trafico e costeio particular.

(No resto da Memoria insiste na importancia de que seria o auxilio do Governo para costear aquelles estabelecimentos, e caso seja impossivel este expediente, ou se abra hum emprestimo de 60 mil cruzados a 8 por cento de juro com a hypotheca dos mesmos estabelecimentos ou erijão-se Companhias mineraes, como se pratica em toda a Alemanha, Hungria, e Reinos do Norte.)

Lisboa 8 de Novembro de 1809.

Doutor José Bonifacio de Andrade e Silva.

N A V E G A Ç Ã O.

Reflexoens sobre as derrotas de estima, e suas correccoens, continuadas do N.º 6. pag. 58

IMportaria pouco saber quanto se anda, se a este conhecimento não acompanhasse o da direcção. Muitos Seculos se ignorou a maneira de obte-lo, e a Colombo se deve a preciosa descoberta de empregar a agulha tocada no iman, cujas propriedades parecem ignoradas até o Seculo 12.º Para fazer huma obra digna da attenção dos Sabios, deveria eu agora expor a theoria do fluido magnetico, inculcar a sua analogia com o electrico; equiparar a divisão de magnetismo austral e boreal com a de electricidade vitrea e resinosa; e ostentar huma instrucção inutil. Mas o Piloto, que com poucos conhecimentos theoricos precisa que lhe ensinem quasi rotineiramente o modo com que aperfeiçoe a sua profissão, ignoraria inteiramente o uso da minha Memoria, e praguejaria o tempo, que consumo em lê-la.

Portanto abrindo mão de apparatusas expressoens, que valerão menos do que huma pagina de Haüy, eu encararei só o que póde ser util a simplices praticos, limitando-me a esta classe de homens, cujos conhecimentos, ao nivel dos meus, os poem ao alcance das minhas idéas.

A figura, que se deve dar a agulha de aço, a que se ha de communicar o fluido magnetico, tem sido objecto de estereis indagaçoens. Deixando as opinioens de Coulomb, la Hire, e de outros, creio que he preferivel a de M. Du Hamel, que lhe dá a fórma de hum parallelogrammo terminado em pontas muito obtusas, ou, como se explica Blondeau, laminas pouco espessas, que rematão em ponta á maneira de folha de louro, e com effeito he destas que geralmente se usa.

Não fallarei do modo de communicar o magnetismo : elle se acha claramente explicado no excellente Tratado de Physica, traduzido para uso da Academia Real Militar, numeros 570 e seguintes, que o Leitor curioso não deixará de consultar. Alli se achará igualmente (n. 579) a exposição de hum phenomeno notavel, que tem o nome de inclinação.

Estando pois a agulha tocada, ou participante do magnetismo, se lhe sobre-poem hum circulo de cartão, ou de faia dividido 1.^o em quatro partes iguaes, que tem o nome de quadrantes, e os pontos da circumferencia, em que terminão as linhas divisorias, tem o nome de pontos cardiaes. Sabe-se que estes quadrantes se dividem em 2, e cada ponto de divisão se diz hum rumo, o qual ainda se subdivide em meios rumos, e cada hum destes em quartas. Vê-se que a numeração binaria foi a seguida neste processo, e que seria facil substituir-lhe outra qualquer. Delambre, querendo introduzir a divisão decimal, propoem „ deixar com effeito ao timoneiro a rosa dos ventos dividida em 32 rumos com os nomes consagrados por hum uso tão antigo como universal : mas na marcação das terras, conservar-se os quatro pontos cardeaes, e contar 100 graos de Norte ou Sul para Est ou para Oest : de sorte que a manobra e o governo conservarão nomes, com que se está familiarizado, e que será forçoso guardar para entender as outras naçoens, e fazer-se entender dellas : e entretanto o systema decimal regulará todas as operaçoens todos os calculos, que se conservarem nos Jornaes. „

Parece todavia que o circulo dividido em quartas offerece hum meio de avaliar mui grosseiramente os angulos. O intervallo de 11 grãos e $\frac{1}{4}$ se julga desprezivel, e quando há maior exacção, metade daquelle angulo. He bem facil de ver que isto faria necessario admittir outra divisão em grãos, e que os rumos fossem marcados, não em quartas ;

mas naquellas partes da circumferencia. Sem embar-go, isto, que na theorica he tão facil, na pratica encontra grandes difficuldades. Os timoneiros são tão ignorantes, que muitos não sabem ler guião-se pelo desenho traçado sobre cada hum dos rumos, para o que se descrevem differentemente os rumos, meios rumos (vulgarmente meias partidas) e quartas, e enganar-se-hião a cada passo se houvessem de ler o n.º de grãos marcado na circumferencia da rosa dos ventos. Com effeito he para admirar o ponto de desleixo, a que se chega neste importante objecto. Eu vi assignar-se a hum timoneiro que seguisse a meia partida (ENE), e descuidando-se este do governo, e achando o navio aproado já além do NE para reduzi-lo ao rumo que se lhe assignou, aproa-lo ao NNE; e dizer affoitamente está á meia partida (com hum erro apenas de 45°). E quando as derrotas de estima tem elementos tão bem determinados, que muito que tenham erros consideraveis? Quem se poderá admirar de ver huma derrota de Angola para este porto com $8\frac{1}{2}$ grãos de erro? Eu o não crera, se não fosse mandado examina-la.

Mas para que he carregar toda a culpa sobre o infeliz marinheiro, assaz acurvado com a sua sorte? O Piloto (quem dissera!) o Piloto mesmo he a causa de grandes ommissões. Quantas vezes, escasseando, ou alargando o vento, muda de rumo o navio, e no fim da hora, ou se assenta na pedra o rumo, que então seguia o navio, ou, quando muito escrupulo há, se escreve o medio entre os dois extremos. E basta? Os primeiros elementos de calculo differencial mostram que a differença de Latitudo varia na razão da differença do rumo multiplicada pelo seu coseno; e a do apartamento como a differença negativa do rumo multiplicada pelo seno; e para que fosse permissivel esta supposição, seria necessario que os senos e cosenos dos arcos cresces-

sem ou decrescessem uniformemente, o que he manifestamente falso, e bastão as taboas para o mostrarem a quem não tiver outros meios de convencer-se. Porém para descer a hum exemplo mais palpavel supponhamos que o rumo variou em pequenas oscillaçoes, e que se andarão as milhas seguintes 2 a ENE, 3 a NE₄E 3 a NE₄N: neste caso tão favoravel, temos entre NE₄E e NE₄N; o medio NE e entre este e ENE NE₄E: logo este ultimo he o que tomaria o Piloto e escreveria na pedra adiante deste rumo 8 milhas. As suas taboadinhas lhe darião 4,4 para differença de latitude, e 6,7 para apartamento; em quanto, se houvesse reduzido separadamente, haveria achado 5 milhas para differença de latitude, e 6 para apartamento: portanto commetteu na primeira hum erro de — o 6, e no segundo outro de + o, 7. Prescindindo mesmo de casos menos favoraveis, vê-se que há huma frequente occasião de repetir estes erros. Mas estes erros são pequenos. — Sim porém são evitaveis. — E como? — Marcando as mudanças de rumo, e o seguimento correspondente. Que difficuldade há em escrever, como no caso apontado, em huma mesma hora

2 o ENE
3 o NE₄E
3 o NE₄N;

e para a reducção attender separadamente a estes rumos? Dois ou tres minutos mais de exacção não pagão bem este pequeno trabalho? Além de que, eu mostrarei em outro lugar como esta especificação de angulos conduz a huma exacção muito maior quando há o maior desvelo nas correccoens.

Mas não he só esta a causa de erro no angulo; há outra que facilmente se evita, porém que não convém esquecer. A bussola he guarnecida de duas caixas, das quaes a anterior tem dois

balanços ou aros de latão, encaixados hum no outro. Estes devem necessariamente ser de latão, pois se fossem de aço, ferro, &c., a affinidade destes metaes com o fluido magnetico pertubaria a agulha, e tornaria muito duvidoso o seu testemunho. Estas caixas se depositão em huma especie de armazem, a que se dá o nome de *bitacula*, talvez por corrupção de palavra Franceza *habitable*. Cumpre que a direcção deste armario seja parallela á quilha, porque de outra maneira os angulos marcados pela bussola não serião as verdadeiras direcçoens do Navio.

Avaliado o caminho andado, examinado o rumo, resta o que se chama vulgarmente cartear as milhas, para achar o angulo da barca. De methodos graphicos se costumavão servir os nossos Pilotos, como a escala, o quarto de redução, &c. Depois que forão obrigados a adquirir algum conhecimento da Trigonometria Plana, ouvirão fallar em redução pelo calculo, e felizmente acharão-no já feito nas Taboadinhas Inglezas em Moore, nas Taboas de Mendoza e em outros livros. O methodo consiste, como todos sabem, em reduzir a hum só triangulo todo o caminho feito com huma só amura, a fim de conhecer o sentido em que se deve applicar o abatimento. Ora que dirá hum destes praticos, se ler neste papel que este methodo induz em graves erros? Hum caminho seguido por todos os Pilotos, que me ensinarão desde pequeno, que tem conduzido tantos milhares de navios aos seus destinos. — Sim, esse caminho he perigoso. Huma risada de compaixão seria a resposta do pratico, e eu contentar-me-hia com rogar-lhe que não me condemnasse sem ler. Para lhe fallar de hum modo mais intelligivel, eu tomaria o mesmo exemplo de Mendoza. (Tratado de Navegacion, Tom. 2 n. 209.)

Suppoem que hum navio sahio da latitude de $67^{\circ} 30' N$ e longitude $3^{\circ} 10' O$, e andou as seguintes milhas.

Rumos	Dist.	Diff. de Latit.				Lat. de chegad.	Partes merid.	Diff. de Latit. merid.	Diferença de longitude	
		N	S	E	O				E	O
NE	64	15,3		45,3		67,30	5551,6	119,5	119,5	
NNE	50	46,2		19,1		68 15	5671,1	126,2	52,4	
NOIN	58	18,2				69 1	5797,3	136,6		91,1
ONO	72	27,6				69 49	5933,9	82,1		198,6
O	48					70 17	6016,0	00		142
SSO	38		35,1		14,5	69 42	5913,7	102,3		42,4
SISE	45		44,1	8,8		68 58	5789,0	124,7	24,8	
ESE	40		15,3	36,9		68 43	5747,4	41,6	100,7	
Diff. de Lat. 72,8		167,3	94,5	110,1	116,2			297,4	474,1	
Apart. de mer. 51,1								176,7		
Diff. em long. total.										

A primeira parte da Tabella offerece o modo de cartear ordinario, a 2.^a emprega as partes meridionaes, ou latitudes crescidas. Conforme o primeiro modo, empregando o paralelo medio de 68° teriamos a differença de longitude 137,1, em quanto pelo segundo achamos 176,7 e differença 39,6. Vê-se pois que o primeiro methodo de reduccão he muito defeituoso em latitudes consideraveis. Transcreverei as mesmas palavras de Mendoza. (n.^o 211 e 212.)

„ Para se pouparem ao trabalho de repetir as
 „ mesmas operaçoens em cada rumo, costumão os
 „ pilotos reduzir-se ás primeiras seis columnas, e
 „ achar a differença em longitude correspondente
 „ á differença entre as sommas dos apartamentos
 „ E e O no paralelo medio determinado pela
 „ differença em latitude total.

„ Porém esta pratica he falta de exactidão,
 „ como se vê facilmente considerando só o caso
 „ de dois rumos, hum na linha Norte Sul, e
 „ outro na Est-Oest; porque então se reduz o
 „ apartamento do meridiano á differença em longi-
 „ tude em hum paralelo. que dista do verdadeiro
 „ toda a metade da differença em latitude contraida.
 „ Os erros pois, que se cometerem, serão tanto
 „ maiores quanto mais se approximar á aquelle caso,
 „ isto he, quanto mais proximos estiverem hums
 „ rumos ao meridiano, e outros ao paralelo, e
 „ que ao mesmo tempo as latitudes forem maiores,
 „ e mais consideraveis as differenças de latitude.
 „ Isto se vê no exemplo acima, que dá pelas ope-
 „ raçoens communs 137 milhas em differença de
 „ longitude. Por esta razão dever-se-há sempre
 „ attender ás circumstancias que podem fazer de-
 „ feituoso o methodo ordinario, para reccorrer a
 „ a outro mais exacto, ainda que seja na reduccão
 „ dos rumos seguidos em hum ou dois dias, que
 „ he o que se costuma.

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonceca. Continuadas do N.º 2.º pag. 12

Terra de Sandwich e Ilha de S. Pedro.

S*SANDWICH* foi descoberta em 1775 por Cook, porém as cartas antigas notavão huma terra por esta parage denominada Golfo de S. Sebastião; mas o certo he, que até agora ignoramos se esta terra se estende para Leste ou para o Sul, pois o Capitão Cook em Fevereiro de 1775, descobriu terra a Leste, navegando pela Latitude S. de 59° 30', e como os gelos o impossibilitarão de reconhecê-la pelo Sul, navegou para o Norte, e nesta derrota foi avistando e determinando os pontos mais salientes, até que chegando á sua extremidade Septentrional, continuou a sua navegação para Leste. Nenhum dos circumnavegadores, depois de Cook, tem reconhecido a costa Oriental desta terra, por consequência ainda falta fazer esta indagação para de huma vez conhecermos o seu limite para o Sul, pois não se segue, nem he justo, que se fique em trevas a respeito da sua extensão, sómente por considerarmos que a sua remota situação e aspero clima a faz inutil aos Navegadores. Pelo que respeito á Ilha de S. Pedro, ou Georgia, devo dizer que esta terra he aquella, que Antonio da Rocha descobriu, e não lhe deu denominação, porém em Junho de 1756, Duclou Guyot a visitou, e lhe deu o nome de Ilha de S. Pedro, e Cook na segunda Viagem reconheceu a parte Oriental, a que nomeou Georgia; a parte do SO. desta terra não tem sido

visitada por algum navegador : por consequencia ignora-se se he huma costa aberta com portos e bahias, ou huma costa inteiramente fechada.

Ilha de Pitcairn.

ESTA Ilha foi descoberta em 1767 pelo Capitão Carteret, que se havia separado do Capitão Wallis. Elle a situa em $25^{\circ} 12'$ de Latitude Sul, porém quanto á Longitude até agora he incerta, pois parece que este navegador não teve occasião de a determinar por observação; nenhum dos Navegadores posteriores a Carteret, a tem reconhecido, e sómente Cook na sua segunda viagem diz o seguinte.

„ Em o 1.º d'Agosto achando-me por $25^{\circ} 01'$ de Latitude Sul, e por $134^{\circ} 06'$ de Longitude Occidental, parage pouco mais ou menos assignada pelo Capitão Carteret á Ilhas de Pitcairn, que este navegador descobriu em 1767; fiz toda a deligencia, que me foi possível, para a encontrar, porém nada pude observar, que me desse indicios de terra: nós passámos 15 legoas ao Oeste da Longitude, onde o dito Capitão a situa, mas como esta determinação he incerta e por outro lado considerando o estado dos doentes da Aventura, achei prudente não perder o meu tempo a procura-la.

A' vista do referido o reconhecimento desta Ilha, e da sua posição bem determinada, se poderá rectificar por meio das outras, que este navegador descobriu em continuação da sua derrota.

Nova Guiné.

PELO que respeita á Nova Guiné, admiro, ou para melhor dizer, não se póde vêr sem pena, logo que se examinão os rapidos progressos das descobertas, que tem feito conhecer as regioens mais

distantes, que estejamos ainda em trevas sobre a parte desta grande Ilha, entre os seus extremos do SO e SE. Sabemos que Dampiers foi o primeiro que nos mostrou que esta Ilha não se estendia tanto para o Oriente, como os Geographos concebiam em consequencia das relaçoens dos antigos navegadores; pois Maire em 1616, quando avistou por Leste a terra, que hoje se chama a Nova Irlanda, julgou ser parte da Nova Guiné; e Tasman em 1642 denominou a parte mais saliente Cabo de S. João da Nova Guiné de sorte que ás terras, que ficavão a Leste da passage, que Dampiers descobriu, este navegador impoz o nome de Archipelago da Nova Bretanha, a qual denominação se conservou até a epoca, em que o Capitão Carteret descobriu hum estreito no dito Grupo a que denominou Canal de Jorge, e ás Ilhas, que ficavão a Leste, impoz o nome de Nova Irlanda, Novo Hanover. Bougainville, que se seguiu a Carteret, descobriu ao Sul da Nova Bretanha aquellas Ilhas, que denominou Archipelago da Louisiada, apezar de ficar sempre na incerteza se estas terras fazião parte da Nova Guiné ou se estavão separadas por algum estreito, assim como a Nova Bretanha.

O Contra Almirante Dentreasteaux a quem nós devemos tantas descobertas feitas nos referidos Archipelagos, como tambem a exacta posição daquelles de Salamão, e de Bougainville e Caledonia, (pois os outros navegadores, que os descobrirão, não fizeram mais que aponta-los) he sem duvida, de quem os Geographos esperavão a determinação daquelle importante ponto Geographico; porém huma tal questão não se decidiu e sómente da Derrota de Dentreasteaux eu deduzo que este navegador atravessou o espaço desde o recife mais do Norte e Oeste da Louisiada até huma legoa de distancia ao Cabo Longuerve de Guiné, na direcção

do NO. porém a terra da Nova Guiné, que forma a linha da menor extensão com a extremidade do Archipelago da Louisiada, he a que fica na direção do Oeste, cuja distancia he de 6 a 7 legoas, e a ponta mais avançada foi nomeada por Dentreasteaux Cabo do SE. Foi determinada a sua longitude no mesmo meridiano do ultimo recife Occidental do Archipelago, pela observação do dia 24 de Junho de 1793 sendo a posição das Fragatas ao meio dia huma legua a Leste das pedras; mas pelo que respeita á latitude, foi determinada por estima em 8.^o 40' Sul. O Contra Almirante diz que na referida linha de 7 leguas se não descobria mais terra para o Sul, e que os ventos da parte do SE (era a monção) lhe servirão de inconveniente para esclarecer este ponto importante da Hydrographia. Eu observei na relação da viagem deste habil navegador, que já áquelle tempo se achava com pouca saude, e que não obstante, elle teria descoberto hum novo Estreito, se os seus Officiaes se não opozessem ao prolongamento da viagem para conservar a saude do seu Chefe, porém esta precaução foi em vão, pois passados vinte dias já não existia.

Cabo da Circumcisão.

ESTA terra suposta por Bouvet hum extremo de Continente, pode ser mais que huma Ilha. He certo que depois deste navegador não tem sido procurada, senão por Cook, e Furneaux, porém na epoca destas pesquisas a Longitude da dita terra não se achava corrigida, pois Bouvet tinha empregado na sua derrota por longitude da partida aquella de Santa Catharina, que naquelle tempo se achava affectada do erro de 4.^o, segundo as observaçoens recentemente feitas no Rio de Janeiro, cujo resultado poem a terra vista por Bouvet em 6.^o 0 5' ao Oriente de Greenwich, e parece-me ser esta

a razão, porque escapou á indagação da Resolução e da Aventura porque Cook vindo de Oeste não principiou a pôr-se na latitude de 54^o, senão quando chegou aos 8^o a Leste, e o Cappitão Furneaux aos 10^o 30' he que chegou a cortar o dito parallelo, assim hum e outro principiarão as suas indagaçoens depois de terem passado o dito Cabo, por consequencia huma nova indagação não me parece inutil ou seja para fixar a sua posição encontrando-a, ou para pôr termo á sua existencia sobre as cartas Hydrograficas.

Continuar-se-ha.

A G R I C U L T U R A.

*Meio empregado pelos Chins para a propagação das arvores fructiferas &c publicado por B.****

HE tamanha inconsideração negar-se a adoptar o que he novo quanto abraçar a novidade sem mais reflexão, quando se pôde seguir perda de tempo, e de bens; mas quando o tempo posto em risco são poucas horas, e a perda alguns ramos de arvore, não há lavrador, por mais pobre que seja, que não esteja no caso de sofre-la: por isso sem escrupulo algum os convido a tentar com migo o methodo que passo a descrever, e que comecei a praticar.

Os Chins em vez de propagar as arvores fructiferas por sementes, ou enxertias, imaginarão outro meio, que o Doutor James Howison publicou em Inglaterra. Tendo escolhido a arvore, que querem propagar, tomão o ramo, que cortado disfee menos a arvore; em roda delle, e o mais per-

to do tronco que sem oppressão se pôde operar, enrolão huma corda de palha coberta de bosta, e dão-lhe tantas voltas, que a rodilha forme 5 á 6 vezes o diametro do ramo: he no centro desta rodilha que se devem formar as raizes. Feita esta operação, cortão a casca até ao lenho immediatamente abaixo da rodilha, e os dois terços, pouco mais ou menos da casca da circumferencia do ramo; pendurão depois em hum ramo superior, e acima do centro da rodilha, hum casco de coco, ou qualquer vaso com hum muito pequeno furo no fundo, afim de que não deixe cahir a agoa, de que o enchem senão gota á gota.

Durante tres semanas, nada mais se lhe faz do que entreter o vaso cheio d'agoa, e findo esse termo, corta-se o terço restante da casca, e profunda-se a primeira incisão muito pelo lenho; n'esse tempo já algumas raizes se tem formado.

Passadas outras tres semanas, repete-se a mesma operação, e em geral dois mezes depois do principio da tentativa vem-se as raizes se entrelaçarem na superficie da rodilha, que he o annunciô de ter chegado o tempo de separar o ramo do tronco, o que convém fazer com huma serra, e no lugar da incisão, afim de abalar o menos possivel a rodilha, porque então a corda se acha já podre: isto feito planta-se o ramo como huma arvore nova.

He provavel que na Europa sendo a vegetação menos activa do que na China, esta operação leve mais tempo; todavia M. Howison pretende, segundo as tentativas, que fez em laranjeiras, que hum mez de mais compensa a differença dos climas.

As ventagens do methodo dos Chins são, que sendo os ramos plantados assás fortes, ao cabo de tres para quatro annos tem-se as novas arvores dando fructos, quando as mesmas arvores no mesmo clima vindas de semente, gastão 8 e 10 annos antes que fructifiquem. O Dr. Howison teve oc-

casião de ver isto provado na Ilha do Principe de Galles. Hum particular, que tinha semeado pevides de laranja em 1785, não tinha ainda tido fructo em 1795, quando ramos tratados pelo methodo dos Chins em 1791 tinham já carregado por duas vezes.

Se este methodo for praticavel, a ventagem não he para desprezar, pois que a infancia das arvores passa então depressa, ella, que sendo vago-roza em geral, era o que desanimava, tanto pela morosidade, como pelos accidentes multiplicados que se soffrem. Em todo o cazo a adopção deste methodo será muito util para multiplicar as arvores de paizes quentes, cujas sementes nos mais frios que o seu natal não adquirem madureza bastante para prolificarem. O Dr. Howison observou muitas vezes que o ramo, em que se praticava a operação, que descrevemos em quanto a arvore dava fructos, carregava muito mais do que os outros. He provavel que isso provenha de huma plectora, ou superabundancia occasionada pela falta de communicação entre o ramo e o tronco pelos vazos descendentes, a qual se interrompe com a incisão na casca, em quanto a communicação pelos vazos lenhosos, ou ascendentes subsiste. Esta circumstancia corroboraria a opinião de Bonnet, que pretende que os fluidos das plantas tem, como os dos animaes, huma circulação regular. Pelo mesmo raciocinio poder-se-hia tambem explicar o phenomeno da maior quantidade de fructos de huma arvore que foi desfolhada. Dir-se-hia que a mor parte dos sucos ascendentes se despende pelas folhas em transpiração insensivel ou em sustento. Vê-se com effeito que huma arvore, sobre que se pratica hum entalhe, cessa de derramar suco pela ferida logo que tem as folhas: Marsden tinha as mesmas idéas, e lê-se no sua historia de Sumatra, pag. 119, que os indigenas alli desfolhão as arvores tardias em fructificar-se, que assim os

sucos nutritivos por este importante uso são mudados ou virados, fazendo aparecer flores em maior abundancia.

O Dr. Howison observou que as raizes de hum ramo, que soffeo a incizão, gastavão mais tempo a emaranhar-se pela rodilha, quando a arvore estava com folhas, do que quando estava despida dellas, e conclue que a estação a mais favoravel para a incizão he na Europa a Primavera.

Sendo as fructas hum dos melhores mimos da natureza, tudo quanto concorrer para melhora-las, e augmenta-las, deve entrar na escala dos nossos primeiros cuidados, e podendo o methodo, que publico, vir a ser hum meio de augmentar não só as arvores fructiferas, mas as de construcção &c., torno a recomendar aos lavradores, ás mãos dos quaes esta noticia chegar, que comigo o ponhão em pratica, e aos homens de gosto, que sabem dar o apreço devido a hum pomar a hum bosque, e á vista de hum desser, que Pomona alegre, que o publiquem e incitem.

T O P O G R A F I A .

Breve Descrição Topografica e Statistica da Capitania do Espírito Santo. Por Francisco Manoel da Cunha. ()*

Origem do Rio Doce.

O Rio da Piranga em S. José de Sipotó, o Ribeirão do Carmo, que passa pela Cidade de Mariana, e que ambos fazem barra no lugar denominado Mathias Barboza são os progenitores do Rio Doce: alguns pequenos Corregos, e Regatos, asoberbão o curso deste Rio até o de Antonio Dias, donde descem as canoas. Existem varias Caxoeiras impraticaveis antes de chegar a este Arrayal. O ávido Mineiro viajando então cinco legoas distante do Porto de Antonio Dias, vê a primeira Caxoeira denominada Alegre; oito legoas mais abaixo descobre a chamada Escura; aqui o Rio de Santo Antonio dos ferros (innavegavel) vem depositar as suas agoas. Dahi á dez legoas apparecem as duas Caxoeiras de Bâguary: nesta posição os Rios dos Bugres e da Corrente baralhão-se com o Rio Doce. Na distancia de oito legoas achão-se os roxedos de Bituruna, e defronte destes penedos vem desagoar o Rio Sussui grande, tendo pouco mais acima desembocado igualmente o Rio Sussui pequeno. Tres legoas depois encontra-se o Caxoeiro da Figueira; avançando mais oito legoas, observa-se o do Sapé; e dalli a sete o do Cuieté: aqui entra o Rio do mesmo

(*) O Autor - depois de ter exercido com muita distincção o lugar de Escrivão da Junta da Fazenda nesta mesma Capitania, foi nomeado para crear o mesmo lugar na do Piahy, onde tem sinalado o seu zelo e constancia a bem do Real Serviço.

nome. Viajando-se mais quatro legoas demora a Caxoeira do M, e tres legoas avante está a conhecida pelo nome do Inferno. O Rio Manassú alonga-se outras tantas legoas desta ultima Caxoeira: ahi está o Quartel de Lorena; e navegando-se quasi huma legoa, encontra-se a Ilha da Natividade, d'onde principião os pedregulhos conhecidos pelo nome de Escadinhas, que se dilatão até o Rio Guandú nas circunvisinhanças do Porto de Sousa, extremas das Capitánias de Minas Geraes, e do Espirito Santo. Taes são os grandes obstaculos confessados pelos mesmos Mineiros desde a vez primeira que se communicarão com os Capitanienses pelas agoas d'aquelle Rio, e que difficultão, como já disse a sua frequente navegação.

A navegação do Porto de Souza até a barra he mais commoda, por se não encontrarem tantos penedos; mas o fundo do Canal he muito desigual. Cento e quarenta Ilhas desde o lugar do Cascalho, até o Quartel da Regencia Augusta na barra, dividem este Rio como em dous, cuja corrente he assás extraordinaria. A sua largura desde a fóz até o já mencionado lugar do Cascalho he quasi sempre de hum quarto de legoa, e chêa de grandes bancos de arêa tanto da parte do Norte como do Sul. A barra não he estavel: humas vezes tem dez palmos, outras vezes treze, e muitas vezes sete, cinco &c. Não há alli hum surgidoro capaz de ancorar qualquer embarcação, e para escapar á rapidez da corrente he necessario afferrar-se á terra. A entrada da barra he difficultosa, e de grande perigo: esta entrada só com vento feito pôde ser feliz, pois nada mais he capaz de obstar, e vencer a alluvião de tantos Rios combinados em hum só ponto. O grande cordão, que ahi se eleva, e os parceis de hum e outro lado, impossibilitão ás embarcaçoens o poderem bordejar; e quando quizessem proseguir na sua viagem pelo Rio acima, não o

poderião surmontar , 1.º pela pouca agoa do Canal ; 2.º pelas differentes direcçoens do mesmo Canal , que ora demora ao Norte e Noroeste , ora a Oeste , e Sud-Oeste , e serião necessarios muitos ventos favoraveis a hum mesmo tempo para que as embarcaçoens evitassem o naufragio.

Quarteis do Porto de Souza , de Linhares , e da Regencia Augusta.

O Lugar denominado Porto de Souza , ao lado Meridional do Rio Doce , he conhecido por este nome desde o tempo , em que governou a Capitania do Espirito Santo o Capitão de Fragata Antonio Pires da Silva Pontes. O Quartel do Destacamento he a caza unica , que alli existe.

Linhares , antigamente Contins , tres dias de viagem pelo Rio abaixo , e destacamento situado na margem Septentrional , contém mais de setenta cazas todas cobertas de palha , hum Quartel , e hum unico Lavrador novamente afazendado. O grande Lago de Japaraná não fica muito distante d'aqui : hum braço deste Lago vem desagoar á Leste de Linhares , outro mistura-se com o Mar do Brazil na praia de S. Matheus. Infelizmente este Lago ainda não foi mensurado , com tudo ao primeiro golpe de vista mostra que terá dez , ou doze legoas de circumferencia. Seu fundo conhecido he de quatro a cinco braças e muito abundante em pescado.

A Regencia Augusta , distante hum dia de viagem de Linhares , foi assim chamada pelo mesmo Governador Pontes. O Quartel do Destacamento , e duas pequenas choupanas compoem este Registro . que fica da mesma parte , em que jaz o Porto de Souza : só hum pequeno Lavrador aqui vemos a tres para quatro mezes : este Quartel he o depozito das muniçoens , que vão para os lugares acima ditos.

Quarteis dos Combois, e do Riacho Lagoa do Campo.

DA barra do Rio Doce, onde está o Quartel da Regencia Augusta, marchando-se pela praia na longitude de tres léguas mora o Quartel dos Combois, retirado da mesma praia hum quarto: aqui passa o Rio, ou para melhor dizer, a Lagoa, que dá o seu nome a esse Destacamento, segundo a linguagem dos Indigenas; esta especie de Rio vai ajuntar-se com o que vem da Lagoa do Campo; em huma palavra, o unico, e pobre domicilio dos Soldados, huma floresta continuada, e o morno silencio da solidão fórmão toda a belleza deste sitio.

Se combinarmos agora o tempo, que se gasta dahi ao lugar do Riacho, ou seja embarcado por esse pantano já dito, ou vindo pela praia, a viagem sempre he igual. Recordo-me, que toda a praia desde o Rio Doce até o Riacho, de que vou fallar, he insuportavel; a sua extensão he de sete legoas. O Destacamento do Riacho está quasi desamparado; hum só Indio ahi existe, e nada mais se observa, que possa merecer attenção.

A Lagoa do Campo dista deste lugar para Oeste poucas horas de jornada tanto por terra, como pelo mesmo Rio, que lá vai ter - cuja barra he ainda incapaz de receber canoas. Esta Aldêa do Campo he assás grande, e povoada de Indios.

Aldêa Velha.

SAhindo do Riacho, e avançando tres legoas, vemos a Aldêa Velha: a barra do Rio, que depo-mina este lugar, he limpa, e admite em si bergantins, que muitas vezes tem ido carregar madeiras de que ricamente abundão as suas matas. Algumas pequenas cazas, pela maior parte cobertas de palha, e alongadas humas das outras, fórmão

a totalidade desta chamada Povoação de hum, e outro lado do Rio. Viajando-se cinco, ou seis horas por este mesmo Rio vai demandar-se a Oes-Noroeste o Destacamento de Piraquê Assû, composto unicamente de Indios e mais abaixo por hum braço, que demanda ao Sul, vê-se o Piraquê Merim, onde ha pouco succedeo o horrivel catastrophe, que relatarei na continuação desta memoria. O commercio da Aldêa Velha consiste em madeiras cal, laranjas, azeite de baga, farinha de mandioca, fio de algodão, e tudo, exceptuando as madeiras, em diminutas porçoens.

Villa Nova d'Almeida.

ESTA Villa dista da Aldêa Velha outras tantas legoas, quantas achamos do Riacho á mesma Aldêa. Ella está situada sobre huma pequena colina á borda do mar: o seu commercio florescia em madeiras antes da prohibição do córte, venda, e exportação destas, cujo interdicto foi posto pelo actual Governador em toda a Capitania: seus habitantes são todos Indios; excepto alguns Europeos alli estabelecidos: as cazas cobertas de palha; as paredes de barro; e só o Collegio, que foi dos proscriptos Jesuitas, e seis ou sete predios dos Portuguezes já domiciliados são cobertos de telhas. O Senado da Camara, e o Capitão Mór são Indios de Nação. O Rio que dá, ou tira seu nomê da dita Villa, e que corre ao Norte della, he de nenhuma consequencia, pois que só admite canoas, e pequenas lanchas. A negociação ordinaria compoem-se dos mesmos generos, que se exportão da Aldêa Velha, e a pobreza aparece aqui como personificada no semblante de cada hum dos seus nacionaes.

Villa da Victoria.

AGORA chegamos á Villa Capital da Victoria que demora oito legoas ao Sud-Oeste da d'Almeida: a sua posição he em huma especie de Ilha: ella se estende á maneira de amfitheatro, sobre a falda de hum monte; o braço de mar que fórma o seu ancoradouro segue a Oeste por mais de legoa e meia, e dirigindo-se para o Norte, e Leste, torna a engolfar-se no mesmo mar: a largura desta Ilha, de Norte á Sul, será pouco menos de 5 quartos de legoa, e de E. á O. a extensão não he regular. Nove Igrejas (incluções dous Conventos de Religiosos Carmelitas, e Franciscanos) apparecem no meio desta Villa; as cazas não são bellas com tudo descobrem-se algumas de dous andares: alli não há divertimentos, a decadencia da terra assim o permite: huma estrada, que se dirige á Leste, e outra a Oeste, eis os frequentes passios dos habitantes daquella Villa. Ali he a residencia do Governador, do Tribunal da Junta da Real Fazenda e do Ouvidor. O Senado da Camara he pobrissimo por ter cedido antigamente os seus rendimentos á Real Fazenda, afim de que alli houvesse huma Companhia de Linha para arrostar o Gentio.

O Commercio, que consta de pequenas quantidades de assucar, agoardente, café, milho, feijão, arrôs e algodão, não he bastante para encorajar os seus Nacionaes, e as pequenas embarcações deste Porto, navegando sempre ao longo das Costas limitrofes do Rio de Janeiro, e Bahia, raras vezes se animão a viajarem para Pernambuco, ou Rio Grande do Sul. A maior parte das mulheres se occupão diariamente a fiarem o algodão, percebendo deste trabalho tres, ou quatro vintens: a Agricultura está como esquecida: não há hum só Negociante capaz de animar alli os diversos artigos

da industria, ou seja em generos Europeos, Asiaticos ou Africanos: a desgraça, e desamparo daquelle Paiz he tal que arruinando-se mesmo qualquer predio jámais o reedificão. A barra desta Villa Capital está na distancia de pouco mais de legoa, e nesta extensão apenas apparecem dous pequenos Fortes o de S. Francisco Xavier, ou Piratininga ao Sul da dita Barra, e o de S. João alongado desta pelo Rio acima mais de 3 quartos ao Norte: sobre o cimo do monte, onde jaz este Forte, ainda hoje se conservão os restos de huma velha muralha, que antigamente servio de defeza aos Hollandezes.

O Rio de Santa Maria, que vem desaguar nesse braço do mar que fórma o ancoradouro já dito da Villa da Victoria, he assás bello: as suas margens são cobertas de fazendas, e as matas visinhas cheias de preciosas madeiras: a navegação he feita por canoas pois o canal não admite embarcaçoens de maior porte. Entretanto se a nova estrada, que de Minas Geraes se dirige pela Serra dos Arripiados, e que, segundo dizem, vem ter á Capitania do Espirito Santo por este Rio. se effectuasse, esta communicação seria de maior vantagem, que a navegação do Rio Doce porque desembocando o dito Rio no lugar chamado do Lamarão, quasi legoa e meia distante da Villa, dalli mais facilmente serião conduzidos os generos de Minas, importados sem maior trabalho naquella Capital, cuja barra he capaz de receber Brigues e Galeras.

Villa do Espirito Santo.

POUCO acima do Forte de S. Francisco Xavier da barra está a Villa do Espirito Santo, a primeira, que houve naquella Capitania: 40 cazas pouco mais, ou menos, e pela maior parte cobertas de palha, compoem esta povoação: ainda alli se vêem os alicerces de huma pequena Alfandega estabe-

lecida logo depois da sua descoberta, e que desapareceu, bem como a antiga navegação, que ella nutria directamente com a Europa e Africa, de que hoje não há a mais ligeira sombra. Todavia o Senado da Camara desta Villa he mais rico, que o da Capital. O grande monte denominado da Penha, he hum das balizas dos navegantes daquelle Costa; elle demora a Leste da Villa do Espirito Santo. O Santuario, que se descobre no seu cume e sobre hum escarpado rochedo, he assás conhecido pela veneração, que lhe consagra a maior parte da America Meridional. O Templo, ainda que pequeno, he sumptuosissimo. A Imagem da Senhora da Penha possui immensas peças d'oiro, e pedras preciosas, e em torno da Igreja pela parte de Leste os Religiozos Franciscanos fórmarão hum Conventinho.

Villa de Guaraparim.

DA Villa do Espirito Santo segue a estrada que vai ter á de Guaraparim ao Sul dest'outra, dez, ou onze legoas. Guaraparim tem hum porto capaz de ancorar embarcações, sem o menor perigo: esta Villa não he grande, com tudo encerra as commodidades possiveis para o commercio, e os mesmos generos, que se exportão da Villa da Victoria, ahi mesmo se achão: além disto abunda mais em madeiras. Duas Igrejas vemos nesta Villa: a inercia de seus habitantes equilibra com os de toda a Capitania: as agoas potaveis não são boas; mas o seu terreno he fertil. Vindo da Villa do Espirito Santo para esta, não se encontrão Rios memoraveis, porque duas legoas distante da primeira vê-se o Rio Jucú, cuja barra só he capaz de canoas, e duas legoas antes de chegar a esta ultima Villa encontra-se o Rio de Una, hum quarto depois o de Perocão, todos estes semelhan-

tes ao de Jucú. A especie de Rio, que vem formar o porto de Guaraparim, considerado verdadeiramente, não he mais que hum braço destacado da combinação de muitos pantanos.

Villa de Benevente.

DE Guaraparim á Villa de Benevente há seis legoas: esta pequena Villa mora ao S: seu porto fica no fundo de huma larga enseada, que o mar ahí fórma semelhante a huma grande bacia, e que tem bastante agoa para nadarem bergantins de maior porte, como por vezes já tem ancorado lá mesmo tanto Nacionaes, como Estrangeiros. Aqui se constroem sumacas &c. As madeiras são muitas: os artigos commerciaes contrabalançam com os de Guaraparim; e huma só Igreja (o Collegio dos Jesuítas) descobrimos no meio de hum monte, que está mesmo junto á Villa. O Rio conhecido pelo nome d'Aldêa, e que banha o lado Meridional desta Villa, he navegavel pelo sertão até a ultima das fazendas situadas pelas suas margens.

Duas legoas, seguindo sempre a direcção do Sul, distantes de Benevente está o Rio Piúma em tudo igual ao de Jucú. Marchando-se pouco mais de legua, chega-se á grande montanha do Agá, baliza dos mariantes para aquella Capitania: nas faldas deste monte corre a melhor agoa de toda a Costa Braziliense.

Povoação de Itapemerim.

DO monte já mencionado avançando pouco mais de 5 leguas, acha-se o Rio Itapemerim, que assim se appella a Povoação afastada da barra meia legoa: este Rio ás vezes recebe grandes Lanchas. He muito digno de notar-se que, ficando a Villa de Guaraparim ao Norte de Benevente, seja esta Po-

voação sujeita ás Justiças da primeira Villa, em quanto o rendimento dos Dizimos he sobre si. Esse terreno não deixa de ser fertil: a Povoação he melhor, que a da Aldêa Velha, e a sua unica Igreja, por muito antiga, he digna de ser apontada. Algum assucar, agoardente, e pouca madeira he a base do pequeno negocio, que gira nesse lugar.

Itabapoana.

SEguindo pela praia, e passando á travez das barreiras dos Cirís, tocamos em Itabapoana, ultimo lugar da Capitania do Espirito Santo. O Rio de Itabapoana he só navegavel algumas vezes para pequenas Lanchas, e sempre para Canoas: aqui nada vejo, que mereça attenção. Neste porto, cuja população he composta de oito cazas cobertas de palha, existe hum Quartel, onde estão destacados hum Cabo. e 4 Soldados da Companhia de Linha, a unica, que há na Villa Capital da Victoria; outros tantos Destacamentos desta natureza se achão em Itapemerim, Benevente, e Guaraparim. Desde o Rio Doce até Itabapoana, a estrada he sempre pela Costa do mar, e raras vezes della se aparta, pois que os sertoesns daquella Capitania ainda pela maior parte não estão povoados, nem descobertos.

ARTES.

*Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo :
continuado do N.º 2.º pag. 41.*

CAPITULO 3.º

Este damno não he antigo no Reino.

A primeira, e mais visivel objecção, que se offerece a este discurso, he que se do Reino sahem copiosas sommas de dinheiro todos os annos (como parece que prova o que fica referido), nos achamos já sem prata, nem ouro; porque no Reino não entra prata, nem ouro em muitos annos, que iguale a somma, que sahe em hum só anno; e como não estamos ainda nestes termos, não deve ser esta a causa, nem sahir do Reino tanto dinheiro, como suppõe este discurso.

A resposta não he facil, e cuido que confirmará o que temos provado. He necessario considerar tres tempos no Reino hum antes que passámos á India; outro emquanto fomos senhores do Commercio della; e o ultimo depois que a perdemos; que principiou na perda de Ormús, e acabou na perda de Ceylão. No primeiro tempo não houve este damno, porque naquella idade (a que podemos chamar de ouro) não entravão no Reino fazendas estrangeiras, principalmente das que dependem de Arte; e como o Reino era mais abundante de fructos, de que os Estrangeiros necessitavão, era muito mais o que tinha que dar do que o que delles recebia; e ainda que os preços erão vís comparados com os presentes, a moderação daquella idade os fazia grandes: havia dinheiro para sumptuosas fabricas, e para grossas Armadas, com que passavão á Africa os nossos Reis; e para sustentar grandes Exercitos.

He certo, que não entravão fazendas estrangeiras porque nos vestiamos com pannos finos de Portugal; e as sedas (que se não fabricavão) tinhamão tão pouco uzo, que El-Rei D. Manoel, no primeiro anno do Seu Reinado, escreveu huma carta a Evora ao Conde de Vimiozo em que o reprehendia de haver consentido que a Condeça Sua Mulher se vestisse de veludo; e dá a razão nestas palavras: *Porque o veludo, Conde, he para quem he.* Os adornos das casas erão cabides de armas, sempre luzentes, e promptas para o exercicio da guerra; a maior despeza erão bons cavallo; nem coches nem liteiras conhecia aquella idade: as Rainhas marchavão em mullas: com este aparato recebeu a Rainha D. Leonor a Princeza de Gales, quando trouxe a Lisboa a Seu filho para se receber com a Infanta D. Brites, que depois foi Rainha de Castela. Todos oivimos a nossos Avós, que o uzo commum erão botas; as da Corte mais polidas, que as do Campo; a este uzo attribuição não se conhecerem naquella idade alguns achaques, que hoje se padecem: destes exemplos estão cheias nossas Historias; e tem copioza noticia a tradição.

No segundo tempo, que he o das Conquistas (gloriozo sim, mas em que se perdeu a moderação dos primeiros Seculos) abrimos as portas ás riquezas do Oriente, que fizerão o Reino abundante e rico; e seguio-se o luxo, companheiro inseparavel da riqueza; passou a ser desprezo a pobreza antiga; e foi necessarió que a Casa de Vimiozo vestisse de veludo as criadas, que primeiro foi condemnado na Senhora; trocarão-se os Cabides em pannos de ráz; e as mullas, e cavallo em coches: abrimos tambem as portas ás fazendas estrangeiras; e metterão os Estrangeiros neste Reino tudo o que a Arte, e Luxo tinha descoberto nos outros.

Ainda assim nos não levarão dinheiro; porque

como eramos senhores de todas as drogas, e riquezas do Oriente, tínhamos muito mais que dar do que recebiamos; e daqui nascia ser Portugal o mais rico Reino, e Lisboa a mais rica Praça do Mundo; e andarem publicos no Commercio della oitenta milhoens no anno, em que El-Rei D. Sebastião passou á Africa.

O terceiro tempo, depois da perda do Commercio da India, he o em que contrahimos a enfermidade mortal, que hoje padece o nosso Commercio; porque nós necessitamos de todas as cousas, que introduzirão as riquezas da India, com que as pagávamos; donde se segue, que pagamos em dinheiro aos estrangeiros o que excede o que nos dão ao preço das fazendas, e drogas, que nos levão.

D. Sancho de Moncada, Author citado, se admira com razão de que haja dinheiro em Castella, porque assentando que sahem todos os annos trinta milhoens, e entrão só oito ou nove das Indias, não devia já ter com que pagar as Naçoens; mas a razão, que acha, he o muito que tinha entrado nos primeiros annos daquelle descobrimento; e he a mesma, que podemos dar, fazendo a conta ao muito, que tínhamos recebido; e conclue, que Castella se ha de esgotar, e perder-se por consequencia. Oh queira a Providencia, que não seja o castigo em nós a dilação do remedio, assim como parece castigo nos Castelhanos; e que nos livre da ruina, que nós ameaça, assim como nos livrou da sua sugeição!

CAPITULO 4.º

Qual pôde ser o remedio deste damno.

Segundo a differença, que fiz dos tempos, que considerei no Reino, parece que o remedio do mal do terceiro tempo, será reduzir o Reino ao primeiro, ou ao segundo; ou passar á moderação, com que se vivia antes do descobrimento da India; ou restaurar a India. Não ha duvida, que fora este o remedio; e tambem fora chimera propollo; fora propor aos Romanos no tempo dos Cezares que se reduzissem ao tempo dos Curcios, e dos Fabios; fora ridiculo o remedio, que nos havia de obrigar a calçar botas, e vestir os pannos das Serras de Minde, e Estrela.

A mesma impossibilidade parece que tem a restauração da India, em tempo que não podemos aviar duas Náos para aquelle Estado, aonde mandão trinta, ou quarenta as Naçoens belicozas da Europa: esta grande obra fará Deos quando o merecermos, ou quando for Servido; se nos tiver escolhido para restauradores, como he certo que nos escolheo para descobridores, e conquistadores. O remedio não he facil mas não he tão difficil como aquelles dous.

A Felipe III se deu por remedio para não sahir a prata, e ouro de Hespanha, subir a moeda, e augmentar o valor do ouro e prata; e se apontavão as razoens verdadeiramente apparentes. - 1.^a Porque sendo levados dos Estrangeiros como mercadoria, que vale mais nas suas Patrias, que em Hespanha, subindo a preço que não valesse mais, não seria mercadoria para elles. - 2.^a Porque todas as mercadorias, ainda metais, como cobre que vem do Norte, valem mais na parte aonde se levão, que na parte de donde sahe, por fazerem ao menos vinte por cento de custo na transportação; e

que assim era conveniente, que valesse mais em Hespanha, aonde se traz, que no Potuzi, donde se tira; mas he inutil este meio; porque como se necessita de fazendas Estrangeiras, os Estrangeiros são Legisladores dos preços, e sobem as fazendas, que metem, a preço, que iguale ao que subio na moeda, e lhe fica com a mesma conta para a levarem.

A experiencia o tem mostrado entre nós; porque depois que a necessidade da guerra nos obrigou a augmentar o valor da moeda, crescerão os preços de todas as mercadorias e pagamos com huma pataca, que vale trinta vintens, a mesma quantidade, que pagavamos, quando valia dezeseis; o que obra, quando o mercador tira dinheiro com a mesma conta, que antes, sendo só nossa a grande perda, que vai de dezeseis a trinta.

A prohibição, e as Leis, que impedem a sahida do dinheiro, que já apontei não ser remedio, no Conselho de Castela com huma razão aparente dizião, que se praticava em todos os Reinos vizinhos; donde he certo, que os mercadores não tirão o dinheiro; e que se não dá maior razão, para que estas Leis produzão o effeito para que forão estabelecidas nos outros Reinos, e o não produzão em Hespanha; mas a razão da differença he clara.

Os estrangeiros tem fazendas com que pagão todas as mercadorias de que necessitão; o que obra que as suas Leis tenham facil execução; e as nossas a tem difficil e impossivel, porque não temos com que commutar o muito que necessitamos; e somos necessitados a pagar em dinheiro o excesso. Deste remedio uzavão inutilmente os Castelhanos, porque prohibião as sacas do dinheiro com infinitas Leis e Pragmaticas, reiteradas em todos os governos, promulgadas desde o tempo dos Reis Catholicos, até o presente; e em huma, que publi-

cou Carlos V dá a razão nestas palavras. = Por quanto Los Francezes llevan el oro. y con el oro nos hazen la guerra.

Finalmente, o unico meio, que há para evitar este damno, e impedir que o dinheiro não saia do Reino, he introduzir nelle as Artes; não há outro, que possa produzir este effeito, nem mais seguro, nem mais infallivel.

C A P I T U L O 5.º

Prova-se a infalibilidade deste meio.

A Prova he evidente: as fazendas lavradas, que os estrangeiros metem no Reino, são as que unicamente fazem exceder o preço do que metem ao preço do que tirão do Reino; como temos provado. Pela introducção das Artes se evita a introducção das fazendas que os estrangeiros mettem neste Reino; e teremos com que pagar as fazendas, e drogas que entrarem, sem que seja necessario pagalas. Da maior, e da menor desta conclusão, se não pôde duvidar, mas façamos mais verosimel a prova da menor. Todos sabemos que a maior despeza, e gasto que faz o Reino. he de sarjas, baetas, e meias de seda: sarjas gastão quasi todas as Religioens de Frades, e Freiras do Reino; só os mantos das mulheres bastão para a consumpção de huma grande parte deste genero; e todos no Verão nos vestimos commummente de sarjas, e de baetas; e não só nos vestimos todos, e as uzamos nos lutos; mas somos os unicos homens, que as gastão na Europa. Meias de seda, fica dito que só á Inglaterra lhe gastamos oitenta mil pares. Pannos, he uzo commum de grandes, e pequenos em todo o Reino no Inverno; e não só no Reino, mas em todas as conquistas: estes são os generos mais grossos, que os estrangeiros navegão, e que

o uzo commum faz mais custosos ao Reino; o que na verdade he couza vergonhosa para as Naçoens de Hespanha. Supponhamos, que obramos o que baste para o uzo commum do Reino, e conquistas nestes cinco ordinarios generos de sarjas, baetas, meias, pannos, e papel; deixo á consideração de todos o que pouparemos de dinheiro, cujo gasto nos empobrece, e enriquece as Naçoens, de quem os recebemos.

CAPITULO 6.º

Se he facil no Reino a introdução das Artes.

OS Autores reduzem as mercadorias, que dependem da Arte a tres classes, a saber humas tem metade de obra, e metade de materia, como são, sedas, outras tem huma parte de materia, e dez de obra; como são linhos, algodens, lans, e obras de ferro: outras tem todo o valor pela fabrica, pelo pouco que vale a materia, como são algumas obras de madeira; e particularmente papel. Destas são as mais necessarias para a Republica as da 2.^a, e 3.^a classe, por duas razoes: porque são as do uzo mais commum; e porque tendo todo o valor na obra, dão mais ganho ao Artifice; que o bom governo quer que fique aos naturaes, e não passe aos estranhos. Outra differença se considera nestas Artes; humas são faceis, e outras dificeis de obrar; as mais faceis são aquellas, que não tem valor, como pannos, sarjas, baetas, &c. As mais dificeis são sedas lavradas, brocados, tapeçarias, &c.

As do uzo commum são as mais faceis de obrar, e as mais necessarias no Reino; e as que inculco para o fim a que se encaminha este papel; não digo que se procure a introdução das mais

dificeis; que façamos logo fabricas de brocados, tapeçarias e outras couzas semelhantes; supposto que fora utilissima a introdução de todas, como mostra este discurço.

A introdução das Artes mais commuas he mais facil nas terras aonde ha os materiais que nas terras aonde faltão; e por consequencia mais facil entre nós, que entre os estrangeiros. Todos sabemos, que no Reino, e nas conquistas há abundancia de lans linho, e algodão; e todos os materiaes, que servem ás tinturas; e não há abundancia de sedas, por falta de applicação, como direi em outro lugar.

Carlos V costumava dizer, que os Hespanhoes parecião sizudos. e erão doudos; e os Francezes parecião doudos e erão sizudos; a razão desta differença he clara: os Hespanhoes tem todos os materiaes, e desprezão as Artes: os Francezes não tem os materiaes, e estimão as Artes: os Hespanhoes tem lan, que vendem aos Francezes, e depois comprão as obras de lan aos mesmos, com mais dez partes de excesso do valor, do que a materia, que venderão: quem não dirá que esta Nação he barbara, e aquella civil; esta louca, e aquella sizuda?

Por onde se deve começar para a introdução das Artes, he com a prohibição rigorosa de sahirem do Reino os materiaes, que se podem lavar nelle; além de que, a saca das lans perde infallivelmente as poucas fabricas que há de pannos, por huma razão evidente: he certo que a abundancia das lans as fará dar a melhor preço, e a falta as fará valer mais caras; se os nossos obreiros as achão baratas, podem dar os pannos a melhor conta, e pelo contrario, se não as achão a bom preço. Daqui se segue que compramos mais baratos os pannos aos estrangeirós que aos naturaes; e faltando aos naturaes o gasto do que

obráo , deixáo de obrar , e se perdem as fabricas ; que he o mesmo , que succedeu aos Castelhanos , como veremos.

Ponhamos exemplo no panno de linho ; este he o unico material , que se obra no Reino , e não sai delle ; e daqui vem que temos panno de linho , não só para o commum gasto do Reino . mas para vender a Castella , e para mandar ás conquistas . Não sahir esta materia do Reino , e gastarem-se as obras , que della se fazem , he razão , porque toda huma Provincia (seja Deos louvado) se applica ás obras de linho : isto mesmo succederá com lan , se não sahir do Reino ; se houver artifices para obrarem os generos , que aponto (que necessariamente hão de ter gasto) para se applicarem a obras : e teremos não só o que baste para o Reino ; mas para dar a Castella , e mandar ás conquistas .

Já por uzo , e Lei do Reino se dá privilegio aos artifices , que intentáo alguma fabrica nova , de dez annos de izenção de direitos ; lei justa , e util . E porque os privilegios , e os premios tudo facilitáo . depois de haver artifices será conveniente cuidar em outros premios ; como será gastar a Fazenda Real 10000 os primeiros annos de pensáo aos artifices , que melhor obrarem este , ou aquelle genero ; e ordenar S. A. que para os dotes da Misericordia sejam preferidas as moças que fiarem lans , e obrarem meias , e fitas , e os obreiros de todos estes generos . Tambem facilitará as escolhas dos lugares abundantes de agoas , e lans ; deixando para a Provincia de Entre o Douro , e Minho , a Comarca de Lamêgo , e algumas terras de Traz os Montes o trabalho de linho , e seda , que nella se continúa : deixo para outro lugar outros meios , que vi praticar em França .

CAPITULO 7.º

Se tem inconveniente esta introdução das Artes.

O Primeiro inconveniente, que se considera, e que he commum entre os nossos Ministros, he dizer: se introduzimos as Artes, não terão sahida as nossas drogas, que os estrangeiros buscão a troco das suas manufacturas, e perderemos as conquistas, que só com a sahida dellas se conservão; e a Fazenda Real o direito das Alfandegas; e anda tão respeitada e tão persuadida esta razão; que se tem por odiosa a pratica de introduzir as Artes, na opinião de alguns, e perigosa na opinião de muitos; mas deixando para outro lugar as felicidades, que com ellas se introduzirão no Reino, e supondo que póde ter inconvenientes respondo a elles.

1.º Que he necessario examinar qual he maior damno, se continuarmos no estado presente, que nos esgota o Reino de dinheiro e nos deixa as drogas; ou diminuir a sahida das drogas pela introdução das Artes, que he só o remedio, que temos, para impedir a extracção do dinheiro, ouro, e prata do Reino? 2.º Eu não digo que introduzamos tantas Artes que não necessitemos das Artes estrangeiras (suposto que tenho opinião contraria) digo só por agora que introduzamos as mais necessarias, e as que tem uzo commum; e as que ficão bastarão largamente para se commutarem pelas nossas drogas, e fazendas, que temos para dar; por exemplo: se temos 4 milhoens de drogas, e fazendas que dar, e temos necessidade de receber 8, introduzamos as Artes, que valhão 4 que he como fica dito, e provado, o unico remedio que temos para conservar o dinheiro; e com esta conta, que não será difficil cessará a razão do temor deste inconveniente; e se

achará que não só o não he , mas muito necessaria para remedio do Reino a introducção das Artes. 3.º He falso o principio de que depende da falta das Artes a sahida das drogas ; porque se facilita , ou dificulta por outro principio mais natural , que he a necessidade que os estrangeiros tem dellas. Se necessitão dellas , a abundancia das Artes não a ha de facilitar ; o exemplo tem passado por nós : há alguns annos , que o assucar , e tabaco tinhão muita sahida , porque só nós tinhamos abundante quantidade destas drogas , e todos necessitvão dellas.

Fizerão as Naçoens fabricas de assucar , e tabaco nas Ilhas da America , e faltava a sahida , porque não tiverão tanta necessidade destas drogas ; donde se vê , que nem a falta das Artes foi a cauza do muito gasto , nem a introducção das Artes do pouco gasto.

Outro principio há tambem para facilitar , ou dificultar a sahida das nossas drogas , que he o havê-las em outra parte a melhor preço ; mas este se remedeia com abaixar o preço ; que he o meio de que uzão os Hollandezes em toda a parte do mundo , e com que se conservão senhores do commercio.

Tambem a muita abundancia destes generos póde ser a cauza , ainda que todos necessitem delles ; porque se bastão para a Europa 500000 caixas de assucar , e nós lavramos 1000000 , necessariamente ha de faltar a sahida ás 500000 , sem que a introducção das Artes seja culpada nesta falta.

Isto succede commummente em todos os fructos da terra , em que huns annos são mais abundantes , que os outros , como são as nossas drogas , que em huns annos se gastão todas , e em outros sobejão ; porque há mais do que se póde gastar.

4.º Se não tiverem sahida as nossas drogas , porque faltarão os estrangeiros a virem busca-las , ou

pela introdução das Artes (o que não poderá ser), ou porque as tem entre si; nós as navegaremos aonde elles as navegão; porque em fim nós lhes ensinámos a Arte de navegar; e assim supriremos a falta de sahida para as nossas drogas; e ao mesmo tempo terão as nossas valor pelo excesso, que levão na bondade, e nenhum valor as suas.

C A P I T U L O 8.

Prova-se, que não tem inconveniente pelo exemplo das mais Naçoens da Europa.

A Providencia Divina, cuidadosa da mutua correspondencia dos homens, e da sociedade civil das Naçoens, não deu a huma só todos os bens da natureza. A todas as Naçoens repartio a producção pela diversidade dos Climas, para que a necessidade, que huns tem do que os outros produzem, facilite o Commercio, e o trato entre os homens; levando huns, e trazendo outros o de que necessitão todos: daqui se segue que não ha Provincia tão abundante, que não tenha necessidade dos frutos alheios; e nenhuma tão pobre, e tão esteril, que não tenha que mandar ás abundantes; mas a industria, e entendimento repartio igualmente a todas as Naçoens, fazendo a todas capazes das operaçoens da Arte; e se faltão em algumas, he por falta do uzo, e da politica, e não da capacidade.

Temos o exemplo em Alemanha, onde hoje florecem as Artes: e que era no tempo, em que escreveo Tacito, tão inculta, e barbara, como sabemos, que he hoje a America, e a Ethiopia. Daqui se segue, que será castigo, e não disposição da Providencia de Deos, a menos applicação que humas Naçoens tem, mais que outras, ao exercicio das Artes mecanicas; mas deixando as moralidades, a que dava occasião este reparo, digo, que aquella repartição da Providencia segura entre os ho-

mens a sahida de todos os fructos, de que tem abundancia, pela commutação dos de que tem falta, e que as Artes, ainda que sejam commuas a todas as Naçoens, não pôdem impedir, nem ser damnosas ao Commercio.

Esta he a razão porque todas as Naçoens bem governadas procurão ter abundancia de Artes, sem que nenhuma tema o receado damno de que as Artes serão contrarias ao Commercio: vejamos as Naçoens visinhas.

Inglaterra, e Hollanda não tem sedas, porque a natureza negou esta produção aos seus Climas, e assim as recebem das terras, que as produzem; mas o que a Arte põe em obra destas materias, procurão cuidadosamente ter em abundancia; porque, se as forão buscar lavradas para seu uzo, custar-lhes-hião muito mais do que valem as drogas, e fazendas que comutão por ellas.

França não tinha seda, mas era capaz de a produzir; vinhão-lhe de Italia as roupas de seda para seu uzo. Henrique IV, não menos glorioso por esta obra, que pelas victorias, fez plantar as amoreiras, e crear os bichos: chamou a França com grossos sallarios Mestres de differentes partes, introduzindo esta Arte e fabrica em França; de sorte que hoje, o que valle esta Arte he a sua maior riqueza. O Marquez de La Riviere, Residente de Genova em Pariz me disse que antes de haver as fabricas em França, tinha Genova dous mil Teares e que hoje tem só quatrocentos. Li em hum livro impresso em Pariz no anno de 1655 sobre a Arte da seda, o Decreto passado no Conselho de Henrique IV sobre a introduccção desta fabrica, e achei nelle todas as razoens, em que se funda este discurso: as palavras são as seguintes, passadas fielmente á nossa lingua.

„ El-Rei no seu Conselho, reconhecendo que
„ a introduccção das sedas nas terras do seu domi-

„ nio, he o unico remedio para evitar a sahida
 „ de 4 milhoens de ouro, que todos os annos pas-
 „ são ás Naçoens Estrangeiras pelas sedas; e que
 „ era necessaria esta Arte ao decoro publico, e
 „ para a riqueza e occupação de seus Povos, Or-
 „ dena &c.

Os Venezianos são tão cuidadosos de que tu-
 do o que a Arte acha de novo fora de Veneza,
 se obre na sua republica, que no mesmo tempo
 prohibem a entrada das Obras novas, e procurão
 Artifices dellas; porque tem por felicidade, e ri-
 queza, que os Estrangeiros não levem ao seu Es-
 tado cousa alguma, que dependa da Arte: o ul-
 timo exemplo são as Cabeleiras, cujo uzo prohi-
 birão, com excepção das que se obrassem em Ve-
 neza.

Em França ha hoje este mesmo cuidado. Vie-
 rão no meu tempo a París humas rendas de Ita-
 lia, a que chamão ponto de Veneza; começarão
 a ser moda, com grande despeza dellas: acodio o
 governo com grande remedio, e introduzindo a Ar-
 te com todo o custo e premios a quem melhor
 obrasse; e prohibindo a entrada com tal rigor, que
 se queimavão em Praça publica as que se achavão
 nas casas dos mercadores; com que as rendas,
 que entravão por mercancia sahem hoje de Fran-
 ça por mercancia.

Os Genovezes observarão ha pouco tempo que
 os pannos de Inglaterra, e Hollanda lhes tiravão o
 dinheiro da Republica; introduzirão huma fabrica,
 emprestando a Republica aos Officiaes, e Merca-
 dores, a que a encomendarão, 1500 escudos: tive-
 rão industria para tirarem obreiros de Inglaterra;
 e se achão já com tantos pannos, e tão finos,
 que os navegão com grande utilidade á Turquia.

A grande riqueza de França procede unica-
 mente de que, tendo muitos fructos necessarios ás
 outras Naçoens, procurão ter todas as Artes, qua

nellas observão ; para que o dinheiro , que entra pelos fructos , não saia pelas Artes ; e passa este cuidado a tanto que El-Rei manda Francezes a Escolas de pintura , e escultura á Lombardia , e Roma , dando aos Mestres , que as ensinão , para receberem os Francezes , grossas pensoens.

Grotius , Embaixador de Hollanda em França , deu a El-Rei huma memoria , em que por meudas addiçoens do que metião os Holandezes , e do que tiravão de França , mostrava , que era tal o valor dos fructos , que tiravão , que , metendo muitos , erão obrigados a meter 10 milhoens de libras em dinheiro ; porque nada , ou pouco do que depende da Arte metião ; e perguntando eu , como recuperavão a somma de 10 milhões de libras , me disse que com o grande interesse , que tiravão de navegar os mesmos fructos ao Mar Baltico , e ao Porto de Archangel em Moscovia.

São infinitos os exemplos , com que podera provar este capitulo mas estes bastão para que nos perguntemos a nós mesmos , como pôde ser danoso ao nosso Commercio o que praticão todas as Naçoens , e he procurado cuidadosamente de todas , como fundamento de suas riquezas ? Cuido que não acharemos razão contraria ; e que veremos , que o nosso descuido neste particular he o damno unico do nosso Commercio , que como febre ethica do Corpo da Republica , nos consome , e nos perde. (Queira Deos que me engane!)

Deixei para o fim da primeira parte deste discurso advertir , que os estrangeiros entendem tão-bem a perda , que terão ; da introduccão das Artes neste Reino ; que mandando eu de Paris hum Mestre de Chapéus de Castor a Lisboa , por Ordem do Marquez de Fronteira , o Consul Francez lhe offereceu perdão de hum delicto , que tinha em França , e huma pensão de mais de 2000 reis , com que o fez tornar para França ; e procurando D. Fran-

cisco de Mello em Londres mandar hum tear de meias de seda , não pôde vencer as dificuldades , e prohibiçoens , com que o impedirão.

Continuar-se-ha.

*Branqueação da Cera. Por B.****

SE bem que não tenhamos ainda todos os dados , para publicarmos as tentativas , que temos feito , sobre o fabrico das velas , tanto de cera , como de cera e sebo , e desta ultima substancia mormente sobre as velas de sebo de pavio de páo , usadas e fabricadas em Munich , começamos por publicar o modo de branquear a cera , empregado em Limoges , fazendo como primeira parte da memoria que pretendemos dar sobre o modo de fazer as velas , e se bem que por muitos livros andem os diversos methodos de branquear a cera , não me parece de sacerto publicar o que se pratica em Limoges.

Derrete-se a cera amarela em agoa , deixa-se depor em huma tina durante duas horas ; a agoa com as fezes buscão o fundo da tina , e a cera se enrola em hum cilindro , que se faz girar dentro d'agoa fresca , e poem-se em fitas muito finas ; estas separadas com cuidado , são levadas em panos ao sol , que opera com tanta mais efficacia , quanto os seus raios tem só que penetrar laminas mui delgadas , e gradualmente vão descorando a cera.

Quando o sol he muito ardente , amolece a cera , e muitas vezes a derrete , de sorte que ella não pôde então adquirir toda a brancura , de que he susceptivel , e pelo contrario no Inverno , quando os raios do sol são obliquos , obrão com muito vagar : assim a branqueação da cera exigirá que nem mui viva , e nem mui fraca fosse a acção do sol.

Quando a cera perdeu a sua cor amarela, torna-se a derreter de novo, as partes as mais finas, e mais secas sobrenadão ás mais crassas, que se precipitão na tina, e se vão por entre a agoa e a boa cera; e essas partes crassas fórmão a quebra de hum em cincoenta.

Tendo a cera passado por esta segunda manipulação, poem-se em fitas de novo, e de novo se expoem á acção do sol; oito dias bastão para que essas fitas já branqueadas cheguem á sua perfeição, então he tirada dos secadoiros, e acaba-se de clarificar. Reduz-se por fim a cera a pequenos paens, que se expoem ao sol durante vinte e quatro horas quando muito; tanto para faze-la secar, quanto para dar-lhe o ultimo lustro. Estando a cera perfeitamente branca, não deve ficar por mais tempo ao ar. Os raios do sol não fazem então mais do que desmanchar a sua primeira obra, dando ás laminas da cera humma cor griz, que augmenta á proporção que se demorão expostas ao ar.

Persuadem-se alguns que o orvalho branquêa a cera, porém a experiencia mostra que esse meio não he eficaz, porque tendo-se a cera recolhida, e regando-se por muito tempo com orvalho apanhado das folhas não se notou que branqueasse: he verdade que nos grandes valores o orvalho lhe convém, mas he como rega, e temperando os ardores do sol.

Os cerieiros, que regão ou borrifão a cera com agoa fresca, não o fazem porque ella com isso alveja, mas para impedi-la de derreter-se. Nas estaçoens quentes, o orvalho he inutil, e retarda a branqueação.

Tentou-se branquear a cera por meio do acido muriatico oxigenado; porém nunca se obteve o brilhante, que ella ganha ao sol; o acido faz prompta e imperfeitamente o que faz o sol com

vagar mas com perfeição além do que, quando assim não fosse, o acido muriatico oxigenado pelo preço que tem entre nós, não faria conta.

Não ha corpo estranho algum necessario á preparação da cera, nem materia ou amalgama, que accelerê e augmente a sua alvura; pôde sim augmentar o pezo. em proveito do cerieiro de má fé.

O methodo de branquear a cera aqui publicado he seguido em Limoges com muita ventagem, e a sua pratica não envolvendo difficuldade alguma estou em que val a pena de ser tentada: está da parte do que dezeja ser util manifestar o que sabe, e da parte das pessoas, a quem se dirige, examinar, e adoptar, se virem que d'isso podem tirar vantagens.

L I T T E R A T U R A .

A T E M P E S T A D E .

*Canção no dia dos annos da Fidelissima RAINHA
Nossa Senhora em 17 de Dezembro de 1797.*

*Horrida tempestas cælum contraxit, et imbres,
Nivesque deducunt Jovem:
Nunc mare, nunc silvæ
Treicio Aquilone sonant.*

Horat. Epod. 13.

FRACO batel em tormentosos mares
Vou sem véla, sem leme, e sem piloto:
O turbulento Nóto
Revolve as ondas e as eleva aos ares,
E Boreas, que em tufoens sobir costuma,
Borrifa os Astros co' a salgada espuma.

O feroz Euro, o Africo atrevido
Quebrão ferrolhos, e prisoens eternas
Nas Eolias cavernas,
D'onde saem com horrído bramido,
Varrendo e devastando em dura guerra
As campanhas do mar, e os fins da terra.

He este o váo, o rouco váo que habitão
Surdos naufragios, e implacaveis medos:
São estes os rochedos
Que o vasto golfo sorvem, e vomitão,
É já sobre os perigos horrorosos
Ouço da infame Scylla os caens raivosos.

Turba-se o ar, as nuvens se amontoão
Da negra tempestade ao fero açoute:
Do Erebo surge a Noute,
O horror e as sombras: os rochedos soão,
Estála o Ceo, e o raio furibundo
Desce inflammado a ameaçar o Mundo.

Ao clarão do relampago apparecem
 No fundo pégo de Nereo as cazas ,
 E sobre as fuscas azas
 Das grossas nuvens os chuveiros descem ;
 E em tanto , ó lenho , combatido tocas
 As Estrellas no Ceo , no Abismo as Phocas.

O' Genio tutelar , Astro brilhante ,
 Que enches de luz o Imperio Lusitano ,
 Aparta o fero damno
 Da destroçada quilha fluctuante ,
 E o fragil resto do batel quebrado
 Toque feliz o porto desejado.

E em quanto alegre a inclita victoria
 Vai seguindo os teus passos , e a Piedade ,
 A candida Verdade
 As Graças a Justiça , a Fama , a Gloria ,
 E o prazer immortal , que o Ceo reserva
 Ao Real coração , que a Paz conserva :

Ergue benigna a Mão , Rainha Augusta ,
 A poderosa Mão , a quem adora ,
 E teme o Occazo , a Aurora ,
 Os frios Polos , e a Região adusta ;
 Ampara o novo Genio Americano ,
 Que sóbe a par do Grego e do Romano.

Sobre o Ménalo as Muzas o educarão
 Para cantar a gloria dos Monarcas :
 Mas logo o Tempo , e as Parcas
 Negro fél nos seus dias derramarão ,
 Falta o suave alento á curva Lyra ,
 E já cançada de chorar suspira.

Voa , canção , á nobre foz do Tejo ;
 Não temas ir de climas tão remotos ,
 Pois te acompanhão os meus puros votos:

M. I. S. A.

No dia da inauguração da Estatua Equestre de El-Rey N. Senhor D. José I.

O D E.

PENDE de eterno loiro
 Nos vastos ermos da espinhosa estrada
 Suave Lyra de oiro
 Que do Phrigio Cantor foi temperada.
 Dá-lhe o som, corta o ramo, e cinge a frente,
 O' da America inculta Genio ardente.

Arrastando Agarenas
 Luas pelos teus campos, Lusitania,
 Qual o Rei de Micenas
 Sobre os vencidos muros de Dardania,
 Torna cercada do seu Povo intonso
 A sombra invicta do primeiro Affonso.

Veste dobrada malha:
 Tem no robusto braço o largo escudo:
 Inda terror espalha,
 Tinto do Mauro sangue, o ferro agudo.
 Eu ouço a tua voz, raio da Guerra,
 E os teus echos repito ao Ceo, e á Terra.

O' bravos Portuguezes,
 Gente digna de mim! a Fama, a Gloria,
 Buscada em vão mil vezes,
 Vos segue sempre, e os loiros, e a Victoria:
 Ou vós domeis dos Barbaros a sanha,
 Ou os fortes Leons da altiva Hespanha.

Vistes ligando as tranças
 No berço ainda de Titan a Esposa;
 De escudos, e de lanças
 Em vão Asia se eriça; e temerosa
 Escuta o bronze, com que a negra Morte
 Enche de espanto as furias de Mavorte.

Mas hoje, ouzados Povos,
Dai altas provas do valor antigo,
Tendes combates novos,
Encarai os trabalhos, e o perigo;
Quem as armas vos deu, quem tudo rege,
Do Ceo estende a mão, e vos protege.

Fallava o bellicozo
Illustre fundador do grande Imperio,
E o ferro victoriozo
Vibrando, encheo de luz todo o Emisferio.
Já mugem as abobadas eternas,
E os echos se redobráo nas cavernas.

Para engolir os Montes
Gargantas abre o Mar: a Terra treme:
Cobrem-se os horizontes
De negro fumo, e pó: a Esfera geme,
E eu vi (ai justo Ceo!) sobre ruinas
Desfalecer as vencedoras Quinas.

Chovem cruéis abutres,
E monstros infernaes de raça amphibia;
Quaes nem, Caucaso, nutres,
Nem vós, torradas solidoens da Libia.
Dormes, Lisboa e nos teos braços cinges
Hydras, Climéras, Gerioens, e Sphynges!

O Parricidio arvora
Triste facha no impuro Averno acceza:
Esconde o rosto, e chora
Infeliz Lealdade Portugueza;
Mas Affonso o predisse, o Ceo não tarda,
E novo Alcides a taes Monstros guarda.

Aos seculos futuros,
 Intrepido Marquez, sirvão de exemplo
 Vossos trabalhos duros,
 Longos, incriveis, quẽ da Fama o Templo
 Tem por estranho, e glorioso ornato.
 Onde não chega a mão do tempo ingrato.

Essa em crimes famoza
 Arvore, que engrossando o tronco eterno,
 Já feria orgulhoza
 Co'a rama o Ceo, e co'a raiz o Inferno,
 Ao ver a Mão, que acêzo o raio encerra,
 Murcha, vacilla, pende, e cae por terra.

Fogem do roto seio
 Guerra, Morte, Traição, Odio, Impiedade:
 O sol teve receio
 De ver o rosto a tanta atrocidade,
 Cahio em fim, e ouviu-se o estrondo fero
 Desde o Scytico Tauro ao Caspe Ibêro.

Longe nuvens escuras
 Arrogem sobre os mares os coriscos:
 Deixem subir seguras
 Altas torres, soberbos obeliscos,
 D'onde a nova Lisboa ao Mundo canta
 A mão robusta, e firme, que a levanta.

Vapores empestados
 Derramão n'outros climas o veneno;
 Sobre os risonhos prados
 Respira alegre o Zefiro sereno;
 Abre a Paz os thesouros de Amalthéa,
 Tornão os tempos de Saturno, e Rhéa.

O' marmórea Lisboa,
Nova Roma, que adoras novo Augusto!
Feliz a Patria entoa
O magnanimo Pai, o Pio, o Justo,
E sua imagem vai cheia de loiros
Inspirar gloria aos ultimos vindoiros.

O' Bronze, O' Rei, O' Nome,
Esperança, e amor do Mundo inteiro!
Do tempo a voraz fome
Respeita a Estatua de José Primeiro:
Que não deu menos honra ao Luso Solio,
Que as delicias de Roma ao Capitolio.

Póde o volver dos annos
Mudar a face á Terra, ao Mar o leito;
Izento de seus damnos
José o Grande irá de peito em peito.
Outro Tito quebrou entre os Monarcas
A fouce ao Tempo, e a Tizoura ás Parcas.

Que Sparta bellicoza
Veja cahir seus muros, que renasça
Na terra generoza
Do Sybarita vil a froxa raça;
O nome do bom Rey contra as Idades
Dura mais que as Naçoens, e que as Cidades.

M. L. S. A.

EUFRAZIA A MELCOUR

EPISTOLA

Traducção de Bocage.

NUNCA mais vos verei, olhos que adoro!
 Olhos, onde colhi doce ternura!
 Olhos que para mim valieis tudo!
 Suave nutrição de meus dezesos!
 Nunca mais vos verei! Que horror! Que idéa!
 Ah! Castigai-me por amar-vos tanto?
 Objecto encantador, fatal objecto,
 Guiados da paixão, lá te demandão
 Meus ais e cá me ficão dentro n'alma
 Solitario pavor, funesto agoiro
 De que já para mim não há ventura.
 Faltava-te infeliz, sercs deixada,
 Faltava-te este mal depois de tantos!
 Recendo que languida esperança
 Afague, lizonjêe o meu tormento,
 Me diz o coração voz dura, e triste:
 Cessa de amar, oh credula, que esperas?
 Que fruto hão de render-te os vãos lamentos?
 Debalde com mil votos, mil suspiros
 Pelo teu surdo Ingrato estás chamando;
 Em rapido Baixel talhando as ondas,
 Na Patria já surgio: descança, e folga
 A's ledas margens do agradavel Sena.
 De ti não quer amor, não quer extremos:
 O fero vencedor, mizera Escrava,
 No regaço da Paz em teu desdoiro
 Dorme sobre troféos, que já desdenha;
 Nem se choras, ou não, se quer lhe importa.
 Que! Traidor e esquecido! Ah! Não, teu genio
 He voluvel, meu bem, não he tirano.
 Na memoria contemplo os teus desvélos:
 Que encantadores, e incansaveis erão!

Amei-os, gloria minha, amei-os muito
 Para desvanecer tão grata idéa!
 Estas feis, ternissimas lembranças
 Devião converter-se em dor e em pranto?
 Que noticia meu Deos! Que horrivel carta!
 Li-a: fiquei sem voz, sem cor sem alma.
 Como que o coração desfeito em ancias
 De mim se despegava a ti corria!
 Eis socorros fatais eis pronto auxilio
 A vida a meu pezar me restituem:
 Ufana em me sentir morrer de amores,
 Já triunfava da cruel, da triste,
 Precizão de carpir na tua auzencia.
 E de tão fino ainor he este o premio?
 Não importa! Eu jurei ser sempre tua
 Sempre hei-de sêlo: imita-me a constancia,
 Vê com rosto indifferente as mais bellezas.
 Ah! Poderás sofrer em outros braços
 Paixão, que no fervor não chegue a minha!
 Mil vezes me louvastes de formoza;
 Outras há mais gentís, mas não tão firmes;
 O amor, que reina em mim, não reina em outras.
 E, se amor se exceptúa o mais he nada.
 Recorda o juramento que fizeste
 De vires consolar a Amante aflita;
 Não, não sejas perjuro. Ah! se eu podesse,
 Rotos os ferros deste claustro odioso,
 Arremessar-me a foz do Patrio Tejo,
 Ninguem me detivera: em outras praias
 Iria apaziguar minha amargura,
 Idolatrar Melcour em toda a parte,
 Renascer nos seus braços: que he, que importa?
 Esse bem casual que chamão Patria?
 Patria he onde o prazer nos acompanha
 Sei o que digo, oh Ceos! Sei o que penso!
 Ah! Não quero nutrir esta esperança,
 Inda que adoça o fel de meus desgostos:
 Tudo quanto os distrae detesto, expulso.

Mas dize, arrebataste-me os sentidos;
 Venceste-me, cruel, para entregar-me
 A' desesperação e á dor, e á morte?
 Porque com mil excessos me encantaste,
 Sabendo que esta auzencia era forçoza?
 Porque no meu retiro escuro, e feio
 Me não deixaste em fim? Que atroz delicto
 Cometi? De que ofensa estás queixozo?
 Que te fiz eu? Perdoa-me, querido.
 Perdoa: do meu mal tu não tens culpa:
 He teu fado agradar - prender vontades;
 Carpir, morrer de amor he o meu fado;
 Delle formar não ouzo a menor queixa,
 E eis oh Ceos! o maior dos meus tormentos.
 Não tenho que temer já agora a sorte!
 Que mais me ha de tramar, que novos danos,
 Se o ultimo. o peor foi separar-nos?
 Escreve-me por dô; sejam-te, embora,
 Molestas minhas supplicas, eu quero
 Miuda relação de quantas ditas
 O Ceo te conceder; quero gozallas:
 Mais que tudo te imploro o ver-te hum dia;
 Se não tentas, meu bem, ser meu verdugo,
 Deixa-me conservar esta esperança;
 Mesmo assim duvidoza ella me he doce:
 A Deos! A carta, que a gemer te envio,
 Vai de saudozas lagrimas banhada;
 Não a posso acabar. Quanto he ditoza!
 A's tuas mãos irá: teus olhos brandos
 Nella se hão-de empregar. E eu, miseravel.
 Ah! Que insanias profiro! O peito abafa;
 De pranto, e de soluços carregado.
 A morte. Pelas veias. Me circula.
 Porém se es meu, se a lagrimas te obrigo,
 Das almas fortes opporei o escudo
 A quantos golpes vibre a mão dos Fados.
 Sobre este coração fervei, tormentos,
 Mas vinde, mas voai á triste Eufrazia,
 Suspiros do seu bem, tezoiros della.

HISTORIA.

Noticia das novas Povoações de S. Pedro de Alcantara, e S. Fernando, civilisação da nação Macamecran; estrada para o Pará.

Sendo o principal objecto deste Periodico fazer conhecer este continente, tão ignorado, ou tão desfigurado por aquelles, que ás cegas, ou prevenidos, tem escrito a seu respeito; e dezejando aproveitar todas as noticias veridicas, que chegam á nossa mão, temos hoje a satisfação de apresentarmos ao Publico os progressos da povoação e civilisação dos lugares mais centraes, há pouco desertos, ou infestados por naçoens barbaras e feroces. No N. 65 da Gazeta desta Corte, demos huma idéa do estabelecimento da povoação de S. Pedro de Alcantara, e da obediencia dos Indios *Macamecrans*: mas a pequena extensão daquella folha não nos permittio expôr circunstanciadamente as providencias, que se havião dado, e os resultados daquelle importante serviço. O nosso Jornal encherá este destino, e ambos os periodicos serão hum argumento victorioso das intençoens, das unicas intençoens do seu Redactor. O que imos referir he fundado em documentos authenticos, e da maior fé. Temos consultado papeis originaes, e firmamos com o sello da verdade a nossa exposição.

Francisco José Pinto, natural do arraial da Natividade, da Comarca do Norte da Capitania de Goyaz, distante do Porto Real do Pontal (porto de embarque para o Pará) vinte e seis legoas, frequentou aquella navegação, fazendo seis viagens á Cidade do Grão Pará por objectos commerciaes; e tirando d'alli o conhecimento das vantagens, que resultarião da povoação das margens do rio Tocantins, se estabeleceu em hum lugar tres legoas abaixo do rio Manoel Alvares, na margem Oriental

dos Tocantins, creando huma povoação, a que deu o nome de S. Pedro de Alcantara 79 legoas em distancia do Porto Real do Pontal e por insinuaçoes suas concorrerão alli outras pessoas costumadas ao trabalho e á vida do sertão, de maneira que em 1810 se compunha a povoação de 42 pessoas. Construidas as habitaçoes, se cuidou em estabelecer officinas, fazer plantaçoes, erigir huma casa de oração e outros misteres. A vantajosa situação daquella povoação he ainda mais preciosa pela abundancia de matos, que fornecem as melhores madeiras, de pastos para creação, e de abundancia de pescado, sendo hum consideravel ramo de commercio a tartaruga, de alto preço, e facil extracção no Pará. A experiencia tem mostrado que as plantaçoes produzem mais, e com menos trabalho, do que nos matos conhecidos de toda a Capitania de Goyaz e são tão excellentes os pastos, que o gado vacum para alli transplantado, sem estranhar a mudança tomou melhor nutrição; e o terreno em geral he cortado por corregos e ribeiros, que ministrão agoas puras e saudaveis, e podem empregar-se em mover engenhos. A estas vantagens accrescia a faculdade de prestar soccorro aos navegantes daquelle rio, que a fadiga e a fome incommodavão em extremo.

Todos estes interesses erão porém equilibrados pelo trabalho de ter sempre na mão as armas, e viver em perpetua allarma contra as hostilidades dos gentios, e pelas fomes, trabalhos e sustos que aquella gente soffreu antes de concluidas as cazas de vivenda, e colhidos os mantimentos. Para remediar o primeiro mal era necessario conquistar, ou acariar o gentio, e a constancia no amor do publico vence todas as difficuldades,

Conquista do Gêntio Macamecran.

A Nação do Gêntio Macamecran estava alojada em duas aldeias em distancia de tres legoas da nova povoação de S. Pedro de Alcantara. Esta nação, a quem erradamente chamavão Timembós, era temida por todos os fazendeiros dos sertoes da Balça Grajahú Neves, Lapa, e Farinha, territorio pertencente á Capitania do Maranhão, pelas hostilidades que alli fazião; e empecendo ao principio ao novo Colono, este em vez de o perseguir, empregou mimos e offertas, que a chamarão á sua amizade, de maneira que, abandonando as suas aldeias, vierão estabelecer-se nas visinhanças da povoação, dentro da qual está frequentemente grande numero delles. Perseguido por outras naçoens Indias, quaes a Xerente, Xavante, Canacatagé, Norocagé, Poxeti (antropophaga), Porecamecran, e Curemecran, acolherão-se os Macamecrans á protecção dos Portuguezes, que os auxiliarão em tres expediçoens contra os Canacatagés e Norocagés, com a mira porém de não destruir, antes conquistar os inimigos. Para este fim o activo Colono estabeleceu premios para os guerreiros, que conduzissem vivo o seu inimigo; e desta providencia resultou serem aprisionados 52 Indios das ditas naçoens, que forão repartidos pelos fazendeiros visinhos, instruidos na nossa lingua, doutrinados na Religião, e educados nos usos e costumes; e temos a satisfação de annunciar que amaciados e contentes se dão aos trabalhos da agricultura, não havendo fugido hum só para as suas aldeias, como muito facilmente poderião fazer. Merece notar-se a prudencia com que o dito Pinto se absteve de empregar armas de fogo, servindo-se de foguetes, rodas, e outros artificios, que aterrarão os inimigos, e derão aos Macamecrans muito prazer.

A nação dos Macamecrans tem mais de 300

Indios: he governada por hum Chefe, ou Cacique, cujo governo he hereditario; tem 7 cabos de guerra: nada se sabe da sua religião; consta porém que são doces e leves: procurão a perfia instruir-se na nossa lingua, usos, e costumes de sorte que já se baptizarão 8, huns a instancias de seus pais, e outros por motu proprio; são amantes do trabalho, e se empregão de bom grado nas tarefas, que se lhes destinão. Depois da sua entrega, ficarão ainda debaixo do governo do proprio Cacique, que he exactamente obedecido. Odêão bebidas espirituosas, e se alguns comião terra provinha este costume destructivo da falta de alimentos, pela pobreza das plantaçoens, e pela incerteza da caça e da pesca. Agora porém fornecidos de instrumentos, de que carecião, tornados uteis á sociedade, cultivão a terra, e esta lhes paga liberalmente os seus suores. As insinuaçoens de outros Indios para os separarem da amizade do *Pabi*, nome que em sua lingua quer dizer Senhor, e com que tratão o mencionado Pinto, tem sido inteiramente estereis, mostrando em occasioens arriscadas desempenhados estreitamente os sentimentos da humanidade.

Esta aquisição, por tantos titulos importante, interessa ainda mais quando além de se verem aquelles sertoes despejados daquelles inimigos; correm os fazendeiros das ribeiras do Tocantins, cheios de prazer, a offerecer os seus soccorros para a conquista dos outros Indios, auxiliada pelos novamente conquistados; e he de esperar que cooperem efficazmente, assim á abertura de caminhos, como á conquista de outras naçoens.

O Rio do Somno, que da parte Oriental desagoa no Tocantins, e que dista do Pontal 36 legoas, e da povoação de S. Pedro da Alcantara 43, he huma situação muito agradavel, bons ares, saudavel, com abundancia de matas e campos, e neste sitio se estabelece outra povoação denominada

de S. Fernando; 60 pessoas tem sido convidadas para Colonos, e entre esta povoação, e o ribeirão chamado Machado se criou huma fazenda de gado vacum. Desde este rio do Sono até a Ilha de S. José, em extensão de mais de 40 legoas se tem estabelecido muitas familias, sendo a maior parte domiciliarios da ribeira da Capitania do Maranhão, e que conduzem para as margens do Tocantins muitos gados, contando-se só 500 cabeças condusidas pelo Capitão Antonio Moreira da Silva, que S. A. R. se dignou de ter em Sua Alta Consideração.

Caminho de terra para o Pará.

A Navegação dos rios he o meio mais obvio da communicação do interior; sem embargo cumpre não desprezar os caminhos por terra, que a certas vistas são vantajosos. O rio Tocantins trás sem duvida grandes vantagens ás Capitánias de Goyaz, Pará, e Maranhão, mas o estabelecimento de correios, a exportação de generos de muito volume e pouco pezo, e a conducção das boiadas, assim para sustentação das Capitánias beira mar, como para os serviços da lavoura exigem estradas por terra, que em periodos determinados conduzão a hum dado prazo. Propoz-se por tanto o activo Pinto a concluir a estrada de Porto Real do Pontal de Goyaz até a Povoação de S. Pedro de Alcantara, sitio onde ha que passar os dois rios do Sono e Manoel Alvares, seguindo por campinas, sómente entrecortadas pelo rio da Farinha até a borda da matta geral; e abrindo caminho pelo interior da matta, entre os rios Tocantins e Mojú, ao longo do ultimo, até o lugar onde este faz barra no furo do Guarapameri, ou pouco acima: dahi se vai á Cidade do Pará em duas marés e meia: de maneira que a jornada do Porto Real do Pontal até o Pará se fará (segundo experiencias

do mesmo) em animaes carregados ; em 32 dias de marcha.

Viagem do Porto Real a Maranhão.

JA' se disse que do Porto Real do Pontal até a nova povoação de S. Pedro de Alcantara ha 79 legoas, que pelo rio se vencem em 4 ou 5 dias; desta até á Caxoeira no rio Grajahú se vai em 4 dias; e daqui pelo rio abaixo, sem cachoeiras, nem embaraço algum até á freguezia de Miarim se gastão 8 dias; e deste em duas marés se chega á Cidade de Maranhão sendo a viagem do primeiro porto até esta Cidade de 18 a 19 dias, mormmente nos mezes de Novembro até Maio.

Noticia dos Gentios, que povoão estes Sertoens.

O Gentio Xerente tem as suas aldêas em campinas nas margens do rio Tocantins, acima do rio Manoel Alvares, do lado Oriental; occupão as campinas entre Tocantins e a Serra geral e da outra parte em campos geraes. Os moradores do Norte de Goyaz, são infestados por estes barbaros que attacão os mesmos navegantes pelo rio Tocantins, chegando até ás ribeiras da Lapá, e da Balça, pertencentes á Capitania do Maranhão, onde levão a morte e o roubo. Povoão duas aldêas em grande numero, e se ligão com os Xavantes, que havendo já estado aldeados em Goyaz na aldêa do Carretão fugirão conhecendo a nossa lingua, armas, usos, e costumes, de que se prevaleceo para empecer-nos, engeitando todas as propostas de paz, e até irritando-se com a amizade, que contrahirão os nossos com a nação Macamecran sua inimiga implacavel.

Além destes gentios existem entre a dita povoação de S. Pedro de Alcantara e a beira da Mat

ta Geral as nações *Canacategé*, *Crurecamecran*, *Porecamecran*, *Xocamecran*, *Poncategé*, *Puicobegé*, *Aojé*, *Crangé*, *Piocamecran*; semelhantes na lingua, usos e costumes á nação *Macamecran*. Entre Tocantins, e Araguaya (humas 30 legoas), e da nova povoação até á junção destes rios, habitão as nações seguintes, *Poxeti*, *Noroquagé*, *Apinagé*, *Carajá*, *Corti*, barbaras e feroces. Tres Indias da nação *Noroquagé*, que forão aprisionadas, agasalhadas, e doutrinadas, serião facil instrumento da conciliação daquelles selvagens; huma destas recusando voltar á sua aldêa, as outras duas se encarregarão de reduzir os seus, e conduzi-los d'alli a 2 luas. Os *Puxetis* são antropophogos: os *Apinagés* são mui numerosos; tem 16 cabos de guerra, de muito valor, cujos nomes são, *Puruturé*, *Pepucópo*, *Pepocranfo*, *Tepueriti*, *Tocamucó*, *Cancreti*, *Curcanti*, *Panhacate*, *Tonti*, *Inhocrexu*, *Injaqueti*, *Croroti*, *Icranxoire*, *Oroncahaca*, *Orumuré*, *Veleti*, e infelizmente se lhes tem aggregado muitos Christãos desertores das Capitánias visinhas. O mesmo acontece ás nações *Carajá*, e *Corti*, mormente á ultima, que usa de espingardas contra nós, e por tanto parece que estas nações só á força de armas serão levadas.

A isto se reduzem as noticias, que deu o referido Francisco José Pinto, e que merecerão a Alta Contemplaçãõ de S. A. R., e os elogios do respectivo Capitão General. Por huma Carta Regia dirigida a este Capitão General, Foi S. A. R. Servido estender aos habitantes das margens do rio Grajaú os privilegios concedidos pela Carta Regia de 5 de Setembro de 1811 aos das margens dos rios Maranhão Tocantins, e Araguaya, louvando o patriotismo, com que o referido Pinto creou aquella nova povoação, que tanto facilita a navegaçãõ do mencionado Grajaú, e abrevia a communicaçãõ da Capitania de Goyaz com a de Maranhão.

A perspectiva, que começa a apparecer do Brazil communicado por faccis estradas, e pela navegação de grandes rios; a consoladora esperança de ver tantas naçoens barbaras, que infestão este Continente, despidas da natural fereza, tornarem-se sociaveis, e augmentarem o numero dos vassallos de S. A. R.; a idéa lisonjeira da prosperidade da agricultura, do estabelecimento das artes, da extensão do Commercio; não são já sonhos de hum patriota, a quem o amor do seu paiz inflamma, e anima; sobre felicissimos começos, sobre progressos agigantados se estribão os nossos agouros; e se não podemos de outra sorte concorrer para estes grandes fins, seja ao menos o nosso empenho louvar as Sabias Providencias de S. A. R., o zelo dos Seus Delegados e a constancia com que os Seus vassallos se esmerão em corresponder aos benignos dezejos do Seu magnanimo coração.

Exame de algumas passagens de hum moderno Viajante ao Brazil, e refutação de seus erros mais grosseiros, por hum Brasileiro.

CHegou á nossa mão huma Obra em Inglez, que tem por titulo; *History of Brazil, comprising a geographical account of that country, together with a narrative of the most remarkable events, wich have occurred there since its discovery; a description of the manners, customs, religion, &c of the natives and Colonists; &c. By Andrew Grant, M. D. Lond. 1809.* Este frontespicio nos deu as mais lisonjeiras esperanças de augmentar os nossos conhecimentos em hum objecto, que com tanto interesse havemos meditado, e sobre o qual havemos

consultado os manuscritos mais recomendaveis. Porém começando a ler a Obra, fiquei persuadido que outra vez me acontecia o que quasi diariamente tinha lugar, quando cheguei a Lisboa. Gritava hum ce-go em voz muito afinada o annuncio de hum entremez, acrescentava huma grande lenda, que rematava sempre com as palavras — *Forte obra he esta!* Mas dados os 40 reis não encontrava mais que frioleiras. Outro tanto me aconteceu com o Sr. Grant, com huma só differença, que este attaca deshumanamente costumes, que não conheceu, e tão ignorante no physico, como no moral do Brazil, copia servilmente erros já assoalhados por outros escritores, e no mesmo que diz ter visto *mente*. Parecerá muito forte e incivil esta palavra; he Portugueza, e creio que enche muito bem o seu destino. Hum viajante que imprime as suas viagens no anno de 1809 errar! Sim meu leitor.

Et crimine ab uno

Disce omnes.

Todaya para despir-me daquella acrimonia, de que os meus inimigos me arguem, encaremos as noticias, em que se estriba hum destes viajantes, e ao clarão da critica vejamos a probabilidade, que merecem. Tal homem, dotado por ventura de alguns conhecimentos de historia natural, entra em hum paiz desconhecido: vê pequenas amostras de productos naturaes, avista (como pôde examinar?) em hum ligeiro trajecto pessoas talvez da ultima relé, deixa-se levar das apparencias grosseiras, que muitas vezes são capa de hum interior virtuoso, e pernitoando, ou transitando por huma Cidade, huma Villa, ou ainda hum lugar se gaba de conhecer os costumes até do todo dos habitantes. Presumpção louca e temeraria, mas bem ordinaria no nosso Seculo! Hum, guiado por espirito mercantil commercêa em sordido contrabandista, e paga esta infracção da boa fé com impropérios aos em-

pregados publicos, cuja probidade empece aos seus interesses. Outro recebe hum gasalhado (pobre mais sincero), e accusa no dia seguinte de crimes atrozes os miseraveis, que para cevarem seu appetite se privarão do sustento de semanas. Eu suspendo a minha penna. Tenho factos e para achegarme ao meu plano, acho muitos na Obra annunciada. Copiando as suas passagens mais notaveis exporei á indignação dos sensatos as falsidades do Author Inglez e me exporei ás satiras de outros. Que me importa?

Nos primeiros Capitulos o A. copia o que referem os authores, que tem escrito, igualmente bem informados, e o seu guia he Raynal, que elle traslada servilmente. Vejamos o Cap. 4. „ *History has recorded the acts of tyranny and eruelty that excited the Low Countries to attempt to throw off the Spanish yoke. . Their independence being once firmly established they attacked their enemy on the remotest seas: — on the Indus, the Ganges, and the shores of the Molucas, wich constituted a part of the Spanish dominions, since the crown of Portugal have been united to that of Spain.* Leamos a Historia Philosophica e Politica, T. 3. pag. 475 da edição de Haye 1774 „ *Toutes les histoires sont pleines des actes de tyrannie et de cruauté qui souleverent les Pays Bas contre Philippe III. Lorsque leur liberté fut solidement etablie. elles allerent attaquer leur enemy sur les mers les plus éloignées, dans l'Inde, dans le Gange, jusques aux Moluques, qui faisoient partie de la domination Espagnole depuis qu' elle comptait le Portugal au nombre de ses possessions. „*

Basta esta passagem para vermos a fonte, donde este author tirou, não digo os seus conhecimentos, mas as suas expressoens. He para notar que estando a Obra de Raynal tão espalhada, haja hum Inglez que traslade tão fielmente capitulos inteiros! Portanto eu creio sufficiente notar algumas

passagens, que são mais evidentemente falsas, e erros, que para evitar bastaria ter olhos. Paremos porém hum momento nos

Cap. 8. e 9.

„ O Brazil está agora dividido em 14 provincias ou Capitánias, na ordem seguinte, do Norte ao Sul, a saber Pará Maranhão Ceará, Rio Grande, Parahiba, Tamaracá, Pernambuco, Seregipe de El-Rei, Bahia, Rio das Velhas, *Ponto Seguro*, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e S. Vicente. „

Ignoramos esta divisão: nunca ouvimos fallar da Capitania de Tamaracá, nem de Seregipe de El-Rei, &c. Serão Correçoens? Nem isso. He huma ficção poetica. Todos sabem que as Capitánias do Brazil são ou Generaes ou Simpleses as primeiras são Pará Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul na beira mar, e no interior Matto Grosso, Minas Geraes, Goyaz, e S. Paulo. As segundas são Ceará, Piaui, Parahiba, Espirito Santo, S. Catharina, Rio Grande do Norte, ás quaes se ajuntarão Seregipe de El-Rei e S. Sebastião.

„ Estabelecerão-se seis Bispados em diferentes tempos, todas subordinados ao Arcebispado da Bahia fundado em 1552. Os Prelados, que enchem estas Sedes são todos Europeos e os seus salarios, que são pagos pelo Governo, varião de 50 libras esterlinas a 1250. „

O primeiro Bispado do Brazil foi o da Bahia, creado em 1552 no tempo do Sr. Rei D. João III, até o anno de 1667, em que tomou posse de 1.º Arcebispo daquella Diocese D. Gaspar Barata de Mendonça, a 3 de Junho. Crearão-se depois os Bispados de Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro, que com o de Angola e S. Thomé na Africa, se lhe assignarão por suffraganeos. O Bispado do Maranhão, em razão da sua difficil navegação para a Bahia,

ficou suffraganeo ao Arcebispado de Lisboa. Deste mesmo Bispado foi desmembrado o do Pará creado no tempo do Sr. D. João V, e Pontificado de Clemente XI, ficando este ultimo, bem como o primeiro, suffraganeo ao Patriarcha de Lisboa. Em 1744 a instancia do mesmo Sr. D. João V se desannexarão da grande Diocese do Rio de Janeiro, dois novos Bispados, o de Mariana e o de S. Paulo, e mais duas extensas Prelasias, Goyaz, e Cuiabá com Matto Grosso, cujos Prelados gozão de toda a jurisdicção Ordinaria.

Os Prelados tem sido indistinctamente Portuguezes: alguns temos visto Brazileiros, que encherão, e enchem dignamente os seus lugares. Nunca soubemos porém que houvesse Bispo, que tivesse de salario menos de 2000\$ reis! O de Mariana tem de congrua 8000\$ reis, chegando os seus rendimentos a 1600\$ crusados.

„ Hum aqueducto de consideravel extensão fornece agoa aos habitantes. Ella he trazida sobre os valles por duas fileiras de arcos, huns postos sobre outros, e que dão muito ornamento á Cidade. Nos largos e praças publicas ha fontes, que são acompanhadas de huma guarda para regular a distribuição da agoa; porque esta não he sufficientemente abundante para as necessidades dos habitantes; e o povo está muito tempo esperando com baldes primeiro que recebam a quantidade que lhe pertence. „

O Sr. Grant parece que nunca esteve no Rio, o que eu creera, se não descrevesse tão fielmente o Vaux-hall do Rio. Não me consta que as guardas tenham por fim regular a distribuição da agoa, sim evitar as desordens: nem vi o povo esperando a sua quota parte com baldes. Sonhou o Inglez e escreveu. Será o povo os escravos, que de necessidade hão de esperar pelos que os precedem? Fazem o mesmo em Lisboa os agoadeiros, e pôde ser que em muitas outras partes, e eu já o affirmaria, se me atrevesse a imitar tão digno Escriitor.

„ A indolencia, a deshonestidade, hum espirito de vingança e excessos de todo o genero não são pouco frequentes entre a grande massa do povo, em que as ordens superiores se entregão a toda a lascivia (in every luxury) que as riquezas pôdem procurar. Accusão os homens de se entregarem á satisfação de appetites depravados e contra a natureza, e as Senhoras de desampararem aquella modestia e reserva que faz o principal ornamento do character da mulher. Esta censura sempre me pareceu demasiadamente vaga, e talvez tem origem no singular costume, que voga entre as Senhoras daquella cidade, de trocarem ramalhetes de flores, que trazem na mão, com os homens que encontrão na rua, ainda que totalmente estrangeiros. Tambem tem costume, quando estão sentadas nas barandas, que cercão as suas casas, ou sós, ou acompanhadas de suas escravas, lançarem flores sobre qualquer que passa por baixo, que o capricho ou hum inclinação passageira as faz distinguir. Sem duvida deste costume resultão frequentemente as mais intimas relaçãoens; todavia eu creio que não se deve concluir daqui que he universal o espirito da intriga entre as Senhoras Portuguezas do Rio. Sabe-se muito bem que em Lisboa as Senhoras se divertem em certos dias chamados *dias de intrusão* (days of intrusion), atirando das suas janelas ramalhetes aos passageiros; e provavelmente foi á imitação de suas maneiras que as mulheres adoptarão esta pratica no novo mundo. „

Agora he com nosco! Que bello character! Quantos annos estudou este homem o espirito do publico! Vendo a gentalha a seu alcance, composta neste paiz das fezes da Sociedade, porque originaria de naçãoens barbaras, e sem moral, conclue hum viajante estrangeiro dos costumes de hum paiz? Infelizmente todos os estrangeiros se copião neste e em muitos pontos. Depois que reina a ma-

nia de fazer livros de livros, perdeu-se a critica, he ociosa a razão, e só importa se outro A. disse aquillo mesmo! Geographos aliás acreditados, Viajantes illustrados, tem trasladado estes improprios. *Mentelle*, author de nome, nas suas *Choix de Lectures Geographiques* T. 5. pag. 363 repete estas mesmas ineptias, e *Guthrie* na sua *Geographia* não duvida copia-las. Não he isto huma razão bastante para corroborar a opinião do *Sr. Stockler* sobre o Sceptismo historico? Hum author que escreve em 1809, tempo em que o Brazil está franco a todos os estrangeiros, copia os absurdos de authors sem conhecimento do Paiz! O' historia! quem assignará com justiça o grão de veracidade que tu mereces! O A. avança que deste costume procedem as intimas relações, como se estas não tivessem no Rio as mesmas fontes, que em outras partes do Mundo. Porém o que he mais irrisorio he a comparação com que elle quer desculpar este costume. Supponho que o A. chama *dias de intrusão* aos *dias de entrudo*, mostrando saber tão bem Portuguez, como os costumes do Brazil. Mas naquelle dia, que em sua lingua se diz *shrave-tide*, não tenho noticia que houvessem semelhantes offertas. Se o A. esteve alguma vez em Lisboa, foi singularmente tratado naquelle dia, ou os chamados ramalhetes terião huma fórma particular, que os fez tanto do seu agrado.

„ As Senhoras assistem regularmente nas Igrejas ás matinas e vespersas; e o resto do dia geralmente passam sentadas á janela. A' noite divertem-se em tocar cravo ou guitarra, com as portas e janellas abertas para entrar a viração; e se hum estrangeiro passa a aquelle tempo, e pára afim de ouvir a musica costumão os pais, maridos, ou irmãos da bella musica, convida-lo politicamente a entrar em sua caza. „

Assim como as laranjas, o talco, e outros in-

redientes deste genero, parecerão a este benigno estrangeiro ramalhetes de flores, da mesma sorte que o immortal D. Quichote vio em huma grossa Saloia huma rica Princeza: assim tambem este civil estrangeiro achou levado a hum tão grande extremo a devoção das Senhoras, e a sua cortezia com os estrangeiros. E que isto se escreva em 1809!

„ Os homens, ainda da ordem inferior ordinariamente se cobrem com capotes quando sahem fóra; e as classes media e superior nunca apparecem em publico sem espada. Ambos os sexos são perdidos por operas, jogos, e mascaras. „

Estas tres asserçoens são proprias da cegueira do A. Presenciei muitas vezes o pequeno theatro quasi deserto e a sua maior frequencia era por Europeos, e isto no mesmo tempo em que o A. escreve.

Vamos á esta descripção do passeio publico.

„ Tambem frequentão hum jardim publico situado a beira mar, quasi no fim da Cidade. Este jardim consta de canteiros, arbustos, e parterres, entremeados com arvores, cuja abundante folhage faz huma sombra que refresca dos raios do sol. Em alcovas, ou caramachoens de madeira pintados de verde, e adornados com profusão das mais bellas e odoriferas plantas dos climas tropicos, descansão *os da moda* no Rio depois da fadiga do seu passeio nocturno. „

„ No tempo seco estas alcovas estão geralmente cheias de companhias, que gozão de huma cêa elegante, á moda Portugueza durante a qual são divertidas com musica, e algumas vezes demorão os seus divertimentos até huma hora da manhã seguinte. No meio deste jardim está huma grande fonte de artificial cascata, ornada com figuras de dois jacarés, que lanção agoa da boca em hum tanque de marmore. Neste reservatorio, pas-

saros aquaticos, bem executados em bronze parece que estão brincando na superficie da agoa. „ ***

O A. parece que pela palavra *fashionable* quiz significar os da ordem media como se acha em alguns dictionarios, *Having rank above the vulgar, and below nobility* Johnson.

Grande cousa he ter bons olhos! ou ver por microscopio! Alguns ajuntamentos, algumas cantorias amplificadas pelo dito Portuguez — Cesteiro que faz hum cesto faz hum cento, fórmão a idéa do A. Quanto ao fogo de artificio ainda não tive a satisfação de vê-lo naquelle sitio. Mas agora começa o bom.

„ Na face deste jardim voltada para o mar, ha hum bello terraço de granites no meio do qual se construiu outra fonte. Ella tem em cima a estatua de hum menino com hum passaro na mão, de cujo bico cahe a agoa em hum tanque em baixo, e com a outra mão mostra hum papel com a seguinte inscripção: *Sou util ainda brincando.* „ ***

Parece que o terraço fica no extremo e a cascata no centro do passeio! No meio da primeira fonte! Mr. Grant está enganado: a mesma agoa serve á cascata e á fonte contigua, que fica hum pouco mais elevada e entre duas escadas que precedem ao terraço.

„ Rogo muito a este Sabio ornithologico que classifique o passaro de que faz menção, e lhe digo para sua guia que o dito passaro não tem pennas, nem azas e em Inglez se chama a *tortoise*: peço-lhe porém que não diga o seu nome em Portuguez, porque hum erro de Prosodia o faria excitar o riso ou o enjoo. O bico ou rostro do tal passaro he semelhante ao de hum lagarto. Na verdade he formosissimo! O tanque he cylindrico e tem vulgarmente o nome de barril, e não he de marmore.

„ Neste jardim, que se chama o *passao publico*, se dão espectaculos para divertimento do povo; (*Até o fim de Agosto de 1813 não se tem dado divertimento algum deste genero*) e o seu fim de promover a saude e prazer dos moradores está expresso em duas columnas de granites, em huma das quaes estão gravadas as palavras *a saude do Rio*; e na outra *o amor do publico*. „

Que o passeio tivesse por fim promover a saude do publico, he o que até ignoraria o seu fundador: mas são muito singulares os testemunhos com que elle o apoia. Duas columnas! Nenhuma existe no passeio, sim duas pyramides! As inscripçoens estão muito bem entendidas. *A Saude do Rio!* He verdade que a palavra saude he bem difficil de traduzir na sua lingua: huns tomão a Franceza *regret*: Swift empregou a latina *desiderium*; e alguns adoptão a Portugueza. Porém nunca vi substituir-lhe o termo Saude. Ha inda outro erro que he o artigo a em vez da preposição á. De maneira que na sua lingua vem a dizer *The health of the Rio* em vez de *To the desiderium &c.* A outra he *ao amor do publico*, e não *o amor do publico*.

(Segue-se huma descripção da Cochenilha, copiada de M. Barrow, inteiramente opposta ao que tem observado pessoas de muita capacidade. O Dr. Jacinto José da Silva Quintão, offereceu a este Periodico huma Memoria a este respeito, que havemos de inserir no N.º seguinte, a qual he a mais plena refutação de quanto o A. diz neste lugar e por tanto ommittimos quanto elle refere por ouvir dizer.)

„ A população do Rio se calcula em 43 mil almas, das quaes 40 mil são pretos incluindo os forros, e os 3 mil brancos. „

Ignoro os dados deste calculo; muitas vezes os tenho sollicitado, com inuteis tentativas. Porém

não creio que seja exacta a resenha do A. Donde o soube? Se não forem sempre estereis os meus desejos, eu mostrarei, segundo relações Officiaes, o erro enormissimo de Grant que diz emphaticamente *calcula-se*. Os calculos de semelhantes viajantes são especies de advinhação, propria dos charlataens.

Temos tocado levemente alguns lugares para amostra do credito, que merece este viajante: em outra occasião continuaremos a desmascarar as suas falsidades.

Noticia extrahida do Courier de 27 de Maio.

NA sua passagem do Cabo de Boa Esperança, descobriu o Navio União hum escolho, e restinga, desconhecidos até agora, de huma consideravel extensão, e eminentemente perigosos para os Navios, que passam d'alli para as Mauricias, pois que ficão no seu caminho direito; a relação com que polidamente fomos favorecidos, relata que o Navio União esteve em calma por tres horas em distancia de tres milhas de hum pequeno Rochedo, cujo comprimento se ajuizou ser de 12 braças, e sua elevação acima do nivel do mar de 16 braças, pouco mais ou menos, donde se estende hum restinga de quasi seis milhas. O tempo tinha sido muito favoravel, e por ter o Cominandante da União hum bom Chronometro, julga-se que a posição desta restinga e escolho foi verificada com exactidão. A longitude concordava muito aproximadamente com huma recente observação lunar. Não podemos he certo, garantir a exactidão de huma communicação verbal porém a latitude nota-se ser 35.^o (e poucos minutos) Sul e a longitude de 43^o, 30', a Este de Londres. Julga-se ser este

o baixo de que algumas Cartas Hollandezas fazem menção, debaixo do nome de Slot van Copal. Correio de Madrásta, 14 de Outubro de 1812.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto.

P *Relecções Philosophicas sobre a theoricã do Discurso e da Linguagem, a Esthetica, a Diceósyna, e a Cosmologia.* Por Silvestre Pinheiro Ferreira.

O A., cujos talentos são tão justamente acreditados, dá primeiro a idéa geral da Obra; reduzindo a tres os objectos da suas Prelecções, a saber, a theoricã do Discurso e Linguagem, o tratado das paixões, e o systema do Mundo: no 1.º expoem os principios da Logica, da Grammatica Geral e da Rhetorica: no 2.º considera as paixões ou como simples sensações, ou como actos moraes: da primeira consideração nascem a Esthetica, a Poesia, e as Bellas artes; e a segunda produz a Diceósyna: debaixo da denominação da Cosmologia, involve a Ontologia, e a nomenclatura das Sciencias mathematicas e physicas; e d'ahi deduz os principios da Theologia Natural.

Já dissemos no N.º 4.º deste Periodico o nosso sentimento acerca de hum plano tão acertado, e da esperanza de hum completo desempenho, fundada nos grandes conhecimentos e rigorosa methodologia do Autor. Abstemo-nos por tanto de setus elogios, tanto mais porque apparecendo em muitos Numeros memorias deste profundo litterato, poder-se-ha recear que a minha gratidão me torne suspeito.

Ephemerides Nauticas, ou Diário Astronomico para o anno de 1814, calculado para o Meridiano do Rio de Janeiro, por Ordem de S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor, por Joaquim Ignacio Moreira Dias, Coronel de Infantaria, Addido ao Estado-Maior do Exercito, com Exercicio ás Ordens do Paço.

Correspondencia.

O Redactor deste Periodico accusa por esta maneira a recepção de duas cartas remetidas pelo Correio de Minas Geraes com porte pago, e que parecendo ser escritas ha mezes chegarão á sua mão no dia 18 de Setembro, em razão de virem os sobrescritos em outro nome. Igualmente segurá ao Litterato, que as escreveu, que nos Numeros seguintes verá inseridas as suas composçoens, sentindo que a demora mencionada tenha privado o publico da continuação das suas producçoens. É para entreter a correspondencia, que elle dezeja, roga que no sobrescrito das cartas que lhe forem dirigidas se não ponha mais do que = *Ao Redactor do Patriota.*

Continuação do Estado da atmosphera.

Agosto.

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
		Graos.	Pol.	Vint. Mil.	
14	69	29	16	10	nebrina
15	75		15	16	trovoada e chuva
16	73½		16	14	
17	71		17	10	denso e chuva
18	65½	30	0	2	muita chuva
19	64	29	18	24	
20	63		19	8	
21	63½		18	14	claro
22	63		17	36	
23	65		18	18	
24	68		17	44	
25	70		16	18	
26	67½		17	22	
27	70		16	2	
28	70		15	12	
29	71		15	14	chuva
30	76		15	0	claro
31	64		19	40	

Septembro.

1	64	30	1	24	chuva
2	64½		0	10	claro
3	67	29	18	34	
4	74	29	15	10	
5	69		14	8	chuva
6	70		16	40	claro
7	71		16	12	
8	71½		15	42	
9	74½		15	28	
10	76		14	18	

f

<i>Dia.</i>	<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo</i>
		<i>Graos.</i>	<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	
11	74		14	30	
12	71		14	40	trovoada
13	69		13	30	chuva
14	67		13	38	
15	65		12	20	claro
16	69		15	12	
17	70½		18	16	denso
18	70		19	4	chuva
19	71		16	34	claro

I N D I C E.

M I N E R A L O G I A .

- Fim da Memoria do Desembargador José Bonifacio de Andrade . continuada do N.º antecedente pag. 21. pag. 3*

N A V E G A Ç Ã O .

- Reflexoens sobre as derrotas de estima, e suas correcçens, continuadas do N.º 6. pag. 58. 9*

H Y D R O G R A P H I A .

- Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonseca. Continuadas do N.º 2.º pag. 12. 16*

A G R I C U L T U R A .

- Meio empregado pelos Chins para a propagação das arvores fructiferas &c - publicado por B.*** 20*

T O P O G R A F I A .

- Breve Descripção Topografica e Statistica da Capitania do Espirito Santo. Por Francisco Manoel da Cunha. 24*

A R T E S .

- Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, continuado do N.º 2.º pag. 41. 34*
*Branqueação da Cera. Por B.*** 49*

L I T T E R A T U R A .

<i>Canção no dia dos annos da Fidelissima RAINHA Nossa Senhora, em 17 de Dezembro de 1797.</i>	52
<i>Ode no dia da inauguração da Estatua Equestre de El-Rey N. Senhor D. José I.</i>	54
<i>Eufrazia a Melcour Epistola. Traduccão de Bocage.</i>	58

<i>Noticia das novas Povoaçens de S. Pedro de Alcantara, e S. Fernando, civilisação da nação Macamecran; estrada para o Pará.</i>	61
---	----

<i>Exame de algumas passagens de hum moderno Viajante ao Brazil, e refutação de seus erros mais grosseiros, por hum Brasileiro.</i>	68
<i>Noticia extrahida do Correio de 27 de Maio.</i>	78
<i>Obras publicadas nesta Corte no mez de Agosto.</i>	79
<i>Correspondencia.</i>	80
<i>Continuação do Estado da athmosfera.</i>	81

**O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.**

D O

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.*
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 4.º

O U T U B R O.

**RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.**

1 8 1 3.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*



Memoria sobre os muros de apoio, ou muros, que servem de sustentar as terras.

MR. Cointeraux tentou edificar muros de apoio, ou para sustentar as terras, com o menor dispendio possível, sendo ao mesmo tempo mais solidos e duradouros: ainda que á experiencia pertença o determinar o ponto de vantagem do que ensina aquelle auctor, todavia estamos persuadidos que podemos fazer algumas observaçoens, que julgamos não serão inteiramente desacertadas. Mr. Cointeraux, conhecido pelos seus trabalhos sobre o fabrico do pizo (1) julgou que os muros de apoio poderião ser feitos desta materia, e pensa que melhor seria substituir á pedra e cal hum muro de pizo, sustentado por huma parede ordinaria, que tivesse para a de pizo a razão de 1 para 2, porém em favor da sua asserção dá por facto o que he questão, e não demonstra que o pizo em lugares humidos, se conserva inalterado. As terras as mais proprias para o pizo são as que contém argila bastante para formar huma liga, que se augmenta com o pilão, o qual reunindo as moleculas, augmenta-lhes o contacto immediato e os faz participar da natureza da pedra; mas a argila, e os saes contidos no pizo são principios que o damnificão, sendo exposto á continua humidade.

Os Romanos, que edificavão com pizo, davão á terra certa preparação em agoa, na qual os saes, que tendem a diminuir a adhesão das moleculas que as cercão, se dissolvião, e deixavão, senão totalmente, ao menos em grande parte, a terra que se tinha de empregar: assim penso que se o methodo de Mr. Cointeraux tem a vantagem da eco-

nomia, falta-lhe a da duração. Convimos de que o seu methodo he muito util em muitos outros casos, mas não admittimos que possa suprir neste á pedra e cal.

As paredes de terra, que se he obrigado a fazer para os alicerces, conservão ás vezes huma direcção, pouco mais ou menos vertical e a terra parece suster-se por si mesma de modo, que seria inutil revesti-la de hum muro muito espesso, e que bastaria hum avental de alvenaria; mas as terras não resistem assim ás chuvas; quebrão-se, e tomão inclinação, mais ou menos plana, segundo a sua qualidade: para que a terra não desabe cumpre suste-la com hum muro, cuja força de inercia seja tal, que resista ao seu pezo.

Se facilmente se demonstra a necessidade de hum muro, que sustente a terra, não he tão facil o marcar que espessura lhe convem mais nos diferentes casos; não parece mesmo que se possa resolver o problema com tanta exactidão. quanta he para dezejar; o meio que ha para levar-nos á resolução, seria observar hum grande numero de casos, em que o equilibrio, que o constructor busca estabelecer entre a resistencia do muro e a acção da terra, se rompesse, e indagar as causas, que a isso contribuirão mas as circumstancias, em que estas indagaçoens se poderião fazer, são raras e as forças, que resultão da acção da terra sendo susceptiveis de variação, bem como as causas da destruição do muro, he quasi sempre mui difficultozo marcar a causa da queda, e tirar consequencia certa de hum acontecimento desta natureza.

Este resultado, sobre o qual estão quasi todos de accordo escapou aos primeiros que se occuparão deste objecto. Bullet, Couplet, Belidoro derão successivamente theorias, que no pouco accordo com os resultados, e falsidade dos principios, sobre que se fundavão, mostrão quão pouca confian-

ça merecem. A primeira theoria, que acerca desta materia satisfaz, foi publicada por Coulomb, em 1773, na collecção das memorias dos Sabios Estrangeiros da Academia das Sciencias de Paris. Mr. Prony tomou de novo a questào, e levando avante a analyse de Coulomb, alcançou a meta.

Trasladamos aqui, para utilidade dos Constructores, a formula, a que elle chegou, fazendo:

h = a altura do muro.

x = a espessura da parte superior do muro.

n = a relação entre a altura, e a base do taludo, ou escarpa do frontal, ou face exterior do muro.

n' = a mesma quantidade para a sua face exterior.

ω = ao pezo especifico da terra.

Π = ao pezo especifico do muro

T = a tangente trigonometrica da metade do angulo que a escarpa da terra faz com a vertical.

Obteve:

$$x = h \left\{ - \left(n + \frac{1}{2}n' \right) + \sqrt{\left[\frac{1}{2} \frac{\pi}{\Pi} \right] t^2} \right\}$$

O valor de x . dado por esta equação, exprime a grossura, que o muro deve ter absolutamente, para não cahir voltando em roda da aresta exterior da sua base. Suppoem-se o muro posto em huma base incompressivel, tal qual huma rocha, ou huma plataforma de madeira sustentada por estacas: a formula suppoem mais, que a forma do muro foi de antemão determinada, e he a de hum prisma, cujas arestas são horisontaes, e a base hum trapezio; ou hum rectangulo. se os frontaes, ou faces do muro são verticaes: forma admittida por ser a que he sempre empregada, não tendo os constructores tratado senão de fixar a grossura superior que o muro deve ter em relação á sua altura, e ás escarpas dos seus frontaes, ou faces, segundo os quaes achava-se inteiramente determinada.

Não me demorei em fazer notar, que o muro opposto á acção da terra, terá tanta mais estabilidade, relativamente á sua massa, quanto maior for a base, e a distancia horisontal do seu centro de gravidade, e quanto mais consideravel for a aresta, em roda da qual elle voltaria, se cahisse; donde resulta, que a fórma de hum triangulo rectangulo ABC, (fig. 1.a) he a mais favoravel aos muros em questão; mas esta forma raras vezes pôde ser empregada na pratica; porque para resistir ás causas de destruição, a que fora exposto, seria mister que o vertice do muro tivesse certa espessura, que depende sempre da natureza dos materiaes, que se empregão na construção.

A maneira, porque as terras obrão sobre os muros de revestimento, ou reforço, não está ainda perfeitamente conhecida; porém a experiencia prova que o comprimento dos muros influe consideravelmente sobre a sua duração, e apressa a ruina; porque de dois muros da mesma altura, e grossura, o mais longo he sempre o que resiste menos. Hum facto, que merece attenção, e que pelas suas causas parece ligar-se ao precedente, he que os estragos, que soffrem os muros de arrimo, ou apoio, de certo comprimento, manifestão-se sempre no meio. Explicamos este effeito singular, observando, que estes muros são sempre presos nos seus extremos por outros muros, que formão com elles angulos; mais ou menos abertos, que os fazem mais estaveis, ao mesmo tempo que as terras comprehendidas nesses angulos, perdem huma parte de sua força, como passamos a demonstrar. Seja A A A A (fig. 2.^a) hum muro visto de alto abaixo, B A B A as arestas angulares, e B B B B as arestas superiores da escarpa, que as terras tomarião, se não fossem sustentadas pelo muro. Se prolongarmos estas ultimas linhas até d_1 de huma parte, e até c de outra, teremos dois espaços A_1cBd , A_1cBd , nos

quaes o esforço das terras se dividirá igualmente sobre Ac , e Ad ; e como o volume de terra, que opéra sobre cada huma destas partes, he igual ao terço do que está comprehendido no cubo de terreno, que tem por base, $AcBd$ (2), segue-se que a acção das terras sobre Ac , e Ad , he hum sexto menor do que a que supporta o muro no resto do seu comprimento; porque o volume de terra, que tende ahí a cahir he igual á metade do que está contido em o prisma $BBcc$, da mesma base, que o cubo, do qual $AcBd$ representa huma das faces.

Se observarmos agora, que os angulos hum sexto menos carregados do que o resto do muro, apoião as partes, que os avisinhão, mas que a força, que estas tirão ou o socorro, que pedem, se enfraquece á medida que o muro se estende, poderemos (considerando o excedente da resistencia, que o muro oppõem á acção das terras para as suas extremidades, assim como o resultado da sua força de inercia) suppo-lo mais espesso nos angulos, do que no meio, e reforçado como o indica a linha mn ; então o ponto mais fraco, sendo o meio do comprimento do muro he evidente que esse será o lugar em que dobrará, e cederá por fim. Naturalmente se apresenta o meio de corrigir esta desigualdade de resistencia, que acabamos de observar: bastaria para isso fazer (depois de calculada, como de ordinario, a grossura que deve ahí ter) reforça-lo á partir do meio segundo a linha pA , ou qualquer outra, de modo que opposesse em todas as suas partes hum excedente da força de inercia capaz de contrabalançar o excedente de força, que as terras, que operão para o centro, tem sobre as que operão para os extremos. Mr. Gauthey, Inspector Geral de pontes e calçadas, cujos trabalhos o fizerão justamente celebre, encarregado de construir em Chalons ás bordas do Saône, hum

muro de caes de comprimento assás consideravel ; fez nessa occasião indagaçoens e experiencias sobre a materia , de que tratamos , e adoptou hum genero de construcção igualmente economico e seguro (3): a arte lhe ensinava que hum muro de reforço não oppoem ao esforço das terras senão a sua força de inercia e a experiencia mostrava que muros mui fracos em si mesmos adquirião por meio da barbaça , esporoens , ou contrafortes , o grão de solidêz que lhes faltava , e vio que , combinando o effeito dos contrafortes , e o dos lugares mais comprimidos horisontaes , praticados ás vezes na face interior dos muros , e que recebendo huma parte do pezo da terra augmentavão a estabilidade podia não só sem inconveniente , porém mesmo com vantagem , diminuir a grossura do muro de reforço , ou revestimento. Vejamos o como elle chegou ao fim , a que se propoz.

A figura 3 representa o muro visto pelo lado addido á terra , e construido segundo o methodo de Mr. Gauthey ; *a a a* , são arcadas sustentadas por contrafortes postos de distancia em distancia , fazendo parte do muro com ellas. Vê-se na fig. 4 a projectura ou avançamento dessas partes , e como as terras estão sustentadas nos espaços *b b b* , he facil de notar que em razão dos arcos *a a a* , sobre que descança , grande parte do pezo da terra , e do seu effeito , he empregada em acrescentar a estabilidade do muro ; porque se suppomos o trapezio ABCD (fig. 4) representando aqui a base do prisma formado pelas terras , que carregão sobre o muro , divididos em laminas parallelas , e correndo sobre a linha da escarpa DC he evidente que huma parte do pezo das laminas *d d d* , apoiadas sobre os arcos *a a a* , será suportada por elles , e fará o effeito de huma força que passando pelo plano do meio dos espaços *b b b* , parallelamente ao muro , tenderia a consolida-la sobre a base ; e co-

mo o pezo dessas laminas augmenta com o das que ellas suportão, resulta que o momento da força, que tende a manter o muro, he igual, ou mesmo excede, ao da acção das terras, de sorte que a estabilidade, que resulta do pezo mesmo do muro, he inteiramente em demazia.

Não he preciso mais para estabelecer a superioridade deste methodo sobre os que estão geralmente admittidos. A economia, que d'elle resulta, he de mais de hum terço quanto á pedra e cal e hum quarto quanto ás estacas; além disso estes muros não apresentão difficuldade alguma na construcção, a unica precaução essencial he de ligar com cuidado a massa dos arcos e dos contrafortes com a do resto do muro. O espaço entre os ultimos pôde hir de 5 até 18 pés, segundo a natureza dos materiaes, que se empregão; a sua espessura pôde marcar-se a 3 pés pouco mais ou menos. A sua parte saliente acha-se naturalmente determinada, dando ao perfil total do muro as mesmas dimensoens, que se darião a hum muro disposto segundo a formula dada por Prony, e precedentemente citada. A grossura dos arcos construidos de pedra deve ser de 22 á 24 polegadas, e a do muro no vertice nunca menor de 24 a 28 polegadas: assim não se deve pôr a primeira ordem de arcadas a menos de 6 pés abaixo do vertice; regular-se-ha depois a distancia entre as arcadas e o numero, segundo a altura do muro e o escarpado da terra, observando que devem ser tanto mais proximas, quanto mais consideravel for o angulo da escarpa. Mr. Gauthey empregou pela primeira vez, ha perto de 30 annos, na construcção dos muros do caes de Chalons ás margens do Saone o methodo que referimos: a experiencia tem perfeitamente justificado os seus calculos, pois que desde então nada se tem mostrado que faça temer a ruina do muro.

O esbroamento das terras, que no dia 14 de Junho proximo passado (1813), causou tanto dano á Cidade da Bahia, convidou-me, como hum dos seus naturaes, a concorrer a bem do remedio, que para o futuro poderá obviar males iguaes, em quanto as vistas verdadeiramente dignas do Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos lhe não dão aquelle, que elle premedita, e que a natureza e localidade mostram aos homens, que como elle sabem vêr. Estou certo de que o Homem, que primeiro se mostrou sobre as ruinas daquella catastrophe, e que com o exemplo e conselho a soube minorar porá (como vemos) todo o empenho em obstar a accidentes taes, e que por isso não desdenhará hum trabalho, que, se não he de grande utilidade, ao menos annuncia patriotismo.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, Governador e Capitão General da Bahia, &c.

Offerece

Domingos Borges de Barros.

NOTAS.

(1) Especie de tijolos não cozidos, e feitos de terra solta hum tanto carregada de argila batida em moldes, ou fôrmas de madeira: he o que os Francezes chamão *pise*.

(2) O que aqui digo he fundado na possibilidade, que ha em dividir os prismas de base quadrangular em 3 piramides iguaes. No caso em questão as terras contidas no cubo, que tem por base $AcBd$, se divide em 3 piramides; huma forma o angulo da escarpa, correndo sobre os seus planos inclinados ABd , ABc carregão huma na parte Ac do muro e outra na Ad ; estas partes sustentão evidentemente cada huma o terço do volume de terra contido no espaço $AcBd$ quando em todo o comprimento do muro cada parte semelhante á Ac ou Ad , suporta o esforço de metade das terras contidas em hum cubo da mesma dimensão do que supponho formado no angulo do muro.

(3) Os resultados principaes das experiencias, que Mr. Gauthey fez, se achão impressos nas Memorias da Academia de Dijon.

 AGRICULTURA.

Memoria sobre a Cochonilha e o methodo de a propagar - offerecida aos lavradores Brazileiros, por hum patriota zelozo, e amante da felicidade publica.

DEDICATORIA.

A Quem com mais satisfação poderia eu comunicar as minhas observaçoens do que a vós?

He a Cochonilha este util ramo de commercio, que teve o seu principio neste nosso Paiz no Vice-

Reinado do Excellentissimo Marquez de Lavradio, e depois no do Excellentissimo Luiz de Vasconcellos e Souza, que fizeram quanto poderão para introduzir - e elevar neste Paiz ao maior auge a sua cultura : mas a falta dos verdadeiros conhecimentos sobre esta materia foi a cauza de não terdes visto realizados os seus louvaveis trabalhos e dezejos ; porque o errado methodo , que vos foi ensinado , de então propagar a Cochonilha tirando parte da vermina de huns cardos, e pondo-a em outros , não vos produzindo a sua dezejada propagação , deu-vos cauza de ser totalmente abandonada esta cultura , para que he tão proprio este clima : porém eu animado e esperançado nos dezejos , que tenho de ser util a vós e a Estado , vou participar-vos as verdadeiras luzes , que tenho adquirido sobre este objecto dando-vos o methodo de a propagardes para que sejais util a vós mesmos , e promovais a felicidade da minha e vossa Patria , e da Nação inteira , e de ter eu a satisfação de ver aceito , e posto em pratica o meu trabalho pelos meus Patricios zelozos , e agradecidos ás riquezas da omnipotente Natureza , julgando-me ser o primeiro que com tanta individuação vos faça conhecer a Cochonilha , e a sua propagação.

I N T R O D U C Ç Ã O .

O Excellentissimo Marquez de Lavradio no segundo anno do seu Vice-Reinado , movido por alguns genios Literatos amantes do bem publico estabeleceu nesta Capital huma sociedade denominada = Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro = : e bem que estabelecida sem aquelles fundamentos necessarios para a sua conservação , com tudo bastou-lhe o zello e actividade do seu Autor para ella , não só continuar no exercicio , para que tinha sido creada , de promover a felicidade publica por meio da Agri-

cultura , como tambem de desenvolver idéas profficias adormecidas em cabeças , que parecião obtuzas e pouco scientificas. (Tanto pôde a emulação fomentada pelas almas grandes !)

Na continuação da sua marcha descobriu-se a erva do Anil , e a Cochonilha : estes dous ricos ramos de commercio forão que felicitarão a tantos agricultores , que vivião com suas familias subjugasdas pelas forças da pobreza nas suas pobres cabanas cobertas de palha. Com a mudança e retirada daquelle Marquez afrouxarão-se as forças da recém-nascida Sociedade , e hindo já a ponto de extinguir-se , apparecerão novos socios com maior zelo , e amor do bem publico , que procurando ao novo Vice-Rei , o Excellentissimo Vasconcellos , fizeram-lhe conhecer a utilidade daquelle estabelecimento ; ao que elle annuo , como era de esperar do homem de letras , e por seu beneplacito organizou-se a mesma debaixo de seus estatutos , tendo caza propria para as secçoens nas quintas feiras das semanas. Alli não só se tratava da Philosophia , Mathematica , Astronomia , modos de facilitar os trabalhos do Agricultor fazendo-lhe conhecer a qualidade do terreno para não ser infructuosa a sua lavoura , como se tratava da saude publica entre os Medicos , e Cirurgioens peritos , e dignos de serem membros daquelle sociedade ; respondendo a consultas , decidindo questoens sobre as molestias que graçavão , analizando agoas e mais substancias necessarias á vida do homem , tendo em vista a formação de Medalhas de ouro , e prata , feitas para premiar a aquelles , que sabiamente satisfizessem ás propostas publicadas pela sociedade : e quando esta se achava envolta em trabalhos de mera utilidade publica , chegou a mudança e retirada do Excellentissimo Vasconcellos. O novo Vice-Rei , o Excellentissimo Conde de Rezende , a extinguiu por motivos alheios deste lugar , ficando muitos projectos uteis em esquecimento : mas eu vou publicar hum delles por me parecer de grande utilidade.

Este estabelecimento social era mantido pelos socios nas suas despezas.

M E M O R I A .

A Cochonilha . vulgarmente assim chamada , he huma Larva (Lagarta) de huma Mosca (est. f. I) que , como os mais Insectos da sua ordem , e seguindo a natureza de cada hum , procura pasto proprio para nelle pôr e chocar seus ovos , tirar e sustentar seus filhos até a sua methamorphose .

Esta Mosca he cumprida , tem o dorço riscado longitudinalmente de riscas subtilmente peludas de côr de cana , e do mesmo modo a cabeça e sua frente ; as juntas das pernas cingidas da mesma côr ; o seu ventre figurado em sublimatorio , em que contém certo humor alimenticio innato , que a alimenta : ella he de côr enegrecida , suas azas são transparentes , e nos cotovellos tem huma mancha mais escura á proporção da mais côr : ella he veloz , e muito serena no voar .

O acazo he que me fez entrar nesta indagação . Como visse sobre a têa da Cochonilha formigarem , e voarem miudissimos insectos de côr branca , que com a vista não podia distinguir bem ; cortei pedaços daquelles cardos , para em caza examinar ao microscopio ; e porque não podesse de hum vez concluir as minhas indagaçoens , meti-os em hum copo tapando-o ; e a minha occupação cauzou demora ás minhas observaçoens : porém , passados alguns dias fui ver o copo , em que achei sete moscas vivas , e cinco mortas , e entre estas hum morta a sahir da sua ninfa (f. 6) ; e muitos dos outros miudissimos insectos vivos . Entrei então a dar mais seria atençaõ , examinando mais exactamente para chegar aos conhecimentos , que vou escrever .

Os miudissimos insectos , de que não pude

conhecer a ordem, tem duas azas brancas, duas cabellos ou cerdas brancas no cocci, por cada, muito compridos em razão do seu corpo, que julguei seremleme para a direcção de voar; tem seis pernas, duas antenas, quatro olhos, dous em cada lado da cabeça, e o corpo, pernas, cabeça, e antenas rugosamente formado, he de côr de roza. Este insecto he sempre constante, e junto á vermina da Cochonilha, e que nenhum mal faz ao cultivador nem ao commercio.

A larva da mosca Cochonilha, (f. 2) quando sahe do ovo, se envolve em huma têa de seu fabrico muito fina, e subtil de côr branca, para se detender certamente do tempo, até que chegue ao seu crescimento necessario, alimentando-se do succo da planta cardo, para se transformar em huma pequena ninfa de côr cinzenta (f. 5), que ou fica preza dentro da mesma têa, ou se prende por certo humor seu mesmo em qualquer parte da mesma planta; e isto ainda no estado de larva.

Da ninfa, passado o tempo compatente, nasce a mosca, que, julgo, propaga logo depois do seu nascimento methamorphosico; porque parece-me ser a sua vida curta, e durar sómente em quanto dura, e vai-se consumindo aquelle humor alimenticio, que contém o seu ventre; pois que não pude achar substancia alguma, que lhe servisse de alimento, apezar das diligencias, que fiz, deitando-lhe diferentes substancias, em quanto as tinha prezas no copo, até morrerem á falta de alimento: bem que poderá haver algumas substancias, que as alimentem nos bosques.

A mosca, logo que nasce da ninfa, he muito languida, e traz o ventre involto nas azas; e se ella, não ficando preza por alguns instantes na planta cardo, em quanto adquire forças para voar, cahir em terra, pôde ser devorada por outros insectos, ou animaes: por isso deve o cultivador ter

os lugares da sua criação, e cultura bem limpos de formigas, e de outros inimigos, que possam fazer-lhe mal.

A larva no seu terceiro e quatro estado de crescimento tem o feitiço de percevejo, porém arrastase, isto he, não tem patas: ella pôde-se considerar em tres estados: quando ella nasce que he muito pequena, e em que não faz conta a sua colheita, (f. 2) época esta em que os seus cazulinhos são miudissimos: quando ella tendo chegado ao seu perfeito crescimento (f. 3 e 4) os cazulinhos, em que está envolvida, ficão redondos e cheios, porque ella os enche com o crescimento do seu corpo, e nesta época he de grande proveito pela bella côr, e a abundancia do suco, e não deve o cultivador esperar pelo ultimo estado, porque ella principia a perder a côr vermelha e a passar gradualmente para escura, até converter-se em ninfa.

Eu observei que no cardo, que dá a flor vermelha, e de que o fructo no estado de maduro fica externamente vermelho a Cochonilha adquire melhor côr: pelo que o cultivador deve escolher estes d'entre os outros, para a sua plantação, e criação da Cochonilha.

Quando o cultivador fizer a colheita, que se faz varrendo a vermina com hum pincel aspero, deve deixar varios cardos entremediadamente dispersos, cheios de pequenos paquetes, ou ninhos de larvas, afim destas passarem á transformação de moscas para fazerem nova geração; e não havendo esta cautella, extinguir-se-há a propagação necessaria: pelo que a colheita total da vermina, e a ignorancia dos nossos cultivadores nesta materia, foi cauza de se perder este ramo de commercio, que tem feito a felicidade de muitos habitantes do Mexico.

Os cultivadores daquelle Paiz plantão os car-

dos ao redor das suas cabanas , para mais facilmente fazerem as colheitas , e fazem grandes e extensas plantaçoens , de que se seguem dous proveitos ; o do lucro , e o de ficar a mosca como domestica , pelo interesse , que tem daquelle pasto perenne , e proprio para a criação de seus filhos , conforme a Lei da Natureza.

Este exemplo devem seguir os nossos lavradores , se quizerem ser uteis a si , e á Patria , pois que não póde haver huma planta de menos trabalho , e mais lucrativa a que qualquer terreno sirva , e que possa melhor servir de herdade , e que nem lhe seja necessario tanta escravatura , para fazer huma fortuna perenne.

Para que hum lavrador faça fortuna , carece fazer grandes plantaçoens de qualquer dos generos , e para isto necessita de muitos braços , quando hum só homem ou mulher póde por si mesmo fazer fortuna sem muito trabalho ; porque huma vez plantados os cardos , que se plantão de estaca , tarde morrem e havendo cuidado replantão-se novas estacas , sem que por isso se augmente trabalho.

Como as chuvas fazem grave mal , conforme a minha observação , e mesmo matão a vermina , e ficão os seus ninhos ensopados de tinta vermelha , pela morte desta , que ao depois de enchutos os cultivadores ignorantemente fazião a colheita , e a preparavão para commercio com prejuizo de quem a comprava , por não ser mais que a tãa verminoza , tinta com a morte do bixo pela agoa da chuva : por isso em tempo chuvozo deve o cultivador cobrir com toldos , ou de outro qualquer modo que lhe for mais conveniente , e menos despendioso , as suas plantaçoens dos cardos , em que tiver vermina ; para o que deve planta-los em ruas com symetria , para os poder cobrir facilmente , logo que o tempo prometter chuva.

... Chegado o tempo da colheita , que só a expe-

riencia dará ao cultivador vistas de conhecer o estado perfeito do bom rendimento do bixo, terá prontas huma ou duas bocetas chatas, proporcionadas á sua colheita de folha ingleza, ou de outro qualquer metal, aceadas, e dentro meterão a vermina, que lhe dará hum gráo de calor ao fogo sufficiente, que mate o bixo, e não o torre; porque na percizão desta operação está a intensidade da côr, e não como se fazia em ar livre, reduzindo-se a vermina em huma materia carbonozza dura em granitos sem mais proveito, que a má fama ao commercio.

Reparando na mudança, que fazem os fructos dos cardos, da côr verde para a vermelha, quando chegão á sua perfeita maduração lembro se será a côr da Cochonilha huma transmutação do suco da planta combinando-se com certos principios da animalisação do bixo, porque os insectos, de que acima fallei, crião-se nos cardos, são de côr vermelha, são differentes, e ainda que são dipteros, não são moscas. Talvez a Quimica possa fazer a mesma mudança, que faz a larva no suco da planta: e esta descoberta seria de grande proveito ao Estado.

No tempo, em que me occupava da Cochonilha, encontrei o bixo da Cera nas folhas do Araçazeiro: (Psidium; Ycosandria Monoginia) fiz a deligencia de descobrir a sua methamorphose, porque conheci ser huma larva, que pascentava-se do suco das folhas do Araçazeiro, de que transmudava para a côr vermelha, cobrindo-se com a materia ceroza, que ella fabrica da mesma folha para se guardar do tempo. A minha occupação não me permittio lugar para conhecer a larva.

Eu convido os meus Patricios Roceiros a plantarem grandes roçarias de cardos, para criarem e colherem grande soma de Cochonilha, cujo trabalho de bom proveito não os embarçará das outras plantaçoens do uzo commum, porque para a Cochonilha não se necessita tanta escravatura para tirar lucro.

Depois da vossa roçaria dos cardos pegar a végetar hireis buscar cardos, que estejam cheios de Cochonilha, e os plantareis por entre os da vossa roçaria e delles tereis grande cuidado para que não morra a vermina, que passado o tempo competente, vereis que se ha de hir propagando pela mosca em todos os cardos, e então vereis e conheceis a mosca, que vos facilita o lucro para a estimardes.

Eu achei muita vermina nos cardos, Jurubébas, e nas mais especies deste genero nos campos e restingas da Lago de Rodrigo de Freitas. (Cactus; Ycosandria Monoginia.)

Jacinto José da Silva Quintão.

H Y D R O G R A P H I A.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonceca. Continuadas do N.º 3.º pag. 16.

Terra Hespanhola de 1714.

HUM Brigue, que sahio de Lima em 1714 para a Ilha de Chiloé, na sua derrota, descobrio no paralelo de 38º S., e 550 legoas ao Oeste da Costa do Chili huma terra elevada, que costeou durante hum dia, e julgou pelos fogos, que percebo de noite que era habitada: os ventos contrarios o fizerão arribar á Conceição, Porto da mesma Costa, onde achou o Navio de Tresne Marion, e este Capitão assegurou no seu regresso, ter visto o diario do Capitão Hespanhol.

A' vista do exposto os Geografos tem achado acertado collocar esta terra sobre o paralelo de 38º no meridiano de 3 ou 4º ao Oriente da Ilha

da Pascoa de Roggewein: estas terras vistas em 1714 parecem ser aquellas, que as cartas antigas mostram para Oeste do Chili debaixo do nome de *terras de João Fernandes* porém este navegador morreo sem haver indicado a posição da sua descoberta feita em 1576 e sómente da Collecção de Dalrymple se deduz que por esta época o dito navegador se afastara da Costa do Chili, até 40° para Occidente tendo feito a derrota ao Oeste, e Sudoeste, e que depois de mez e meio de navegação abordara a huma terra, que elle diz ser hum grande Continente.

Aquella posição de 3 á 4° ao Oriente da Ilha da Pascoa tem a seu favor concordar com a opinião do Capitão Cook; e o certo he que nenhum dos navegadores modernos tem cruzado semelhante parage, e sómente eu vejo que Cook em Março de 1769, fazendo derrota para a Ilha do Tayti, cortou o paralelo da referida terra, a distancia de 6° para Oeste, e na 2.^a viagem em Fevereiro de 1774 na mesma distancia a Leste, em cuja posição achou de variação NE. 6° 38'.

Mr. Surville em 1769 tambem cortou o paralelo de 38° Sul a 5° para o Occidente da posição assignalada de sorte que a derrota destes dois navegadores fôrão hum espaço de 300 legoas na direcção de Noroeste-Sueste sobre 150 de NE e SO que até ao presente não tem sido trilhado por navegador algum, em cujo meio se achão as terras indicadas.

Terra vista em 1773.

O Vice-Rei do Peru em 1773 ordenou huma expedição para as Ilhas do Oceano Pacifico, e no regresso da Ilha do Tayti para o Perú, os Hespanhoes avistarão algumas Ilhas pela Latitude Sul de 32° a 5° para Oriente do meridiano da Ilha

de Pitcairn (de Carteret): o extracto desta viagem foi communicado a hum Official do Navio do Capitão Surville, pois naquella occasião tinha este navegador arribado a Lima.

As derrotas da 1.^a e 2.^a viagens de Cook nos fazem ver que este navegador, na 1.^a cruzou o paralelo de 32° Sul pelo meridiano de 4° ao Oriente da posição dada pelos Hespanboes, e na 2.^a passou a mesma Latitude pelo meridiano de 5° para Oeste da posição das terras indicadas, de maneira que, depois da descoberta até ao presente, não se tem feito indagação para reconhecer aquellas Ilhas, havendo entre as duas derrotas de Cook 10° em longitude sobre o paralelo de 32° que não tem sido trilhados, cujo meridiano medio corresponde ás referidas terras, e huma igual reflexão se deve fazer relativamente a todo o espaço, que decorre para o Sul, até encontrar a derrota de Surville.

Ilha das Transacções Philosophicas de Londres. |

EM as Transacções Philosophicas do anno de 1674 se lê ,, no Mar do Sul por 37° $\frac{1}{2}$ de Latitude Septentrional, e a 28° de Longitude para o Oriente do Japão, jaz huma Ilha elevada, e mui grande habitada de povos brancos. ricos em ouro e prata, como o provou hum Navio Hespanhol, que fazia viagem de Manilha para a Nova Hespanha, de sorte que o Rei em 1610, enviou hum Navio de Acapulco ao Japão, a fim de tomar posse desta Ilha porém a empreza sendo mal conduzida não teve effeito; depois daquella época se tem desprezado tentar esta descoberta. ,,

Entre as instrucções, que forão dadas a La Perouse, merecia huma particular attenção a no-

ta exposta : eis-aqui as suas formais palavras a cerca da indagação, que este navegador fez. ,, A pesquisa desta terra havia feito parte das instrucções do Capitão Uries, por consequencia eu devia cortar o paralelo de $37^{\circ} 30'$ pelo meridiano de 165° , e com effeito á meia noite de 14 de Outubro de 1787, cheguei áquella Latitude. Tinhamos visto neste mesmo dia 5 ou 6 passarinhos de terra, que descançarão sobre o nosso aparelho, detarde percebemos voar dois Carmoroens ou ades, passaros que jámais se apartão da Costa, o tempo era claro, e sobre huma e outra Fragata os Gageiros estavam nos galopes com huma vigia atenciosa : huma recompensa assáz consideravel estava promettida áquelle, que primeiro percebesse a terra mas este motivo de emulação era pouco necessario visto que cada marinheiro dezejava descobri-la, para ter a honra de lhe dar o seu nome pois eu assim o havia determinado; porém sem embargo dos indicios certos de vizinhança de terra, nada descobrimos, não obstante o horizonte ser mui extenço : eu suppuz que esta Ilha nos devia ficar ao Sul, e que os ventos violentos que recentemente tinhão reinado, terião apartado para o Norte os pequenos passaros, que tinhamos visto descançar sobre o nosso aparelho; por consequencia ordenei que governasse a Leste sobre os $37^{\circ} 30'$ com pouca vella, esperando o dia com a mais viva impaciencia. Com effeito chegou, e não vimos mais que dois passarinhos, e continuando a derrota para Leste, passou detarde ao longo do Costado huma grande tartaruga : no dia seguinte, correndo pela mesma direção, e sobre o dito paralelo, vimos hum passaro muito pequeno posto sobre o braço de Gavia, como tambem hum terceiro vôo de Ade, de sorte que a cada instante esperavamos ver realisadas as nossas esperanças. Em fim os indicios de terra continuarão a 18 e a 19, não obstante termos

feito já muito caminho para Leste, pois em cada hum destes dias se percebeo vãos de Ades, e de outros passaros da Costa, por consequencia conservando a esperança da descoberta; porém apenas chegámos aos 175° de Longitude Oriental todos os indicios cessarão e eu continuei a fazer a mesma derrota até o meio dia 22, mas a esta época a Longitude indicada pelo Chronometro N.º 19 nos situava a $20'$ para Leste dos 180° , limite, que me havia sido fixado para procurar a Ilha, por tanto ordenei que se navegasse para o Sul, a fim de achar mares mais tranquillos.

„ As contrariedades que temos soffrido, depois da nossa sahida do Porto de S. Pedro e S. Paulo, apenas serão lembradas, se tivéssemos tido a felicidade de encontrar a Ilha, cuja pesquisa nos custou tantas fadigas, e que certamente existe proxima á derrota que fizemos. Os indicios de terra tem sido demaziado frequentes, e de huma natureza notavel, para que se possa duvidar da sua existencia, e mesmo estou inclinado a crer, que se deve procurar por paralelo mais septentrional, de maneira que se tornar a fazer huma segunda indagação, eu seguirei o paralelo de 35° entre os meridianos de 160° e 170° , que he o espaço, em que vimos maior quantidade de passaros de terra, os quaes parecião vir do Sul, lançados para o Norte pela violencia do vento meridional, que então soprava, mas o plano ulterior da minha viagem não me deixa tempo de verificar esta conjectura, fazendo para Oeste o mesmo caminho, que fizemos para Leste, visto os ventos que reinão quasi sem cessar do Occidente, não permittirem fazer em dous mezes o que tinha navegado em oito dias. Em fim eu dirijo a minha derrota para o Hemispherio Meridional, isto he para o vasto campo das descobertas, onde as derrotas de Queirós, Mendana e Tasman, estão cruzadas em todos os sentidos por

aquellas dos navegadores modernos, que tem ajuntado algumas Ilhas novas áquellas já conhecidas, mas sobre as quaes a nossa curiosidade dezeja explicaçoens mais circumstanciadas, que aquellas inseridas nas relaçoens dos primeiros Navegadores. ,,

O que fica exposto he o que deduzi da narração de Perouse, e não sei como este navegador não tomou o partido de seguir antes o parallelo de 37 ou 38° visto que o Navio *Kastricum* tinha percorrido sobre a Latitude de $37^{\circ} 30'$, e infructuosamente huma distancia de $450'$ milhas para Leste do Japão; porém talvez que não quizesse apartar-se das suas instrucçoens. O certo he que os frequentes signaes de terra, que os navegadores tem visto, devem fazer esperar que a referida Ilha será hum novo objecto de indagação, e mesmo há toda a probabilidade, que se achará navegando-se no parallelo de $36^{\circ} \frac{1}{2}$, visto que as terras antigamente descobertas se tem encontrado quasi todas em nossos dias.

Costa da Tartaria.

Sobre esta Costa, onde la Perouse fez descobertas tão uteis á Geografia, ainda há hum ponto interessante a esclarecer, que he se a extremidade da grande Ilha de Segalien fórma canal com o Continente da Tartaria dando passage navegavel para o mar de Ochotsk, ou se esta he obstruida por areias amontoadas, que talvez o Rio Amur descarregue e accumule; porém como até ao presente se está em trevas, sobre se a terra de Segalien naquella parte fórma passage ou isthmo, parece-me ser hum objecto interessante determinar esta incerteza. Da Relação de la Perouse deduzo que este navegador antes de descobrir o Estreito, que hoje tem o seu nome, navegara para o Norte entre a Costa do Continente e aquella Occidental.

da Ilha. Elevando-se até 6 leguas de distancia ao fim do golfo, onde fundiou em 9 braças, e mandando o escaler sondar, acharão-se a huma legua para o Norte 6 braças e como o vento Sul soprava com grande violencia, e com a mesma constancia que no mar da China, la Perouse julgou prudente não se entranhar, e procurando a Costa da Tartaria, foi ancorar na Bahia de Castries, donde tinha projectado mandar partir a Chalupa, para finalizar hum reconhecimento tão importante; por fim o grande mar - que se levanta á mais ligeira briza do Sul, as nevoas continuas a qualidade de huma embarcação sem coberta e sobre tudo, a lembrança do naufragio dos dous escaleres, sobre a costa do Noroeste d'America, em huma igual indagação, lhe fizerão abandonar o seu Plano, pois teimando no desembocamento, diz Perouse ao Norte da Ilha de Segalien, poderia achar huma nova ordem de acontecimentos, á vista dos quaes seria muito duvidoso arribar aquelle anno ao estabelecimento Russo de S. Pedro e S. Paulo em Kamtschatka.

Austrulazia.

EM a Nova Hollanda parece-me, pelo que pertence á Hydrografia, não haver precisão de mais conhecimentos, muito principalmente sobre a parte meridional, que Dentrecasteaux e Vancouver reconhecerão de huma maneira sufficiente para seguridade da navegação, e as expediçoens, que partirão da Europa em 1801, completarão o reconhecimento da quadra-costa daquelle vasto Paiz, principalmente aquelle do Capitão Flinders em o Navio Investigador, que foi muito mais importante, que os da Expedição de Baudin, Commandante das Corvetas, Naturalista, e Geographo, o qual navegador teve o defeito durante os tres annos da sua digres-

são, de não consultar os sábios para as suas operações, em consequencia do amor proprio, que tinha, de querer só elle apresentar todas as observações mas a sua esperança foi enganosa, como algumas de outros circumnavegadores; e aquelles que em semelhantes viagens não consultarem o Astronomo, o Naturalista e outros, ainda mesmo nos casos de pura pratica, deverão ter huma sorte igual á de Baudin: o grande Astronomo Bernier foi huma das victimas da grosseria deste Commandante. Como são differentes os homens! Eu vejo que os dous grandes e infortunados navegadores Cook, e Perouse (cujas exposições deverão servir como de regimento de conducta aos navegadores de circumnavegação) estimavão de tal fórma os Astronomos, e mais sábios empregados, que ás primeiras descobertas lhes impunhão os seus nomes, não deixando de os consultar, ainda nos casos de pura pratica.

Finalmente Baudin, na quarta e ultima campanha, tinha projectado reconhecer o lado do Norte, e o golfo da Carpentaria, porém como esperava a monção do SE, para esta indagação, foi invernar a Timor.

Com effeito a tal escolha de monção, para reconhecer o golfo de Carpentaria, he bem impropria, e demais esta parte tem sido toda visitada por navegadores Inglezes, e sabe-se muito bem que a Costa do Norte he quasi inaccessible, e a parte do golfo he huma terra arenosa e saliente.

Baudin podia ter-se servido melhor da sua pequena embarcação, a Czarina, empregando-a muito propriamente no reconhecimento daquella parte da nova Guiné, para Oriente da Cabo Walsh, até ao Cabo do Suéste de Dentrecasteaux, procurando o estreito, por onde o navegador Torres passou em 1606, e em continuação reconhecer a parte meridional do Archipelago da Lusiada, até o cabo de Delivrance, cujos detalhes desta parte até o

presente ignoramos, e do modo que praticou invernando em Timor não só foi inutil á sociedade, porque não reconheceo o golfo da Carpentaria, como tambem o foi a si, que se perdeu, e concorreo para a perda, que a astronomia sentio, pela falta do sabio Bernier, que he a quem se devem as exactas posiçoens da grande Bahia do Geographo, e daquella dos Requins, além de outros diversos pontos, que elle determinou.

Grupo de Monteverde.

EM 1806 o Navio da Companhia das Filipinas, vindo de Acapulco para Manilha, encontrou no paralelo de $3^{\circ} 27'$ ao Norte, e na Longitude de $162^{\circ} 05'$ ao Oriente de Cadiz, hum grupo de pequenas Ilhas em numero de 29, e o Capitão MonteVerde não pôde fazer mais nenhuma observação.

A posição deste novo Archipelago, situado para o Sul daquelle da Carolina está fóra da derrota dos Navegadores modernos, e em as relações dos antigos não achio descoberta que possa suppor ser as referidas Ilhas encontradas pelo Navio Hespanhol, e cuja noticia se acha inserida nos papeis publicos de Madrid, porém eu deduzi esta nota daquelles de Porto Luiz na Ilha Mauricia.

O reconhecimento deste Archipelago, a sua posição geografica não só relativo ás Ilhas mais Meridionaes, como áquellas Septentrionais e os canaes que fórmão, ou se são encadeadas com recifes, he muito util á Hydrografia.

Grupo de Faejee.

ESte Archipelago situado para Noroeste, das Ilhas dos Amigos ha indicios de ter sido descoberto por Tasman, porém os Insulâres de Tangatabou tinham noticia destas Ilhas, de maneira que

parte tem sido reconhecidas pelo Capitão Bligh em Maio de 1789, como tambem aquellas . que ficão para o Norte de Tangatabou pertencentes ao mesmo grupo dos Amigos, e que o Capitão Cook assignalou na sua Carta geral pelas relações, que deduzio dos Insulares; forão visitadas por Meireles, Commandante da Fragata Princeza (Hespanhola) em 1781 na derrota, que este navegador intentou fazer de Manilha para S. Braz, Porto situado sobre a costa Occidental do Mexico. A'vista do referido a posição do grupo de Feejee, precisa ser determinada mais exactamente.

Ilhas de Roggewen.

Combinando os diversos resultados, que os Hydrografos tem concluido do exame da viagem de Roggewen, vê-se claramente que de todas as descobertas deste navegador somente a Ilha da Pascoa, e o grupo das Perniciosas, he que tem sido encontradas, e as outras denominadas, Carlos Hoff, Labirintho, Aurora, Vespera, Recreação, a Hospitaleira de Bauman, o grupo de Roggewen, e as grandes Ilhas de Tienhaven Groningue, não tem sido encontradas, porém a opinião de alguns Geographos não concorda com esta conclusão, isto he, dizem que as Ilhas do Principe de Walles descobertas por Byron em 1765, são as que o Almirante Hollandez chama Labirintho, e que Tienhaven, e Groningue são aquellas de Santa Cruz de Mendana, (mas a viagem do Contra Almirante D'entrecasteaux prova o contrario, e mais depressa se poderia tomar pela Ilha de S. Bernardo de Queirós) como tambem que a Ilha da Recreação, he aquella mesma dos Cocos descoberta em 1616 por Maire, e Schouten; e pelo que pertence ás Ilhas de Beauman, mostrão todas as relações que se devem procurar, visto o agazalho amigavel, que

recebeo o Almirante Roggewen dos seus habitantes benemeritos , e mesmo a fertilidade do Archipelago , e a seguridade de seus Portos conduz a dezejár que se procurem a fim de fixar a sua posição , e assegurarão hum recurso de mais para os navegadores do grande Oceano , pois tem-se visto que para regressar da China para o Brazil , dobrando a terra Magalhanica , não he algumas vezes esta derrota mais expeditiva que aquella do Cabo da Boa Esperança , sujeitando-se ás revoluçoens das monçoens.

A R T E S.

*Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo ,
continuado do N.º 3.º pag. 34.*

Segunda Parte.

*Utilidades que se seguem da introdução das Artes
no Reino.*

PArece que fica provada a grande , e precisa necessidade , que há de introduzir , ao menos as Artes necessarias , no Reino ; que não he difficil esta introdução ; e que são errados os inconvenientes , que se lhe considerão ; mas se os grandes males , a que esta falta nos expõem , não bastão a nos persuadir aos remedios , bastem as grandes felicidades , que se seguirão ao Reino , que reduzirei a cinco pontos , inestimavel cada hum ao bem publico.

1.º Ponto — Que a introdução das Artes em commum evitão o damno , que fazem no Reino o luxo , e as modas.

2.º — Que tirará a ociosidade do Reino.

3.º — Que o fará povoado , e abundante de gente , e fructos ; e poderá sem que lhe faça

falta , ter gente para as Colonias , e para as guerras.

4.º — Que a Portugal , mais que a outra Nação da Europa , he util , e necessaria a introducção das Artes.

5.º — Que as Rendas Reaes se augmentaráo.

Cada huma destas cinco proposiçoens só per si executada parece que basta a fazer o Reino feliz ; e sendo certo , que com a introducção das Artes se executão todas , quem não dirá , que das Artes depende a felicidade do Reino ? Vejamos as provas.

C A P I T U L O 1.º

Que a introducção das Artes evita o damno do luxo , e das modas nos vestidos , e adornos das cazas.

EM primeiro lugar dezejo a moderação no uzo do vestir , e nos adornos das cazas ; e que nos regulasse nelles , não a abundancia , e vaidade , mas o concerto e a modestia. A esta moderação derão os Philosophos , e Jurisconsultos preceitos ; e o que mais para nós he , os PP. da Igreja conselho ; mas como a ambição , e vaidade são vicios quasi naturaes da nossa condição , os preceitos , e os conselhos obrão pouco com nosco. Daqui se segue , que o Reino terá grande interesse de que , ainda que haja luxo e gasto superfluo no vestir , e adornar as cazas , não seja damnozo ao Reino.

O damno do Reino não consiste em que cem particulares mal governados gastem o Patrimonio em adornos , e vestidos se da fazenda , que estes gastão , se sustentarem cem cazas do mesmo Reino ; o em que consiste o damno he , em que a fazenda , que o máo governo de huns consome e dissipa , seja alimento , e utilidade dos estranhos. As Artes obrão que aquelle damno particular de huns , seja

utilidade de muitos no mesmo Reino ; e a falta dellas , que aquelle danno passe de particular - a ser mal commum de todo o Reino ; e a razão he facil de achar se todas as manufacturas , e fazendas , que consome o uzo mal regulado dos vestidos ; e adornos das cazas são obradas no Reino , nelle fica o custo dellas repartido por tantas mãos , quantas correm aquellas fazendas até á tenda do mercador ; porém se são obras estrangeiras , lá vai parar o dinheiro e lá sustenta aquelle grande numero de gente que podera ficar no Reino.

Mais me atrevo a dizer : em hum Reino rico , e com Artes não só he util aquelle appetite , ainda que seja immoderado , de vestir ricamente , e adornar ricamente as cazas , mas he preciso , e necessario. Valerio Maximo o tem por huma especie de liberdade : *Quid opus libertate . si volentibus luxu perire non licet?* Liv. 2.^o Cap. 9. Prov.

O dinheiro nos Reinos tem a qualidade , que tem o sangue no corpo humano ; alimenta todas as partes delles , e para as alimentar anda em huma perpetua circulação ; de sorte que não pára , se não com a inteira ruina do corpo. Isto mesmo deve fazer o dinheiro : faz que saia das mãos dos pobres a necessidade ; o appetite , e vaidade , das mãos dos ricos : pelas Artes passa aos mercadores ; dos mercadores a todo o genero de officios , e mãos , porque correm os materiaes , que poem em obra a Arte : destas mãos ás dos lavradores pelo preço dos fructos da terra , para o sustento de todos : dos lavradores aos senhores das fazendas ; e das mãos de todos , pelos tributos , ao Patrimonio Real. Deste sahe outra vez pelos ordenados , tenças , sustento dos soldados , armas , fabricas de náos , e de edificios , e fortificaçoens , &c. Quando esta circulação do dinheiro se faz no Reino , serve de alimento a todo elle ; mas quando sahe do Reino . faz nelle a falta , que faz o sangue , que sahe do

corpo humano. Este exemplo não tem nada de ficção, nem de adorno: he tão natural, e humano, como veremos em outra parte.

Supponhamos que hum Principe enthesourou todo o dinheiro que lhe tributa e rende o seu Estado; he certo que em poucos annos o esgota; e que faltará aos pobres, e aos ricos com que tributar, e alimentar-se: esta he a razão porque os politicos aconselhão aos Principes que não tendo em que gastar, e não sahindo de minas o seu thezouro, fabriquem palacios; porque para o dinheiro entrar nas suas mãos, he necessario que saia. A Providencia Divina tambem acodio a isto, e não quiz que se accumulassem todos os bens em huma mão; porque ordenou, que se repartissem por muitos. Ordinariamente vemos, que o filho do avarento he prodigo, e que divide este, o que ajuntou o crime dos pais.

Daqui parece que se segue que não são damnosos ao Reino o luxo, e avaidade dos gastos no vestir, e adornar as casas, quando as fabricas, que servem a este uzo, são obradas no mesmo Reino; antes he utilidade, porque obra que o dinheiro sirva de alimento a muitos.

C A P I T U L O 2.º

As Artes evitão a ociosidade.

A Ociosidade he o inimigo maior, e mais peregrino dos Estados: em Athenas condemnarão os ociosos com pena de morte: Solon os castigou com a nota de infamia: o Imperador Valente, com a perda da Liberdade: Salustio aconselhou, como primeira necessidade do governo buscar em que occupar os homens: Cicero affirma que durou a glória em Roma enquanto se observarão as Leis contra a ociosidade: Marco Antonio mandava, que

todos os homens trouxessem sobre si huma marca da profissão, que tinhão; e quem a não trazia, era obrigado a servir nas obras publicas. Nação houve (os Athenienses), entre a qual se não dava de ceiar aos moços, que não mostrassem o trabalho, em que havião occupado aquelle dia. Entre os Egipcios houve lei, que obrigava a cada hum dos homens a mostrar aos Magistrados o de que vivêra, e em que occupára a vida naquelle anno.

Passou da antiguidade aos nossos tempos tão aprovado este modo de governo, que Felippe II condemnou os ociosos a galés. Os Chinas não consentem hum só ocioso e buscão occupação até aos homens, a que as enfermidades podião izentar legitimamente do trabalho: os que não tem mãos trabalhão com os pés; e os que não tem pés com as mãos; até os cegos trabalhão; e de sete annos de idade buscão este, ou aquelle trabalho aos meninos. A esta imitação ha em París hum Hospital, em que recolhem todos os mendigos, e a todos dão occupação: em Amsterdão são suspeitas como deshonestas, as mulheres ociosas, de qualquer qualidade que sejam. Este he o crime da ociosidade; e he para admirar, que não tenha entre nós pena especial! Também cuido que ha entre nós muitos ociosos, porque não tem em que trabalhar, particularmente as mulheres, na maior parte do Reino; e que a quem lhes condemnar a ociosidade pôdem responder com os obreiros do Evangelho — *Nemo nos conducit*. Com a introdução das Artes não poderão dar esta resposta os ociosos; e a Republica, dando occupação aos filhos, tem mais direito para castigar a ociosidade delles.

Se toda a lan, que ha no Reino, se lavrar no mesmo Reino, dará sustento, e occupação ao infinito numero de gente; o que facilmente vê quem lança a consideração ás muitas mãos, que se occuparáo em cardar, fiar, tecer, e tingir esta ma-

teria, que vendemos crua aos Estrangeiros; e depois de obrada, aos muitos homens que se occuparão, e viverão do contrato della.

Já disse, que só em Samerção se sustentavão, e vivião da fabrica das Sarjas mais de dês mil pessoas, cujo gasto passa unicamente a Portugal. Só de fitas ha em París 1500 Mestres, e alguns que tem a dês Teares, porque os Mestres não fazem outra cousa mais, que armar os Teares; e contando a 6 obreiros cada Mestre, se acha que occupa esta fabrica sómente 900 pessoas, sem contar os muitos tendeiros, que as vendem; e os muitos homens de negocio, que as comprão, para as mandar a differentes partes.

O Padre Antonio Vieira me disse, que conheceu hum Mercador Genovês, que dava seda em Genova, e pagava a 200 mulheres, que por sua conta fazião meias de agulha.

Os Portuguezes he a Nação mais habil para as Artes mecanicas, que tem Hespanha; e os Estrangeiros confessão que são os que melhor, e mais facilmente os imitão. No Reino não faltão officiaes daquellas Artes, cujas obras se não recebem dos Estrangeiros, como são Pedreiros, Carpinteiros, e outros; e destes ha tantos, que passa hum grande numero a trabalhar, e ganhar sua vida entre os Castelhanos: da mesma sorte haveria abundancia de officiaes, e obreiros em todas as Artes, que de novo se introduzissem, e se occuparião nellas todos aquelles, que a necessidade, ou falta de occupação faz sahir da sua Patria.

CAPITULO 3.^o

As Artes augmentão o numero da gente, e povoarão o Reino.

O Numero dos Vassallos, e a povoação numerosa dos Reinos he a maior felicidade delles, e o fundamento mais solido da sua conservação: como pelo contrario, tudo falta aos Estados, que tem falta de gente; e esta he a felicidade, que prometia Deos ao povo, pela boca de hum dos Profetas da Escriptura: *Dux ego convertar ad vos, et multiplicabo in vobis.* Pelo contrario, quando lhe propoem castigos: *Remanebitis pauci numero.* Roma, e Athenas entenderão que toda a sua grandeza consistia na copia numerosa dos Cidadãos: assim o vemos nas politicas de Aristoteles, e Plató: nos Decretos dos Imperadores; no Conselho, e na condição de todos os Legisladores de huma, e outra Cidade.

He grande este unico bem dependente das Artes; póde bastar por prova a experiencia do que vemos nos Reinos visinhos: Hespanha na extensão da terra he maior, que França; e igualmente abundante, e fertil; mas na povoação he tão desigual, que no anno vinte deste seculo fazia Hespanha 6 milhoens de almas; e França 14. Dirão que isto procede da fecundidade das mulheres, maior nas terras frias; se isto assim fora, Polonia, que he maior que França, tivera mais gente; o que não he: a differença consiste, em que França tem mais Artifices, e mais Artes, que Hespanha, e Polonia.

Hollanda he huma pequena Provincia, cuja terra he só abundante em pastos; defendida contra as inundaçoens com hum continuo trabalho de valas, e diques; e possuida desta sorte como em precario: mas he tão povoada, que se não acha

outra em igual distancia com igual numero de moradores ; e quem compara nella os Artifices com os Lavradores , acha vinte Artifices para cada Lavrador.

O pequeno Estado de Genova , he a parte de Italia , em que ha mais gente , em igual distancia de París ; e commummente se sabe que o seu mar não produz peixes ; e os seus montes nem lenha produzem ; e são as Artes que a tem mais rica , e mais povoada ; que esta he a terra de lavor tão celebrada dos Autores Latinos , e tão abundante dos bens da natureza.

Há 64 annos , que as fabricas das sedas se introduzirão em França , e no decurso delles crescerão em numero mais de ametade as cazas , e moradores das Cidades de Leão , e Tours ; e as Villas de Santo Estevão , e S. Vemos em fim por experiencia , que as terras , que mais florecem , são as mais povoadas : vejamos a razão.

Londres he huma das mais povoadas Cidades da Europa ; mas a maior parte dos seus moradores são Artifices. No tempo das suas guerras civis , quando os obreiros aprendizes sómente tomarão as armas , formarão hum corpo , a que se não podia oppor o resto dos moradores.

João Botéro , pergunta : qual he a causa porque huma Cidade , que começou por exemplo ; no anno de 600 com 200 moradores , cresceu a 2000 até o anno de 800 , e depois de oito seculos não passou de 2000 ? Parece , que segundo a razão natural , havia de crescer em mil annos a 2000 moradores , ao menos , passando em dous seculos de 200 , a 2000 ; mas esta experiencia , em quasi todas as Nações do Mundo , mostra o contrario : a razão he porque as Cidades não crescem mais que a numero de gente , que o seu territorio pôde sustentar ; e daqui vem , diz o mesmo Autor , que o Mundo em 1000 annos depois do Diluvio

teve tanta gente como hoje tem ; fallando em geral do Mundo e não desta , ou daquella Provincia.

Mas contra esta infallivel razão de João Botê-ro , parece que está huma experiencia tambem certa , e he : que vemos muitas Cidades (como acima fica mostrado) de territorio fertil serem mais povoadas , que as outras de igual territorio ; mas este milagre obrão as Artes ; porque o preço dellas corre abundantemente á subsistencia dos territorios vizinhos , ou dos Reinos Estranhos , se he maritimo o lugar , onde se trabalham.

C A P I T U L O 4.º

Continúa a mesma materia.

VEjamos outra razão mais natural ; o commum dos Homens vivem , ou das lans , ou das lavou-ras , ou do trabalho das Artes ; de sorte , que os meios geraes da subsistencia dos povos são a cultu-ra da terra , e a fabrica das Artes : e assim aonde mais se cultiva a terra , há mais lavradores ; e aonde mais se fabrica , há mais artifices : mas es-tes dous meios de subsistencia , se ajudão tão re-ciprocamente , que não podem haver muitos lavra-dores , onde ha falta de artifices : e pelo contra-rio , há muita abundancia destes , onde as Artes florecem.

Os lavradores cultivão a terra , até tirarem della os fructos , que podem gastar , e de que po-dem tirar o necessario para vestir suas familias , e para comprar instrumentos para a lavoura ; reser-vando huma porção para tornar á terra ; de modo que vendendo os fructos , restituem o dinheiro ás Artes pelas roupas , e instrumentos de que necessi-tão ; mas se estas obras da Arte vem de fóra , não são os Artifices os que lhes gastão os fru-ctos : e o dinheiro , que lhes derão por ellas , passa a ser utilidade dos Estrangeiros.

Mas supponhamos que se introduzirão as Artes na Cidade, em cujo territorio vivia este lavrador, e que o numero dos Artifices augmentou o numero dos moradores de mais duas mil pessoas, cresce necessariamente o gasto dos fructos, e o lavrador, que por exemplo não lavrava mais que dez moios, porque só a esta quantidade achava gasto, procurava cuidadosamente tirar da terra todos os mais fructos, cujo gasto lhe segura o numero da gente da Cidade.

Segue-se daqui que o lavrador, que se acha com mais cabedal, o restitue ás Artes, porque veste mais limpamente a sua familia; e crescendo na lavoura, compra mais instrumentos para ella. e por consêquencia os Artifices, porque cresço por este mesmo caminho o gasto das fabricas, crescerão em numero, e se aperfeiçoarão no trabalho.

Passemos mais adiante: o lavrador, que se vê com cabedal, passa naturalmente do necessario ao superfluo, e vendo na Cidade as Artes, e obras de que se contenta, servindo-se, por exemplo, de bancos até então, compra cadeiras, e ao mesmo passo todas aquellas couzas, que servem mais ao ornato, que á necessidade; e daqui nasce, que achando huns, e outros utilidade na vida, que tem, e segura a sua subsistencia no trabalho, se applicão a elle, e se animão todos a ter familias, e cazar suas filhas.

Para confirmação destes argumentos se não necessita de mais prova, basta lançar a consideração aos muitos artifices, que entre as nações estrangeiras se occupão em obrar as fabricas, que delles recebemos. Supponhamos, que há hum milhão de pessoas, que se sustentão commodamente no Reino, se nelle se obrarem aquellas fabricas, crescerá o gasto aos fructos da terra, e o Reino logrará a grande felicidade de ser mais povoado.

CAPITULO 5.º

*A falta das Artes he causa da falta de gente em
Castella.*

A Prova maior dos Capitulos antecedentes, he examinar a causa dos direitos, com que se acha Castella. Dom Sancho de Moncada, referio sobre esta materia cousas, que causão horror: diz, que os Curas de Toledo derão hum memorial, advertindo que faltara naquella Cidade a 3.^a parte da gente: porei aqui as mesmas palavras do Autor.

„ En la carniceria se pesa menos de la mitad
„ de la carne, que solia: es cosa lastimosa que
„ de 60 casas de Mayorasgos de a tres mil ducados
„ de renta, que solia tener Toledo, no quedan
„ seis: y de toda Castilla, Andaluzia, Mancha,
„ Reino de Valencia, y asta de Sevilla, todos son
„ del Pueblo: y el Padre Fray Diego del Escorial
„ refiere, que lhe dixo el Obispo de Avila, que
„ de poco acá faltaban 63 pillas em su obispado. „

Este he o lastimoso estado de Hespanha, tão fértil em outro tempo, e tão abundante de gente, que refere Julio Pacense, que no tempo, que Augusto mandou numerar os vassallos do Imperio, se acharão sómente em Luzitania, cinco milhoens, e sessenta e oito mil pares de familias. He observada entre os Autores a fecundidade das mulheres Portuguezas, e os frequentes partos de tres filhos.

As cauzas, que commummente dá o Mundo a esta falta, são as Colonias das Indias, a expulsão dos Mouriscos, e as guerras de Italia e Flandes; mas todas estas causas, na opinião do Autor citado, são sem fundamento: na expulsão dos Mouriscos sahirão de Hespanha 6000 — pessoas, numero facil de restaurar em poucos annos: há vinte e cinco, que em Napoles morrerão de peste duzentas mil; e hoje se acha este numero restaurado; maior numero de gente se perdeu, e restaurou brevemente.

Depois da conquista de Granada até o Reinado de Felipe III não houve guerras em Hespanha, e no anno de 1600 se começou a sentir a falta de gente. Em França houverão quarenta annos de guerras Civis, e não se conheceo no fim diminuição nos povos; donde se segue, que a guerra não foi a cauza da falta de gente em Hespanha; nem o pôde ser em França. As Colonias, e os descobrimentos não são a causa, porque (commummente fallando) não sahe da Patria, para viver nas alheias, quem tem subsistencia certa na propria. As inundaçoens de gente, de que temos tantos exemplos nas historias, succederão como as inundaçoens dos Rios, que sahem dos canais a alagar os campos, quando as agoas não cabem no caminho natural por onde corrião. Quando os Gôdos, Vandalos, Suévos, e mais Naçoens Septentrionais passaram o Rim, e o Danubio, não deixarão desertas as Patrias, donde sahirão, antes tão povoadas como hoje as vemos. A Nova França, a Virginia, e as muitas Ilhas, que tem as Colonia Inglezas, e Francezas não diminuem a povoação de França, e de Inglaterra.

Outra causa se aponta commummente, que são as muitas Religioens, que ha em Hespanha; porque Navarrese afirma que havia no seu tempo setenta mil Frades; mas esta não pôde ser a causa; porque em França ha muito maior numero de Religiozos, e Conventos, sem que hajão de diminuir a povoação daquelle Reino. Todas estas causas pôdem concorrer para a falta de gente; mas não são causas totais da falta. D. Sancho de Moncada refuta todas estas causas, com a razão de que são mais antigas, que a falta de gente; e conclue, que a falta das Artes he a unica causa dos dezertos de Castella; porque depois de se perderem as Artes faltou a gente.

Esta he a razão, e não pôde ser outra; mas

demos a conhecer a causa natural deste effeito. Todas as causas que se apontão, não podião despo-voar Hespanha, porque ficavão os meios para se restaurar aquella falta; que são unicamente dous: hum a fecundidade das mulheres, outro. o ter com que subsistir a gente; logo a falta das Artes tirou este segundo meio, e he a causa de se achar Hespanha falta de gente; a menor desta conclusão fica provada por todo este discurso.

C A P I T U L O 6.º

Qual he a causa, porque se perderão as Artes em Hespanha?

Dirão que Hespanha sempre foi falta de Artes; o que he falso, porque Hespanha sempre teve as Artes necessarias: ainda hoje em todos os Reinos da Europa, quando querem encarecer hum boa seda, dizem, que he Granada: e quando hum bom panno dizem que he Segovia. Sabemos, que os Catalaens tiverão trinta Naos com que navegavão a Levante as manufacturas Hespanholas; e hoje, que não tem que navegar, não tem hum barca. Em Messina ha hum Casa de Consulado, como em Anvers, que conserva o nome de Portugal.

Mas resta ver como se perderão as Artes em Hespanha, que ao menos servirá para conservar as poucas, que ha no Reino, quando não cuidemos em introduzi-las de novo. Os descobrimentos das Indias, as grandes Colonias, que naquelle vasto mundo se sugentarão, a que foi necessario acodir, foi causa de que se necessitasse de mais roupas, e de mais manufacturas, do que os Artifices de Hespanha podião fabricar; e por consequencia, que os moradores pedissem humas, e outras ás Nações vizinhas; as quaes com a ambição do ouro, e

prata, por que as commutavão, acodirão a Hespanha com mais copia do que se lhes pedia:

Como as mercadorias Estrangeiras crão mais vistozas, ainda que na sustancia falsas, e as davão a melhor preço do que as podião dar os Artifices de Hespanha. começarão a ter grande gasto, não só nas Indias, para onde forão buscadas, mas em Hespanha: a que ajudou o ordinario erro, com que entendemos que tudo o que vem de fóra he melhor. Com este engano foi insensivelmente faltando o gasto a todos os generos, que fabricavão em Hespanha, e por consequencia perdendo-se os Artifices; porque não podião fabricar o que não gastavão; e todos se passarão ás Indias a buscar outro modo de vida.

Não se reparou neste damno; que podera ter facil remedio no principio; e ficou Hespanha sem Artes e sem os muitos homens, que das fabricas, e uzo dellas se alimentavão; e dando ás Naçoens Estrangeiras pelas roupas todo o ouro, e prata, que navegavão das Indias. Quem não dirá, que este foi o castigo das crueldades, que os Castelhanos executarão nos innocentes moradores daquelle vasto mundo; e que despovoando aquellas Regioens de seus antigos moradores, cahio sobre elles aquelle castigo: *Remanebitis pauci numero?*

CAPITULO 7.º

Que a Portugal, mais que a outra Nação da Europa, he util, e necessaria a introdução das Artes.

A Introducção das Artes he util e necessaria a todas as Naçoens do Mundo; mas especialmente a Portugal mais necessaria, e util, que a nenhuma outra Nação: 1.º porque a falta das Artes lhe será mais damnoza, que a nenhuma outra Nação.

2.ª Porque a abundancia das Artes lhe será mais util, que a nenhuma outra, pela sua situação; e pela incomparavel qualidade do Porto de Lisboa.

Quanto ao primeiro ponto, que a falta das Artes será mais damnosa a Portugal, que a nenhum outro Reino, se prova facilmente. A Nação Portugueza naturalmente bellicosa e ambiciosa, não intentou estender-se, e accrescentar o Dominio em Europa; ou por guardar a boa fé com os vizinhos; ou porque a destinou Deos (como parece) para outros fins: e não cabendo nos limites deste Reino, sahio a conquistar, e descóbrir o Mundo, primeiro em Africa, depois em Asia, e na America: nesta ultima parte possuiue oitocentas leguas de Costa, que achámos inculta, e barbara; mas sem duvida a mais rica, fertil, e ditosa parte do Mundo. Nella temos varias Colonias, onde em poucos annos de paz crescerão em numero os habitadores; e ao mesmo passo que crescerão, necessitarão o genero de roupas, e manufacturas da Europa, dando em troca tudo o que a cultura tem até agora descoberto, e todas as riquezas, que o tempo, e industria podem descobrir. Se as obras, de que necessitarem, forem Estrangeiras, será tambem dos Estrangeiros a utilidade, que a nossa industria descobrir nellas, e o nosso trabalho cultivar; e viremos a ser no Brazil huns feitores das Naçoens da Europa, como são os Castelhanos, que para ellas tirão das entranhas da terra o ouro, e a prata.

A experiencia nos tem mostrado isto mesmo: em Moçambique, ou nos Rios de Senna, aquellá vasta e riquissima Região, que possuímos sem a conhecer, necessita de roupas, pelas quaes nos commuta ouro, e marfim, que por ellas recebemos; e porque as roupas são da India, para a India val todo o ouro e marfim: por ultima conclusão, a introdução das Artes há de obrar, que sejamos

senhores uteis do Brazil ; e a falta dellas , que seja o dominio util naquelle estado , das Naçoens da Europa.

Este Reino tem pela introducção das Artes , duas utilidades especificas , que não convém a nenhum outro Reino : a 1.^a he , que corre a elle por caminho mais natural todo . ou a maior parte do dinheiro , que corre de Castella para as mais Naçoens da Europa ; porque cem leguas de Continente , com que estamos unidos a ella , serão outras tantas portas para entrarem as fazendas lavradas , tanto a melhor preço , como se poupará de fretes , de cambios , de seguros , de piratas , e riscos do mar ; os Castélhanos tem hum grande interesse nesta parte ; porque he certo , que os Estrangeiros lhes fazem a guerra com o seu ouro ; e que nós , sendo invadida Hespanha , acodiremos a defende-la . Tão cega he a sua paixão ; e tão mal entendida nesta parte , que defendem de nós com maior cuidado o seu commercio , que das mais Naçoens da Europa.

C A P I T U L O 8.º

Continúa a mesma materia.

A Segunda utilidade especifica he , que o Porto de Lisboa he sem questão entre os homens , que escrevem , e fallão neste particular , hum dos melhores dous portos do Mundo , = que são Lisboa , e Constantinopla , = e por consequencia estas duas Cidades , unicamente capazes de serem os maiores dous Emporios do Mundo : ambos são igualmente grandes , e seguros . Constantinopla está entre dous mares , situada em Europa , visinha da Asia , e não distante da Africa ; mas a situação de Lisboa he incomparavelmente melhor , porque está no Oceano , e sessenta leguas ás portas do mediterraneo.

Antes que dobrassemos o Cabo da Boa Esperança, e antes que se descobrisse a America, se poderia considerar Constantinopla em melhor situação, a respeito do Mundo conhecido; mas depois que pelos mares se communicou o Occidente com o Oriente; depois que se descobriu hum novo Mundo, Constantinopla he o melhor Porto do Mediterraneo; mas Lisboa o melhor Porto do Mundo.

Isto supposto; o commercio se faz, ou pelas producçoens da natureza, ou pelas obras da Arte: o Reino he abundante das producçoens da natureza; mas porque a Providencia as dividio pelos climas, Lisboa as pôde receber de todos, e mandar de huns a outros mais facil, e commodamente. Se tiver obras da arte em abundancia, como pôde ter as producçoens da natureza, será senhora do Mundo.

Amsterdão he huma Cidade, que está oito mezes do anno coberta de neve, e que tem quatro canaes, e portos gelados: as estradas necessitão de que todos os annos se limpem, e abráo: todos os ventos rijos lhe são contrarios, e poucos brandos lhe são favoraveis; mas todos estes defeitos da natureza suprio a Industria, e o trabalho dos homens: de sorte que Amsterdão com as artes, e com o commercio se fez porto celebre, e riquissimo.

Londres, tem huma ribeira capacissima, e he Corte, e cabeça de hum grande Reino; mas o que a faz grande, e populoza são as Artes; de sorte que, se lhe tirassem as Artes, seria huma Aldêa, em que assiste hum Rei, e a sua Corte.

Muitos entendem que a causa da grandeza de Paris procede de ser cabeça de hum grande Reino, e assistir nella a Corte; mas vemos, que Madrid he cabeça de hum grande Reino, e assiste nella hum grande Rei; e he com tudo huma Aldêa, comparada com Amsterdão, Londres, e Paris.

CAPITULO ULTIMO.

Que a introdução das Artes fará crescer as Rendas Reaes.

HE possível a prova, e consequencia infallivel de tudo o que temos dito. Tudo o que crescer com as Artes o numero das gentes, creseerão as rendas nos annuaes, de que se tirão Tributos; porque os Tributos crescem ao mesmo tempo, que se augmenta o numero das pessoas, que tributão. O pezo, que levão poucos, dividido por muitos, he mais facil de levar, e pôdem ser maiores as rendas da fructa, carnes, pescado, e vinho &c. Rendem por exemplo 300000 reis com 100000 moradores: hão de render por consequencia certa 600000 reis com 200000 moradores. Dirão que ha de diminuir a Alfandega por falta das entradas das fazendas: esta diminuição não pôde comparar-se com as utilidades apontadas; além de que se dobra, e multiplica por outros caminhos. Supponhamos, que toda a lan, que ha no Reino, se fabrica nelle, quando da mão do Lavrador até á do Alfaiate não pague mais que 5 por 100, dobra o que a falta das entradas pôde diminuir. Este mesmo argumento serve para todas as outras materias; além de que, a fabrica he facil, e necessaria; e de que se pôde fazer estanco, com grande utilidade do Patrimonio Real.

Conclusão deste discurso.

SEja a conclusão deste discurso hum lugar da Escripura nos Proverbios, a favor das Artes. Faz o Sabio hum retrato da mulher forte, e diz, que buscou lan, e linho, *Quasivit lanam, et linum,* e fez fabrica de huma e outra materia, *et operata est consilio manuum suarum,* fez a sua casa huma Não de mercadorias, que traz o sustento, e rique-

za de partes remotas, *facta est quasi Navis institoris, de longe portans panem*: achou gasto, e proveito no seu trabalho, *gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus*: fez roupas, que vendeo depois de dar a todos os seus domesticos dois vestidos: *syndonem fecit, et vendidit; omnes domestici ejus vestiti sunt duplicibus.*

Hum Reino he huma grande familia: se nelle se obrar o que fez a Matrona na sua casa, se seguirá infallivelmente, que as riquezas, que vamos buscar por tantos perigos a tão diversos climas, serão patrimonio do mesmo Reino: seremos muitos em numero, unica felicidade das Monarchias: cultivaremos huma terra fertilissima, que ha de pagar os beneficios, que lhe fizermos, com abundantes fructos. Teremos gente para a guerra, para as Colónias, e para as Armadas; e daremos occupação aos sujeitos, e desterraremos da Republica a ociosidade, mortal inimiga da Sociedade Civil, Faremos Lisboa o mais rico Emporio do Mundo; deposito, e escolha de todo o commercio delles. Crescerá o Patrimonio Real, com maior numero, e maior riqueza dos Vassallos. Não se tirão de nós os Estrangeiros, que commummente nos estimão por Indios da Europa; e conseguiremos a felicidade, que logrou no fim do seu trabalho a Mulher forte, *Ridebit in novissimo die.*

Paris. o ultimo de Abril de 1675.

Duarte Ribeiro de Macedo.

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro.

Pelos annos de 1693 governou o Rio de Janeiro Antonio Paes de Sande, e por seu falecimento ficou o Senado regendo esta Capitania.

D. João de Lancastro, sendo Governador General do Estado, proveo o Governo do Rio de Janeiro em André Cosaco, Irlandez, e Mestre de Campo do Terço velho da Cidade da Bahia, que delle se apossou a 7 de Outubro de 1694.

Depois veio Sebastião de Castro Caldas, que tomou posse a 19 de Abril de 1695.

Artur de Sá e Menezes, que foi o primeiro Governador, que a este titulo ajuntou o de Capitão General, tomou posse a 2 de Abril de 1697. A 15 de Outubro do mesmo anno embarcou para Santos, a fim de visitar pessoalmente as minas de S. Paulo, como lhe ordenara o Senhor Rei D. Pedro II, e em sua ausencia, ficou fazendo as suas vezes o Sargento Maior Martim Correa Vasques, em consequencia de huma Carta Regia, dirigida á Camara desta Cidade. A 3 de Maio de 1699 já se havia recolhido Artur de Sá e Menezes; mas por Ordem de Sua Magestade, deixou outra vez o Rio de Janeiro para hir a Minas Geraes, e nesta segunda ausencia, se devolveu o Governo a Francisco de Castro de Moraes, como El-Rei ordenava.

Artur de Sá e Menezes demorou-se pelas Minas até a chegada de seu Successor D. Alvaro da Silveira, que tomou posse a 15 de Julho de 1702. Foi no seu tempo que se construiu a Casa da Alfandega.

Seguiu-se D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancastro, o qual tomou entrega do Governo

no 1.º de Agosto de 1705. Este Governador também foi a Minas, e na sua ausencia ficou governando o Bispo D. Francisco de S. Jeronimo, conjunctamente com o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, e com o Sargento Maior Martin Correa Vasquiães.

Antonio de Albuquerque Coelho tomou posse deste governo a 11 de Junho de 1709, e pouco tempo depois se pôz a caminho para Minas Geraes: ignora-se quem ficou governando em sua ausencia. Voltando, demorou-se pouco tempo nesta Cidade; porque o Senhor Rei D. João V. o mandou crear o Governo de S. Paulo, e Minas Geraes, que então deixou de ser subalterno, para onde partio em 1710.

A 30 de Abril do mesmo anno tornou a governar Francisco de Castro de Moraes, por Patente e Carta de Sua Magestade.

Durante esta serie de governo, apenas enunciada, e cujas particularidades, que também julgamos de pouco momento, não estamos em circumstancias de destrinçar pela pobreza de materiaes, durante este periodo, o Rio de Janeiro foi crescendo com vehemencia em população e riquezas, não só pelos desvelos dos Governadores, mas porque pela sua situação esta Cidade, aliás collocada em hum territorio fertilissimo, he como o centro, para onde affluem os thesouros do rico paiz das Minas Geraes; e já a este tempo era notoria a toda a Europa a sua opulencia. Esta Cidade que, por huma excepção digna de nota havia escapado á dominação Hollandeza, no tempo em que a Bahia, Paranambuco, Espirito Santo, e outras muitas povoaçoens haviam succumbido á usurpação desta, outrora nação tão florescente, esta Cidade sofre agora perturbaçoens, suscitadas pelos seus eternos inimigos os Francezes.

Sahio de França huma expedição de 5 Nãos

de linha e dois Navios, commandada por João Francisco Du-clerc trazendo gente de desembarque, com o destino, segundo alguns pensarão, de conquista, mas segundo o que parece mais verosimil, com o fito em hum saque de grande valor, effectuado de hum golpe de mão; e em hum sabbado 16 de Agosto de 1710, das 8 para as 9 horas da noite, chegarão das Fortalezas da barra as participaçoes de se haverem avistado detarde 5 embarcações de alto bordo. O Governador mandou immediatamente tocar a rebate, e fez as suas disposições para a defesa. Seu irmão, o Mestre de Campo Gregorio de Castro de Moraes, guarneceu com o seu Terço as praias da Cidade; os Terços dos Mestres de Campo Francisco Ribeiro, e João de Paiva, forão divididos pelas Fortalezas, e mais postos, que pareceu conveniente occupar. Os Terços dos Auxiliares, e os Regimentos das Ordenanças forão tambem distribuidos por diferentes pontos. Passou-se a noite nestas disposições, e ao amanhecer se deixarão ver ao largo as embarcações embandeiradas. Das 3 para as 4 horas da tarde vierão com a viração chegando-se ás Fortalezas, dando indicios de quererem entrar a barra; pelo que a Fortaleza de S. Cruz disparou hum tiro seco, para mandarem a lancha a dizer quem erão, e donde vinhão, segundo a pratica usual; mas vendo que, a despeito daquelle signal, proseguião a vante, o repetio com bala, e empregando hum tiro no costado da Capitania, esta deu logo fundo, e o mesmo fizerão as outras. Nesta occasião foi tomada huma Sumaca nossa, que não evitou o encontro do inimigo, por julgar aquellas embarcações Inglezas. A noite se passou em desasocego; mas ao amanhecer vio-se que o inimigo se fazia ao largo, e os animos se tranquillizarão imprudentemente. Quizerão os Francezes effectuar hum desembarque na praia da Sacopemba; mas sendo repellidos

pelos Regimentos das Ordenanças, que a guarnição, a tempo que o Governador mandava fortalecer melhor este ponto com tropas pagas, desistirão desta empresa, e proejárão para a Ilha Grande. Chegarão defronte da povoação da Ilha, onde estava o Capitão mandante do Terço de Francisco Ribeiro, que se havia fortificado com bastidas, e trincheiras; e o inimigo depois de consumir grande quantidade de balas, e de presenciar o pouco effeito das suas bombas contra huma terra ainda na infancia, contentou-se em fazer algumas pequenas incursões em lugares visinhos, e se dirigio para a barra da Guaratiba. Alli desembarcarão os Francezes mil e tantos homens, que se dirigirão ao sitio da Vargem, onde roubarão e destruirão as fazendas dos Monges Beneditinos, e outras que pelo caminho encontrarão. O Governador, logo que soube estas noticias, cuidou em reunir as forças todas, que tinha ao seu dispor, e se intrincheirou no Campo da Cidade, em que hoje existe a Igreja do Rozario, apoiando as suas alas nos dois morros de Santo Antonio, e da Conceição, em que existia a fortaleza deste nome. Constava o nosso exercito de 800 homens entre pagos, Auxiliares, e Ordenanças, além de 500 pardos e pretos armados de espingardas, ou chucos, e de 600 Indios frecheiros. Os Francezes, despresando sempre os caminhos trilhados, dirigirão a sua marcha pelo Engenho da agoa, passarão a serra de Jacarepagoa, e a descida da Varginha, vierão a Andraí, e na tarde do dia 18 se achavão no Engenho Velho, que foi dos Padres da Companhia, onde passarão a noite em tranquillidade, e contentamento. O Governador que podia paralisar na origem esta temeraria empreza, mandando defender convenientemente as gargantas, barrancos, e grande numero de passos difficeis e empidosos, onde facilmente se poderião tolher, e fazer abortar mais bem concertados planos, Fran-

Diogo de Castro contentou-se de mandar ao seu encontro pequenas partidas, que mais servirão de testemunhar que de impedir o passo ao inimigo, o qual apenas sofreu na descida da Varginha a perda de 20 homens, mortos pelos tiros dos negros do Capitão José Freiré, e de alguma gente, que ali se achava emboscada.

Ao romper do dia sahirão os Francezes do Engenho Velho, e se encaminharão para a Cidade, deitando corpos flanqueadores para a direita, e para a esquerda, que se vinhão apossando das alturas, entretanto que o corpo do exercito seguia a estrada da planície, guiado por dous miseraveis negros, que para este effeito havião trazido da Ilha Grande. Chegádos ao ponto, em que a estrada se dividia para o morro do Desterro, reunirão-se ao corpo do exercito os flanqueadores da esquerda, e assim unidos proseguirão para a Cidade, entre tanto que os flanqueadores da direita forão detidos neste morro, que foi o theatro de huma pequena, mas brilhante acção.

Achava-se ali emboscada alguma gente de Milicias, e logo que se avistou o inimigo, Fr. Francisco de Menezes, Religioso da Trindade, que se comportou em toda esta contenda como valente soldado, conduzindo 25 destes homens, fez fogo sobre o inimigo, matando-lhe muitos dos voluntarios, que marchavão na vanguarda. A isto acodirão os flanqueadores que occupavão o morro, e como erão muito superiores em numero facilmente dispersarão a maior parte da nossa gente. Ficarão todavia 9 alentados homens sostendo o pezo todo do inimigo, e Fr. Francisco, vendo o seu heroico brio, voa por entre hum chuvaireiro de balas a buscar reforço para soccorre-los; encontra o Tenente Coronel de Engenheiros José Vieira, persuade-o a subir ao monte para sustentar a briga com a esperanza de soccorro, entre tanto que elle nenhum

fructo tira das suas zelosas e arriscadas diligencias. José Vieira sustenta longo tempo o choque sem querer ceder hum só passo ao inimigo; mas vendo que o soccorro não chega, e que a retirada he forçosa, vai largando o terreno ás polegadas, e com pasmosa ordem e firmeza ganha a Igreja do Desterro, onde se encerra com 6 dos seus valentes camaradas. Aqui começa de novo huma resistencia obstinada; os nossos ganhão as janellas, donde fazem sobre o inimigo hum fogo vivo e seguro; os Francezes mais se afficão pela teima de tão poucos homens, consomem em vão muitas muniçoens, empregão as granadas com o mesmo effeito, e só conseguem que estes bravos se entreguem, quando arrombadas as portas, e entrada a Igreja pelo inimigo, conhecem a impossibilidade de resistir por mais tempo.

O corpo do exercito proseguio para a Cidade pela rua d' Ajuda, soffrendo muito da metralha do Castelló, e do fogo, que sobre elle fazião algumas patrulhas dispersas pelas esquinas, que Fr. Francisco de Menezes animava com a sua presença, que parecia reproduzir-se. Chegando á rua do Parto, dividio-se o exercito, seguindo huma porção a rua chamada do Padre Bento Cardozo, e o maior corpo a rua de S. José, procurando a marinha. O nosso exercito havia até aqui sido tranquillo e indifferente espectador de toda esta scena, e agora o General apenas destacou ao Capitão Francisco Xavier com alguma gente, para cortar a communicação do corpo que marchava pela rua do Padre Bento. Travou-se aqui a peleja entre os dois corpos, e o inimigo não podendo suster-se, procurou retirar-se pela rua do Canó; mas crescendo cada vez mais o nosso ardor, foi constrangido a fugir á debandada, e dispersando-se pelas ruas da Cidade, fórao todos ou mortos ou prisionados. Ficão gravemente feridos deste choque o Ajudante José Corrêa, e alguns soldados nossos.

meio do favor, que V. M. fizer á estes homens se alcance delles o que pela severidade do rigor se não tem alcançado; porque alem de ser de fé, que toda esta Nação se ha de converter, e conhecer a Christo, as nossas Profecias contão esta felicidade entre os prodigiosos efeitos do milagroso reinado de V. M., porque dizem que ao Rei encoberto virá ajudar os Filhos de Jacob, e que por premio deste soccorro terão o conhecimento da verdade de Christo, a quem adorávão, e reconhecerão por Deos.

Supposto pois que esta materia, sendo de tanta importancia para a conservação do Reino, em nada encontra, antes pôde ajudar muito ao bem da nossa Fé, a deve V. M. mandar resolver sem nenhum escrupulo de consciencia, nem receio de que Deos se desagrede desta acção verdadeiramente justa, e piedosa, e em prova deste seguro, allego só a V. M. a memoria dos Senhores Reis D. Manoel, D. João III, e D. Sebastião, em cujos diferentes successos nos dá bem a conhecer a occulta disposição da Providencia Divina, que se não desagrada de que os Reis Catholicos uzem de piedade, e clemencia com estes homens.

O Senhor Rei D. Manoel de Gloriosa Memoria os admittio neste Reino, e lhes prometteo os favores, que se contém nas palavras seguintes que são de huma Provizão Real Sua: — *E lhe promettemos, e nos apraz, que daqui em diante não faremos nenhuma ordenança, nem defesa, como sobre gente distincta, e apartada; mas assim nos apraz em todo sejam havidos, e favorecidos, e tratados como proprios Christãos velhos sem serem distinctos, e apartados em coisa alguma. &c.*

Isto mesmo confirmou depois o Senhor D. João III, o qual favoreceo muito os homens da Nação, e se servio delles em postos, e negocios de grande confiança, e he certo que estes dois Reis

forão os mais felizes de Portugal, e seus annos os mais prosperos, e gloriosos, assim espirital, como temporalmente pelo muito, que dilatarão a Fé, e enriquecerão o Reino.

A ElRei D. João III, succedeu ElRei D. Sebastião o qual revogou a lei, ou contracto. que os Reis seus antepassados tinham feito com a gente da Nação, (a qual revogação por grandes fundamentos de direito julgarão muitos ser nulla, e invalida) e dos successos de Portugal no tempo de ElRei D. Sebastião são boas testemunhas as lagrimas de sessenta annos, que a feliz acclamação de V. M. nos enchugou. Não se infere, nem pôde inferir daqui, que o mais, ou menos favor, com que os Senhores Reis tratarão a gente da Nação foi causa da desigualdade de seus successos; mas infere-se sómente, e prova-se com clareza que nem o favor, com que os tratarão os dois primeiros Reis, lhes retardou o curso de suas felicidades; nem o rigor, com que procedeu contra elles o terceiro, bastou a melhorar os successos da sua fortuna.

Assim, que, Rei e Senhor nosso, não he materia esta de escrupulo, nem receio, principalmente quando V. M. (como se propoem) deixe a resolução della ao juizo, e disposição do Summo Pontifice, a quem como Vigario de Christo, e primeira regra de nossa Santa Fé pertence ordenar, variar, e dispôr o que, segundo os tempos, e estados da Igreja, parecer mais conveniente ao proveito das almas, e gloria Divina, á qual e á de V. M. se seguirão juntamente por este meio, lançando-se fundamentos solidos, e permanentes, a nossa conservação, e a da pessoa de V. M. principalmente, que he o principio, de que todas as nossas felicidades, e esperanças dependem.

O Padre Antonio Vieira.

encontrou hum dos dous guias, que deu a noticia de estar ardendo o corpo da guarda, pelo que apressarão o passo, julgando facil o senhorear-se agora da Cidade. Mas já a este tempo os nossos discorrião em tumulto por toda ella, prisionando ou matando a quantos Francezes encontravão; e estes desgraçados, que procuravão esconder-se pelas casas dos habitantes, forão a maior parte sacrificados a hum barbaro e cego furor. Hum Official, que se havia refugiado em huma destas casas, com setenta e tantos homens, e que ainda com sigo conservava alguns prisioneiros feitos no morro do Desterro, deputou hum Religioso Carmelita que entre elles havia com a sua espada, a pedir quartel ao Governador; mas havia succedido a hum terror cobarde huma crueldade tumultuaria, e o povo insofrido, sem dar tempo a nada se aprouve em saciar a sua raiva nestes miseraveis, que forão quasi todos mortos. Jeronimo Barbalho com a sua companhia passou tambem á espada quasi todo hum troço de cento e sessenta e tantos, que dos dispersos pelas ruas vierão dar ao nosso campo.

Du-Clerc foi primeiramente posto no Collegio dos Padres da Companhia; depois o passarão para o Castello; e ultimamente concedeu-se-lhe licença para tomar huma casa, onde foi assassinado na noite de 18 de Março de 1711, sem se indagar por quem, nem o saberem os soldados, que o guardavão. Foi sepultado na Igreja da Candelaria. Os outros prisioneiros forão divididos pela Casa da Moeda, e Conventos, com sentinellas á vista, mettidos depois nas prisoes da Cidade, e a maior parte mandados para a Bahia, e Paranaмбуco.

No quinto dia depois da victoria, apparecerão na barra as Nãos Francezas, e de noite fizeram alguns signaes de foguetes; mas não sendo correspondidos, voltarão para a França com a noticia do infeliz exito daquella expedição.

A perda dos Francezes foi de 397 mortos no conflicto, de 252 feridos e de 621 prisioneiros, em cujos numeros entrarão o General, 2 Coroneis, 4 Tenentes Coroneis, 2 Sargentos Mores, 9 Capitaens de Infantaria, 1 Tenente Fidalgo, 14 Tenentes de Infantaria, 20 Fidaigos Guardas-marinhas, entre os quaes havia alguns Titulares, e varias pessoas de distincção. Da nossa gente morrerão 54, e alguns das nossas mesmas balas, e dos feridos vierão depois a fallecer 63.

A noticia desta derrota causou nos animos ardentés dos Francezes hum desejo activo de vingarem a sua maculada reputação; e dentro em pouco tempo poserão no mar huma Armada, composta de 7 Nãos, 8 Fragatas, e 2 Embarçaçoens pequenas, commandada por Duguay-Trouin, que se dispoz a recuperar as passadas perdas. Divulgou-se em Lisboa a noticia deste apresto, e o Senhor Rei D. João V, sendo de tudo informado, fez logo aviso ao Governador do Rio de Janeiro, para que estivesse em guarda, e mandou com toda a brevidade sahir a frota daquelle anno, dobrando o numero das Nãos do comboi, e ordenando que as embarçaçoens mercantes de maior porte se armassem em guerra: para Commandante da Esquadra nomeou a Gaspar da Costa de Ataide, que exercia o posto de Mestre de Campo do Mar.

Partiu de Lisboa a frota com todo o preciso para a defensão do Rio de Janeiro, onde se achava havia alguns dias, quando a 30 de Agosto de 1711, teve Francisco de Castro aviso de se haverem avistado da Bahia-formosa muitas velas, que parecia dirigirem-se áquella barra.

Tocou-se a rebate, guarnecerão-se as fortalezas, e fortificou-se a marinha. O povo confiava pouco no seu Governador; mas escorava as suas esperanças nas boas disposiçoens, e no valor de Gaspar da Costa, o qual se embarcou logo, e

poz em attitude de defenza as quatro Náos do comboi. e os Navios mercantes armados. Assim se conservou cinco dias, passados os quaes desembarcou, dando por falso aquelle aviso; o que começou a dar huma idéa pouco vantajosa da sua prudencia, e actividade. A 10 de Setembro do mesmo anno, chegou nova participação de terem passado Cabo-Frio, em demanda do Rio de Janeiro, 17 Embarcaçoens de alto bordo, e a perplexidade, que mostrou Gaspar da Costa, fez com que o povo perdesse o conceito, que formava da sua experiencia e sangue frio. No dia seguinte á huma hora da tarde entrarão as embarcaçoens inimigas, debaixo de huma cerração tão densa, que sómente se virão quando já estavam emparelhadas com as fortalezas da barra, que naquelle tempo não condizão com o nome, de modo que com pouca difficuldade entrarão o porto, e fundearão de frente da Armação das Balêas, em distancia da Cidade do alcance da artilheria. Neste conflicto appareceu Gaspar da Costa de Ataide, que em vez de praticar como no primeiro ensaio, mandou marear as Náos para livra-las do inimigo, as quaes dando no baixo da Prainha, e na ponta da Misericordia, foram incendiadas por seu mando, e arderão intempetiva e lamentavelmente. Na perturbação de tão nescias disposiçoens, descobriu este official o seu desarranjo de cabeça, o qual augmentando-se mais e mais o accompanhou até a morte. Naquella tarde, e nos tres dias seguintes houve hum fogo vivissimo das Náos Francezas, e das nossas fortificaçoens; incendiou-se a casa da polvora na Fortaleza de Villegagnon, onde perecerão 3 capitaens, e muitos soldados, e ficarão 60 maltratados.

A pezar de tudo os moradores não estavam inda descorçoados: os Francezes quizerão assestar artilheria no morro de S. Diogo, mas acharão o Capitão Telles Madeira, que tolheu o seu intento.

matando a huns, e prisionando os outros: Bento do Amaral morreu gloriosamente, pertendendo defender a Fortaleza de S. João, mas depois de haver feito grande estrago sobre o inimigo; com tudo os animos desfallecerão ao ver que Francisco de Castro, mandara abandonar a artilheria da Ilha das Cobras, e então se conheceu que o mal era inevitavel por falta de hum bom chefe. Os Francezes tendo noticia do abandono indiscreto daquella posição, se apoderarão logo della, e dalli começaram a bombear a Cidade, e o poserão em pratica na noite do 5.º dia da entrada do inimigo; os moradores já então a tinham deixado, aterrados pelo incendio, que se havia ateado em Palacio, e noutros edificios, sem que os estorvasse huma grande tempestade, que houve naquella noite.

Rendidas já muitas Fortalezas, e desamparada a Cidade, vierão os Francezes occupa-la, e aproveitar hum despojo mais rico do que suppunhão; e como tinham cabalmente preenchido os seus fins, não devidarão prestar-se a alguma negociação com o Governador. Ao principio pedirão huma porção exorbitante de ouro, para largarem a Cidade sem a demolirem, mas a final capitularão deixa-la por 6000 cruzados, 100 caixas de assucar, e 200 bois, importando tudo em 246:5000464 reis, que se ratearão da maneira seguinte

A Fazenda Real	67:6970344 reis.
A Casa da Moeda	110:0770600 reis.
O Cofre da Bulla	3:4840560 reis.
O Cofre dos Ausentes	6:3720880 reis.
O Cofre dos Orfaons	9:7330220 reis.
Francisco de Castro de Moraes	10:3870820 reis.
Lourenço Antunes Vianna	6:7840320 reis.
Francisco de Seixas da Fonseca	10:6160440 reis.
Rodrigo de Freitas	1:1660980 reis.
Braz Fernandes Rola	6:0620080 reis.
Paulo Pinto	3:0310040 reis.

Francisco da Rocha	1:356,000 reis.
Antonio Francisco Lustoza	859,600 reis.
Thomé Farinha de Carvalho	785,600 reis.
Os Padres da Companhia	4:866,000 reis.
O Prior de S. Bento	1:575,680 reis.
Christovão Rodrigues	1:643,200 reis.

Em quanto se apromptou o resgate, para o que forão de grande auxilio os cofres, que os Ministros tiverão a precaução de pôr em salvo fóra da Cidade, nella se demoraraõ os Francezes sem mais commetterem hostilidade alguma; e a 28 de Outubro, depois de tudo entregue, sahirão do porto, havendo hum anno, hum mez e 8 dias, que a fortuna lhes fora bem diversa; ou que tendo sido então peiores as suas disposicoens, pôr si mesmo se gorou a sua tentativa. Esta segunda empreza, de que os Francezes alardêão, e fazem huma pomposa descripção, está bem longe de merecer-lhes a gloria, que pertendem. Provoca a riso o dizerem, que Duguay-Trouin entrara neste porto, rompendo por entre o fogo de huma prodigiosa quantidade de baterias! As fortalezas naquelle tempo estavam inda mui longe de o serem; e onde estava essa infinidade de baterias? Foi huma ficção poetica, necessaria para exornar a narração singela de huma simples obra da fortuna. Não se pôde conceber como possa resultar honra de superar disposicoens taes como as de Francisco de Castro.

Na mesma tarde, em que entrara a Armada Franceza, havia-se expedido aviso ao Governador de St. Paulo, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que então se achava em Minas Geraes, o qual apesar da indisivel presteza, com que apromptou hum soccorro de 300 homens, bem e mal armados, e das marchas violentas que fez, chegou ao Rio de Janeiro, quando já estava feita a capitulação a que não pôde dar remedio. O povo tinha concebido tal desprezo e rancor a Francisco de Castro,

que não quiz mais dar-lhe obediência, e constran-
geu a Antonio de Albuquerque Coelho a encarre-
gar-se do Governo até a decisão de S. Magestade.

Logo que em Lisboa se souberão estas noticias,
mandou o Senhor Rei D. João V por Governador
do Rio de Janeiro, ao Mestre de Campo General
Francisco Xavier de Tavora, o qual recebeu o
Governo das mãos de Antonio de Albuquerque,
a 7 de Junho de 1713. Este Governador trouxe or-
dem para prender a Francisco de Castro, e a ou-
tros Officiaes, que se conservarão em asperas pri-
soens, até que por ordem de S. Magestade vierão
a esta Cidade o Chanceller da Bahia, e dous De-
zembargadores, e com os Ouvidores do Rio de Ja-
neiro, e das Comarcas de Minas, e de S. Vicente,
se formou huma alçada de 7 Ministros, para sen-
tenciarem os culpados na entrega da Praça. Juntos
os Magistrados, procedeu o Chanceller á devassa,
e não faltou quem infamasse de traidor a Francis-
co de Castro; mas não se lhe provando este crime,
foi sentenciado por cobarde em degredo e prisão
perpetua em huma fortaleza da India. Hum Capitão,
que por fraco entregara a fortaleza de S. João aos
Francezes, foi enforcado em estatua por andar au-
sente. Outros forão soltos e livres, por mostrarem
que não tinham feito mais do que executar as or-
dens do seu Governador.

Na ausencia de Francisco de Tavora para San-
tos, e depois para o Reino, Governou o Mestre
de Campo Manoel de Almeida Castello Branco,
que entregou o Governo a Antonio de Brito de
Menezes a 27 de Junho de 1717. Este Governador
morreu antes de concluir o Governo, e succedeu-
lha Manoel de Almeida Castello Branco, que go-
vernou esta Colonia pela segunda vez.

Seguiu-se Aires de Saldanha e Albuquerque,
que tomou posse a 18 de Maio de 1719. Este Go-
nador tambem foi a Santos; mas ignora-se quem

governou em sua ausencia. No seu tempo se conduzio a agoa para o lugar chamado Carioca.

Luiz Vahia Monteiro, tomou posse a 10 de Março de 1725. Foi no tempo do seu Governo que se construiu a fortaleza da Ilha das Cobras. Este Governador falleceu nesta Cidade, e interinamente ficou governando o Mestre de Campo Manoel de Freitas da Fonceca, que foi o antecessor de Gomes Freire de Andrade.

L I T T E R A T U R A .

Traducção em versos latinos do Ensaio sobre a Critica de Pope.

De Critica præludium.

Difficile est dictu, vero quis pejus aberrat,
 Si male qui scribit, vel qui male iudicat illum:
 Credo equidem, peccet gravius qui falsa docebit,
 Quam qui nos verbis, sine pondere, et arte fatiget.
 Hoc aliqui faciunt, illud pars maxima: pravè
 Culpavere decem, quod scripserit unus inepte.
 Errabat solus quondam; nunc carmina condens
 Indoctus trahit ianumeros sermone soluto.

Judicium horometro simile est, par omnibus ullum
 It nunquam; sed quisque suo benè credit eunti.
 Quam bonus ut raro Genius pro vatibus adsit,
 Tam bona sic raro Ratio Censoribus adstat.
 His, illisque favet divino lumine Cœlum;
 Naturâ fieri Censor, scriptor ve necesse est.
 Ingenii, doceat, qui vi supereminet omnes;
 Et fiat Censor, potuit qui scribere recte.
 Quisque sibi, fateor, fuerit gratissimus Auctor;
 Deficit an ne sui quoque in Censore voluptas?

Semina iudicii, se met quicumque rependens
 Inveniet multorum animis præfixa. Dat hanc vix
 Languidulam Natura facem: si linea primum
 Quævis adumbratur leviter, sunt ordine recto
 Omnes dispositæ. Nulli pictura placebit,
 Arte incepta licet, summâ tamen illa colorum
 Infelix operâ; ingenium sic proterit error.
 Inscius hicce Scholæ labyrintho redditur; ille
 Audax, quem fatuum tantum Natura creavit.
 Ingenium expandens mentis contraxit acumen
 Quisque; suam tunc ille parans defendere causam
 Fit Censor. Quisquis queat aut non scribere plenus
 Invidiâ pariter flagrat Eunuchi vè, Proci vè.

Omnis amat stolidus ridere pedisequa semper
 Accedet, venietque comes ridentibus ultro:
 Si male composuit, cui sit despectus Apollo,
 Mævius, adveniet pejus qui judicet alter.
 Ingeniosus erat quidam, mox ille Poeta
 Cernitur, hinc Censör, furiis agitated ad inum.
 Judicio, ingenio que carent alii: segnes ut inertes
 Muli, degeneres formâ matris que, patris que.
 Littoribus nutrit quot semi-animacula Nilus,
 Vaniloquos nutrit tot semi-Britania-doctos:
 Nemo scit, informis gentis quo nomine signet
 Hoc genus ambiguum: nomen pröducitur illis
 Vix centum linguis, aut quâ tantummodo linguâ
 Centum auditores urget recitator acerbus.
 Qui vultis famâ donari, et reddere famam
 Præclarum merito nomen Censöris adepti,
 Noscite vos ipsos, vestras perpendite vires,
 Quid valeat vobis ratio. sapientia, sensus;
 Pes ubi deficiet, tutö non traditur undis;
 Sistite prudentes; pravo discernite rectum,
 Cum sit utrumque animo. Naturâ in limite certo
 Omnia signantur, sapienter vana tumentis
 Mens premitur. Terris ut cum proruperit æquor,
 Huc pelagus refluxens; illuc nova littora ponit;
 Sic solida ratione caret, meminisse potenter
 Cui licet: et sicui radians phantasia crescit,
 Sentiat hic memores animo cecidisse figuras
 Perdulces. Uni satis una scientia cordi;
 Quam longum est spatium artis, tam brevis area
 mentis
 Non totam amplexæ quam partem amplectitur unam
 Arte sua. Ut reges cæca ambitione coacti
 Perdidimus vetus imperium, nova regna petentes:
 Quæ datur, huic tantum det jus, Provincia cuique
 Hæc sibi sufficiat, plus ultra haud tendere curet.
 Naturæ justum, ac nunquam variable signum
 Judicio primum ponatur regula vestro.
 Natura haud errans, semper divina refulgens

Clara, patens constans lux omnibus; omne decorat
 Viribus, et vitâ, et formâ; simul illa videtur
 Principium, finis, pariterque criterion artis.
 His ars divitiis eadem ditissima fiet;
 Nec pompam ostentans præerit dux illa laborum;
 Virax haud aliter, pulcherrima corpora pascens,
 Spiritus intus alit, virtute, et robore complet,
 Præscribit motus, ac nervos excitat omnes
 Effectu tantum, visu non cognitus ulli.
 Quis cælum ingenium det prodigialiter, illis
 Pluris opus fuerit, proprios ut tendat in usus;
 Judicio ingenium non raro namque repugnat,
 Inque vicem quanvis, ut sponso sponsa juvandum.
 Aptius esse potest ferrato calcare pulsus
 Musarum sonipes, passu laxarier omni,
 Quam reprimi furia, et justo moderamine duci.
 Ut generosus equus, levibus sic Pegasus alis
 Amplius ardescit cursu compressus habenis.

Continuar-se-ha.

A Palinodia a Nize, Traduzida de Metastasio. (1)

JÁ, o Nize, os meus enganos
Eu conheço socegado:
Ah' perdoa a hum desgraçado
O desprezo, que mostrou.

Dos ferros, que me prendião
Me gabei de estar já fóra:
Enganei-me; pois agora
Inda mais cativo estou.

Já extinto o fogo antigo
Se inculcava socegado:
O mesmo semblante irado
Trahia a minha paixão.

Mude, ou não a côr do rosto,
De ouvir teu nome no instante:
Que todos leu no semblante
O que está no coração.

Sempre acordado te vejo,
Ou se sonho alguma vez:
E onde mesmo tu não és,
Minha alma te pensa ver.

(1) Tendo chegado á minha mão muitas traducçoens da bella Cançoneta de Metastasio intitulada *a Liberdade*, não vi ainda alguma da *Palinodia*; talvez pela difficuldade de ser pelos mesmos consoantes. Não querendo augmentar o numero das traducçoens da primeira, aproveitei a de Alexandre de Gusmão, impressa no N.º 1.º a pag. 42. Muitas vezes julguei impossivel copiar o pensamento do A, atado tão fortemente. O Publico julgará como enchi alguns poucos momentos roubados a mais seria applicação.

Das tuas graças ausente,
Em ternas ancias suspiro;
Se estás presente, deliro
De alvoroço e de prazer.

Só de teus encantos fallo
Mavioso e enternecido,
Outra lembrança offendido
Me faz de repente irar.

Se alguém vejo de mim junto,
Te nomeio perturbado:
Do proprio rival ao lado
De ti costume fallar.

Ou mostres altivo o rosto,
Ou concedas terno agrado,
O teu desprezo he baldado,
A minha defeza em vão.

Só o teu imperio tem
Para mim doçura uzada:
Da ventura a só estrada
Existe em teu coração.

O prazer encaro triste,
E o tormento socegado,
Se este por ti he causado,
Se o outro vem sem teu favor.

Ri-se com tigo a campina,
Salta alegre a fonte pura:
A morada mais escura
Com tigo não causa horror.

Ora vou fallar sincero :
Não só me pareces bella :
Não só te conheço aquella ,
Sem par , sem comparação.

Porém , injusto á verdade ,
Nada mais acho perfeito :
Fôra de ti he defeito ,
O que em ti amei -então.

Contente arrastro as cadêas ,
Que em vão (por vergonha minha)
Pensei já quebradas tinha ,
Renunciando a viver.

Quiz minha alma evitar penas ,
Para mais aflicta ver-se :
Não mais quererá vender-se ,
Não pôde tanto sofrer.

Passarinho , que se enlaça
Em traidor visco , innocente ,
Em vão procura contente
Libertar-se da prizão.

Esvoaça em curto espaço ,
Mas apegão-se as penninhas ,
De soltar-se das varinhas
Não encontra occasião.

Eu sinto (qual tu não julgas)
Despertar o fogo antigo ,
Quanto mais vezes o digo ,
Tanto menos sei callar.

Loquaz propensão , ó Nize ,
O amante a queixas convida ,
Nas vêas a chamma lida ,
Gasta-se o tempo em fallar.

Pragueja a Marte o Soldado,
 Se as suas feridas conta :
 Mas eis que a bandeira aponta,
 Não lhe lembra o que apanhou.

O escravo estima os ferros,
 Em que saudoso gemia,
 Já se esquece de alegria
 Do seu pezo, que arrastou.

Fallo, mas só desabafo
 Quando de ti me entretenho :
 Não procuro novo empenho ;
 A constancia tu me dás.

Fallo, mas perdão procuro,
 Se a expressão te não agrada :
 Na posse mais socegada
 Da minha alma, ó Nize, estás.

A hum peito não inconstante,
 A hum amante verdadeiro,
 Ah! o teu amor primeiro
 Venha outra vez consolar.

Nenhum engano achar podes
 Neste teu rendido amante :
 Jámais huma alma inconstante
 Nize em mim has de encontrar.

Dá-me de paz hum penhor -
 Dá-me, ó Nize, o coração ;
 E ouvirás cantar de amor
 Quanto cantei de aversão.

Elmano Bahiense.

A MELANCOLIA.

*Tradução de huma passagem do Poema da Imaginação, por Delille, em igual numero de versos que o Original. Por B.****

QUE he isto? Oíço ao longe hum surdo estrondo!
São ruínas d'hum Templo, que baquêa;
Quaes os Romanos, suas obras morrem;
Mas idiondo não fica o sitio ameno,
Tem da Melancolia o ár suave.
O' mais doce, mais puro sentimento,
Melhor do que a alegria! de infelices
Querida companheira, terna amiga!
Que pincel fingir pôde as cores tuas?
O teu morno sorrizo me aprás tanto,
Quanto as lagrimas tuas me internecem.
A' desesperação logo que he dado
Lagrimas derramar, he no teu seio
Que as vai depôr; e sabes mitiga-las,
Co' seu teu meigo pranto, confundindo.
A alegria importuna á dor insulta,
E teu macio balsamo consola:
Com maviôzo aspecto, és tu que sabes
A' desgraça sorrir, és tu que afavel
Acarinhas a dor. o mal serena.
Do mal ao bem passagem delicada,
Se prazer tu não és, não és tormento,
A desesperação não te avizinha,
E distante de ti vive a alegria.
Mas filha da desgraça tens seus traços.
Selvagem foge ás vistas indiscretas,
O crepusculo basta a seu retiro:
De longe com prazer escuta os ventos,
Os mugidos do mar. do rio a queda;
Gosta dos bosques, os desertos busca:
Só com seu coração melhor se nutre,
Goza melhor de si, melhor se entende:

Triste hum tanto, e calada a Natureza,
 He quando mais lhe agrada, he quando he bella.
 Pensa que no seu lucto vem ter parte,
 Que em segredo se dóe. O astro da noite
 Sua amorosa luz notando a encontra,
 Saudoso o coração, os olhos humidos.
 Primavera louçaa, não são teus rizo,
 Pomposo Estio, não tuas riquezas,
 Porém o Outono palido, e sombrio,
 Sua coroa frouxo destolhando,
 He sua favorita, e amiga quadra.
 A grande custo a multidão procura
 Transitorios prazeres: pensativa
 Nutre o seu coração d'um rir, d'um nome.
 Quando em tumulto as orgias das Cidades
 Requentão d'alegria, e em fausto insultão,
 Sobre as mãos a cabeça reclinada,
 He toda a sua festa, he seu deleite,
 Huma terna saudade, hum ai sentido.
 Magia das Artes, e d'amor enlevo,
 Vem, no meu coração vive, e em meus versos.

Ode improvisada,
Offerecida ao Senhor Alferes Jacome Timotheo de
Araujo, Commandante militar da Villa
de Paracattá.

FILHOS de Marte, Campiöens valentes
 Os peitos forrem nas guerreiras tendas,
 Para cingir depois de loiro as frentes
 Nas Marciaes contendadas.

Afronte embora a morte Athleta armado,
 Na guerra insulte intrepido os perigos
 Allege por brazão que sabe ousado
 Debellar inimigos.

Se no escudo de Pallas não aprende
A manejar a lança, então que gloria
Seu valor indiscreto obter pertende
Na posthuma memoria ?

Se Minerva com provido artificio
Não inspira dictames engenhosa ,
Quem cantará no bellico exercicio
Bellona victoriosa ?

Sabedoria excelsa , dom sagrado !
Sem ti não marcha Scipião seguro ,
Para deixar ás epocas gravado
Seu nome em bronze duro.

E's tu a que com motos regulares ,
Quando travados batalhoens combinas ,
Para salvar as tropas militares
Evoluçoens ensinas.

E's tu , a quem o Alumno de Mavorte ,
Jacome honrado , com fervor offrece
Applicação na Tactica tão forte ,
Que o loiro já merece.

Manda em linhas formar a gente Equestre ,
E á face do Esquadrão belligerante
Faze o elmo cercar , Daphne campestre ,
Da rama viridante.

Do Padre Domingos Simões da Cunha.

Ao alvoroço, e alegria, com que os povos da Capitania de Minas Geraes esperavão, e desejavão ver a Sua Excellencia o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Visconde Mylord Strangford, Embaixador de S. M. Britannica junto ao Principe Regente Nosso Senhor, e que pertendia viajar na referida Capitania.

S O N E T O.

REja Britannia o mar! Deos salve, e guarde
 O Grande Rei do Povo Armipotente!
 O poderoso Imperio do tridente
 Extinga o fogo, que nas terras arde!

O vôo altivo, o temerario allarde
 Das Aguias cortará a invicta gente!
 Proscripta a Paz no infausto Continente
 Surgirá d'Albion, ou cedo, ou tarde!

Ministro Egregio: tu que representas
 O Fiel, e Magnanimo Alliado
 Do nosso Augusto, (e com que gloria o ostentas!)

Acceita o jubilo, o prazer, o agrado,
 Com que, por vêr-te, de tropel, e attentas
 Correm as Gentes do Paiz doirado.

Dii nostra incepta secudent
 Auguriumque suum.

Virg. En. 7.

P O L I T I C A .

H A M B U R G O .

Decreto Imperial.

Quartel General de Dresden 18 de Junho de 1813.

N Apoleão , Imperador dos Francezes , Rei de Italia , Protector da Confederação do Rhin , Mediador da Confederação da Suissa , &c.

Havemos decretado , e decretamos o seguinte.

T I T U L O I .

Formação de huma lista de ausentes.

Art. I. **F**Ormar-se-há huma lista de ausentes da 32.^a Divisão militar.

Art. II. Esta lista comprehenderá —

1.^o Todos os individuos que , exercendo empregos publicos , se houverem ausentado da patria , no momento em que entrou o exercito Francez.

2.^o Os Senadores de Hamburgo e Lubeck que houverem tornado aos seus empregos , depois que despejou o exercito Francez.

3.^o Todos os proprietarios , que se houverem ausentado desde o 1.^o de Março , e não voltarem dentro em quinze dias da publicação do presente decreto.

4.^o Todos os individuos , que aceitarão o posto de official nas recrutas do inimigo ; todos os individuos que servirão na Legião Hanseatica , ou tomarão parte nas magistraturas creadas pelo inimigo.

5.^o Todos os individuos , que se souberem formado parte dos ajuntamentos armados , e haverem desafiado o povo á rebellião.

6.º Todos os individuos, que constar que estão ao serviço de Inglaterra, seja civil, seja militar; todos aquelles, que se souber que estão ao serviço da Russia e Prussia, quer civil, quer militar.

7.º Finalmente todos os individuos, que houverem desamparado suas casas depois do 1.º de Março deste anno, e que não houverem voltado dentro em quinze dias depois da publicação do presente Decreto.

Art. III. A lista destes individuos será formada sem demora, debaixo das ordens do Principe de Eckmuhl, por departamento, districto, cantão, e municipalidade. Para este fim os Prefeitos de cada districto e cidade nomearão huma Commissão. As listas serão renovadas todos os quinze dias, e remettidas ao Ministro de Policia Geral, e ao Director Geral dos Dominios e Registros.

TITULO II.

Das effeitos da ausencia.

Art. IV. **P**Or-se-há sequestro immediatamente sobre os bens, moveis e de raiz, de todos os individuos, que entrarem na lista dos ausentes da 32.ª divisão militar. A nossa Meza de Dominios e Registros, tomará immediatamente posse dos mesmos, e enviar-se-há ao Director Geral, hum mappa do valor de todas as propriedades assim apprehendidas.

Art. V. Em quanto qualquer individuo estiver na lista dos ausentes, não poderá exercer algum acto civil. As dividas, de que são credores, os bens que herdarem, serão sequestrados e arrecadados a beneficio do nosso dominio. O producto da dita propriedade será pago no cofre do Registro.

Art. VI. Os individuos, que huma vez houverem entrado na lista dos ausentes, e os seus bens estiverem em poder da Meza dos Dominios, não

poderão ser riscados da dita lista, nem remover-se o sequestro de seus bens sem hum Decreto nosso.

Art. VII. Os nossos Ministros de Finança, do Erario, da Guerra e de Policia são encarregados da execução deste Decreto, que será inserido no boletim das Leis, e communicado ao Major General, ao Director da Administração do exercito e ao Principe de Eckmuhl.

(Assignado)

Napoleão.

Pelo Imperador

O Ministro Secretario de Estado Conde Daru.

Decreto do Principe de Eckmuhl.

Nós, Marechal Principe de Eckmuhl Governador General da 32.^a Divisão, em virtude das Ordens de Sua Magestade o Imperador e Rei, e dos poderes a nós conferidos pelo Decreto de 10 de Abril, acerca dos Departamentos Hanseaticos, havemos decretado, e decretamos o seguinte:

I. Impôr-se-ha á Cidade de Hamburgo, por via de castigo, huma contribuição extraordinaria de 48 milhoens de francos.

II. Toda esta contribuição será paga no espaço de hum mez contado de 12 do corrente.

Os pagamentos serão feitos em seis partes: o primeiro sexto a 12 de Junho; o segundo a 28; o terceiro a 25; o quarto a 30; o quinto a 5 de Julho; e o sexto a 12.

III. Guardar-se-hão rigorosamente estes periodos de pagamento. Os tres primeiros sextos se pagarão em moeda, os outros em letras sobre Paris, pagaveis a tres mezes.

IV. Serão nomeados por nós Commissarios das Repartiçoens, por justa representação do Conselheira

do de Estado, do Intendente Geral das Finanças, do Prefeito e do Director Geral da Policia.

V. Estes Commissarios farão mais pezada a imposição sobre aquelles, que por contribuições voluntarias, ou outros procedimentos, tomarão parte nos actos de rebelião, que occorrerão desde 24 de Fevereiro de 1813.

VI. Em caso de não pagarem, os bens moveis e de raiz, de qualquer natureza, serão sequestrados, e ficarão responsaveis pela totalidade das somas impostas, e isto sem prejuizo dos processos pessoas.

VII. Jornalheiros mechanicos, e trabalhadores, serão isentos desta imposição, bem como os mestres de artes e officiaes, pagando sómente 24 francos, ou menos, por suas licenças, salvo se o seu procedimento, ou a sua fortuna fizer que a taxa lhes seja applicavel.

(Seguião-se sete artigos mais que simplesmente regulão o modo de repartição, e outras explicações, para pôr em effeito o Decreto.)

Outro Decreto da mesma data nomea Commissarios M. Chapeaurouge, Peter Godefroy, Oppenheimer, Schroder, Faber, residente em Jungfernstieg; Anderson, Conservador de Mortgages; e Rentzel, em Admiralty-street.

I N G L A T E R R A.

Finanças e Commercio da Gran. Bretanha.

Imprimio-se o Mappa annual, appresentado ao Parlamento, das Finanças e Commercio do Paiz; e delle fizemos os seguintes extractos relativos á receita e despeza do anno, que teve fim a 5 de Janeiro de 1813.

As rendas daquelle anno, inclusivo o emprestimo, subirão a 95,712,695 lib.; produzirão os tributos dentro do mesmo periodo 13,131,548 lib.

A despeza total durante o anno, que findou em 5 de Janeiro de 1813, foi 104,398,248 lib.

A divida publica durante o mesmo periodo custa ao paiz 36,607,128 lib.: das quaes 13,482,510 passarão ás mãos dos Commissarios para a amortização da divida nacional.

Apresentamos huma vista comparativa das Importações do paiz em tres annos, acabando a 5 de Janeiro cada hum:

1811	Importações L	36,427,722
1812	Dito	24,520,329
1813	Dito	22,994,843.

Em nenhuma das tres sommas acima dadas se incluem as importações da India. Ellas chegarão no anno que terminou a 5 de Janeiro de 1812, a 4,106,251 lib.

Tabella comparativa da importação de trigo; para dar huma prova convincente de que cada vez dependemos menos dos Estrangeiros naquelle artigo necessario.

1811	Importação de trigo L.	2,701,240
1812	Dito	465,995
1813	Dito	378,872

Mappa comparativo da importação do caffè, algodão e assucar nos tres annos referidos.

1811		L.	5,312,795
1812			3,646,814
1813			2,573,614

	Algodão.	
1811		3,882,423
1812		2,990,821
1813		2,166,413

Assucar.

1811	L	6,499,044
1812		5,324,409
1813		5,033,396

As importações da Irlanda tem crescido regularmente.

1811	3,280,747
1812	3,318,879
1813	3,551,269

Mas se a importação da Gran Bretanha abateu no anno passado, a exportação cresceu. Offerecemos hum mappa comparativo da nossa exportação em tres annos, que findarão a 5 de Janeiro de cada anno.

1811	Exportação	L.	34,923,575
1812	Dito		24,121,724
1813	Dito		31,243,362

O valor real das produções, e manufacturas Inglezas exportadas, segundo a avaliação da Alfandega, he 43,657,864 lib.

Além do que, o valor das mercadorias estrangeiras exportadas he o seguinte.

1811	10,946,284
1812	8,277,937
1813	11,998,179

Estas exportações compunhão-se dos artigos seguintes.

Algoadoens.

1811	18,033,794
1812	11,715,501
1813	15,792,806

Lans.

1811	5,773,719
1812	4,376,497
1813	5,084,991

Caffé.

1811	L.	1,455,427
1812		1,418,034
1813		4,382,730

Assucar.

1811		1,471,697
1812		1,215,119
1813		1,570,277

Embarcaçoens e Navios da Gran Bretanha, e suas dependencias, em 3 annos, acabando cada hum a 30 de Setembro.

1810	Numero de embarcaçoens	23,703
1811	Dito	24,106
1812		24,107

As quaes no ultimo anno mencionado tinham de tripulação 165,030 marinheiros.

A L L E M A N H A.

Decreto Imperial.

EM o nosso Campo Imperial de Klein-Baschweitz, sobre o campo de batalha de Wurtchen, a 22 de Maio de 1813, ás 4 horas da manhan.

Napoleão, Imperador dos Francezes, &c. &c. Havemos decretado e decretamos o seguinte :

Art. I. Levantar-se-ha hum monumento sobre o Monte Ceny. Na face deste monumento, que ha de olhar para París, se inscreverão os nomes de todos os nossos Cantoens de Departamentos daquem dos Alpes. Na face, que ha de olhar para Milão, gravar-se-hão os nomes de todos os nossos Cantoens de Departamentos além dos Alpes, e do nosso Reino da Italia.

Na parte mais visivel do monumentó se gravará a seguinte inscripção :

„ O Imperador Napoleão , sobre o campo de batalha de Wurtchen , ordenou a erecção deste monumento , como huma prova da sua gratidão ao seu povo de França , e de Italia ; e para transmittir á mais remota posteridade a lembrança daquella celebre época quando , em tres mezes , 1,200,000 homens correrão ás armas , para segurar a integridade do Imperio e de Seus Alliados. „

(Assignado)

Napoleão.

O Ministro Secretario de Estado Conde Daru.

SUECIA.

Tratado de Alliança e subsidio entre Sua Magestade Britanica . e o Rei da Suecia , assignado em Stockolmo a 3 de Março de 1813. (Remettido ás duas Camaras do Parlamento , Sexta feira 11 de Junho.)

Em nome da Santissima, e Indivisivel Trindade.

SUA Magestade o Rei do Reino-Unido da Grã Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rei da Suecia, igualmente animados do desejo de estreitar mais os laços de amizade e boa harmonia, que entre elles tão felizmente existem e convencidos da urgente necessidade de firmar, entre hum e outro, huma intima alliança para a conservação da independencia do Norte, e de acelerar a tão suspirada época de hum paz geral; concordarão em dar providencia a estes dois objectos pelo presente Tratado. Para este fim escolherão por seus Plenipotenciarios, a saber: Sua Alteza Real o Principe Regente em nome e por parte de Sua Magestade o Rei do Reino-Unido da Grã Bretanha, e Irlanda, ao Honora-

f

ble Alexandre Hope, Major General dos Exercitos de Sua Magestade, e a Duarte Thornton, Escudeiro, Seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario junto de Sua Magestade o Rei da Suecia; e Sua Magestade o Rei da Suecia a Lourenço, Conde de Engestron, hum dos Grandes do Reino da Suecia, Ministro de Estado, e dos Negocios Estrangeiros, e Chanceller da Universidade de Lund, Cavalleiro Commendador das Ordens do Rei, Cavalleiro da Real Ordem de Carlos XIII., Grande Aguia da Legião de Honra de França; e a Gustavo, Barão de Wettersted, Chanceller da Corte, Commendador da Ordem da Estrella Polar, hum dos Desoito da Academia Sueca; os quaes depois de haverem trocado seus respectivos Plenos poderes, achados em boa e devida forma, convierão nos seguintes artigos:

I. Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a empregar hum corpo de não menos de 30000 homens, em huma operação directa no Continente contra os inimigos communs das duas Altas Partes Contractantes. Este Exercito obrará de concerto com as tropas Russas, postas debaixo do commando de Sua Alteza Real o Principe Real da Suecia, conforme as estipulaçoens para este effeito já existentes entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo.

II. Tendo as ditas Cortes communicado a Sua Magestade Britanica os ajustes entre ellas existentes, e tendo formalmente pedido a accessão de Sua Magestade a elles, e tendo Sua Magestade o Rei da Suecia, pelas estipulaçoens mencionadas no artigo precedente, dado huma prova do desejo, que a anima, de contribuir tambem da sua parte para o bom exito da causa commum; Sua Magestade Britanica, dezejando em retribuição dar huma prova immediata e não equivocada da sua deliberação de unir seus interesses aos da Suecia, e da Russia,

promette, e se obriga pelo presente Tratado, a acceder ás convençoens já existentes entre aquellas duas Potencias, de maneira que Sua Magestade Britannica, não só não opporá obstaculo algum á annexação e união para sempre do Reino da Noruega, como parte integrante do Reino da Suecia, mas tambem auxiliará os designios de Sua Magestade o Rei da Suecia para este fim, quer por meio de seus bons Officios, quer empregando, se necessario for, a sua cooperação naval unida com as forças Suecas, e Russas. Deve com tudo entender-se que não se recorrerá ao meio da força para effectuar a união da Noruega á Suecia, senão no caso de Sua Magestade o Rei de Dinamarca previamente haver recusado unir-se á Alliança do Norte, debaixo das condiçoens estipuladas nas convençoens subsistentes entre as Cortes de Stockolmo, e S. Petersburgo; e Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a que esta união se conclua com todo o possível respeito e attenção á felicidade, e liberdade do povo da Noruega.

III. Para melhor se effectuarem as obrigaçoens contrahidas por Sua Magestade o Rei da Suecia no primeiro artigo do presente tratado, que tem por objecto operaçoens directas contra os inimigos communs das duas Potencias, e a fim de pôr Sua Magestade Sueca em estado de começar sem perda de tempo, e assim que a estação o permittir, as ditas operaçoens, obriga-se Sua Magestade Britanica a subministrar a Sua Magestade o Rei da Suecia (além dos outros soccorros, que as circumstancias geraes puserem á sua disposição), para o serviço da campanha do presente anno, bem como para o fornecimento, transporte, e manutenção das suas tropas, a somma de hum milhão esterlino, a pagar mensalmente em Londres ao Agente, que for authorisado por Sua Magestade Sueca para o receber, de modo que o pagamento não passe de 200 mil

libras esterlinas por mez , até ser paga toda a dita somma.

IV. Convencionarão as duas Altas Partes Contractantes, que a Sua Magestade o Rei da Suecia se fará hum adiantamento, (cuja somma e tempo do pagamento determinarão entre si, e será deduzida do milhão acima estipulado) para a entrada em campanha, e para a primeira marcha das tropas; o resto do subsidio acima mencionado deve começar desde o dia, em que desembarcarem as tropas Suecas, conforme está estipulado pelas duas Altas Partes Contractantes no primeiro artigo do presente tratado.

V. As duas Altas Partes Contractantes desejando dar huma solida, e permanente garantia ás suas relações, tanto politicas como commerciaes, animada Sua Magestade Britanica do desejo de dar ao seu Alliado evidentes provas de sincera amizade, consente em ceder a Sua Magestade o Rei da Suecia, e a seus successores á Corôa da Suecia na ordem da successão estabelecida por Sua dita Magestade, e pelos Estados Geraes do seu Reino, em data de 26 de Setembro de 1810, a posse de Guadalupe nas Indias Occidentaes, e em transferir a Sua Magestade Sueca todos os direitos de Sua Magestade Britanica sobre aquella Ilha, do mesmo modo como Sua dita Magestade actualmente a possui. Esta Colonia deverá ser entregue aos Commissarios de Sua Magestade o Rei da Suecia, no decurso do mez de Agosto do corrente anno, ou trez mez depois do desembarque das tropas Suecas no Continente; devendo tudo executar-se na conformidade das condições ajustadas entre as duas Altas Partes Contractantes, no artigo separado, annexo ao presente tratado.

VI. Como huma consequencia reciproca do que fica estipulado no artigo antecedente, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a conceder, por es-

paço de 20 annos, a contar da data da troca das ratificaçoens do presente tratado, aos Vassallos de Sua Magestade Britanica, o direito de porto-franco nos portos de Gottenburgo, Carisham, e Strålsund (logo que este ultimo tiver voltado ao dominio da Suecia) para todas as mercancias, producçoens, ou fazendas, sejam da Grã Bretanha, ou de suas Colonias, carregadas a bordo de embarcaçoens Britanicas, ou Suecas. Os ditos generos, ou fazendas, quer sejam de qualidade de poderem ser admittidos, e pagar direitos na Suecia, quer seja prohibida a sua entrada, pagarão sem distincção, como direito de porto franco, hum por cento, *ad valorem*, á entrada, e o mesmo á sahida. Pelo que pertence a qualquer outra circumstancia, relativa a este objecto, conformar-se-há tudo aos regulamentos geraes, existentes na Suecia; tratando sempre os vassallos de Sua Magestade Britanica do mesmo modo que os das naçoens mais forecidas.

VII. Desde o dia da assignatura do presente tratado, Sua Magestade o Rei do Reino da Grã Bretanha, e Irlanda, e Sua Magestade o Rei da Suecia reciprocamente promettem não separar seus interesses, e particularmente os da Suecia, referidos nos presente tratado, em qualquer negociação com seus inimigos communs.

VIII. A ratificação do presente tratado será trocada em Stockolmo dentro de quatro semanas, ou antes, sendo possivel.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude dos nossos plenos poderes, assignamos o presente tratado, e o sellamos com o sello das nossas armas.

Feito em Stockolmo aos 3. de Março, no anno do Senhor, mil oitocentos e treze.

Alexandre Hope
(L. S.)

O Conde d'Egenstrom.
(L. S.)

Duarte Thornton.
(L. S.)

G. Barão de Wetterstedt.
(L. S.)

Artigo separado.

Como huma consequencia da cessão feita por Sua Magestade Britanica, no 5.^o artigo do Tratado assignado hoje, da Ilha de Guadalupe, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga: —

I. A encher fielmente, e observar as estipulaçoens da capitulação da dita ilha, datada de 5 de Fevereiro, de maneira que todos os privilegios, direitos, beneficios e prerogativas, confirmadas por aquelle Acto aos habitantes da colonia, se conservem e mantenhão.

II. Para este fim, antes da cessão acima mencionada, a contrahir com Sua Magestade Britanica as obrigaçoens, que se julgarem necessarias, e executar todos os actos conformes a ellas.

III. Conceder aos habitantes de Guadalupe a mesma protecção, e as mesmas vantagens, de que gozão os outros vassallos de Sua Magestade o Rei da Suecia, sempre conforme ás leis e convençoens actualmente existentes na Suecia.

IV. Vedar e prohibir no periodo da cessão, a introducção de escravos da Africa na dita ilha, e outras possessoens de Sua Magestade Sueca nas Indias Occidentaes; e não permittir que os vassallos Suecos negociem em escravos; obrigação que Sua Magestade Sueca contrahe do melhor grão, porque Ella nunca authorizou aquelle trafico.

V. Excluir, durante a continuacão da presente guerra, todos os navios armados e corsarios pertencentes aos Estados, que tem guerra com a Grã Bretanha dos portos e bahias de Guadalupe; e não permittir em algumas guerras para o futuro em que a Grã Bretanha se achar empenhada, e a Suecia ficar neutra que entrem nos portos da dita colonia, corsarios pertencentes a algum dos Estados belligerantes.

VI. Não alienar a dita ilha sem consentimento de Sua Magestade Britanica; e

VII. Conceder toda a protecção e segurança aos vassallos Inglezes, e aos seus bens, ou elles escolhão desamparar a colônia, ou nella persistir.

Este artigo separado terá força e effeito, como se fosse inserido, palavra por palavra, no Tratado assignado hoje, e será ratificado ao mesmo tempo.

Em fé do que, nós abaixo assignados, em virtude dos nossos plenos poderes, havemos assignado o presente artigo separado, e lhe havemos pregado os sellos de nossas armas.

Feito em Stockolmo, a 3 de Março anno de Nosso Senhor de 1813.

Alexandre Hope, (L. S.)

Ed. Thornton, (L. S.)

O Conde d'Engestrom, (L. S.)

G. Barão de Wetterstedt, (L. S.)

Tratado entre a Russia e a Suecia.

Resumo das abrigaçoes entre as Cortes de S. Petersburgo e Stockolmo, assignadas em S. Persburgo, a 24 de Março de 1812, ás quaes se refere o Tratado entre o Rei da Gran Bretanha e o da Suecia, assignado em Stockolmo a 3 de Março de 1813.

O Objecto do Imperador da Russia e do Rei da Suecia, em formarem huma alliança, se affirma ser com o fim de segurarem reciprocamente seus estados e possessoes contra o commum inimigo.

O Governo Francez, havendo commettido hum acto de hostilidade contra o Governo Sueco, occupando a Pomerania Sueca, e a marcha dos seus exercitos havendo ameaçado a tranquillidade do Im-

perio da Russia, as partes contractantes se obrigão a fazer huma diversão contra a França e seus aliados com huma força combinada de 25 ou 30 mil Suecos, e de 15 ou 20 mil Russos, sobre aquelle ponto da Costa da Allemanha, que se julgar mais conveniente para este fim.

Como o Rei da Suecia não pode fazer esta diversão a favor da causa commum, combinada com a segurança dos seus dominios, em quanto poder considerar o reino da Noruega como inimigo, Sua Magestade o Imperador da Russia se obriga, ou por negociação, ou por cooperação militar, a unir o Reino da Noruega á Suecia. Obriga-se mais a garantir a pacifica posse delle a Sua Magestade Sueca.

As duas Partes Contratantes se obrigão a considerar a aquisição da Noruega pela Suecia como huma operação militar preliminar para a diversão na Costa da Allemanha; e o Imperador da Russia promette para este objecto, pôr á disposição, e debaixo das immediatas Ordens do Principe Real da Suecia, o corpo de tropas Russas acima estipulado.

As duas Partes Contractantes não querendo (huma vez que isto se possa evitar) fazer do Rei de Dinamarca hum inimigo, proporão a aquelle Soberano que annua á esta alliança, e offerecerão a Sua Magestade Dinamarqueza procurar-lhe huma completa indemnisação pela Noruega, com hum territorio mais contiguo aos seus dominios na Allemanha, com tanto que Sua Magestade Dinamarqueza ceda para sempre ao Rei da Suecia os seus direitos ao Reino da Noruega.

Caso que Sua Magestade Dinamarqueza recuse esta offerta, e se decida a ficar em alliança com a França, as duas Partes Contratantes se obrigão a considerar a Dinamarca como inimiga.

Como se tem expressamente estipulado que a obrigação de Sua Magestade Sueca para cooperar

com as suas tropas na Allemanha em favor da causa commum, não terá effeito senão depois que a Suecia adquirir a Dinamarca, ou por cessão do Rei de Dinamarca, ou em consequencia de operações militares, Sua Magestade o Rei da Suecia se obriga a transportar o seu exercito a Allemanha, segundo hum plano de campanha, em que se convier, logo que se houver effectuado o objecto referido.

As duas Potencias convidão a Sua Magestade Britannica para annuir e garantir o ajuste contido neste Tratado.

Por huma consequente Convenção, assignada em Abo a 30 de Agosto de 1812, a força auxiliar Russa deve ser levada a 350 homems.

B I O G R A P H I A.

Conde de Wittgenstein.

O Pai deste Heroe entrou no serviço da Russia, e era Tenente General no tempo da Imperatriz Catharina II, sendo empregado muito honrosamente nas guerras daquelle reinado. Era descendente da familia de Wittgenstein, da qual o ramo mais antigo hombrêa com os Principes do Imperio Germanico, e tem aquelle titulo. Foi primeiramente cazado com a Condeça Tinkenstein, tambem de huma familia de Principe em Allemanha; e sua segunda mulher foi huma Princeza Russa Dolgorouki, de quem não houve prole. O presente Conde Wittgenstein, seu filho da primeira mulher, esteve com seu Pai na Russia Pequena até a idade de 13 annos; em que foi levado para Petersburgo, e educado em caza do Feld-Marechal Conde Soltykoff, com tres filhos seus, entre os quaes o Conde Ale-

xandre tem creditos de hum eminente politico. O Feld-Marechal, que ainda vive, estava n'aquelle tempo encarregado da educação do actual Imperador e do Grão Duque Constantino. O pai do Conde Wittgenstein tinha estados, que lhe forão dados por seus serviços na Podolia, que o filho actualmente pössue, adquirindo mais alguns bens cazando com hum senhora de nome Snarsky, no Governo de Vitepesk. Ambos estes estados são de valor consideravel, ainda que as suas rendas não são proporcionadas ao presente estado do Conde, nem ao numero de sua familia, que se compoem de seis filhos e hum filha. Os seus ultimos serviços forão premiados com hum pensão liberal da Coroa. Desde o principio da sua carreira militar se distinguio como hum dos melhores officiaes da Russia, e agora he adorado pelos seus soldados como hum heroe, e igualmente respeitado pela sua Patria.

Obras publicadas nesta Corte no mez de Outubro.

ORação de acção de graças, recitada na Capella Real do Rio de Janeiro, celebrando-se o 5.^o anniversario da chegada de S. A. R. com toda a Sua Real Familia a esta Cidade. Por Januario da Cunha Barboza, Pregador da Real Capella, Professor de Philosophia &c.

O A. tomou o seu thema do Cap. 23 do Levitico, em que Moyses manda celebrar a liberdade do povo Hebreu no mez de Março. Deduz o seu exordio da gratidão, com que se deve corresponder á assignalados beneficios, comprovada com o exemplo que o texto lhe offerece, o qual compara com o desvello, com que a Providencia defendeu a S. A. R. dos laços cavillosos do Despota do Continente.

Passa depois a algumas reflexoens sôbre a justiça da causa, que sustentamos.

A 1.^a reflexão he fundada na depravação da França e preservação de Portugal, e de Hespanha; e deriva desta a expectativa de que a Peninsula devia ser o berço da liberdade do Continente. Esta teve principio na generosa resolução, com que S. A. R. sahio de Portugal.

A má fé comprovada por infracçoens de tratados, por violentas rapinas, por injustas invasoens, e mais que tudo pela nossa neutralidade illudida, he o argumento, que firma a sua proposição.

A figura, a que os Rhetoricos chamão Preterição, faz tocar levemente o jubilo dos habitantes desta Cidade no dia 7 de Março, realçado pela recordação (ainda que leve) dos assombrosos males, que se desviarão da Augusta Cabeça de S. A. R. A aleivosa prisão de Fernando VII he hum exemplo bem sensivel; em quanto por outra parte a derrota dos tyrannos em Vimeiro foi correspondida pela sua expulsa de Caena de que he hum devoto monumento a Imagem da Senhora da Victoria recebida na casa do novo Obdedon.

Reflecte então sobre as progressivas perdas dos inimigos nas tres differentes invasoens, sobre as victorias, que acompanharão as armas alliadas; dignas da grande causa: victorias que despertarão as naçoens, que seguirão o seu brioso exemplo para sacudirem o jugo estranho, que sobre ellas pezava.

Remata o seu discurso exhortando os ouvintes a que nos empenhemos por merecer a protecção do Ceo, evitando a corrupção dos costumes: e convidando-os ao justo rigozijo por tão digno motivo; e a supplicar ao Omnipotente a paz que dará mais realce á festividade daquelle dia memoravel.

Este ligeiro esboço dá huma' idéa muito imperfeita do Discurso. Os ornatos de eloquencia dão vida a este esqueleto, e o apresentam com todo o

seu garbo : por tanto só a leitura da Oração pôde dar ao Leitor o verdadeiro conhecimento do apreço , que ella merece.

O Juramento dos Numes , Drama para se representar na abertura do Real Theatro de S. João por D. Gastão Fausto da Camara Coutinho.

He tão importante o assumpto deste Drama , que mal nos permite fixarmos a nossa attenção no seu desempenho. Este trabalho vem mesmo a ser inutil , quando o Poeta na sua Advertencia declara que nas composições de este genero não se deve exigir o severo cumprimento dos preceitos Dramaticos : hajão vista a Voltaire , &c.

Se isto quer dizer que os preceitos do poema dramatico e lyrico são differentes das regras da Comedia e da Tragedia , he huma verdade innegavel. Se quer dizer que não tem absolutamente regra , que he poema de mera phantasia , os Mestres da Arte decidirão este ponto. Sei apenas que muitos Autores tem tratado este objecto com bastante critica. Admiro particularmente J. J. Rousseau , que empregou a delicadeza do seu juizo em observações analogas : citarei apenas huma , que he filha do bom senso. „ On sentit qu' il ne falloit à l'Opera rien de froid et de raisoné , rien , que le spectateur pût ecouter assez tranquillement pour reflechir sur l' absurdité de ce qu' il entendoit , &c. „ Quanto aos exemplos , eu respeito muitos nomes tão celebres para não annuir ao seu testemunho. Mas Pandora , e o Templo da Gloria do Tragico Francez , muitas de Metastasio , as bellas Psyche e Amphitrião de Moliere . sem duvida são assás regulares.

O estilo , (diz o mesmo Poeta) que sustenta hum pouco levantado , e por ventura in proprio da Poesia Dramatica.

A Poesia Dramatica, abrangendo diferentes ramos, susceptiveis de todos os estilos, não he facil saber qual lhe he improprio: a locução rasteira he vergonhosa na boca de huma divindade. Não entraremos no exame do estilo levantado; deixemos isso aos Poetas, que merecem este nome. *Vulgus profanum* não podemos entrar nos mysterios de Apollo. Nada avançaremos sobre a disposição do Drama pela advertencia apontada.

O muito, que estamos avezados á Camoens, nos fez conhecer huma imitação ou copia no papel de Venus: a sua falla a Vulcano tem seus laibos das Est. 39 e 40 do Canto 2.^o; a pag. 15 faz lembrar a Est. 33 do Canto 1.^o, com bastante saudade. Na pag. 17 pretende imitar Virgilio, dizendo

Nymphas quatorze, que a meu cargo tenho,
De tez nevada, e pudibundas faces

Hão de ser para vós, hão de ser vossas

Até aqui parece que o Poeta tem em vista o *Sunt mihi bis septem*, &c. ajuntando-lhe o que a meu cargo tenho, e a redundancia hão de ser vossas. He bellissima a imitação de Camoens no Canto 6.^o

Os litteratos estranharão sem duvida Brontes no singular — A ti, Brontes, &c. Nunca vimos senão no plural, e a ethymologia Grega *βροντη*, trovão, indica que o singular desta palavra he Bronte.

Não entreteremos mais o Leitor sobre hum Drama, que as Artes se empenharão em avultar. De passagem tocámos algum lugar, em que teve a *Lusiada* em vista, para não incorreremos inteiramente na censura de Montesquieu. *Ils (les journalistes) n'ont garde de critiquer les livres, dont ils font les extraits, quelque raison qu' ils en aient; et en effet, quel est l'homme assez hardi pour vouloir se faire dix ou douze ennemis tous les mois?*

Continuação do Estado da atmosphera.

Septembro.

Dia.	Ther. Graos.	Bar.			Tempo.
		Pol.	Vint.	Mil.	
20	74	29	13	42	claro
21	72½		13	38	chuvozo
22	74		12		pezado
23	68		15	26	claro
24	64		16	38	dito
25	64		18	4	
26	65		17	10	
27	76		15	10	
28	72½		15	12	chuvozo
29	71		17	18	claro
30	72		14	20	
31	72		12	20	ventozo

Outubro.

1	75	29	12	30	chuvozo
2	70		14	28	claro
3	70½		13	20	
4	73½		14	44	chuvozo
5	72		13	38	
6	68		15	30	
7	65		17	8	
8	67		18	48	
9	71		15	38	claro
10	71		16	18	
11	73		15		
12	71		13	30	
13	73½		15	12	pezado
14	71		16	30	

INDICE.

Memoria sobre os muros de apoio, ou muros, que servem de sustentar as terras. pag. 3

AGRICULTURA.

Memoria sobre a Cochonilha e o methodo de a propagar. offercida aos lavradores Brazileiros, por hum patriota zelozo, e amante da felicidade publica. 11

HYDROGRAPHIA.

Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, que tem feito o giro do mundo, e a necessidade de huma nova viagem do mesmo genero, &c. Por Joaquim Bento da Fonseca. Continuadas do N.º 3.º pag. 16. 19

ARTES.

Discurso do Doutor Duarte Ribeiro de Macedo, continuado do N.º 3.º pag. 34. 29

HISTORIA.

Continuação das Memorias Historicas sobre o Rio de Janeiro. 48

LITTERATURA.

Tradução em versos latinos do Ensaio sobre a Critica de Pope. 63

A Palinodia a Nize, Traduzida de Metastasio. 66

*Tradução de humá passagem do Poema da Imaginação, por Delille, em igual numero de versos que o Original. Por B.**** 70

- Ode improvisada, offerecida ao Senhor Alferes
Jacome Timotheo de Araujo, Commandante
militar da Villa de Paravatth.* 71
- Soneto ao alvoroço, e alegria, com que os po-
vos da Capitania de Minas Geraes esperavão,
e desejavão ver a Sua Excellencia o Illustris-
simo e Excellentissimo Senhor Visconde Mylord
Strangford, Embaixador de S. M. Britannica
junto ao Principe Regente Nosso Senhor, e que
pertendia viajar na referida Capitania.* 73

P O L I T I C A .

- Decreto Imperial de Napoleão datado a 18 de
Junho de 1813.* 74
- Decreto do Principe de Eckmuhl.* 76
- Finanças e Commercio da Gran Bretanha.* 77
- Tratado de Alliança e subsidio entre Sua Ma-
gestade Britannica e o Rei da Suecia, as-
signado em Stockolmo a 3 de Março de 1813.
(Remettido às duas Camaras do Parlamento,
Sexta feira 11 de Junho.)* 81
- Tratado entre a Russia e a Suecia.* 87

-
- Obras publicadas nesta Corte no mez de Outubro.* 90
- Continuação do Estado da atkmosfera.* 94

**O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.**

D O

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente,
Ferreira.*

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 5.º

NOVEMBRO.

**RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.**

1813.

Com Licença.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*



H Y D R A U L I C A .

*Memoria sobre o meio de desagoar ou esgotar as terras inundadas, ou enxarcadas por methodo facil e pouco despendioso. Por B.****

OS Holandezes, esse povo industrioso, e a que nenhum trabalho afronta, parecem ter conquistado ao mar o terreno, que povoão na Europa, indicando assim o fugir de entrar nos debates, em que andão os demais homens sobre a posse de terras, como se tão occupadas estivessem, que lhes faltassem.

Cumpria-lhes estudar Hydraulica, e vierão a ser os primeiros nessa sciencia; tinhão de obstar ás inundaçoens, e de esgotar as agoas, que enxarcavão os seus campos, e os meios, que empregarão forão os mais simples, consistindo em tirar o maior partido dos que offercia a natureza, e recorrer á Arte só quando aquelles faltavão. Referir a marcha das suas operaçoens nos esgotamentos, he a tarefa de que nos fazemos cargo, mostrando assim o caminho, que mais atilados espiritos tem de correr.

Para interprehender em grande esgotar hum terreno he preciso ter os olhos exercitados, e o talento d'observação, o que suppoem faculdades, de que nem sempre he prodiga a natureza, porém que a grande experiencia pôde suprir; assim antes de tentar a obra cumpre conhecer perfectamente o terreno, estudar a natureza do sólo, e os declives que elle pôde ter, fazer o nivelamento geral, e mórmente o das partes as mais baixas: grande numero de esgotamentos tem falhado, porque os terrenos sendo altos não tem dado sahida ás agoas, por ser o nivel dos canaes mui elevado, e he de

todas as faltas a mais irreparavel, porque só pôde remediar-se por via de maquinas dispendiosas.

Isto supposto, antes de principiar a obra observar-se-há se se podem conduzir as agoas a bacias naturaes, como sejam o mar, lagos, tanques, rios &c.; e em fim se se possuem, ou podem possuir os terrenos necessarios para os canaes; quasi por toda a parte existem essas bacias inferiores, mais ou menos distantes; pois que a natureza dispõe a terra de modo, que o homem pôde tornar o seu dominio util, e mesmo agradavel, querendo assim augmentar os nossos gozos, e fazendo-nos seus colaboradores, associando-nos a huma segunda criação.

Sobre tudo examine-se se a terra he calcaria, se areenta, se argilosa, se misturada &c., e por excavaçoens assegure-se da qualidade das camadas inferiores. Suponhamos os terrenos, os declives, as camadas superiores, e inferiores do sólo bem conhecidas, trata-se de pôr mãos á obra: supponho sempre que se pôde fazer conduzir as agoas para huma bacia, e que ha declive para ahi chegarem, destes esgotamentos he de que principalmente me occuparei, e não dos que exigem obras d'arte propriamente ditas, como aqueductos, pontes, eclusas &c.; escrevo para o simples lavrador, e não para as pessoas d'arte. No caso a que nos propomos, há dois objectos principaes que preencher:

- 1.º Conter as agoas exteriores.
- 2.º Vazar as agoas interiores.

CAPITULO 1.º

Meios de conter as agoas exteriores.

QUE meios se devem empregar para conter as agoas exteriores? Diques, ou paredoens, feitos com a mesma terra, porque se fosse preciso transporta-la, ou fazer obras de pedra e cal, creio que mui poucas terras poderiam produzir, com que se cobrisse a despeza. He necessario que a terra seja argilosa, ou misturada com argila, pois que sendo puramente calcaria ou arenosa, as agoas as atravessariam como por crivos; todavia se as primeiras camadas são taes, convém notar que as mesmas agoas, que inundão o terreno, prevão a sua presença nas camadas inferiores, ou de huma camada argilosa, ou de hum banco calcario inteiramente unido: porque de outro modo as agoas se perderião pela terra, e hirião nutrir essas numerosas fontes, que como outras tantas vêas circulão os terrenos, e vão para os grandes depositos ou reservatorios communs. Se se encontrão camadas d'arêa, ou pedras calcarias, se estas são misturadas de partes de terra vegetal, não se deve perder o animo, a arte então vem em socorro da natureza alteão-se então as leivas, ou paredoens, plantão-se sobre elles arvores, arbustos, e relva, e em breve tempo amaranhando-se as raizes consolidão o terreno; as folhas podres, os detritos dos animaes, as chuvas, os soes cobrem as leivas com huma camada de terra vegetal: e se a terra das leivas he muito solta e movei, cobrem-se de cannas, junços, e outras plantas aquaticas, sustentadas por estacas; deixão-se esses diques durante o inverno neste estado, todas as plantas apodrecem, e da terra vegetal, que deixão, com o despontar da primavera rebenta viçosa verdura.

Muitas vezes as agoas exteriores, que ameaçam

Os diques, se despenhão em catadupas das montanhas vizinhas, então muitos cortes transversaes, ou fossos paralelos, parão e quebrão a impetuosidade da torrente: de outro modo nas planices, muitas vezes as agoas se esprião, em lago, tanque, ou rio, e levadas pelos ventos rolão em vagas, que no curso accelerado, destruirião e vingarião todos os obstaculos; levantem-se então paredoens paralelos, que quebrem as ondas, e amparem o paredão principal.

Para conter as agoas da Durance na Provençe, oppozérão-lhe diques de terra arenoza, mas que continha algumas partes vegetaes, plantarão-se linhas de arvores aquaticas, e quando estas tinhão 3 annos, decotarão-se na altura de 3 pés: em breve tempo as cicatrizes se fexarão e as ramas cobertas de lodo e terras, que as agoas levão consigo, criarão logo raizes, e brotarão novos rebentens; forão-se todos os annos plantando novas alas de arvores da mesma maneira, e o rio foi assim obrigado a refrear as suas proprias agoas, e a experiencia provou que por este meio tão simples quebrou-se a força, a que não poderião resistir diques de pedra, e outras obras dispendiosas, que raras vezes enchem o fim, se o fundo sobre que pousão he muito mobil: he assim que o vime resiste ao furacão, que derruba o carvalho; he assim que com montes de arêa (dunes), e juncos, os Holandezes defendem grande parte do seu paiz, contra a violencia das vagas do mar.

Para construir os diques, ou paredoens, que como muro de circumvallação devem conter as agoas exteriores, he mister conhecer-lhe a força, calcular o volume das agoas, a rapidez da sua carreira, a direcção dos ventos, que pôdem augmentar o seu choque, a fim de lhe oppôr meios suficientes de defeza, como a altura e força dos diques: deve-se tambem fazer entrar em compensação a na-

tureza do sôlo ; se a terra he forte e argilozza , dar-se-ha menos espessura ou base aos diques , menos largura ao seu vertice ou coroa , e haverá menos terra que volver . Se as terras são calcareas , ou misturadas de detritos vegetaes , caso o mais ordinario , devem-se então talhar largos paredoens , e dar mais declive ás escarpas ; não he huma muralha de fortificação . em que se emprêga pedra ou alvenaria , não ha nem a escolha dos meios , nem dos materiaes não se dá a lei , recebe-se , e he força capitular com a natureza ; e eis a unica regra que se pôde prescrever . A força dos diques , ou paredoens , deve ser na razão composta do volume , das agoas , da sua rapidez , e da menor ou maior força , e da tenacidade das terras que servem para conte-las .

Para levantar os diques he preciso pô-los entre dois largos fossos , hum interior , outro exterior , dos quaes se tira a terra , que serve para formar a leira .

O fosso exterior , ou cinta , he destinado não só para dar a terra precisa ao alteamento do dique , mas tambem para receber as agoas de fora , vaza-las , ou conte-las . A contracinta , ou fosso interior , dá tambem terra para a construcção dos diques , como para sua conservação , ou ajuda dos canaes interiores .

Destes dados resulta que he preciso que as cintas , ou fossos , sejam mais largas , e mais profundas do que as contracintas ; que se devem poupar estas para poder-se tirar para o futuro toda a terra necessaria á reparação dos diques , que constantemente sofrem , e constantemente devem ser concertados , pois que ao menor descuido as agoas causão damnos , que custão muito a emendar , por isso mesmo que os obstaculos , que se lhes oppoem , augmentão e redobráo-lhes as forças , razão porque nunca he demaziada a recommendação de haver sempre hum deposito de terra ao pé dos diques : mui-

tas vezes alguns cestos de terra lançados em lugar conveniente obstão a huma grande inundaçãõ, em quanto o proprietario descuidado por essa pequena falta (que pelo accidente se torna irreparavel) vê seus campos inundados, e malogrados os trabalhos da sua cultura.

C A P I T U L O 2.º

Canaes interiores.

BEm que este seja o caso em que o trabalho deve socorrer a natureza, he preciso sempre que grande conhecimento do sólo o alumie: assim traçando-se hum canal interior, devem-se considerar tres coizas; o nivel das partes mais baixas do terreno; a natureza do sólo, o volume das agoas, que se devem esgotar. O canal ha de não só poder conter as agoas, que se tem de esgotar, mas as que pôdem crescer, e como se não adivinha o volume, a prudencia pede que se lhe deixe espaço para pode-lo alargar: poem-se dois trabalhadores ás bordas delle, os quaes recebem a terra em pás, e a lanção a dez passos distante, e esta despeza, que não he grande quando a falsa economia a despreza, chegando a ocazião de alargar o canal, vem a ser immensa, e o trabalho as vezes impraticavel; tendo de mais em seu favor aquella medida o facilitar a limpeza dos canaes, não se tendo de levar a grande altura o limo, terras &c, que então se tirão do fundo.

O nivel das partes mais baixas do terreno, he a operação mais complicada nestas empezas, devem-se conhecer bem 1.º o nivel comparativo das partes as mais baixas e mais altas do solo. 2.º a queda ou declive que se pôde dar ao canal geral, para que leve as agoas á bacia natural destinada á recebe-las: e do exame destes dados depende a so-

lução da questão seguinte. — Póde-se fazer o esgotamento completo sem empregar maquinas ou obras d' arte. — Com effeito se em hum terreno, que se ha de esgotar, achão-se partes muito abaixo do nivel geral, evidente he que para recolher as agoas seria necessario dar tal declive aos canaes, qué então mais não podessem conduzir as agoas para a bacia natural.

Ha então dois partidos que tomar; ou apartar as partes inundadas, e fazer tanques, ou muda-las em prados: se fazem tanques, a arte não he necessaria senão para conter as agoas por meio de diques. Se se mudão em prados, he forçoso empregar maquinas como o *pouldre Hollandez*, o *belier hydrocelico*, a nora, o parafuzo de Archimedes &c, para levar a agoa aos aqueductos, que as conduzem ao canal geral, poucas terras valem (como dice) esta despeza, mas a salubridade publica muitas vezes a exige. O declive do terreno, por onde deve correr o canal, he o primeiro dado do problema; este he ou mui rapido, ou mui lento, ou nullo, ou desigual. Se mui rapido, Basta serpentar o canal, e faze-lo circular, então tornando-se mais longa com torcicolos, he pouco sensivel. Este meio supre ás vezes as Ecluzas e outras maquinas, que são de despensioza construcção, e entretimento; e he demais util para se hir buscar a agoa das partes as mais baixas; huma simples nora, basta para lançar a agoa no canal geral, e a maquina mesma he posta em acção pela corrente das agoas.

He hum prejuizo o querer que os canaes ge-raes sejam sempre rectos; pelo que se falha hum esgotamento, ou se não opera mais do que com o soccorro de maquinas caras: nas duas hypotheses que offerecemos, evidente fica que se devem preferir os canaes sinuosos. Porém acontece que muitas vezes, feito o esgotamento, ache-se o fundo da terra areento, ou nimiamente compacto; se em taes ter-

renos se praticão os canaes sinuozos , o curso demorado das agoas multiplicando as superficies , augmenta os orvalhos bemfeitores , que dão vida ás plantas , verdor aos pastos &c.

Se o declive he mui lento basta afrouxar momentaneamente o curso d' agoa por meio de açudes , ou tapumes moveis , e alteando-se as agoas , tornão-se mais rapidas , e fazem sobre as partes inferiores o efeito de huma repreza , ou cascata ; e então he inutil dizer que os canaes os mais direitos são os preferiveis. Declive nullo ou irregular quasi nunca existe em terrenos que se devem desagoar ; são de ordinario grandes bacias que as mesmas agoas tem nivelado , e perto se achão bacias inferiores e naturaes , e o trabalho todo então está em abrir o canal , que deve communica-los. Se os terrenos inundados o são por lagos ou rios que trasbordão , então basta elevar as margens , e cavar hum canal interior e parallelo ao rio , o qual lhe vá entregar as agoas , que elle recuzava aceitar , á algumas braças mais abaixo. He assim que o genio sabe ás vezes modificar em sua vantagem as mesmas leis da natureza , que he só rebelde quando se lhe quer impôr , e afrontar a sua immutabilidade. Quem acreditaria , se a experiencia não fosse , que basta ás vezes cavar sumidouros ou esgotadouros em hum terreno , que se quer secar , e furar a camada de terra , que continha as agoas superiores ? ellas perdem-se em os bancos de pedra , ou area ; desaparecem , e vão unir-se ás fontes que fertilizão as terras.

Os canaes secundarios , ou ramificaçoens dos principaes , pôdem ser augmentados , diminuidos , alterados , segundo convier , e por isso menos importante he a sua construcção , e o que mais cumpre observar a cerca delles he : 1.º construir á embocadura de cada hum delles a maquina de alcatruzes , ou especie de nora , que serve para reter as

agoas, que he preciso fazer correr para outra parte, e sem esta precaução acontece que huma parte he inundada, em quanto outra sofre grande secca. 2.º He uzo conhecido em Inglaterra, e Rozier o recomenda, o entulhar os fossos secundarios ou regos, com pedras, e com 15 a 16 polegadas de boa terra, e assim não ha perda de terreno, e as agoas escoão por caminhos secretos; mas nós não aprovamos esta pratica, 1.º porque tira-se aos animaes o embarço, que tinhão para vir ás plantaçoens, 2.º nos terrenos aridos, privão-se estes dos vapores inapreciaveis, que se levantão das superficies das agoas. 3.º não se tem essas plantas aquaticas, que bordão os canaes; e que sustendo as terras, atrahem o orvalho, e a frescura, e decompõem ou absorvem o ar mephitico e pestilento.

Assim por toda a parte, onde se tem de expurgar o ar e torna-lo sadio, onde importa conservar, e trazer a frescura onde convem preferir prados a sementeiras, conservem-se os canaes secundarios descobertos, e adoptaremos só o methodo Inglez, nas terras mui regadas, ou destinadas a sementeiras: não levemos muito longe a imitação, sejamos como os Romanos que só adoptavão dos outros povós o que podia conyir a seus costumes ou á sua politica.

A pezar de me não propôr a fallar dos esgotamentos por via de maquinas, com tudo algumas dellas são indispensaveis nos que se fazem por meio de diques e canaes de que tratamos: he mui raro que na embocadura de cada canal geral se não seja obrigado a construir huma *Ecluz*a ou repreza, com porta, ou outra obra deste genero, indispensavel sempre em todos os esgotamentos, que vão desagoar ao mar, a fim de obstar ao fluxo das marés, que farião retrogradar as agoas, tambem o he nos lagos, tanques, ou rios, cujas agoas crescem. He preciso trazer á lembrança que se he conve-

piante vazar as agoas no inverno, importa retelas no verão a fim de entreter a util frescura, e de alterar os gados.

Está muito em pratica construir nesses canaes açudes de terra, sustentados por estacada, uzo detestavel, que se deve prescrever: 1.º porque nunca se podem demolir perfeitamente, deixando sempre o canal damnificado: 2.º em grandes enchentes em consequencia de tempestades, muitas vezes não há tempo de demoli-los, e inunda-se tudo: 3.º por esse meio se não pôde governar o volume das agoas, e he forçoso ou soltar, ou reter todo. Devem-se em lugar dos açudes de terra construir portas, que abrindo-se e feixando-se, podem governar o curso e volume das agoas.

Taes são os principios geraes, que se devem seguir nos trabalhos de esgotar, ou desagoar as terras, aos quaes deve acompanhar a experiencia e habito, para que o exito não seja duvidoso. Da lição dos que desta materia tem tratado, do que vimos, e mormente do que aprendemos de Mr. Chassiron, de quem são a môr parte destas idéas, podemos afaçar a justeza dellas.

Cumpre que todas as partes secundarias concordem com o todo, e tudo esteja em harmonia e proporção. que o volume dos canaes seja proporcionado á maça do liquido, e nenhum encalhe deve haver a fim de que a circulação seja perfeita.

Com o esgotamento das terras encharcadas ou inundadas, ganha-se terreno perdido, purifica-se o ar, e que mais pôde fazer o homem, do que dar vida a aquelles sitios, que a natureza parece ter deixado ao seu genio, mostrando-lhe o meio que tem de cooperar com ella, e com ella terminar e embelezar a grande obra? Que mais pôde o homem do que ver por effeito do seu trabalho transformados em ricos prados, fetidos brejos; e o pestilento ar em sadio, dar a saúde e vigor ao triste

lavrador que languencia, com os canaes abreviando as distancias tornar mais estreitos os abraços, com que o commercio ajunta as mercadorias, para manda-las aos pontos diversos do mundo que as pede? Com que nobre altivez não dizia o maior dos Czars

Em Cidades tornei fetidos brejos,
E fiz dos charcos resurgir o Imperio.

J'ai su
Transformer en Cités des fetides roseaux,
Et fonder un Empire où croupissaient les eaux.

N. B. Mr. Critté-Palluel imprimio em París em 1789, huma memoria que em 87 tinha sido premiada pela sociedade d'Agricultura de Laon; e nella trata do modo de desagoar os prados, e terrenos pouco extensos, e não do esgotamento em grande; ajuntando ás melhores idéas sobre a materia, huma exacta nomenclatura das plantas e sementes, que se devem empregar nessas sortes de obras; essa memoria, ou em sua falta, o que eu publiquei a cerca do methodo empregado em o desagoamento dos lagos de Coquenard, e de Epinaï em S. Diniz, junto ao que aqui offerecemos aos lavradores, parece-nos que poderá bastar para hum homem habil intentar, e executar huma obra da natureza das de que tratamos.

Esta Memoria, que nos offerece o nosso Sabio amigo, será publicada no N.º seguinte.

HYDROGRAPHIA.

*Continuação das Reflexoens sobre as viagens dos
mais celebres navegadores, continuadas do
N.º 4.º pag. 19.*

Ilhas de Queirós.

AS Ilhas descobertas por este navegador antigo, denominadas S. João Baptista, S. Elmo, os quatro coroneis, S. Miguel, a conversão de S. Paulo, não tem sido até o presente procuradas. Ellas comprehendem hum espaço de 7º em longitude, sobre 10º de latitude, que não tem sido trilhado por nenhum dos navegadores modernos.

A Ilha da bella nação, descoberta na dita viagem, da mesma fôrma ainda não se encontrou; a derrota do Capitão Carteret em 1767 teria decidido a sua verdadeira posição, porém este navegador cortou os meridianos proximos á posição media em que se situa, pelo paralelo de 10º, isto he 1º mais ao Norte, e he de esperar que correndo-se pela latitude de 11º, pela fôrma que exporei sobre o plano, que se deve seguir a estas observaçoens Geograficas, se encontre a Ilha, cujos habitantes Queirós tanto elogia; e para melhor deducção do que fica dito eu exponho aqui as fôrmas palavras de la Perouse, quando cruzou a parage proxima do Archipelago referido.

„ A 2 de Dezembro de 1787 nós passámos
„ justamente sobre o ponto assignado á Ilha do
„ Perigo, (de Byron), e não vendo signal de terra,
„ julguei, que se lhe devia conjecturar huma longi-
„ tude mais oriental, visto que a época da desco-
„ berta he anterior ás distancias lunares: no dia 3
„ a latitude foi de 11º 34' Sul, e segundo as nossas
„ observaçoens de distancias, estávamos para Leste
„ da Ilha da Bella nação 1º 00': nós dezejavamo

,, correr alguns grãos para o Oeste , a fim de a
 ,, encontrarmos , porém os ventos , que sopravam
 ,, directamente desta parte , me impossibilitarão o
 ,, projecto desejado , visto que a Ilha está posta
 ,, sobre as cartas de humna maneira pouco propria
 ,, para a procurar bordejando. Por consequencia apro-
 ,, veito-me destes ventos para cortar o paralelo das
 ,, Ilhas dos navegadores ao Oriente. ,,

Continente Austral. Opinião de Cook.

A Existencia do Continente Austral , apoiada pela
 relação do Capitão Paulmier de Gonneville , o qual ,
 querendo dobrar o Cabo da Boa Esperança , soffeo
 humna tormenta terrivel que o obrigou a correr
 por muitos dias , de maneira que de repente se
 achou á vista de humna terra , onde largou ancora ,
 fez que da Europa partissem em 1738 dous navios
 o Aguia , e Maria , commandando a expedição o
 Capitão Bouvet , a fim de se assegurarem daquella
 descoberta , de sorte que este navegador , depois de
 humna trabalhosa navegação , descobrio em o 1.º de
 Janeiro de 1739 terra sobre o paralelo de 54º ,
 mas os gelos , as nevoas , e os furacoens , o impossibi-
 litarão de poder hir á terra , e de estender a des-
 coberta , a qual não obstante foi denominada por
 Bouvet Cabo da Circumcisão , e situada a 53º 45'
 ao Oriente do meridiano da Ilha de Santa Cathari-
 na (Brazil) , Porto ultimo da sua sahida. Tal noti-
 cia confirmou a operação favorita do Continente
 Austral.

Em 1771 sahirão da Europa os navios Mascarenhas , e Castries a transportar á Ilha do Otayti , o insular , que o Conde de Bouguainville tinha trazido para a Europa , e na sua derrota do Cabo da Boa Esperança para a nova Zelandia , encontrou dous grupos de Ilhas pequenas , totalmente aridas , e isto no paralelo de 46º e 46º½.

Pela mesma epoca o navegador Kerguelen's descobriu pela latitude de 49° , e mais para leste huma terra mais extensa, a qual foi inteiramente reconhecida em 1774 na viagem de Pages; esta terra fórma algumas abras: porém como estas descobertas erão feitas em latitude muito mais septentrional, que a correspondente ao Cabo da Circumcisão, a opinião de que este Cabo era a ponta de hum Continente tomou nova força, de maneira que Cook, logo que sahio do Cabo da Boa Esperança, dispôz a sua derrota a fim de reconhecer aquella porção continental, mas antes que este Capitão chegasse ao seu paralelo, soffreo hum vento tempestuoso, que o fez botar muito para Leste; porém a vista de grandes Planos de gelos, comparados com aquelles da Groenland o fizeram capacitar, que a terra não estaria longe, e que ficaria ao Sul do ultimo Plano gelado, de sorte que Cook navegou para o Sul com tenção (não encontrando terra ou outro qualquer obstaculo) de ganhar a ultima planicie de gelo, e determinar de huma vez aquella incerteza dos phisicos relativa á opinião geral de que os gelos se fórmão nas Bahias e Rios.

Em o 1.º de Janeiro virão a lua, que depois da sua sahida do Cabo não tinham tido aquella consolação e pelas observaçoens de distancias, que então se fizeram com grande prazer, se deduzio a longitude de $9^{\circ} 34'$ oriental, a tempo que o Chronometro de Kendal os situava em o meridiano de $10^{\circ} 06'$, sobre o paralelo de $58^{\circ} 53'$, e como esta longitude he pouco mais ou menos aquella do Cabo da Circumcisão, Cook recomendou huma vigia attenciosa, de maneira que ao pôr do sol (diz este navegador) estavam para o Sul da sua latitude 55 legoas, e o tempo claro de tal fórma, que se podia ver huma terra, que estivesse de 14 a 15 legoas de distancia: por consequencia julgou que o

Capitão Bouvet se tinha enganado, tomando por terra aquellas montanhas, bancos e pedaços flutuantes de gelo, que muitas vezes o havião tambem enganado: a 17 de Janeiro passarão o circulo Polar Antartico, para a parte do Polo, e então contarão 38 Ilhas de gelo grandes e pequenas, além de hum grande numero de outras flutuantes, que lhe servirão de inconveniente de avançar mais para o Sul, pois não havia apparencia nenhuma de abertura na direcção de E-O, de sorte que este encontro fez pensar a Cook o ser imprudente avançar mais longe, visto que já a estação estava adiantada; pois do contrario elle dezerjaria navegar á roda da planicie, suppondo ser praticavel. Porém á vista daquella circumstancia e das noites escuras, elle determinou diminuir de paralelo, e continuar a navegar para a Nova Zelândia, e depois desta escala Cook terminou a roda do Globo, sobre as latitudes mais elevadas do Hemisferio Meridional, sem encontrar signal de terra. Mas apezar do que fica exposto, eu observo pelas recitas deste grande navegador, que elle está inclinado a crer, que do Polo meridional para o Norte, há humia terra extensa na direcção do Oceano Atlantico Austral, e Indico, pela razão de ter sempre encontrado gelos nestes dous mares em parallelos muito menores, que em a travessa do grande Oceano meridional. E com effeito os navegadores, que tem dobrado o Cabo de Horne, tem achado muito poucos para menos dos 60^o, a tempo que em a parte correspondente á Africa, se achão com abundancia aos 51^o, e o Capitão Bouvet os encontrou aos 48^o, desorte que Cook diz que a parte Septentrional do Continente Polar não deve estar longe do lugar que elle cruzou, e mesmo se vê claramente pelo seu discurso nautico, que a ruina do aparelho do navio, e o adiantamento da estação forão os motivos de não rodear os gelos, que se lhe apresenta-

tão ao cortar o circulo Polar, e ainda mesmo depois que diminuirão, até os 61° . Elle dezejava tornar pela segunda vez a passar para o Sul do circulo Polar, porém a separação do navio Aventura, que teve lugar alguns dias antes, foi a circumstancia, que se oppôz ao seu plano.

Terra e Porto de Drak, e inutilidade de indagação.

FRANCISCO DRAK foi o primeiro Inglez, que passou o estreito de Magalhaens para a travessar o grande Oceano, e alguns dias depois da sahida do estreito, soffreu huma tempestade muito violenta; de maneira que no fim de hum mez de navegação, avistou huma terra alta, que elle desconhecia, na qual achou hum porto, onde largou ancora.

As relações, que se tem publicado da viagem deste navegador, (celebre entre os Inglezes por ser o primeiro da sua Nação que seguiu as pizadas do nosso immortal Magalhaens) diferem entre si nos pontos mais essenciaes da navegação de Drak, isto he sobre a terra e Porto descoberto á parte meridional do estreito, de sorte que alguns Geographos a situão sobre o paralelo de 57° a 150 , e 200 legoas do Cabo de Horn, e outros em a latitude de 60° , e até dentro do Circulo Polar. Tal he a differença de posiçoens, e isto em latitude, que fará em longitude? Porém com tudo, para melhor se concluir que he huma terra fantastica a que se acha desenhada em algumas cartas sobre os parallelos, e meridianos referidos, eu passo a expôr as formaes palavras de Nuno da Silva, que Drak tomou a seu bordo na Ilha de Sant-Iago, para seu Piloto, a relação do qual Silva se acha inserida na Collecção das Viagens da Nação Ingleza, publicada em 1600 por Hackluyt.

„ Nós sahimos (diz Silva) do estreito em o L^o

de Setembro de 1578, e prolongando a Costa do Sul, fizemos derrota ao Noroeste por tres dias, porém no 3.^o nos sobreveio hum vento muito forte do NE, que fomos obrigados a correr ao OSO, por dez dias com muito pouco pano, e como depois crescesse mais, continuámos a mesma navegação em arvore seca, e no dia 24 perdemos de vista o navio Izabel Capitão Winter: a este tempo o vento era menos forte; por consequencia navegámos para o Nordeste, e continuando por esta direção, avistámos ao setimo dia algumas Ilhas, em que o tempo não nos permittio ancorar e como o vento a esta epoca soprava do Noroeste, nós governámos para OSO. No dia seguinte 1.^o de Outubro o tempo foi bastantemente máo, de maneira que perdemos de vista o outro navio, que era o unico que ainda restava em nossa companhia, e a tormenta foi tal que nos fez chegar até os 57^o de latitude, por cuja altura abordámos a huma Ilha, que apresentava huma abra, onde fomos largar ancora em 20 braças a pequena distancia de terra, e onde estivemos tres dias, no fim dos quaes o vento passou ao Sul, e nos fizemos de vela, e navegando para o Norte por dois dias, avistámos outra Ilha inhabitada, defronte da qual ancorámos: no dia seguinte suspendemos, e dirigimos a derrota ao NNE e Norte, até que chegámos á vista da Ilha Mocha. ,,

Tal he o que se deduz da Relação de Nuno da Silva, Piloto da expedição do Almirante Drak, á vista da qual, e outras que não concordão entre si, se conclue que a terra e Porto de Drak, que os geographos tem assignalado sobre as cartas, a 200 legoas do estreito de Magalhaens, e os parallelos de 57^o, 60^o, e até em o mesmo circulo Polar, não são outras mais, que o grupo de Ilhas, que fórmão a parte do SO da terra do fogo; pois eu vejo claramente que Cook na sua 1.^a viagem, tendo descoberto o Cabo de Hórn, e a Ilha de Diogo Ra-

ramires, fez derrota ao Sudoeste até os 60° de latitude, e daquelle paralelo mudou de direcção navegando por diferentes rumos até o paralelo de $52^{\circ} 30'$, o qual passou pelo meridiano de $60\frac{1}{2}$ ao Occidente da entrada do Oeste do estreito, sem que neste espaço descobrisse o menor signal de aproximação de terra; na sua segunda viagem, quando a Aventura se separou (pela 2.^a vez), o Capitão Furneaux determinou a sua derrota a cortar o paralelo do Cabo de Horn, a 200 legoas para Oeste do estreito, de cuja posição navegou para Leste entre o 61° , e 62° de sorte que entrou no Oceano Atlantico Meridional, sem ter visto o menor signal de terra.

La Perouse em Fevereiro de 1786, fazendo derrota para a Ilha de João Fernandes, passou sobre a posição assignalada á terra de Drak, sem tambem nada ter visto, que indicasse aproximação de alguma Ilha. He verdade que este navegador perdeu muito pouco tempo em procura-la, vistas as derrotas de Cook e Furneaux.

O Capitão Marchand tambem cruzou a parage referida em 1791: por consequencia a abra, onde Drak fundiou, não pôde ser outra, que a Ilha de Diogo Ramires, situada com pouca differença sobre a latitude da pretendida terra, pois áquella epoca a terra do fogo não era conhecida, quero dizer a sua parte meridional, e de mais nós vemos que Schouten e Maire não acharão o estreito, a quem derão o nome do ultimo, senão em 1616, (epoca muito posterior áquella de Drak) porém sempre persuadidos que no Hemisferio do Sul, haviam terras até proximo do Polo Antartico, da mesma forma que nas proximidades do Arctico; por consequencia não he impossivel que Drak, depois de hum mez de navegação da sahida do estreito, fosse lançado pelas correntes 10° ou 12° para Leste da sua estima, como succedeo a outros navegadores mais mo-

dermos, que aquelle Almirante; e se nós reflectirmos que hum daquelles navios, que se separarão, tornou a entrar o estreito, tendo tomado a bordada do Norte, ficará provado que Drak não tinha feito tanto caminho para Oeste, e que a sua terra e porto, não pôde ser mais, que a Ilha de Diogo Ramires, e os grupos do Sudoeste da terra do Fogo.

Penso ter mostrado (ainda que por meios confusos, e mesmo falta de expressão) os pontos Geographicos, de que ainda nos achamos em trevas, accrescentando sempre, que para as expedições que se tem feito para reconhecer as partes do Oceano Equatorial, se se tivessem empregado embarcações mais pequenas, talvez tivessemos adquirido hum conhecimento mais particular dos differentes Archipelagos, pois não me posso esquecer do naufragio da Fragata Pandora, a qual tendo sido expedida para hir á Ilha do Tayti, submeter e trazer á Inglaterra a equipagem da Corveta Bounty, que se tinha revoltado em Abril de 1789, debaixo do commando do Capitão Bligh, afim de serem punidos, succedeo que no seu regresso, querendo tentar a passage entre a Nova Guiné, e a Nova Hollanda por huma latitude menor que a do estreito de Endeavour (indagador), provou hum triste acontecimento: esta resolução do Commandante da Pandora jámais podia ser admissivel, visto saber-se que para o Norte do Estreito de Endeavour não pôde haver mais que canaes, e cuja indagação relativa ás entradas e direcções, não pôde ser feita senão por pequenas embarcações costeando a terra de Guiné e não por huma fragata como a Pandora, procurando semelhante passage, como se fosse demandar huma Ilha em alto mar, e mesmo bastava recordar que a Frota do Almirante Drak se compunha de 5 embarcações de tal capacidade, que a guarnição total de toda a chamada Esquadra crão 264 homens. Ora se já no tempo de

Drak, ainda as embarcações, que partião da Europa para circumdar o Globo, erão de tal lotação, que tal seria o lote daquellas de Queirós e Luiz Vaz de Torres, cuja expedição teve occasião poucos annos depois, e não partindo da Europa, como Drak, mas sim da Costa do Perú, sendo o projecto de Queirós e Torres não se apartarem para fóra da Zona Torrida? Pois estou bem certo que o commandante da Fragata Pandora dezejava achar aquella passage entre a Nova Guiné, e a Nova Hollanda, em consequencia do diario de Torres, do qual se deduz que este navegador separando-se de Queirós, passou entre aquellas duas terras em 1606 ao longo da Costa meridional de Guiné; da mesma maneira que Cook fez, porém encostado á parte Septentrional da nova Hollanda.

Joaquim Bento da Fonseca.

MINERALOGIA.

Memoria sobre a ultima irrupção volcanica do Pico da Ilha do Fogo, succedida em 24 de Janeiro do anno de 1785, observada e escripta, por João da Silva Feijó, Naturalista, que foi encarregado, por Sua Magestade, do exame Phisico das Ilhas de Cabo Verde. Lisboa 1797.

*Vidimus undantem raptis fornacibus Ætream,
Flammarum que globos, liquefacta volvere saxa.*

Virg. Georg. L. 1.º v. 472.

P R E F A Ç Ã O.

PArece que a providencia, pela paixão, que tenho ao estudo da Mineralogia, quiz benigna satisfazer a meus desejos, mostrando-me o horrivel espectáculo, que huma irrupção volcanica offerece, na continuação de minhas viagens Filosoficas. Até alli parecia-me, que pela lição dos mais celebres contempladores da natureza, tinha adquirido assás idéas para comprehender a theoria da Fisica subterranea, e descobrir sobre as differentes produçoens, que constituem o estudo da Mineralogia, particularmente a volcanica, porém desvanecerão-se as minhas presumpçoens á vista do tocante quadro, que ella me fez na ultima irrupção do Pico da Ilha do Fogo, succedida em 24 de Janeiro de 1785.

Que pintura eu não traçaria hoje, se soubesse manejar o delicado, e subtil pincel de hum Pindaro, ou de hum Virgilio! Os horrosos urros, e estampidos no interior das montanhas da Ilha, que ferindo os ares, fazião tremer toda a terra; as aberturas de multiplicadas bocas, que a cada passo se abrião, vomitando com furia as mais vivas, e ardentes chammas, parecendo quererem incendiar todo

O universo ; os corpos de diferentes tamanhos involvidos em negro, e espesso fumo, que expellidos do interior do Pico, e subindo ás nuvens mostram atacar os Ceos, e apagar a luz do Sol, cahindo depois na mesma fornalha subterranea ; os tocantes, e enternecidos clamores dos espavoridos habitantes, que pensavão ser o ultimo, e desgraçado termo de suas existencias ; o espanto dos outros animaes, que sem tino corrião precipitadamente a escapar a vida ; a diversidade em fim de produçoens, que depois se deixárão ver, servindo humas de ornamento o mais vistoso, e mozaico das grutas, e cavernas, e outras de formalizar novos terrenos &c. dando nesta variedade de idéas vastissimo campo ás serias contemplaçoens do Filosofo : todas estas vistas digo eu, serião sem duvida sufficientes para o mais vistozo, e curioso quadro ; porém satisfeito em cumprir com os deveres de fiel observador, passo a relatar, o mais claro que me for possivel, quaes fóraõ os phenomenos, e produçoens d'esta nova irrupção, e qual seja a utilidade que dellas poder-se-hia tirar com vantagem do Estado, e daquelles miseraveis Insulares. Tal he o objecto do seguinte discurso, a que chamo memoria sobre a ultima irrupção do Pico volcanico da Ilha do Fogo, para servir de suplemento á Historia Filosofica da mesma Ilha, e de Index á pequena colleção das amostras das mesmas produçoens, que eu hoje tenho a honra de offerecer para o Muzeo da Real Academia das Sciencias, como o mais diminuto signal do meu agradecimento na certeza, porém de merecer de tão Sabio, Illustre, e respeitavel Congresso *veniam pro laude.*

Memoria sobre a ultima irrupção volcânica do Pico da Ilha do Fogo.

§. 1.

O Pico volcânico da Ilha do Fogo, que desde o anno de 1769 estava como extinto, acaba ultimamente de fazer huma nova irrupção a 21 de Janeiro de 1785 pelas onze horas do dia.

§. 2.

Huma grande commoção subterranea, que abalou, e se fez sentir por toda a Ilha, com fortissimos estrondos no interior do Pico, como trovoens, fez o primeiro signal desta irrupção.

§. 3.

Depois do que (§. 2.º) abriu-se o Pico perpendicularmente, e lançando de si em golfadas torrentes de escorias, cinzas, e pedras, tornou a fechar-se, ficando no seu primeiro estado.

§. 4.

Nesta situação, ou combustiveis (como o enxofre, o pyrites, e substancias calcareas) incendiados por effeito de huma fermentação particular, ou diferentes gazes dilatados, (productos da decomposição do ar, e da agoa por aquelle mecanismo natural pela absorbição de seus oxigeneos) circulando oprimidamente no centro daquella fornalha, e correndo por onde menos resistencia encontravão, forão abrindo por toda aquella montanha, até ao mar, de espaço em espaço, da parte de ENE diversos rombos, por onde sahirão torrentes de fogo, immensa quantidade de lavas, humas queimadas, e outras derretidas, cinzas, e fumo, que levadas ao ar fazião escurecer todo aquelle circuito, sendo para notar o não correrem estes fluidos para o lado

opposto, onde se diz Monte de Aipo, em que se encontram antigas crateras, que forão abertas na antecedente irrupção do anno de 1769.

§. 5.

Justamente na boca do Pico da parte de Leste; aonde chamão os naturaes Monte de Losna (outro antigo monticulo, e cratera volcanica) se abrirão as principaes, e as mais profundas bocas, pelas quaes sahio a maior força, e quantidade de incendio, e de lavas, que derão origem a quatro novos montes immediatos huns aos outros junto ao Pico e na mesma direcção.

§. 6.

Estes novos montes (§. 5.) tambem se abrirão verticalmente; e lançarão de si immensa quantidade de lavas, as quaes descendo pelo lado de ESE, se dividirão em duas como ribeiras de fogo, das quaes foi huma entulhar hum grande, e profundissimo valle chamado Ribeira de Antoninha, e outra passou a alargar hum dilatado plano inclinado, denominado Relva, onde havião algumas cazas, e plantaçoens de Algodoeiros, Vinhas &c., ficando a maior parte servindo de alicerce á mesma lava.

§. 7.

As que forão expellidas das bocas, que se abrirão da parte de ENE, desde o monte denominado de Domingos Fernandes, até outro junto ao mar, que se diz de João Martins, inundarão tambem muita porção de terreno, e as que sairão da ultima boca em João Martins, forão até entrar pelo mar dentro mais de vinte lanças, fazendo alli naquella Costa, onde antes era huma enseada com fundo de quatro para cinco braças, huma ponta de pedra queimada assás alta.

§. 8.

Até aqui são os phenomenos observados nesta irrupção, que durou até 25 de Fevereiro seguinte, sendo a sua maior violencia nos primeiros sete dias successivos, continuando com tudo o fogo, ainda que mais central, porém sempre bem sensível particularmente nos quatro novos montes, (§. 5.) em que he intensissimo o calor na superficie do terreno, e nas suas bocas, as quaes são como a do Pico ellipticas, e terminadas inferiormente como hum funil.

§. 9.

A materia, que geralmente tem sido expulsada, parte he huma lava preta pezada cheia de pequenos buracos vitrificada, e com alguns cristaes de Schords embutidos, (amostra, n.º I.) constituindo huma como pedra *agregada*; tal he a que tem corrido principalmente pelo sitio da Relva, (§. 6.) e que junto com outra sorte mais vitroza, preta, pezada, e sem cristaes de Schords, tem entulhado a Ribeira d'Antoninha (§. 6.) em massas enormes; (N. 2) outra sorte de lava veio tambem em estado de fluidez, correndo porém lentamente á maneira de metal derretido, formando no seu curso grossos bancos em ondas ôcos interiormente; constituindo dilatados canaes, e abobadas de seis até oito palmos d'altura, sobre dez para doze de largura. Tal he a lava, (N. 3.) que sahio dos montes, que correrão de Domingos Fernandes até João Martins, a qual quanto mais central, mais densa, compacta, e dura se observa a sua massa.

§. 10.

Por entre estas, (§. 9) se encontra outra sorte de lava, (N. 4.) como vidro fundido, semelhante na sua côr, e grão a do n.º 2.; e por

cima de todas estas sortes, ainda correo outra tambem preta, porém mais leve, espumosa, e em forma de escora metalica (N. 5.), effeito que parece provir da compressão do ar no seu interior, o qual constituindo no meio desta torrente de lava grossas bolhas, veio depois a fazer a sua superficie aspera, cavernosa, desigual, e a massa mais leve. Esta lava, que á primeira vista se assemelha á materia dos cadilhos de Allemanha, foi formando no seu curso varias configuraçoens curiosas.

§. 11.

As bocas, que se abrirão no monte de Domingos Fernandes, são interiormente revestidas de vistozas configuraçoens de lava tufacea vermelha, e preta, (N. 6.) effeito talvez procedido de haver alli sido o fogo mais activo, e mais duravel.

§. 12.

As materias, que forão expellidas quando o Pico se abriu, (§. 3.) são parte huma escora preta, friavel, e miuda, (N. 7.) parte, outra escora mais grossa, e de diversas cores, (N. 8.) parte finalmente humas pedras em grossos pedaços leves, porosas, e no interior cheias de buracos á maneira de hum favo de mel, e denegridas, (N. 9.) que parecem ser huma especie de Pomes, extremamente alterrada pela violencia do fogo.

§. 13.

A lava, que formou os quatro novos montes, (§. 5.) he huma conglutinação de escoras mais ou menos grossas, e compactas, tintas de Oxide de ferro como as tufaceas (N. 6. 10 §. 11.) o primeiro destes montes tem huma parte de escora sustentada sobre grossos bancos de lava preta, e pezada, (§. 9. N. 3.) que fórmão huma grande abobada, fendida por infinitas partes.

§. 14.

Por todas as bocas destes novos montes sahião de espaço em espaço golfadas de intensissimo calor e cheiro forte, e sufocante de enxofre, cristalizando-se estes pelos buracos das pedras, e cavernas em finissimas agulhas. (N. 11.)

§. 15.

Toda a superficie do primeiro destes novos montes, o immediato ao Pico, he coberta de huma terra amarella, (N. 12) que á primeira vista parece ser puro enxofre, a qual penso ser hum sulfato calcareo, com mistura de algumas particulas sulfureas.

§. 16.

Nesta terra (§. 15) se encontram pedaços de Pedra pomes, brancos e amarellados, e porozos, como o Caramello, (N. 13) e outros de huma lava, ou bazalte, pezados, e de estructura lameloza, (N. 14.) em cujos intersticios se notão crystallizaçoens de purissimo enxofre.

§. 17.

Nas grutas, e cavernas dos mesmos novos montes se nota este enxofre (§. 16) virgem em grossas massas pendentes pelas abobadas, e paredes, formado pela lenta sublimação dos vapores sulfureos, (N. 15) que por ser alli o calor mui forte, sofre huma continuada alternativa de crystallização, e dissolução.

§. 18.

Por baixo da camada de terra amarella, (§. 15.) na profundidade de dez para doze palmos, corre hum banco, ou estrada de escoras conglutinadas mais ou menos com a mesma terra e cinzas, (N. 16. e 10.) em que tambem se observa muita porção de enxofre puro.

§. 19.

Tambem se encontra pela superficie do terreno desses novos montes e pelas fendas dos seus bancos de lava, immensa quantidade de caparozza (sulfato de ferro) N. 17, e a maior parte com mistura de Pedra hume (sulfato de Alumen.)

§. 20.

Em o primeiro daquelles novos montes se encontrão duas sortes deste sulfato, (§. 19) huma em espumas pelas fendas da lava, (§. 18.) e outra como huma terra arênta, e esverdinhada, a qual contém huma grande porção de sulfato aluminoso, que se manifesta em huma efflorescencia branca, (N. 19.) notando-se pelo interior veios de oxide de ferro com sabor vitriolico (N. 20.).

§. 21.

Esta mesma caparozza se encontra em abundancia, guarnecendo as bocas dos ultimos dous montes unida a huma incrustação calcarea, que em muitas partes se mostra revestir em grossas capas insipidas o interior das mesmas crateras.

§. 22.

Entre as lavas que forão inundar o sitio da relva, (§. 6.) se observão pequenas poças de sal marinho coalhado, (N. 2.) produzido sem duvida da agoa do mar, que juntamente com ellas foi expulsada na irrupção, o que faz persuadir da communicação do mar com este volcão.

§. 23.

Finalmente outras substancias salinas, ammoniacaes, e mistas se encontrão pelas cavidades das lavas, (NN. 23. 24. 25.) notando-se entre ellas hum muriate ammoniacal, de sabor mais urinoso.

com mistura de magnesia, o qual se sublima pelas abobadas fendas, e canaes subterraneos, á proporção que o calor se extingue nas lavas, (N. 26.) producto, ou (como se pensava ultimamente antes da revolução Chimica) da combinação do acido marinho, proveniente da decomposição do sal marinho, com o alkali volatil, produzido de transmutação do alkali mineral, pela união com o acido fosforico do fogo; ou (como se persuadem hoje os novos Chemicos) da combinação do acido muriatico, ou marinho com o amoniaco. resultado da união do hydrogeno da agoa com o azote do ar decompostos, pela absorção de seus oxigenos, pelos combustiveis incendiados no acto da inflamação subterranea; a verdade porém só Deus a sabe, visto que a natureza sempre reservada em seus trabalhos, ordinariamente só nos mostra resultados, occultando-nos os meios, e modos de os conseguir. Tanta he a incomprehensivel sabedoria do grande Architecto do Universo, que obriga ao rebelde pela contemplação de suas obras, a beijar a mão que cria, ordena, e conserva toda esta grande machina que se chama mundo physico!

§. 24.

Todos sabem os uzos, que tem todas estas producções volcanicas nas artes, e manufacturas, particularmente o enxofre, a pedra hume, a caparozza, e o sal ammoniaco, o primeiro por ser o principal ingrediente da polvora, e o que por huma operação hoje mui simples, produz em abundancia o acido vitriolico de tanta importancia em muitas artes &c.; não sendo os tres ultimos de menos consequencia, e a pezar da pouca, que tem mercantil, com tudo não deverião ser desprezados, sendo indignos, visto que para a sua actual demanda se faz sahir de Portugal a favor dos Estrangeiros huma porção de dinheiro, quando a natu-

reza providente com mão liberal no-los offerece em proveito geral da Nação, e particular de huma porção de homens, que nada tem de recurso em seu arido, e seco Paiz, que a esperança de opportunas chuvas, para terem de que se sustentem, possuindo aliás a este, em cujo proveito quando menos se occuparão lucrativamente, augmentando assim o Commercio Nacional, com mais hum ramo activo, em utilidade daquella desgraçada Colonia.

HISTORIA.

Continuação da Descripção Geographica da Capitania de Mato Grosso.

NO lado Occidental do Paraguay, 11 leguas ao Sud'Oeste de Coimbra, faz barra por largo desagoadeiro de 6 leguas de extensão, a Bahia Negra, que tem 5 leguas de comprimento de Norte a Sul, e que recebe as agoas dos largos e inundados campos, que ficão ao Sul e ao Poente das Serras de Albuquerque.

Pelo lado Occidental do desagoadeiro, e da Bahia Negra he que se projectava passar a linha divisoria, que hindo pela face de Oeste das Serras de Albuquerque, e das que no mesmo rumo cobrem as lagoas Manidoré, Gaiba, e Uberona, a Oeste da qual findão na Ponta de Limites, devia daqui continuar ao Poente, até cobrir a extremidade de Sul das Serras do Aguapehy, donde proseguindo ainda ao Poente até ao Paraguay, devia seguir a margem deste rio por grande espaço até tocar no Guaporé, pelo rio de S. Simão pequeno, &c.

Na Bahia Negra terminão as possessoens Portuguezas das margens do Paraguay; e daqui continúa este rio ao Sul até á latitude de 21°, em

que existe na sua margem Occidental huma collina, conhecida pelos Portuguezes com o nome de Morro de Miguel José, em que os Hespanhoes construirão em 1712 hum Forte, que denominarão de Borbon, que tem quatro peças de artilheria, e regularmente a guarnição de 70 homens.

Tres leguas acima deste lugar, desagoa na margem de Leste do Paraguay, o pequeno rio, presentemente chamado do Queimô, que pela sua posição he o que os nossos antigos conhecerão pelo nome de Terery.

Nove leguas de navegação ao S. de Borbon, e na latitude de 21^o e 22', existem outros montes em ambas as margens do Paraguay. Da banda Oriental he huma alta serra, que se estende para o centro do paiz, e que tem na proximidade hum notavel e elevado monte, de figura conica, denominado pela passada expedição da demarcação de limites — Pão-de-assucar. A outra margem he igualmente montuosa, posto que as suas serranias sejam menos elevadas, e de menor extensão. Aqui existe no meio do rio, huma Ilha, ou alto penhasco, que dividindo as suas agoas, fórma com as montuosas margens dous estreitos canaes ao alcance do mosquete. Neste lugar terminão as alagadas e amplas campinas, que formão as margens do Paraguay; inundaçào que principiando na foz do rio Jauru, termina neste lugar com 100 leguas de extensão de Norte ao Sul, e 4o ordinariamente de largo no tempo da grande enchente; formando assim hum grande lago, a que os antigos chamarão de Xarayes, e que muitos Geographos dão erradamente por nascimento do Paraguay; inundaçào em fim, que comprehende e confunde com o alveo deste grande rio, as agoas e leitos dos rios Cuibá, Porrudos, Taquary, Embeteteú, e de outros seus confluentes; de tal fórma, que 20, e 30 leguas acima das barras, que estes rios formão no

Paraguay no tempo da secca, no das cheizas se atravessa em canoas de hums aos outros, sempre com grande fundo de agoas pelos terrenos e campos intermedios, sem que se vejam as margens do Paraguay. Esta grande inundação forma com as altas serras, e terrenos elevados que banha, muitas e soberbas Ilhas, e hum labirinto de lagos, bahias, e pantanos, de que muitos ficão existindo no tempo da secca, tão complicado, que só pôde navegar-se com excellentes praticos.

Daqui para baixo principião as margens do Paraguay a ser de terras altas na maior parte, principalmente a Oriental e Portugueza. Nella desagua, alem do pequeno rio Tepoti, e pela latitude de $22^{\circ} 5'$, hum não pequeno rio, chamado agora pelos Hespanhoes Branco, que elles querião fosse o Correntes no acto da demarcação de 1753; e ainda hoje o pertendem, quando as cabeceiras deste rio ficão boas 5 leguas ao Norte, e distante do verdadeiro Correntes indicado no Tratado de Limites, havendo intermedias entre elles as origens de outros rios, que entrão no Paraguay.

Abaixo do Rio Branco, e na latitude de 23° , recebe o Paraguay pela mesma margem de Leste hum rio, que os Hespanhoes chamão da Apa, e que parece ser o conhecido por nós com o nome de Piray: perto da sua foz estabeleceu esta Nação em 1793 estancias, e fazendas de gado.

Sete leguas inferior ao precedente, desagua na mesma margem Oriental do Paraguay, o Rio Cambanapú que os Hespanhoes denominão Adquidavan, e por elles navegado na extensão de 20 leguas no tempo das agoas, quando fazem a colheita do seu estimado Mate. Os Hespanhoes attribuem a esta herva grandes virtudes, e até effeitos incompatíveis simultaneamente: he já hum artigo importante para o commercio, e o seu consumo monta a 1000 arrobas.

Na latitude de 23° e $36'$ entra no Paraguay pela sua margem de Leste o Rio Ipané-uacú, que foi julgado no acto da demarcação passada interinamente para extremo entre os Dominios Hespanhol, e Portuguez, com damno manifesto da ultima Nação, visto suporem os commissarios das duas Nações naquella diligencia, que as cabeceiras contravertentes do Rio Igatimy, ou Iguray, que entra no Paraná, limitrofes pelos Tratados de 1750, e ainda pelo de 1777, erão as do Ipané; supposição falsa; porque aquellas contravertentes correm para o Xoxuy, que faz barra no Paraguay muito abaixo do Ipané; o que bem claramente se collige do que vamos a dizer.

Entre os dous grandes rios Paraguay, e Paraná, corre de Norte a Sul huma larga e extensa cordilheira de serras, chamadas, em quanto tem esta direcção, de Amambay, a qual pela altura, e a Sul do Rio Igatimy, forma hum largo rumo de Nascente a Poente, que tem o nome de Serras de Maracayu. Destas serras nascem todos os rios, que do Taquary para o Sul entrão no Paraguay; nascendo da mesma outros muitos, que fazendo contravertentes com aquelles braços do Paraguay, e levando o seu curso a Leste, vão desagoar no Paraná; sendo hum delles, e o mais de Sul o Rio Igatimy, que tem a sua fóz no Paraná, na latitude de $23^{\circ} 47'$, logo acima das Sete-queidas, ou enorme salto deste caudaloso rio, formado pela dita ultima serra; magestosa catadupa, que o rio forma estreitando consideravelmente o seu canal, e despehando-se de grande altura por sete boqueiros; o que mantem hum continuo e denso orvalho; que borrija por grande espaço os terrenos circumvizinhos, e dá lugar a que nos dias serenos se veja esta soberba cascata coroada de arcos Iris; formando o todo huma admiravel perspectiva. Na margem de Norte do Rio Igatimy, 23 leguas

acima da sua fôz, tiverão os Portuguezes a Praça dos Prazeres, que evacuarão no anno de 1777, tendo este rio as suas cabeceiras 10 leguas para cima do lugar da Praça entre asperas e elevadas montanhas. Quando estas se transitão ao Poente, logo se encontrão as fontes de dous pequenos rios, o da parte do N. chamado Aguarahy-uacú, e do S. Aguarahy-merim, os quaes correndo ambos ao Occidente, se precipitão pela face Occidental das ditas serras em saltos invenciveis, e unindo-se na sua baze, formão hum não pequeno rio, que pela difficuldade do terreno foi supposto na demarcação ser o Ipané-uacú, quando estes dous Aguarahys já unidos vão desaguar no Paraguay, não pelo Ipané, mas sim em hum braço de Norte do Xexuy, chamado tambem Aguaray, e pelo antigos Hespanhoes Correntes; devendo ser este rio o que servisse de Limites ás duas Naçoens na conformidade dos Tratados. O Rio Xexuy entra no Paraguay pela sua margem de Leste, na latitude de 24° 11', 20 leguas abaixo do Ipané, havendo entre estes dous rios outro pequeno, denominado Ipané-merim.

A pezar deste conhecimento geografico, que os Hespanhoes occultão, alterando nomes, e pretextando antigos e nunca existentes direitos, se vierão estabelecer ha 20 annos na margem Oriental e Portugueza do Paraguay, 3 leguas acima da boca do Ipané-uacú, fundando Villa Real, com manifesta infracção dos mais solemnes Tratados; e vão procurando ingerir-se para os Saltos das Serras, e Vacaria, aproximando-se a Camapuan, importante e unico estabelecimento Portuguez no centro daquelles largos terrenos, que se pôde olhar como hum barreira aos seus intentos.

Esta he em summa a descripção do Paraguay, até onde deve estender-se o Dominio Portuguez.

Hum tão grande rio como este, de clima tem-

perado e saudavel, abundante de pescados e caças, bordado de largos campos e de altas arribas, cortado por tantos rios, amplas bahias, grandes lagos, e com altos e densos matos, devia convidar muitas Naçoens Americanas a habitarem as suas margens; porém logo depois da descoberta deste opulento continente, as incursoens dos Paulistas e dos Hespanhoes em cata dos indigenas para os cativarem, dissiparão muitas das numerosas tribus, que por aqui vivião. Os Jezuitas transplantarão milhares para as suas povoaçoes do Uruguay, e Paraná: outras Naçoens fugindo ao flagelo, que as devastava, emigrarão para terrenos menos felizes, porém mais seguros, e menos accessiveis por distantes á avidez dos novos povoadores, os quaes entregues a huma brutal ociosidade buscavão enriquecer-se á custa do suor e da liberdade destes desgraçados povos, sem que lhes valessem as mais positivas e terminantes ordens dos nossos Reis, illudidas sempre pelos conquistadores, e postas sómente em pratica depois do largo espaço de 200 annos, quando já as reliquias destas atemorizadas Naçoens se tinham concentrado para os mais reconditos lugares destes vastos sertoes, levando impressa n' alma a tremenda e terrivel idéa do cativeiro, e da nossa crueldade, que transmitida de geração em geração, tem dificultado o ganho da sua amizade, e por consequencia tem sido huma barreira aos nossos interesses.

A emigração de tantas Naçoens para terrenos occupados por outras, e algumas dellas de cosso, que só vivem de pilhagem, faz com que se olhem reciprocamente com implacavel odio, mantendo entre si sanguinosas guerras; e assim se vão destruindo mutuamente, de maneira que algumas já não existem, e outras vendó-se quasi aniquiladas se aggregarão aos seus vencedores.

Com tudo nos terrenos do Paraguay vivem ain-

Da muitas Naçoens de Indios, das quaes a mais consideravel e respeitada he a dos Quaicurús, ou Cavalleiros, que desde o Rio Taquary se estendem para o Sul por todos os mais rios, que entrão no Paraguay pela sua margem Oriental, até ao Rio Ipané, e semelhantemente occupão a margem opposta deste famoso rio das serras de Albuquerque para baixo; espaço grande de terreno, que ainda não occupado por Europeos, dá segura habitação a esta e outras Naçoens. Os Quaicurús tem praticado repetidas mortandades em Portuguezes, e Hespanhoes, e nunca forão domados: usão de lanças de 18 palmos de haste, de madeira durissima, com ferros de palmo, e maiores; tem como auxiliares a flecha, o porrete, e outras armas, de que se servem com grande destreza e valor. Fazem longas jornadas para devastarem os terrenos, que os cercão, em cavalloos que acostumão a grande ligeireza, e que lhes vem dos Hespanhoes a troco de fortes e bem tecidas mantas de algodão de seu fabrico, furtando sempre em liquidação de contas quanto pôdem. As suas numerosas cavalgaduras os obrigão a buscar as vizinhanças dos campos, onde são temidos das Naçoens vizinhas, de que algumas se dizem suas escravas depois de vencidas, comprando o seu socego com este abjecto titulo!

Esta Nação como vive sempre errante, conduz consigo as suas casas, que consistem em huns grandes taquara-uacús, que lhes servem de cumieiras, e outros menores de esteios, algumas esteiras, de que as maiores formão o tecto, e as menores as paredes; e com pouca difficuldade formalisção em breve estas habitaçoens portateis, cujo interior repartem com esteiras, segundo o pede o numero da familia. Arrancão os cabellos das sobrançelhas, e até os das pestanas, e tem esta falta como hum distinctivo, e belleza. As mulheres trazem gravada em huma perna, ou no peito huma

marca de ferrete , que os maridos poem indifferente-
mente nellas , e nos seus cavallos. Muitas vezes
acompanhão os maridos nas suas longas incursoens ;
e por esta rasão , e outros motivos libidinosos cos-
tumão matar o feto no ventre apenas se sentem pe-
jadas ; e só depois que entrão para os 40 annos
deixão vingar os filhos , por isso raras vezes tem
mais de hum : durante a prenhez os maridos se
não chegão a ellas. Esta falta de prole teria ani-
chilado as suas dispersas tribus , se não adoptassem
para mulheres as que adquirem de outras Naçoens ,
estendendo a adopção aos seus filhos , e muitas ve-
zes aos pais , quer seja pelo direito da guerra ,
quer pelas ligaçoens reciprocas que tem contrahido.

Os Quaicurús reconciliarão-se com os Portu-
guezes em 1791 , mandando até Villa Bella alguns
dos seus principaes chefes , não só a tratarem es-
te negocio , mas tambem a reconhecerem-se vassal-
los desta Coroa , o que tem repetido annualmente
outros chefes da mesma Nação. Nos primeiros dous
mezes deste anno de 1797 vierão tres Capitaens ,
hum Guaná , e os outros dous Quaicurús a nego-
ciarem a mesma paz , e a prestarem homenagem
á Coroa de Portugal , pedindo cartas patentes ao
Governador de Mato Grosso , que validassem este
negocio. Hum delles veio em nome de nove Capi-
taens ou Chefes , que escandalizados do máo tra-
tamento , e do rigor e crueldade , com que os Hes-
panhoes havião matado a muitos delles , deixarão
as margens do Paraguay , em que vivião proximos ,
e se mudarão para o Rio Mondego , como já ou-
tros tinham feito para as serras de Albuquerque.

A segunda Nação que habita o Paraguay he a
dos Paraguás , gentio de Canôa , guerreiro e valen-
te , que muitas vezes unido com o Cavalleiro pe-
lo rio , e por terra commetterão mil hostilidades
funestas a Portuguezes , e Hespanhoes : presente-
mente vivem os Paraguás em boa armonia com os

Hespanhoes, havendo mudado a sua morada para as terras vizinhas, abandonando assim com o Paraguay de permeio a amizade dos Quaicurús.

Os **Quanás** he outra Nação indigena do Paraguay, que vive nos matos que bordão as suas alongadas campinas: he Nação agricola, e como os Quaicurús lhe fazião dura guerra para lhe roubarem o fructo das suas plantaçoens, e as mesmas mulheres e filhos, se virão na extemidade de se reconhecerem cativos dos seus oppressores arrancando as sobrancelhas e pestanas, e enlaçando-se por casamentos.

Outra Nação numerosa valente, e cultivadora he a dos **Quaxis**, que mais antigamente ligada com os Quaicurús, fazem hoje a mesma Nação.

Os **Quatós**, ainda não ligados com Quaicurús, vivem nos fundos da Serra da Gaiba, e sollicitão a nossa amizade.

A Nação dos **Xamicocos**, numerosa, e barbara e feroz no dizer dos Quaicurús, porque inda a não poderão domar vive nas serras, e deve a sua independencia á aspereza do territorio que habita.

Os **Cauanés** ou **Coroados**, habitão as alturas das serras, e campos das Vacarias, vizinhos nas fontes do Igatimi, e Iparé.

Estas são as principaes Nações, que vivem nas vizinhanças das extensas margens do Paraguay.

Sobre hum braço do Xexuy, 20 leguas a Leste do Paraguay, tem os Hespanhoes a Villa de Guruguay, coberta ao Norte na distancia de 5 leguas pelo Presidjo de S. Miguel, que a defende dos assaltos dos Quaicurús. Do Xexuy para baixo inda corre o Paraguay a rumo geral do Sul por 32 leguas, até a Cidade da Assumpção, recebendo neste intervallo pela sua margem Oriental, os rios Joobogó, Tabau, Perebuy e Salinas, todos de curta extensão, desaguando na margem opposta outros quatro pequenos rios. A Cidade Episcopal da

Assumpção, Capital, e residência do Governo do Paraguay está situada em hum angulo obtuso, que a margem Oriental deste rio forma na latitude de $25^{\circ} 18'$, e longitude de $320^{\circ} 20'$: a sua população não he pequena, e nella se contão alguns Portuguezes estabelecidos, e outros que delles descendem.

O Governo do Paraguay comprehende huma vasta superficie, e a sua população total chega a perto de 120 mil almas. He terra pobre, e de pouco commercio, cujo ramo principal he o Mate, que exportão para Tucuman, e Buenos-Aires, com alguns couros, tabaco, e assucar. De Buenos-Aires com dois mezes de navegação, chegão até a Cidade da Assumpção grandes barcos, que carregão 4, 6, e 8 mil arrobas, segundo dizem, não tendo esta navegação outra difficuldade senão o grande pezo das agoas do Paraguay; mas os ventos geraes que soprão do Sul a maior parte do anno facilitão esta navegação, que augmentará á proporção da maior grandeza, que Buenos-Aires hirá adquirindo, depois que este Governo foi elevado a Vice-Reinado, e olhado pela Corte de Hespanha como importantissimo; e chave das ricas e extensas Provincias do Chyli, e Perú.

Seis leguas abaixo da Assumpção tem a sua primeira boca o Rio Pilco-Mayo na margem Occidental do Paraguay. Este rio, que tem as suas numerosas origens nas altissimas Serras dos Andes, he formado por muitos braços, de que dous passão pelas Cidades do Potosi, e Chuquisaca ou da Prata, e com boas 300 leguas de correnteza vem desaguar no Paraguay, formando a segunda, e a terceira boca 12, e 16 leguas abaixo da primeira. Neste espaço entrão pela opposta margem no Paraguay alguns pequenos rios, sendo hum delles o Tibiquari, que tem a sua foz na latitude de 26° e $40'$, sobre hum braço do qual, 20 leguas a SE

da Cidade da Assumpção, existe Villa Rica, grande Povo Hespanhol, com muitas fazendas de gado Vaccum, e Cavallar, nos seus largos campos. Este Povo he muitas vezes insultado pelo gentio Vaicurú. O Rio Vermelho, ou de Tanja, quasi da mesma extensão que o Pilco Mayo, desagoa no mesmo lado Occidental do Paraguay, na latitude de 26^o 50'. Sobre hum remoto e superior braço deste rio existe a Villa do Salto, proxima de huma accessivel quebrada e passo da cordilheira dos Andes, escala importante para os Hespanhoes, que de Buenos-Aires, e Tucuman conduzem as suas fazendas para o alto Perú.

Ha mais de hum seculo que os Hespanhoes tentão a navegação dos Rios Vermelho, e Pilco Mayo, para se communicarem pelo Paraguay com os seus ricos estabelecimentos do Perú; porém as muitas catadupas na parte alta destes rios, os pantanaes que he preciso vencer, as molestias que se padecem, e as muitas e valentes Naçoens de Indios que se encontrão, tem difficultado este grande e util intento, que o tempo e a ambição ha de realizar hum dia.

Continúa no N.º 6 desta Obra a pag. 38.

O CANTO DOS PASTORES.

*Egloga ; Offerecida á Illustrissima e Excellentissima
Senhora D. J. J. de L. F.*

DA alegre Primavera o carro de oit'o
 Apparece no Ceo : com giro eterno
 Renova a Natureza o seu thesoiro .
 E o carrancudo Inverno
 Levando as negras nuvens pelos ares
 Vai n'outros climas revolver os mares.

Digna filha de Heroes , que em paz , e em guerra ,
 Dão claro exemplo ás ultimas idades ,
 Por quem lugubre , e triste , ao vér por terra
 E muros , e Cidades

Asia tremeo , e o ferro ensanguentado
 Cahio das mãos ao Malabar ouzado :
 Em quanto a bella Cintra ouvir dezeja
 De vossos docês versos a harmonia ,
 Que o mesmo Filho de Latona inveja ,
 A rustica porfia

Ouvi , se honrar quereis dos meus Pastores
 A voz , a flauta , os versos , e os amores.

Alcindo.

Que saudozo lugar ! Em roda as flores
 Nascem por entre a relva : estes pinheiros
 Parecem suspirar tambem de amores.
 Canta Mirtilo , ao pé destes loureiros ,
 Onde Adonis cantou triste , e saudoso
 O injusto amor nos dias derradeiros.
 O Zefiro respira , o Sol formoso
 Vai dos troncos as sombras apartando ,
 Que já se inclina o carro luminoso.
 O Rouxinol te está desafiando ,

Querem ouvir-te os verdes arvoredos,
Que o vento faz mover de quando, em quando,
É a musa, que de amor sabe os segredos.

Mirtilo.

A ver-se, ó Ninfas, nesta fonte pura,
Vem Celia, Amor, e as Graças melindrosas.
Turbai-lhe as agoas desfolhando rozas.
Não lhe mostreis tão rara formosura.

Alcindo.

Rizonhas flores, que hum estreito laço
Formaes de vossos ramos na floresta,
Sei que Glaura vos ama: pela sesta
Deixai-vos desfolhar no seu regaço.

Mirtilo.

Vem, ó Celia, dos asperos abrólhos
Verás nascer as delicadas flores.
São negros os teus olhos matadores,
E os cabellos também da côr dos olhos.

Alcindo.

O rizo, que he de amor doce thesoiro,
Com sigo trás a Ninfa, por quem peno.
Seus olhos são da côr do Ceo sereno,
E o cabello ondeado fios de oiro.

Mirtilo.

Eu me queixava ás arvoredos, e ás fontes,
Do ingrato Amor; mas Celia, que me ouvia,
Por mim despreza desde aquelle dia
O mais rico Pastor dos nossos montes.

Alcindo.

O primeiro fui eu, que o vivo lume
No teu peito acendí: por seus ardores
Tu, Glaura, sabes o que são amores,
Mas eu inda não sei o que he ciúme.

Mirtilo.

Assombrai, verdes murtas os lugares
Que escolhe Celia pelo ardor da sesta.
Amaçei outro bosque, outra floresta,
Se aqui tem meu amor os seus altares?

Alcindo.

Glaura não colhe os sazoados frutos,
As flores sim, as flores mais mimozas:
Crescei, jasmíns, crescei, lyrios, e rozas:
Pagai a meu Amor os seus tributos.

Mirtilo.

Neste lugar achei Celia dormindo.
O meu nome escrevi na sua lyra:
Aparto-me, ella acorda, lê, suspira
E eu suspiro tambem de a estar ouvindo.

Alcindo.

Amou-me Lydia hum tempo: os seus amores
Ella mesma entalhou n'hum cedro antigo.
Glaura os vinha apagar; mas deu comigo
E hum casto pejo a fez mudar de cores.

Mirtilo.

N'huma gruta assombrada de rochedos
A Celia dava os meus suspiros tristes.
Troncos, arbustos, e echos que me ouvistes,
Ninguem saiba de vós os meus segredos.

Alcindo.

Cheio de magoa, e dor, n'hum bosque espesso
Dei ao fresco Favonio os meus sùspiros.
Ninfas, vós que habitaes estes retiros,
Dizei á bella Glaura o que eu padeço.

Mirtilo.

Ligou-me Celia com festoens de flores,
E escondeo por hum pouco o lindo rosto.
Pude romper os laços; mas por gosto
Fiquei da sua mão prezo de amores.

Alcindo.

Não sei porque delicto me condemna
Amor lançando-me os grilhoens pezados,
E rindo-se depois dos meus cuidados
Para ouvir os meus ais, me dobra a pena.

Mirtilo.

Amor, faze que o tempo ao dar seus giros
Não roube a Celia as Graças singulares;
Que eu levarei contente aos teus altares
Minhas magoas, meus ais, e os meus suspiros.

Alcindo.

Embora, Glaura, hum dia: a desventura
Consuma a viva côr do teu semblante.
Amo o teu coração fiel, constante,
Que val mais, que toda a formosura.

M. J. S. A.

Seneto ao Grande Silveira.

Satellite de horror, fallaz cohorte
Lysia ameaça em vão, com jugo e guerra,
Que ella nos muros seus guerreiro encerra
De estranha audacia formidavel, forte.

Pacheco horrivel, Portuguez Mavorte,
Trofeos pasmosos ao porvir desferra,
Que de estrago brutal volvendo a terra
Se despede o canhão, despede a morte.

Eis em postas o Gallo; eis, eis escrava
Já no Minho, Traz Montes, já na Beira,
Aguia, que o globo e os Ceos ameaçava.

Tremôla da victoria a audaz bandeira:
Desce a c'roa dos Ceos á Lysia brava,
Sahe de cem mortes immortal Silveira.

Fr. João Maximo do Prado.

Soneto ao Soldado Portuguez.

PRole de Marte, Portuguez Soldado,
 Eseudo da nação impenetravel
 He tua espada rigida, indomavel,
 Que deve defender o Rei e o Estado.

He a teu vingador mavorcio lado
 Que o jugo do inimigo insuportavel
 Deve estalar, e ao Orco hir execravel
 De cadêas asperrimas atado.

Soldado Portuguez, recobra o alento
 Dos Castros e dos Nunos, cuja gloria
 Combates decidirão cento a cento.

Valor, Lusos Heroes, para a victoria
 Dá-vos jus o solemne juramento,
 Hum Deus, a Patria, a Lei, Razão, e a Historia:

○ mesmo.

P O L I T I C A.

Cartas de D. João de Castro, IV Vice-Rei da India, trasladadas de huma copia, que possui o Excellentissimo D. Miguel Antonio de Mello, extrahida dos originaes, que parão em poder do Excellentissimo Conde de S. Lourenço, D. João Alberto de Noronha.

C A R T A I.

Ao Infante D. Luiz, Irmão d'ElRei D. João III, na primeira vez, que esteve na India, em tempo de D. Garcia de Noronha, e D. Estevão da Gama.

HA obrigação . que tenho de servir a V. A. pôde tanto, que sabendo eu quanta razão há de ho enfadarem minhas cartas, não posso acabar comigo deixar de lhas escrever, e cahir em groçaria, e tanto mais, quanto sei mais certo, que uzo nisto como sobejo, e importuno, mas como jámais se me pôde arrancar da alma, e tirar da memoria as grandes honras, e mercês, que de V. A. tenho recebido, e os muitos beneficios, que alcancei de ser chegado á sua Real casa, e trazer na boca seu alto nome, temo tanto por algum cazo poder ser notado de ingrato, e desagradecido que ho perseverado cuidado, que trago para me guardar de poder cahir em tão abominavel culpa mui asinha será occasião de receber V. A. com minha escriptura algum enfandamento, sem eu sentir ho que faço, por tanto, Senhor, este officio, e licença, que tomo todolos annos de lhe fazer saber as novas desta terra, durar-me-há tanto quanto nella estiver, ou V. A. aver por seu serviço o contrario.

Ho Viso-Rei (a) adoeceo de velhice, e das importunaçoens, e fadigas dos homens, estaria obra de seis mezes em huma cama, purgando seus peccados, e por derradeiro aos 3 dias de Abril pagou á natureza a divida, que lhe todos devemos. Por seu falecimento foi alevantado por Governador da India Dom Estevão da Gama, o qual tanto que recebeo, e tomou posse deste perigozissimo, e tormentozo cargo, logo começou com muito cuidado, e presteza a prover em algumas cousas, as quaes pela doença do Viso-Rey jazião cubertas de mato, principalmente mandou concertar muito bem a armada, e fazer de novo galés e galeões, e depois disto despedio Embaixadores aos Reys e Senhores da terra firme, persuadindo-os a guardarem com elle as amizades, e allianças antigas, e como teve assentado, e quietos os coraçõens dos Indios, começou a entender nas cousas de fazenda, e regimento da terra, ordenando que nam nauegassem Chatins, para bem e proveito da fazenda del-Rey, e com estas obras, e outras desta calidade, passámos ho inuerno.

Desde o anno de 1539 até agora em toda ha India chamada Intra-Ganges foi a maior esterilidade, qual nunca os homens cuidauão de uer, maiormente no Reino de Bisnaga, onde he tirado a limpo, que das tres partes da gente serão mortas as duas de fome, e como inda este mal não bastaua para vingança e castigo dos peccados do pouo, sobreueo-lhe huma peste tam cruel, que foi cousa, segundo dizem, monstrooza, em muitas partes se uirão fazer obras irracionaes, e contra a natureza dos homens. como as Mays gostarem as carnes dos seos

(a) Dom Garcia de Ncronha, que passou a Governador da India no anno de 1538, e com elle foi pela primeira vez aquelle Estado D. João de Castro, que era seo cunhado.

proprios filhos, e ajuntarão-se os pousos, e cidadãos, e por concelho e parecer de todos irem-se lançar nos rios, e lagoas, anendo que em escolher assi este genero de morte fugiam os trabalhos, e oppressões de outras muitas mortes.

No grande Reino de Cambaia há dous annos que dura nelle a guerra civil, porque entrou competencia entre os Senhores, e priuados sobre quem teria em seu poder ElRey, ho qual he menino, e sobre esta causa forão, e são tamanhas as differenças, que está a terra perdida em tamanha maneira, que parece impossivel tornar a levantar a cabeça, e gozar da prosperidade, que soía.

Ho Malauar está todo de paz, e muito quieto. parece que leua caminho de se assentar e quebrar as furias passadas, ho que a meu juizo depois da destruição dos Rumes, parece que cumpre mais ao Estado e conseruação da Índia, que toda outra cousa, temo que o desconcerto dos Portuguezes, e ho pouco que considerão do futuro, estorue tamanho bem.

Hos Rumes ho dia de hoje são senhores de todos os portos, e lugares, que há nas praias do Sino Arabico, chamado nestas partes Estreito d'Adem: quam damnoza, e prejudicial nos seja esta uizinhaça a meu uer ha pouco que determinar, porque sómente com estarem quedos nos farão tanta guerra, e porão em tanto gasto, que nam será muito de nos porem em termos de leixar a terra, uisto como se não pode representar falta e necessidade, que qua nam haja para as couzas de serviço d'ElRey. e bem da Republica, de modo, Senhor, que armar quatro fustas nam há possibilidade, pois para pagar soldos, ou mantimentos, já somos desenganados, pelo qual a gente anda como pasmada, e fora de si, e daqui a uirem cahir em extrema desesperação ha muito pouco, ho que me faz muitas vezes conjecturar na grande força, e es-

pantoza desprovidencia dos Portuguezes os quaes em espaço de 40 annos poderão esgotar as riquezas innumeraveis da India, as quaes parecião sobrepujarem as forças dos humanos em muitos mundos, sem nos ficar, nam digo já em que nos possamos suster alguns annos, mas magoa e dor de tamanha desaventura, o que certamente com muita razão deuia de ser contado entre os sete milagres do mundo; este mal já agora irremediauel a meu fraco juizo deuia de nacer dos bons regimentos, e dos mãos officiaes, que a esta terra uem; porque segundo uemos em Portugal, mais mezes tomão para pintarem e fazerem regimentos, que horas para se escolherem officiaes, porém a experiencia parece, que nos mostra o contrario, porque os bons e proueitosos regimentos não podem fazer os mãos, e preuersos homens, que sejão fieis, e muito escoimados officiaes, e hos bons homens, e tementes a Deos sem regimentos, e com mãos regimentos, são forçadamente bons officiaes, e acertam em quanto fazem, porque a uerdade he mui descuberta, e boa de conhecer, e tambem foram em Portugal chamar sesudos, e homens pera muito a pessoas, que roubão com toda a especie de maldade cincoenta, e ás nezes cem mil cruzados, e aos que ou por serem tementes a Deos, ou por terem amor e lealdade a seo Rey por fazerem o que devem, uão pobres, perdidos, e homens que senão sabem a proveitar, e por tanto trabalhe cada hum por alcançar boa fama, e nomeada em sua terra, que he cousa mui natural, e denida a todos, de maneira, Senhor, que o seruir-se ElRei destes homens sesudos, e singulares uarões, he a pouca estima em que os outros, que senão sabem a proveitar, são tidos: pozerão a India e ho Reino em tal estado que nos he, segundo hora uejo, mais necessario apegar com os Santos, que confiar em nossas forças e poder.

Mas como quer que V. A. seja dotado de tantas e tamanhas uirtudes, quaes jámais a natureza ajuntou em Principe do Unipersb, e que as cousas que toçã ao serviço d'ElRey, e bem uniuersal dos seos Reinos, lhe sejão sobre todas as cousas desta uida apraziuéis, não creio que será fora de proposito, e de minha obrigação dizer-lhe alguns pontos, nos quaes consiste muita parte de seo seruiço, e bem, e conseruação desta destruida terra. A Costa da India está cheia de fortalezas, e castellos, onde se consumem as rendas da India, e quanta fazenda nem de Portugal, sem que della se tire outros frutos salvo oppressões e trabalhos, e se já com estas fortalezas ganharamos honra e se fortificara, e fizera maior o nosso poder, parecia cousa conuéniente sofrer-se os seos continuos, e demaziados gastos que se nellas fazem, mas eu nejo que tudo isto he contrario, e que por respeito destas fortalezas somos fracos, e que polas querermos sustentar padecemos muitas deshonnas, e necessidades, não sei certamente, que leis são estas dos homens tão cruéis, que dizem ser abatimento dos Principes derribar paredes uelhas, as quaes postas em pé destroem os seos Reinos, e a elles poem em perigo, e derribadas os fazem grandes, e mais poderosos, e a seus Reinos bemaumentados. Nesta terra, Senhor, a meu ver, nam deuia de hauer mais que Cochim, Goa, Baçaim, e ainda Baçaim mais por causa da madeira que nelle ha, que por razam do dinheiro que dizem que elle rende, uisto a pouca gente que há na India para as guardar. e os grandes impedimentos, que tem para se soccorrer, e como ellas sejam muitas, e os soldados poucos, canção o corpo, e sustancia da India estar tão derramadas que aos Turcos chegarem á barra de Goa, nenhum caminho há nem, pode hauer pera se ajuntar. Alem deste inconveniente, occupão estas fortalezas tanta gente, artilharia, bombardeiros, e gastão tanta

soma de poluora, e munições de guerra, que as nossas armadas ficam parecendo mais uazilhas de mercadoria, e descarga que nauios de guerra; e tambem sam estas fortalezas tam fracas, que, tirando Dio, nenhuma outra he capaz de se poder defender oito dias de nossos inimigos, e tomando huma arma-se grande occazião para os Reys, e Senhores nossos uizinhos se alçarem por elles, porque affirmo a V. A. que a gente do mundo que mais segue aos uencedores he a da India. Assim Senhor, que eu não saberia dar mais uia razão para sustentarmos estas fortalezas, ou paredes sem fruitos, senão que deue já de ser assim por nos nam ficar cousa alguma por fazer pera pormos a India, e o Estado d'ElRey em balança; e extremo perigo.

Considerando muitas vezes comigo mesmo no modo e disciplina com que uemos nestas partes, uerdadeiramente, Senhor, que fico espantado e atonito, e antes disto nam podera crer que ho costume de qualquer cousa, ou quiçá costelação da terra mudasse tam facilmente, e em prompto a nossa natureza, porque uejo que em chegando de Portugal á India, no mesmo instante tomamos noua fórma, noua arte, noua maneira de uiuer. A pessoa, que uem para soldado, na mesma hora quer parecer mercador, e que uem para mercador logo porfia, e julga nas coizas da guerra, e trabalha de parecer soldado, os fidalgos, e capitaens todo o tempo gastão em praticas sobre a fazenda, sobre ordenanças de batalhas, e batarias de cidades, desorte, Senhor, que de cada homem tomar o officio alhêo, e improprio nasce hum tamanho barbarismo, e forte confuzão em todas as cousas, e bem olhado quanto se faz, parece que tudo que cahe acaso, e por acontecimento: este nosso desconcerto até agora pode-se soffrer, por quanto contendemos com mulheres, e bestas mansas, porem ao presente, que começamos ao hauer com homens, temo muito de

nos acharmos enleados, e pouco praticos, polo que tenha V. A. por certo, que ho estado, em que está posta a India, he tão sutil, e perigozo, que mais que toda outra cousa, que agora saiba, requer maior consideração, e remedio, porque a terra está mais proue do que foi uisto outra, a gente quazi alienantada a guerra de todo esquecida, ho seruiço d'ElRey uniuersalmente contrariado, hos fidalgos todo dia andão em ajuntamento, e uniões; a pessoa do Governador mais que todas desacatada, ora ueja V. A. se sam todas estas cousas para arreçar ou não, quanto mais que nos tomão com sessenta galez em Xoes, e com Adem, e todo ho Estreito de Turcos.

Este inuerno passado se amotinarão em Dico cento e cincoenta soldados a quem os Indios chamão Lascarins, e tomarão ho Baluarte grande uirando, segundo dizem, as bocas das bombardas excontra a fortaleza, foi necessario para concerto pagarem-lhe certo dinheiro; prouera a Deos que os uira eu mortos e a fortaleza laurada a sal antes que os Portuguezes gostarem de e sahirem tanto em saluo com elles. Para segurança desta terra dizem quá, que cumpre mandar ElRey muita gente, e dinheiro, e creio eu que assim o escreuem a S. A. mas a mim parece-me que com hum só homem aremediaria, ho qual fizesse justiça, e castigasse sem nenhum respeito os fidalgos, assim como fazia D. Henrique (b) grande, e singular uarão ho mais de nossos tempos.

Porque sei que em Portugal, e assim mesmo

(b) O Governador, de quem D. João de Castro aqui falla, foi D. Henrique de Menezes, o Roxo, que no anno de 1525 succedeo ao Vice-Rey D. Vasco da Gama, pela primeira via de successão que se abrio, e governou até os fins de Fevereiro de 1526, que falleceo em Cananor.

na India se enganão com a gente, que anda nestas partes, direi a V. A. a uerdade do que passa; bem pode ser que na India sejam lançados seis ou sete mil Portuguezes, porem tenha V. A. por certo, que nam há dois mil para dar batalha aos Turcos, e ao Governador fazer mais do impossivel ajuntará dous mil e quinhentos, e estes desarmados, por quanto as arinas que do Reino uem recolhem-se nos almazens de Acedação, e Hidalção. Ho furo de se sumirem tantos Portuguezes está muito craro, porque morrem infinitos; este inuerno sómente nesta cidade de Goa, são mortos por rol dos officiaes da Mizericordia, perto de sete centos homens, em Choromandel andão continuamente seiscentos homens, Malaqua, Maluquo, com outras terras dessas partes recolhe infinidade de gente, ora os que uam para ho. e espalhão pola terra firme não tem conto, de modo Senhor que não sómente a India he bastante de sumir a gente de Portugal mas quanta há em toda Europa.

O Governador (c) está de caminho para dar em Xoes, e queimar as galez dos Turcos, lena quarenta até cincoenta fustas, segundo agora está orçado; esta uiagem tem agora que está em termos de se fazer tanta contrariedade, como proueitos quando a o Viso-Rey negaua, porque Senhor em uida do Viso-Rey, se hum homem topaua com outro, em lugar de ho saluar, fazia grandes caramunhas, que se perdia a India por não hir o Viso-Rey a Xoes queimar estas galez, pedindo estrumentos, e fee do que dizião, agora dizem que se perde a India porque uão lá. A hida me parece a mais

(c) D. Estevão da Gama, succedeo ao Vice-Rey D. Garcia de Noronha, e governou o Estado desde Abril de 1540 até Maio de 1542, em que entregou o Governo a Martim Affonso de Souza. Era filho de D. Vasco da Gama, o Descubridor.

obrigatoria que nenhuma coisa outra, nem eu o saberia imaginar como se pudesse sustentar esta terra estando estas galez em Xoes, uerdadeiramente creio que ho mesmo tem todos para si, mas naturalmente são os homens da India tamanhos inimigos mortaes dos Governadores, que se nam contentão até os desfazer em pó. Eu, Senhor, fico este anno na India para hir a Xoes com o Governador, eu ho fazer assim cuido que faço algum serviço a ElRey, pois que nesta jornada gasto toda minha fazenda, e ponho em grandes perigos minha pessoa, se me Deos traz uiuo deste caminho, na primeira embarcação, que achar me hirei para Portugal sem cousa deste mundo me poder estornar, saluo uirem os Turcos á India: peço a V. A. por sua Real cremencia, que o haja assim por bem. Nosso Senhor guarde, e acréscente a uida, e Real estado de V. A. De Goa aos trinta dias do mez de Outubro de 1549.

C A R T A II.

Ao mesmo. (a)

DE tanto avante como a Ilha da Madeira escreui a V. A. com quantas bonanças passámos nesta sua armada o Golfão chamado Val das Eguoas, e a muita gente, que se achou nas Nãos, além da que assentarão na Caza da India; depois de passarmos a Ilha, e ter despedido a Caravela de recado, onde mandei os alardos, que se fizerão particularmente em cada Náo, nos derão huns uentos Leuantes mui-

(a) Esta carta confirma bem o que Jacinto Freire escreve da humanidade, que D. João de Castro teve com os degradados, que se esconderão na sua Náo. Não he toda escripta de sua letra. Parece ter sido escripta de Moçambique no anno de 1545 em que partio D. João para governar a India.

to forçozos, com os quaes nauegámos até a Ilha de Cabo Verde e posto que algumas Nãos hião muito pezadas, e que me era grande trabalho esperar por ellas tomando de continuo as velas, no que se perdia muito caminho, eu as fui temperando de maneira, que trouxe sempre as Nãos muito juntas, e agazalhadas até obra de sincoenta leguas avante das Canarias, na qual paragem estavam seguras de poderem encontrar cossarios. Neste lugar começou apparecer na minha Náo muita gente que hia escondida, parecendo-lhes que já estauão seguros de os não lançarem fóra, e foi tanta, e tão demaziada, que nos pôz em muito cuidado, e esteue mui perto de tomar as Ilhas de Cabo Verde para deixar hi toda a que se não podia levar sem muito risco, mas lembrando-me que nesta conjunção entrava o uerão nas Ilhas, onde por a destemperança do ar estaua muito certo morrerem todos, ou a maior parte dos que ahi ficassem, determinei fazer minha uiagem, e passar por diante, pondo o remedio nas mãos de Deos, e não quiz então saber o numero da gente que nesta Náo hia, porque não espantasse, e fizesse máo sabor a todos, mas pondo grande prouisão na agoa, e mantimentos, de maneira que se desse, e não se esperdiçasse, e porque a este tempo tinhão já passado as Nãos os lugares de suspeita, e hauendo de esperar por ellas perdia muito caminho, e aventurava a perder a jornada, e me tomarem as calmarias de Guiné, onde nos pudemos perder á sede, me pareceo seruiço de Deos, e de V. A. dar ás velas com as Nãos que pudesse ter comiguo, e as outras hirem-se apoz mim porque as mais das uezes acontece nesta carreira, que as mais manquas, e pesadas chegam primeiro a porto, que as outras que tem fama de ueleiras, e correrem muito; e assim acompanhado de D. Jeronimo, que vai na Náo S. Pedro, e de D. Manoel da Silveira, Capitão do Galeão San-

te Cruz, me aparteí da outra armada, e caminhei por dentro dos mares de Guiné, sem achar mais que dois dias de calmaria, e todo o outro tempo com ventos de uiaje me puz em sinco grãos da linha para a banda do Norte, onde me deram os uentos suestes muito rijos, a que chamão geraes, com os quaes dobrei o Cabo de Santo Agostinho muito á barlauento, e hindo-me o uento alargando cada uez mais, me puz em altura de trinta grãos, e comecei átrauessar a outra banda, e demandar o Cabo da Boa Esperança, onde huma noite se perdeu de mim D. Manoel com huma trouoada que nos deo, e fiquei sómente com D. Jeronimo, (b) o qual se não apartaua da minha quoadra dia, nem noite hum tiro de bombardas, e desta maneira fazendo meu caminho sem nunca me uentarem Ponentes, mas ventos da banda do Norte até o Nordéste, nem sentir algum trabalho de tormenta, nem fortuna do mar cheguei ao Cabo da Boa Esperança a quinze dias de Junho e á vista delle andei muitos dias em calmaria, e se alguma hora ventaua, era muito bonança, e da banda do Leuante. Passadas estas calmarias e Leuantes me deram tres dias de Ponentes, com os quaes fui chegando a Ribeira, e me puz tanto ávante como a Baía Formosa, e aqui me acalmarão, e tornarão a uentar de nouo os Leuantes muito rijos, e furiozos, com os quaes andando amainado, e de mar emtraués, não sei por caso das grandes correntes, se por a muita força dos uentos, ou se huma cousa, e outra o causarão, tornei atraz mais de cento e trinta leguas, que foi

(b) He D. Jeronimo de Noronha, ou de Menezes, filho herdeiro de D. Henrique de Menezes, Irmão do Marquez de Villa-Real, o qual hia por Capitão de hum dos Navios da Armada; que conduzio D. João de Castro, quando foi Governador á Indja.

cousa até agora não acontecida nesta carreira. Estes Leuantes durarão mais de uinte e sinquo dias de sorte que já me fazião crer hauerem de ventar para sempre. A este tempo andaua comigo D. Jeronimo, que nunca se apartou demim, e Simão Peres, o qual achei na volta do Brasil, e polo trazer comigo vim a maior parte deste caminho sem traquetes da Gavea. Neste lugar botou Simão Peres o batel fóra, e me ueo dizer, que o Doutor Francisco de Mariz, que vinha por Veador da Fazenda falecera de prioriz na Costa de Guiné, como isto soube mandei prouer sobre as Orfãs, que vinhão em sua companhia, e lhes mandei dar todas cousas necessarias, entregando a guarda, e recato destas Orfãs ao Doutor Francisco Toscano, e mandando fazer deligencia sobre a maneira de que vinhão, e como erão tratadas depois do falecimento do Doutor, achei não lhes ser feito agrao, nem descortesia alguma, mas virem com toda honestidade e recolhimento, do qual foi muita parte Francisco Toscano Chançarel da India, porque jámais se apartaua dellas, e nem consentia nenhuma gente estar de redor de seos gasalhados, de que se lhe podesse recear algum nojo. Por falecimento do Doutor Francisco de Mariz não se achou outra fazenda saluo muitas diuidas, que diuia na Náo, e tamanha proueza, que he grande piedade de se saber. Sua mulher tenho sabido ser muito honrada, e virtuozza, leua comsigo filhos, e filhas pera os quoaes não tem nenhum remedio de vida, se de Deos, e de V. A. lhe não vier, cousa dina seria de sua real condição lembrar-se desta desemparada viuua, e orfãos, e fazer-lhe mercê de alguns officios pera com elles casar, e emparar asi, e a suas filhas.

Logo ao outro dia que me Simão Perez fez a saber do falecimento do Doutor Francisco de Mariz, se perdeo de mim, dizem os destas Náos que

o fizeram acinte pera hirem por fora, e parece ser isto assim, porque o Piloto da minha Náo me mostrou huma carta de Dioguo Garcia. Piloto de Burgalosa, em que lhe mandaua cometter, que fossem por fóra, porém até aguora não tenho nenhuma certeza da verdade. A este tempo que se esta Náo apartou demim uentaráo os Ponentes obra de cinco dias, com os quaes me puz quasi na altura do Cabo das Correntes, e desci com ventos bonanças e calmarias fora de toda opinião pratica, e esperança da gente do mar cheguei com D. Jeronimo ao porto de Moçambique a vinte e oito dias de Julho, e achei hi Jorge Cabral, que havia trinta dias que era chegado, e mandando aqui fazer alardo da gente da minha Náo, achei quinhentas setenta e quatro pessoas, sem em toda a viagem me morrer nenhuma, antes chegou tam san, e bem disposta, que parecia a essa hora embarcarem, Nosso Senhor louvado, e mandando saber da Náo de D. Jeronimo, e de Jorge Cabral, achei que nenhuma pessoa lhes era falecida de doença, sómente dous homens, que cahirão ao mar. A D. Jeronimo achei muitos mantimentos na Náo, que me forão mui necessarios por vir já com alguma mingua, principalmente de vinho. Acabado de surgir de fora de Moçambique, soube que huma Náo das da minha companhia escorrera este porto, e hia na volta da India, nam se pôde determinar qual seria.

Depois de estar surto, e ter as Náos bem amarradas, mandei levar os doentes, que nellas havia ao Espital e logo desembarquei, e com o Veador da Fazenda o fui visitar, e achamos nelle de todas as tres Náos, e da gente da terra quatorze, ou quinze doentes, os quaes forão curados, e remediados o melhor que foi possivel, e o Veador da Fazenda tomou em lembrança as cousas que faltauão neste Espital, assim de roupa como de mezinhas, pera lhas mandar da India, e dahi com el-

le, e com os Fidalgos, e Capitães, e D. Jorge Capitão da Fortaleza, fui ver o sitio da Ilha, e disposição do porto e assim a Fortaleza, que agora está, e o que me amim e a elles pareceo he que desta Fortaleza não deve V. A. fazer nenhum fundamento, que se pôde guardar como aguora está, nem pera a mandar fortificar assim por ser muito pequena como por estar no mais ruim sitio de toda a Ilha, e a despeza que se nella fizer por estes dous respeitos será botada a lonje, porque he em si tão pequena, que com mais verdade se poderá chamar Bastião, ou Baluarte, que Castello, e Fortaleza, e como isto he assim, nenhuma cousa se lhe pôde fazer com que fique forte, porque no tempo da guerra nenhum lugar pequeno se pôde defender por respeito da grande força e furia da artilheria, nem se pôde chamar forte o lugar, o qual quem no defender, se perde hum muro ou huma cava se não pôde retirar fazendo novos muros, novas cavas, e novos reparios, por tanto Senhor o meu parecer he que se V. A. quer fazer huma Fortaleza em Moçambique muito forte, e que se possa defender aos Turcos, se a vierem cercar, que a deue mandar fazer na ponta da Ilha, que está na entrada do porto, a qual ponta he tão forte de natureza, que com mui pouca despeza se fará nella huma força inexpugnavel; porque toda ella quasi está rodeada de mar, e cingida de hum rochedo fortissimo, e muito alto de maneira, que aguora sem mais industria, ou muralha não he possivel chegar-se nenhum batel, nem outra sorte de navios aopé, nem pessoa alguma subir por elle acima e no rostro desta ponta se faz huma prainha d'arêa, onde está boa desembarcação para quem vier socorrer a Fortaleza sem da Ilha se lhes poder fazer algum nojo, ainda que estê occupada dos inimiguos, nem menos do porto, sómente tem necessidade esta ponta de ha cortarem de

mar a mar, e atravessarem com o muro, que terá em comprido trinta e huma braças; o chão por onde ha de hir este muro, e muito além, he todo hum rochedo vivo, de sorte que se não poderão aproueitar os inimigos das enxadas, e das mi-
 nas que são os instrumentos mais prejudiciaes, e damnozos de todos contra as Fortalezas: este sitio além de ser tam forte como digo a V. A. tem outros proveitos comsigo, o primeiro he que está muito sobranceiro sobre a entrada do porto e sobre o mesmo porto, e nenhuma Náo pôde entrar dentro, nem sahir nem estar no porto, que deste lugar se não meta no fundo, o segundo he que em todo o circuito da Ilha não ha outro lugar tão sadio por caso de estar descuberto dos ventos, e lauado do mar, e estar fundado sobre rochedo, e pedra, e a estes proveitos se ajunta outro mui grande e he que com pouca despeza se pôde fazer huma força mui grande, e fazendo-se não está em razão uirem os Turcos a Moçambique como muitos receão, porque além da grande resistencia, que lá acharão, he a terra por de redor de calidade, que os não consentirá muito tempo, por caso que he mui esteril, e falta de mantimentos, e os Turcos são homens mui grandes comedores, e dados a vicios e deleites, e tem os ares mal sãos, e destemperados, as agoas são poucas ruins, e essas que ha são mais que trabalhosas de hauer, porque agora não estando aqui mais de tres Náos cada dia me vem dizer, que secão os pouos. Quanto ha hum Canal, que me V. A. mandou, que soubesse se podião por elle entrar neste porto de Moçambique; eu mandei lá dous Pilotos, e acharão que de aguas vivas poderão vir por elle galez, parece-me que hauendo V. A. por bem, que se faça esta fortaleza, e hauendo que importa muito a seu seruiço, e a segurança da India, que não será muito em-

tupi-lo, e cega-lo, e fazendo-se ficará seguro o porto, e o mais forte do que se poderá achar em todo mundo nem se poderá jámais desentupir o canal se huma vez for cego, porque por esta banda, que elle vai, que he entre a Ilha e terra firme, não ha vagua de mar, nem resaqua, nem quebrança, pera que possa levar a pedra que nelle for lançada e pera que isto melhor se possa entender mando aqui a V. A. a pintura, em que se contém todas estas cousas. E no que pôde hauer trabalho com ceguar este canal, he em hauer a pedra de que esta Ilha carece porque pera o mais sobeja a disposição. Quanto ao modo, que se deue ter na fortificação desta ponta, parece mui facil de entender, como quer que se não deue fazer conta de mais que do muro que se oppoem á terra da Ilha, o qual como acima dixei tem de comprido trinta e huma braças, o pano deste muro faria eu hum pouquo encruado, pera que a chegada a elle fosse, mais difficultoza aos inimigos podendo ser feridos de rostro, e das ilharguas, tambem pera que a artilharia o não batesse por linha direita, e assim se segueria outro proveito, que seria as bombardas, que jogassem decima delle, cruzarião humas per outras, e não deixarião algum lugar da Ilha onde não uarejassem, e em cada extremidade, ou ponta, onde o muro fosse encontrar a rocha de sobre o mar, faria hum baluarte, os quaes sómente terão traveses, que cheguem ao longuo deste, porque pera uarejar os outros lados desta ponta, que uão ao longuo do mar não ha nenhuma necessidade como quer que a elles se não possa chegar nenhum bachel, nem pessoa alguma sobir pelo rochedo acima. Como já tenho dito, estes baluartes serão cheios, e terraplanados e emcima estará ha artilharia, que uareje toda a terra da Ilha, e o porto; mas porque do mar se não possa fazer nojo ás casas, e gente que estiuer dentro na fortaleza, será neces-

sario fazer-lhe peitoril porcima do rochedo , que vai sobre o mar até a altura de dez palmos , quanto abaste sobir a gente.

E porque ao presente se não podia pôr mãos a esta obra por caso , que a pedra , de que se ha de fazer a cal , se tira toda de restinguas , e rochedo , que cobre a maré de baixa-mar de agoas uiuas , e assim porque me pareceo grande atreuimento desfazer huma fortaleza , que ha tantos annos que está feita e hi-la fazer n'outra parte , sem especial mandado de V. A. , determinei de não bollar em cousa alguma até me uir seu recado , e em tanto se hirão juntando as acheguas. Eu já tenho deixado recado a D. Jorje , pera que com grande deligencia ajunte a mais pedra de cal que for possível , e a ponha no lugar onde se hão de fazer os fornos , que bem haverá mister quatro , ou cinco mezes pera isto pois se tira com tanto uagar , e sómente na baixa-mar d'agoas uiuas , e a outra pedra de laurar se poderá hauer derribando as paredes da fortaleza. E se por uentura parecer a V. A. excuzada esta obra , e quiser que se remedee a fortaleza , que aguora ha , mandar-lhe-hei erguer os muros , e amea-los , e assim fazer-lhe dous baluartes , o que a meu juizo se não deveria de fazer , nem gastar tempo , e dinheiro nisso.

Os dias passados mandou D. Jorje a Lourenço Marques em huma fusta a descobrir dous rios , que estão além do Cabo das Correntes , hum delles em altura de uinte e cinco grãos e o outro em uinte e seis , mui pouoados de gente negra e grandemente abastados de mantimentos : o rio que está em uinte e cinco grãos lhe amostrarão cobre , e lhe disserão que tinha muitas minas delle , e lhe venderião quanto quizessem. No outro rio virão grandes manadas de elefantes , e se lhe offerecerão os negros a lhe venderem marfim , e fallando no preço concertarão , que por humas poucas de con-

tas, que pôdem valer tres uintens, He darião hum bar de marfim, que pouco mais ou menos valerá cem cruzados na India. Parece-me bem, e ao Veador da Fazenda que, como chegasse a India, mande hum fusta a descobrir, saber muito bem como isto passa; porque seria grande proueito da Fazenda de V. A. se aqui podessemos hauer cobre, maiormente, sendo tão bom como este homem, que lá foi afirma.

Neste porto de Moçambique achei hum Náo, que inuernaua, a qual se fez na India, e vem por Capitão della Bernaldo. (c)

Continuação do exame de hum moderno viajante ao Brazil.

NO Capit. X. diz o A. que o Commercio do Brazil para a Europa he principalmente feito por tres portos principaes. Estes são *Gram-Pará*, *Bahia de todos os Santos*, e *Rio de Janeiro*. „

Todos sabem que *Pernambuco* he hum dos portos de mais commercio para a Europa. No N.º 4.º deste Periodico (1.ª Sub.) vimos que aquella praça introduzio em *Liverpool* 10647 sacas de algodão em 4 mezes de 1812 além de outros generos. Alli mesmo vemos *Maranhão* remettendo ainda mais algodão do que *Pernambuco*. Estes dois

(c) Esta Carta foi escrita no anno de 1545 em Moçambique, como della se colhe, quando D. João de Castro hia para a India pela segunda vez, e nomeado Governador do Estado. He lastima que della não exista mais do que o fragmento que copiamos, o qual mostra quão importante seria o que continha, e quanto para sentir he a perda de documento tam notavel.

portos são de hum commercio muito mais vasto que o *Pará*; e entretanto não merecerão ao nosso viajante a honra de serem nomeados.

„ Deste porto (do *Rio*) são exportadas as producçoens de *Porto Seguro*, *Espirito Santo*, e *S. Vicente*. „

A Capitania de *Porto Seguro* tem dois portos de bastante frequencia, *S. Matheus* (que o A. chama *S. Mathiás*) e *Caravellas* (na sua linguagem *Carevellos*). Pelas entradas das embarçaçoens daquelles portos nesta Corte, e na Bahia, sabemos que os generos, que exporta aquella Capitania, são farinha, milho, feijão, e outros de consumo do paiz e alguma pouca tatagiba, que não merece contar-se como addição ao commercio daquellas duas Capitaes. A Capitania do *Espirito Santo* offerece dois portos de *Guaraperim* e *Benevente*, cuja exportação nada fornece aos mercados da Europa. O A. não poderá desprezar a Memoria Topographica e Statistica sobre aquella Capitania, que inserimos no N.º 3.º

Teima fortemente o A. com a Capitania de *S. Vicente*, que não existe ha tantos annos! Sem duvida as suas instrucçoens forão as que achou em antigos escritores, aos quaes todavia acrescentou algumas descobertas, como, a das Cidades de *Porto Seguro*, *Carevellos*, &c.

Rapidamente caminhamos para a descripção da Bahia, que parece ter merecido ao nosso *Inglez* huma particular amizade.

„ A Provincia da Bahia comprehende 50 legoas de costa, na immediata visinhança da Bahia. Ainda que huma das mais pequenas divisoens do Brazil, he a mais fertil, populosa, e abundante. „

Querendo errar de proposito, nada mais se faria. Tomando para limites d'aquella Capitania os rios de *S. Francisco* e *Doce*, temos huma extensão de Costa de quasi dez grãos de Norte ao Sul,

que pelas sinuosidades faz mais de 200 legoas, hum das maiores deste Continente.

Por hum benevolencia incomparavel he sobre esta Capitania que recahem todas as censuras. A pag. 27 (copiada da pag. 525 do T 3. de Raynal) condemna o uso do ouro e prata, dos galoens, &c. Felizmente não disse como o seu mestre que usavão de rozarios de diamantes.

Passemos as casas, as ruas, &c.; a cadêa, os segredos, &c. communs a todo o Brazil.

„ Immediatamente junto ao convento dos Franciscanos, se dotou hum estabelecimento separado para os terceiros desta ordem que dizejão retirar-se inteiramente do mundo no ultimo periodo da sua vida. „

Este edificio, que na verdade merece attenção, e do qual o A. louva com razão o craneiro, ou cemiterio, não tem o destino que elle lhe attribue. Todos sabem qual he o destino de semelhantes estabelecimentos, e não he preciso cançar a paciencia do leitor

„ A tropa desta Cidade consiste em hum regimento de artilheria, tres regimentos de linha, tres de milicias, e hum composto de mulatos e negros livres, o que tudo sobe a perto de cinco mil homens, commandados por hum Marechal de Campo, debaixo das ordens do Governador. „

Que será mais claro do que isto? Nunca existirão na Bahia tres regimentos de infantaria; e não ha hum regimento de mulatos e negros. Qual seja o seu numero, não sabe o author seguramente: nem nos incumbe dize-lo. A época, que nos parece ser a de que falla o A., foi bem grata ao nosso coração, quanto he saudosa a sua recordação: poderíamos fornecer-lhe muitos dados: achamo-nos porém pouco dispostos a isto.

„ Todas as tropas do Brazil são fornecidas pela mai patria de espingardas Inglezas. „

Quiz dizer feitas no arsenal do exercito em Lisboa. O que elle diz' dos soldados (a que chama *simplices sombras de homens*), do sustento de bananas e farinha, são invençoens poeticas daquelle cerebro esquentado.

Começamos porém a entrever o motivo de tanto rancor . „ nenhum povo trata os estrangeiros com mais reserva e altivez do que os Brasileiros. „

Qual será a extensão desta asserção he o que ignoramos. Vimo-los tratados na Bahia com a maior urbanidade; mas tambem vimos (e eis o busilis) huma constancia a toda a prova, huma energia incomparavel em sustentar as leis da Nação, e as vantagens da colonia; e nisto em nada se offende a hospitalidade com os estrangeiros. .

Não podemos conter-nos ao ler na pag. 229 asserçoens escandalosas, que, se fossem verdadeiras, farião a maior injuria aos Brasileiros. He tão atroz a calumnia, que não me attrevo a traduzir as suas palavras. O original diz o seguinte.

„ *Here, as well as at Rio, the inhabitants who are at all acquainted with European politics, display great partiality for the French cause; nor have the enormities unfortunately attendant on the revolution abated their admiration of this great event. They justly observe that the crimes which stain the annals of republican France, are imputable to the errors of the old government, and the hostilees of the combined powers—not to those principles of freedom, which lead an oppressed people to assert the unalienable rights of their nature. So deep-rooted indeed do these opinions appear, especially in the minds of the younger Brazilians, that it is more than probable they would, in concurrence with other circumstances have quickly led to an important change in their political situation, but for the removal of the seat of government to their country.* „

Sem duvida não se pôde denegrir mais o quadro. Mas vejamo-lo á luz da verdade: elle parecerá o mais horroroso, quanto o mais impostor. Se o A. lesse a Historia, veria quantos sacrificios fizeram os Brasileiros para se livrarem do jugo estrangeiro: veria mesmo na Bahia o valor com que essas *sombras de homens* (como elle impudentemente falla) arrostrarão e destroçarão os Hollandezes e reconhecerão por seu legitimo Soberano o Illustre Ramo de Bragança: saberia que esses conloios, tão ordinarios em outros paizes, que se gabão de bem governados, são desconhecidos no Brazil: e para de huma vez tapar-lhe a boca, bastaria que lhe contassem o alvoroço e a alegria, com que naquella Cidade foi recebida a Augusta Pessoa de S. A. R. e da Sua Real Familia. Muitos dos nossos Leitores são testemunhas dos sentimentos de amor e fidelidade, que tão dignamente desenvolverão, prestando quanto em si era do melhor grado. Quem, a não ser hum escritor solto em palavras, e acanhado em noticias, accusaria este povo de affincado a principios errados de insubordinação, e dessa mal entendida liberdade, que tem alagado a Europa em sangue?

Mis será possível que hum escritor avance sem provas huma semelhante asserção? Certamente não. Elle as tem. Vejamo-las.

„ Alguns dos mais ricos moradores tanto do Rio, como da Bahia, tem as suas sallas ornadas com quadros Francezes, que representão as proezas de seus victoriosos Generaes, que elles olhão com sentimentos do mais vivo enthusiasmo. Ainda as suas pequenas livrarias são surtidas com os escritos de Alembert, Buffon, Adam Smith, Thomas Paine, &c. „

„ Eis aqui as grandes provas, que produz hum estrangeiro em materia de tanta importancia. Negand'o o facto do ornato das cazas, ao menos segund'o

nossa noticia, perguntaremos ao nosso viajante, em que logica aprenderia elle a tirar tão boas conclusões? Como da presença da gravura de hum Francez, ou de huma acção de hum dessa nação, se conclue a adhesão aos seus principios? Se mesmo não he possível admirar hum rasgo particular de prudencia, ou de valor, sem adoptar os sentimentos daquelle que o praticou? Se hum similhante logico visse em caza de hum Mathematico o retrato de Lallande, decidiria immediatamente que elle era atheo. Se hum curioso tivesse a pintura de Mafo-ma seria logo reputado Musulmano. Oh! Como está adiantada a Filosofia em outros paizes! Agora conhecemos porque o A. diz, em outro lugar, que no Rio não se cultiva a litteratura, e muito menos as sciencias, em hum tempo em que além das Aulas do Latim, Grego, Rhetorica, e Filosofia, havia huma Academia, em que se explicava hum Curso Mathematico. Sem duvida nestas Aulas não se ensinava a discorrer tão sabiamente, com vergonha dos seus Professores. Por mais habeis que elles fossem, poderião sim notar os sophismas do Sabio Inglez, mas não imita-lo. Não passaremos sem notar que o mesmo Escriitor que, poucas paginas antes, apenas nos permittia algum livro rançoso de Medicina, ou de Theologia, agora nos torna tão familiares os Buffons e os d'Alembert, os Smiths, os Paines &c. Serão estes authores incluídos naquella classe? Mas de que maneira contribuirão estes Escriitores da primeira ordem para semearem doutrinas politicas tão fataes á Sociedade? Como inculcará o A. perigosa a lição d'Alembert, e de Buffon, dois génios singulares, dois Sabios de hum reconhecido merecimento? Não he acaso mais perigosa a sua obra, que lança a irrisão sobre os actos mais serios da Religião do paiz, que mofa de disposições do governo, e attaca sem pejo, e sem verdade, as cousas mais serias? O A. da *Riqueza das Nações*,

não esperaria de hum seu nacional a nota de perigoso, de contrario aos principios da Sociedade, e em summa de hum fautor dos principios anti-politicos. Sabemos que elle fora accusado de sectario das doutrinas de Voltaire, mas onde estão ellas na *Riqueza das Naçoens*, obra classica, que tem adquirido tanta celebridade? Que diria o A. se soubesse que hum dos nossos Sabios se esmerou em traduzi-la em vulgar, vindo agora a ser mais geral o seu conhecimento? Miseravel escritor!

„ A' proporção da sua admiração pelos Francezes apparece a sua antipathia para os Inglezes. „

Porque? Senhor Grant? A resposta he offensiva do seu Governo, e por isso a ommittimos: mas instamos pela prova do facto. Vimos retratos de Nelson, não só em paineis, mas em caixas, &c. Vimos pinturas dos combates navaes dos Inglezes, até em cazas publicas. Logo (he Logica do Inglez) os Bahienses são muito amigos dos Inglezes. Qual he o signal de má vontade, que tem dado aquella praça? Em 1805 esteve naquelle porto huma esquadra Ingleza; foi provida de tudo quanto houve mister: na chegada de S. A. R. ao Brazil, e depois della, tem-se prestado constantemente aquelle gazalhado, que os mesmos Inglezes confeção. Em que parte não brilhão os effeitos da união destas duas naçoens pelos mais sagrados laços? A mesma causa, o mesmo empenho, o sangue promiscuamente derramado sobre a Peninsula, sobre o Continente da America, e até sobre o Oceano, pôde ser compativel com huma idéa tão indecorosa, que o viajante dá dos Brazileiros? Socegemos porém o nosso espirito para reflectirmos sobre as causas desta sanha, deste rancor, mostrado e desenvolvido contra o Brazil em geral, porém refinado contra a Bahia. Ouçamos o eloquente Escriitor.

„ Os nossos navios, antes da chegada da Corte Portugueza ao Brazil erão detidos pelos mais frivo-

los pretextos, e toda a communicacão com a terra era prohibida com mais rigor do que nunca. „

Traduziremos isto em hum Portuguez mais corrente, e ainda bem que estamos muito ao alcance de o fazermos com toda a verdade. O A. quiz dizer isto. — Antes da chegada de S. A. R. á Bahia, aquella Capitania era governada por hum homem de hum character firme e inflexivel, attento á execucao das leis do seu paiz, sustentando com hum energia extraordinaria as ordens do Seu Principe, e empenhado em evitar o contrabando, tão funesto aos interesses da Real Fazenda, como á prosperidade do commercio. Para conseguir este fim, não permittia a descarga e venda das mercadorias estrangeiras, as quaes embarçava com huma ronda, commandada por hum official. Então, mais que nunca, foi difficil continuar em hum commercio prohibido, que tanto agradava aos aventureiros estrangeiros. — He isto em summa o que diz o A., e desta vez somos de accordo. Fora facil provar todas estas asserçoens, melhor do que o viajante faz. Existem daquelle respeitavel Governador officios em circumstancias bem melindrosas, que provão todo o vigor do seu character. Não nos he dado levantar o véo, que os esconde ás vistas do publico: nem he este o lugar de escrevermos a sua vida politica. Com tudo o Inglez blasona de haver enganado a vigilancia do governo, e subornado aquelles mesmos, que devião zelar o cumprimento de suas ordens. He bem ordinario (desgraçadamente!) achar-se algum individuo que falte ao seu dever: mas he bem ridiculo gabar-se de haver lançado mão de tão indigna corrupcao. Quando aquelle que governa descaça sobre a honra de hum inferior, e este prevarica; deve odiar-se o segundo, e condoer-se do primeiro. He por semelhantes lapsos que as leis mais santas são muitas vezes illudidas, ou ainda infringidas.

„ A superstição , a hypocrisia , a prigueira , a paixão pelo jogo . e ostentação , juntas á mais extrema avariza , e hum decisivo desprezo pelo bello sexo , formão os traços das maneiras dos Bahianos . „

Já dissemos o credito , que merecia hum estrangeiro , que dicide do character de hum paiz , por onde apressadamente passou . O tempo , a reflexão , a imparcialidade , a communicação com sociedades escolhidas , faltão a hum viajante , que , para assim dizer , não piza dois dias o mesmo terreno . Mas o que revolta he ajuntar á impostura huma inconsequencia notavel . Reparemos bem *nestas feiçoens* 1.^a a *superstição* : os argumentos parece que são a profusão nas festividades e procissoens , e outros actos publicos de religião . communs não só ao Brazil , mas a todos os povos Catholicos , e que não prova grande juizo hum escritor que reprova por isso que he de differente religião . Porém esta profusão he contraria á extrema avariza , que tambem não se compadece com os banquetes , que elle une ás festividades . Aqui temos já duas qualidades repugnantes . 2.^a *hypocrisia* . Como se poderá dizer que huma população he hypocrita ? Póde este vicio apparecer em alguns individuos , mas no todo só se poderá conhecer por actos publicos . Estes não imaginamos quaes possam ser , ao menos não conhecemos caracteres que os distingão na Bahia . Parece porém que ser hypocrita , jogador e amigo de ostentação , não he compativel . Ao menos confeçamos que esta união não cabe na ignorancia de hum Brasileiro . 3.^a *avariza em extremo* . Era notavel esta Cidade pela hospitalidade que prestava : todos os annos corrião a aquelle emporio centenas de infelices enviados do Norte de Portugal (a que chamavão *impor*) , erão agasalhados , ajudados , admittidos a Socios , e formavão-se grandes negociantes . Outros desamparados achavão asilo , e protecção . Temos ouvido milhares de testemunhas da liberalidade ,

que parecia distinguir os moradores daquella Cidade. Todavia por huma metamorphose notavel apparecem convertidos em avaros extremos, caracter o mais opposto ao daquella gente. Isto he que se chama magica branca: 4.^a *desprezo do bello sexo*. . *Risum teneatis amici?* Meu Inglez, nos não quizeramos dizer-lhe que *mente*, mas perdoe a hum grão seiro Brasileiro a falta de outra expressão. Quem lhe disse que os Bahienses, Bahianos (ou como V. M. quizer) odêão o bello sexo? Digão-no os seus Poemas . digão-no . mas para que? Se V. M. tudo sabe, tudo vio, como sabe e vio o que se passa no globo da Lua ou no de Herschell, que tem hum nome mais do seu conhecimento.

„ O maior prazer de hum Bahiano, e em geral dos Brasileiros, consiste em huma perfeita inacção, mental, e corporal; „

Que Edipo entenderá esta esphinge? Disse pouco antes que os moradores da Cidade baixa mostram muita actividade, e trafego, (*there prevails among them a considerable appearance of activity and bustle*) e agora os chama perfeitamente ociosos? Tomaremos entende-lo: mas vemos que a culpa vem da nossa falta de logica. Pobres Bahianos! Lem d'Alembert, e Buffon!

„ O Commercio interior, sem embargo da indolencia dos colonistas, tambem he muito consideravel. „

Quem faz logo este commercio? Se o viajante tivesse vágado hum pouco pelos reconcavos, veria gente laboriosa em extremo, não colhendo de suas fadigas a sua subsistencia. Sem distracçoens, e podemos dizer sem prazeres, o trabalho he a sua occupação unica. Por certo mais ocioso he quem os condemna sem conhecer. Mas se estes não são ociosos, tão pouco o são os negociantes, segundo o testemunho do A.; donde vem a indolencia dos Colonistas?

O A. repartio os generos a seu sabor ; deu á Cachoeira tabaco e algodão , á Itaparica agoardente e azeite , madeira a Ilheos , peixe salgado a Porto Seguro , &c. Digo a seu sabor , porque o azeite de balêa , por exemplo , he extrahido nas differentes armaçoens. No tempo do contrato , a feitoria era em Itaparica , he verdade : mas havia outra casa na Itapoan : depois de extinto o contrato , tempo em que o A. escreve , diversos negociantes fizerão armaçoens em sitios differentes , existindo só huma na Ilha de Itaparica , em quanto nas visinhanças da Cidade ha muitas , como em Itapagipe , Barra , &c. Tambem não he de Itaparica que vem a maior porção de agoardente. Hum só engenho naquella Ilha não pôde correr parellas com o Igua-pe , por exemplo . que parece a terra de engenhos. Mas o A. levou-se das primeiras apparencias. He costume que os barcos , que vem dos differentes portos de reconcavo pernoitem naquella Ilha para sahirem pela madrugada com hum terral constante , e he muito agradavel ver aquella esquadra miuda composta de 40 , 50 , ou mais embarçaçoens quasi em linha demandar a Cidade , á qual traz a abundancia. O estrangeiro vê chegarem de Itaparica muitas lanchas carregadas de agoardente , e lhe attribue aquella exportação.

„ A agoardente de cana está nas mãos de huma companhia exclusiva , e por consequencia tem hum preço enorme. „

„ Duas falsidades em duas linhas. A quantidade grande , que se exportava , o mostra : ha muitas fabricas , ou alambiques , que tráfico unicamente neste genero.

„ Estrangeiros de todas as naçoens são expressamente prohibidos de entrar em Commercio com o Brazil. „

A Carta Regia , que abriu o Commercio aos estrangeiros , he de 18 de Fevereiro de 1808. Hum

author, que escreve em 1809, devia ter conhecimento della, ou pelo menos dos muitos navios da sua nação, que tinham tocado a Bahia.

Acolhendo-se á authoridade de *alguns escritores*, pinta os Bahianos *inteiramente faltos de sentimentos de honra, e destituídos daquelle senso commum de rectidão, que deve regular todas as transacções entre homem e homem. Mentiris impudentissime*, he a resposta que merecia este charlatão. He o cumulo da impudencia! Estes escritos, sim, estes he que merecem o nome de *miseraveis!* Em materias desta natureza responder-lhe, fora fazer-lhe muita honra.

Deixo em silencio o epitheto de impolíticas, iliberaes, e injustas, que elle dá ás regulações do paiz, ainda as mais necessarias, a declamação contra os guardas da alfandega *guard di mor*: não fallarei no suprimimento de escravos tirados de Angola, quando todos sabem que da Costa da Mina vai á Bahia a maior parte dos escravos, que se empregão na lavoura e officinas daquelle Capitania; e outras falsidades, que cançarião a paciencia do Leitor. Se eu quizesse provocar o riso, apontaria algumas descobertas do habil Viajante, por exemplo, que a Bahia abunda de bananas, que vem de S. Thomé, de guavas, mangoes, &c. a fragrançia e elegancia dos *ramalhetes*, que vendem as flores, hum theatro comico de fresco acabado (em 1809!) dirigido por hum Italiano, e outras galantarias daquelle genio creador! Nauseados de taes disparates concluimos estas reflexões; porque se quisessemos apontar todos os erros, todas as vagas asserções deste escritor, excederíamos os limites deste periodico. O leitor sensato conhecerá bem pelo dedo o Gigante; e estamos persuadidos que o A. escreveo tão soltamente, pensando que os Brasileiros mal sabem ler, quanto mais combinar as suas profundas idéas, envoltidas em huma lingua estrangeira!!!

Obras publicadas nesta Corte no mez de Novembro.

Prelecções Philosophicas , por Silvestre Pinheiro Ferreira , 2.^a e 3.^a prelecções.

No principio de cada Prelecção se acha hum resumo das materias que nella se comprehendem , que nos dispensa de analysa-la. Quanto ao merecimento da Obra , referimo-nos ao que dissemos no N.^o 3.^o pag. 79.

N. B. No Numero antecedente pag. 59 lin. 11 em lugar de e oposerão em pratica , lea-se , Francisco de Castro , e Gaspar da Costa assentarão abandona-la , e o poserão em pratica &c.

*Continuação do Estado da atmosphera.**Outubro.*

<i>Dia.</i>	<i>Ther.</i>	<i>Bar.</i>			<i>Tempo.</i>
		<i>Graos.</i>	<i>Pol.</i>	<i>Vint.</i>	
15	69½	29	17	18	claro
16	71		16	28	pezado
17	71½		13	40	chuvozo
18	70		13	36	
19	70		14	16	claro
20	73		14	28	
21	75		14	20	
22	76		13	20	
23	76		13	14	
24	75		13	26	pezado
25	76		13	34	claro
26	77		13	24	
27	81		13	16	
28	80		13	20	
29	81		13	45	
30	81		13		pezado

Novembro.

1	79	29	13	20	claro
2	76		13	24	pezado
3	75		13	6	
4	75		14	2	chuvozo
5	74		13	8	claro
6	73		14		
7	78		13	8	

I N D I C E.

H Y D R A U L I C A.

- Memoria sobre o meio de desagoar, ou esgotar as terras inundadas, ou enxarcadas por methodo facil e pouco despendioso. Por B.*** pag. 3*

H Y D R O G R A P H I A.

- Reflexoens sobre as viagens dos mais celebres navegadores, &c. Por Joaquim Bento da Fonseca. Continuadas do N.º 4.º pag. 19. 14*

M I N E R A L O G I A.

- Memoria sobre a ultima irrupção volcanica do Pico da Ilha do Fogo, succedida em 24 de Janeiro do anno de 1785, observada e escrita. por João da Silva Feijó. 23*
que foi encarregado, por Sua Magestade, do exame Phisico das Ilhas de Cabo Verde.

H I S T O R I A.

- Continuação da Descripção Geographica da Capitania de Mato Grosso. 32*

L I T T E R A T U R A.

- Egoglu, offerecida á Illustrissima e Excellentissima Senhora D. J. J. de I. F. 43*
Soneto ao Grande Silveira. 47
Soneto ao Soldado Portuguez. 48

P O L I T I C A.

- Cartas de D. João de Castro, IV Vice-Rei da India. 49*
-

- Continuação do exame de hum moderno viajante ao Brazil. 66*
Obras publicadas nesta Corte no mez de Novembro. 78
Continuação do Estado da athmosfera. 79

**O PATRIOTA,
JORNAL LITTERARIO,
POLITICO, MERCANTIL, &c.**

D O

RIO DE JANEIRO.

*Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra meei, e a minha gente.*
Ferreira.

SEGUNDA SUBSCRIPÇÃO.

N. 6.º

D E Z E M B R O .

**RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.**

1813.

Com Licença de S. A. R.

*Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na
rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis. Na mesma
se subscreve a 4000 reis por semestre.*

* ~~~~~ *

H Y D R A U L I C A .

*Noticia sobre o meio que se seguiu no esgotamento de hum pantano. Por B.****

A Vizinhança dos pantanos, das lagoas, de toda a maça de agoa estagnada, causa epidemias mais ou menos perigosas. Certo proprietario possuia hum terreno pantanozo, e tanto a sua gente como os vizinhos sofrião sezoens todos os Outonos, e ou não conhecessem a causal, ou não a quizessem extirpar, padecião: mudando o predio de dono, este augmentou o mal com a addicção de hum monturo, dizia elle, que para dalli estrumar as suas terras; mas querendo livrar-se das molestias, que grassarão como dantes, tentou esgotar o pantano (que tinha seiscientos pés), e tornar mais pequeno hum lago, que possuia: e eis o meio que empregou: começou a abrir regos até a hum rio vizinho, tendo-o de antemão feito limpar, e dar-lhe a maior corrente, que lhe foi possível; as terras provindas das escavaçoens servirão para altear, e consolidar o terreno, ao mesmo tempo que os regos facilitavão a retrogradação das agoas estagnadas. Plantarão-se depois ás bordas de alguns diferentes arvores, sendo o maior numero salgueiros e em outras junco para suster a terra lodosa: e os demais regos forão entupidos, e este pantano, que além de inutil era prejudicial, tem hoje hum prodigioso numero de arvores, que dentro de alguns annos pagarão com uzura a despeza, que se fez com o terreno que as nutre. Ao mesmo tempo que se punha em practica este trabalho, restringião-se os limites da lagoa por meio de hum canal de 12 palmos pouco mais ou menos, e de dois mil trezentos e vinte pés, que tinha a lagoa, foi reduzida á seiscientos

pouco mais ou menos. Servindo todas as terras tiradas na abertura do canal, a altear o antigo solo, que apresenta hoje quatrocentos pés de prado artificial, mui pingue e viçozo, e pouco mais ou menos duzentos pés plantados de arvores de diversas espécies.

Procedéo-se do mesmo modo com duzentos pés de terra, a maior parte da qual estava coberta de agoa, e o resto era hum monturo e he hoje hum excellente horta, e optimo pomar.

O resultado do trabalho mencionado foi que de mais de 300 obreiros, que alli se empregarão, vindo huns e tendo-se outros, hum só não adoeceo, e as febres, que se manifestavão mais ou menos fortes todos os annos, desaparecerão.

A experiencia provou que as especies de arvores mais adequadas a estas sortes de terreno são as do Genero *Populus*, Chopos, Tacamarqueiros, os Frexos, as Betulas, Alnus, os Bordos, os Salgueiros, &c, e com particularidade os Juncos. He facil a quem tiver que empregar este meio de esgotar terrenos servir-se das arvores, que naturalmente buscão a vizinhança das agoas, em quanto os nossos Botânicos nos não dão os nomes das que de preferencia se devem servir, e experiencias feitas a este respeito serião muito para dezejar.

As precauções que se tomarão, e que cumpre ter em taes trabalhos, são 1.º principiar na primavera, e acabar antes das chuvas do outono; 2.º começar logo por dar esgoto ás agoas estagnadas; 3.º variar o serviço dos trabalhadores de sorte que os que forem empregados dois dias em cavar os regos ou canaes no lodo, vão no terceiro carregar terra, ou plantar as arvores: 4.º altear as partes do terreno destinadas á cultura; 5.º dar hum copo de agoa ardente todas as manhãs aos trabalhadores; 6.º que os obreiros não se deitem, com mão, ou se demorem, descansando nas terras revolvidas de novo. Pantanos ha de mui difficil esgota-

mento pela sua posição: o melhor meio de secal-os he então plantar-lhes arvores, segundo annunci-amos dando sempre a primazia ao Salgueiro, e semear grande abundancia de plantas labiadas, ranunculadas, ombiliferas &c, e ao cabo de alguns annos havendo este cuidado o terreno se alteará e enxugará: ensina a experiencia que hum Salguei-ro de dez annos de idade, ex. gr. absorve perto de 6 libras de agoa em 24 horas. Aqui estão al-guns dos meios de destruir huma das principaes causas da insalubridade do ar em alguns dstrictos. Seria pouca toda a recommendação, que se fizesse aos proprietarios, para que imitassem a este: farião as-sim bem á humanidade, e a seus proprios interes-ses; bom seria recomendar-lhes para o trabalho de esgotamentos o emprego do Parafuzo de Archime-des maquina tão simples, tão expedita, e tão empregada, menos entre nós, pela mesma fatalidade porque não são outras muitas, e não sabemos tra-balhar, senão á força de braços. Dezejozo de ins-truir-me em quanto via á meu alcance, fui a São Deniz (não distante de París) ver o trabalho que referi, e pedindo algumas individuaçoens sobre elle, Mr. Charpentier teve a bondade de remeter-me o que aqui transcrevo, e que offereço ao Patriota, se o seu Redactor e meu Amigo o julgar de al-guma utilidade ao nosso Paiz.

T O P O G R A F I A .

Roteiro para seguir a melhor Estrada do Maranhão para a Corte do Rio de Janeiro.

EMbarca-se na Cidade do Maranhão em Canoa pequena e gasta-se cinco a oito dias até Aldeas altas, que são 120 legoas, e em Canoa grande com muito bons commodos gastão-se 20, a 30 dias.

Sahindo daquelle Arraial, vai ás moradas do Rozario com 3 legoas — Poraqué 2 — Pindoba 2 — Correntão 1 — Bacába de fóra 1 — Perdido $1\frac{1}{2}$ — Caza da Oração $1\frac{1}{2}$ — Sucunju 2 — Bacabeira 2 — Olho d'agua 3 — Passagem de Santo Antonio 3 —

Atravessando alli o Rio Parnaíba, vai pelas moradas do Gado brabo com 5 legoas — S. Francisco 3 — S. Pedro 3 — Todos os Santos 4 — Burity 4 — Aldea de S. Gonçalo 6 — Sitio do meio 3 — Mancinha 2 — Mocambo 3 — Arraial 2 — Gameleira 3 — Passagem do Canindé 2 — Riachão 3 — Arassás 3 — Cidade de Oeiras 2 —

De Oeiras vai ás Fazendas do Cajueiro 3 legoas — Tranqueira do meio 3 — Baixa 2 — Pobre 2 — Currealinho 3 — Sobrado 3 — Barra 1 — Serra 2 — Cajazeiras 2 — Gameleira 2 — Caxoeira 3 — Barra 3 — S. Antonio 3 — Espinhos 3 — Ao Taboleiro alto 13 — Roçado 6 — S. Pedro 1 — Curreal do Campo 2 — Barra da Vereda $1\frac{1}{2}$ — Jatobá 3 — Cacimbas 4 — Bom Successo 1 — Indunhema 5 — Arraial no Rio, de S. Francisco 10.

Alli embarca-se querendo em Canoa ligeira, gasta-se 25 dias ao Rio das Velhas e o mesmo gasta em Barcas grandes: não ha pe-

rigo de Caxoeiras , salvo algum tufão de ven- 272 $\frac{1}{2}$
to ãa Seca.

Por terra ha duas Estradas , a melhor he
passar o Rio para a banda da Bahia , e vai por
muitas moradas té ao lugar chamado Aldéa , —
Boqueirãozinho 3 — Boqueirão grande 3 — Pi-
lão arcado 4 — Pedras 6 — Arraial do Chique
chique 10 com tres fazendas no meio 26

Tem aqui 2 Estradas , a da beira do Rio
muito difficultoza no tempo de cheias : a me-
lhor he do dito Arraial do Chique chique ao
Brejo do Sumá no Arraial do Bromado , que
são 15 legoas com muitos moradores — Ce-
dro 7 — Peramerim 13 com muitos moradores
até a Villa do Urubú com 18 legoas. 53

No cazo de ser grande a Cheia de Pera-
merim , segue a Estrada de S. Rita — Montes
altos — Arraial das Formigas — Arraial do Te-
juco — muito Povoada , e sem perigo de Rio.

Seguindo Rio do Uribú acima vai por
entre moradas ao S. Bom Jezus da Lapa 12 —
Arraial do Paratica Malhada sempre por en-
tre moradas 24 — 36

Vai Rio acima por entre moradas ao Ar-
raial dos Morrinhos , e sem encontrar Povoação
consideravel vai á Barra do Rio das Velhas
contando 84 legoas 84

Aqui apartão 3 estradas e a mais perto
he a que vai por S. Antonio do Crubelo , e
Arraial de S. Luzia , passando muitas moradas ,
e Fazendas contando 70 legoas 70

Do lugar dito S. Luzia vai á Villa do
Sabará , Villa de Queluz — Villa nova de
Barbacena — Registro de Mathias Barboza — Por-
to da Estrella , onde se embarca e são 97 legoas. 97

A estrada , que vai pelo Arraial do Tejuco , —
he muito longa , porém mais povoada , e a 638 $\frac{1}{2}$
que vai pelo Abaité — Villa do Pitangui —

Arraiaes do Espirito Santo — Desterro — Claudio — Japão — Passatempo, e vai dar na estrada Geral abaixo da Villa de Queluz, he mais dezerta, e mais fertil de mantimentos.

Roteiro para regressar com a maior presteza, que se pode imaginar.

DA Corte do Rio de Janeiro, ao Arraial de S. Luzia se gastão 10 dias: aqui sendo em tempo de aguas se embarca em Canoa ligeira, e vai sahir ao Rio de S. Francisco com oito dias, e ao dito Arraial 12 — e á Cidade de Oeiras 10 — a Aldeas altas 7 — e a Maranhão 5, e em 44 dias se faz huma tão longa viagem.

Roteiro para seguir a estrada do Maranhão para a Cidade da Bahia.

Procurando a Cidade de Oeiras, segue pelas Fazendas Lagoa do meio 3 legoas — Ilha 4 — Brejo 5 — Castelo 4 — Poçoens 6 — Mocambo 3 — Bom Jardim 5½ — Poçoens de cima 4½ — Campos da Caxoeira 5 — Serra branca 2 — Ingazinha 7½ — Caboco 6½ — Angicos 3 — Alegre 4 — S. Antonio 4 — Cruz 6 — Jatobá 3 — Urucuri 4 — Passagem do Juazeiro no Rio de S. Francisco 5 legoas . . .

Atravessando o Rio, vai ás Caraibas 5½ — Carnaibas 4 — Frade 5 — Encruzilhadas 3 — Emburanas 4 — Jagurari 5 — Itapicurú 3 — Villa da Jacobina 1 — Tamanduá 4 — Itapicurú merim 5 — Olho d'agua 3½ — Bebedor 5 — S. Antonio das Queimadas 2 — Rio do Peixe 4 — Umbuzeiro 5 — S. Roza 4 — Cai-

té $3\frac{1}{2}$ —	Boca da Catinga 2 —	Patos 5 —	S. Ni-	84
colão 4 —	Crauatá 5 —	S. José da Tapuroro-		
ca 4 —	Lá fora 3 —	N. S. da Oliveira 4 —		
S. Amaro 3 —				$98\frac{1}{2}$
Aqui se embarca, e gasta 24 horas á				$182\frac{1}{2}$
Bahia.				

Póde seguir a estrada da Caxoeira tomando em S. José, porém gasta 48 horas de embarque.

E seguindo pelas Matas de São João são mais 28 de viagem, porém não embarca.

Corte do Rio de Janeiro 9 de Fevereiro de 1810.

José Pedro Cezar de Menezes.

L I T T E R A T U R A .

*Serenissimæ Infantis Domine Mariæ Annæ Im-
mortali Memoriae.*

S.

Epigraphem.

Quid vult hic tumulus? lacrimas abstergite: Coelum
Exultat; luctus projice, terra, tuos.

Aliam.

Hæc maris, hæc terræ superavit Fœmina casus,
Hæc potuit fortes quæ potuere viri.

Aliam.

Deseris Arcturum, pelagi discrimina ad Austrum
Suffers, ast victrix regna beata tenes.

Aliam.

Arctica terra tui ortûs gaudet honore, sepulchri
Australis servat Gens monumenta tui.

*Do Dr. João Ferreira Soares, Conego da Sé
de Mariana.*

Resposta á Epistola que ao despedir-me do Rio de Janeiro me escreveu Elmano Bahiense.

Thebaida (1) 13 de Outubro de 1813.

QUAL era o coração, tal se mostrava
 Outr'ora, então lhaneza era virtude;
 Mas dos vicios o imperio cresce tanto,
 Que a prudencia desculpo, quando pede
 O refalsado rosto á hipocrisia.
 Quem sente como nós, he nosso amigo,
 Igual sentir nos supre o trato, e os annos:
 Qual vemos a alma preza, se encontramos
 Hum terno olhar, que a mente adevinhava,
 Tal subito a amizade se declara,
 Quando iguaes sentimentos desabroxaõ.
 Trazer a alma no rosto os mãos só temão,
 Que aos bons a tanto obrigue a sociedade!
 Com louvor longo tempo ouvi teu nome,
 Elmano, e com louvor t'u nome digo,
 Ao ver-te, o coração sem véo mostraste,
 E vi do patriotismo o calo honrozo.
 Obedeça-se ás leis, que nos governão,
 A os bons costumes nunca a seus abuzos:
 Tal pensar te senti no fundo d'alma;
 Não o sentiste só, mostraste-o ao Mundo;
 Venceste o falso pejo, e despontarão
 Do zoilo as setas, na robusta mente.
 Vociferem debalde ignaras bocas,
 Deixa, deixa ao porvir que lhes responda,
 Luzes quer nossa Patria, tenha luzes,
 Se ingrata for, façamos mais do que ella,
 Nossas vigílias, nossas vidas tudo,
 Tudo, á Patria se dê, corage, Elmano:

(1) Nome de huma fazenda nova onde estou armando o meu ganha-pão.

Se te condemna o estulto, não respondas,
Se o Sabio, (e o póde haver que te não louve?)
Pergunta-lhe que luzes não grangêa
Das obras, que periodicos chamamos?
E se do teu diferente os mais nascerão!
Se não vingaste o fim, mostras o trilho.

O amigo do amigo sofre os gabos
D'amizade através sente o que vale;
Assim li teu louvor sem deslumbrar-me:
Sei que de Febo nunca fui mimozo,
Meu rude metro, meu saber escaço
Conheço, qual conheço os teus talentos,
Exercita-os Elmano a bem da Patria,
Aos conterraneos teus enquanto instrues,
Das ignoradas margens do Jacuipe
As agrestes boninas, seus matizes,
A's rozas juntarei, que te coroão;
Se indigna a offerta he, o intento he puro.

B.***

ODE PINDARICA.

*Feita aos annos do Illustrissimo e Excellentissimo
Senhor D. Francisco de Assiz Mascarenhas, Conde
de Palma, Governador, e Capitão General da Ca-
pitania de Minas Geraes, em 30 de Setembro de
1813. Pelo Padre Mestre M. J. R. Professor Re-
gio de Filosofia da mesma Capitania.*

*Paulum sepulta distat inertia
Celata virtus: non ego te meis
Chartis inornatum silebo.*

Horat. Ode 8. L. 4

Estrophe. 1.^a

SE d'Aulide os baixeis sulcando as vagas,
O Lyrico Cantor da Grega Cohorte,
A's mais remotas plagas,
Prendendo o tempo, avassallando a Morte,
De seus Heroes os nomes, e altos feitos
Immortaes os levava
Seguindo o trilho, o rumo, e o mesmo estilo,
Do Tejo ao Ganges, do Brazil ao Nilo,
De Pindaro imitando os sons divinos,
Voarás, ó Palma! nos meus almos hytanos.

Antistrophe. 1.^a

As redeas d'ouro a meus Ethontes solto,
E sobre o carro alado,
Levando-te a meu lado,
As Zonas corro, corro o globo, e volto:
Depois aos Ceos me elevo,
Onde quaes astros, os Heroes scintilão;
E na derrota do meu grato vôo,
Tuas virtudes, e teus dons pregão.

Epodo. 1.²

Os Numes me embalarão
Nos Dirceus Hymnos que inda Thebas amã.
Na mente me instilarão
De divino fulgor celeste chamma:
Desta arte os Vates, sopeando o tempo,
Os Héroes, que cantavão,
No alcaçar immortal os collocavão.

Estrophe. 2.²

Nitido Cisne n'Apollinia rota,
Eis já devasso a região da Gloria,
Com força ao mundo ignota,
Penetro afoito o templo da Memoria:
Já pizo o pavimento, as aras vejo
D'inclitos Mascarenhas,
Genios sublimes, astros radiozos,
A nós, e aos évos sempre luminosos,
Varoens prestantes; que a sonora Fama
Nas cem bocas de bronze aplaude, e acclama.

Antistrophe. 2.²

O moço Scipião á Hisperia invicta,
Assim em verdes annos,
Com seus modos humanos
Lhe ganha os coraçãoens, e as Leis lhe dita:
Assim vencem, triunfão,
Alexandre em Arbella, Augusto em Accio.
Tambem tu em Goyaz, assim, ó Palma,
Mostras teus nobres caracteres d'alma.

Epodo. 2.^a

Do caduceo armado,
 Contra o negro tumulto ardifremente,
 Es o Iris Sagrado,
 Em poucos annos hum Nestor prudente:
 De quatro lustros pouco mais de idade,
 A' anarquia fizeste
 Que fosse succeder a paz celeste.

Estrophe. 3.^a

Qual Austro furioso agita, e bate,
 Às altas, crespas, ressaltantes vagas,
 Tal teu genio rebate
 Das vis intrigas as infestas pragas.
 Assim do Alcides, que inda adora Dio,
 O Guzarate treme;
 Assim de hum Luso ao coração valente
 Se curva o Indo, e o Malabar potente,
 As meias Luas, que, varrendo a terra,
 Cobrem de Loiros ao Heroe da guerra.

Antistrophe. 3.^a

Famelico Leão da Hiberia altiva,
 Em vão ruge vaidoso,
 O Luzo valerozo
 Da curva garra o impulso lhe abortiva:
 De teus antepassados
 Foi este á Patria o salutar arrimo.
 Despotico Olivares não presume
 Que haja quem turve seu luzente Cume.

Epodo 3.^a

Alfeo muda a corrente,
E Astarte muda as prateadas pontas;
Mas tu, Heroe clemente;
Teu sagrado dever jámais transmuntas
Progenie d'aguias, es da mesma prole.
Os filhos dos Fabricios
Sempre ostentarão ser Leaes Patricios.

Estrophe 4.^a

Torva prócella, que negreja os ares,
Respeita os Castros, os Cabraes, os Gamas,
Pelos Indios mares
Veceção inda as triunfantes ramas:
Goyaz, e Minas, tua frente, ó Palma,
Tambem cingem de Loiros.
Não são só os Aristides de Athenas,
Que ornão as testas de doiradas pennas,
Nem os Camilos só que Roma canta:
Dos Mascarenhas he melhor a planta.

Antistrophe 4.^a

Tigres sanhudos na implacavel guerra,
Quando a patria defendem;
Na paz sómente attendem
A's Leis, que tornão em Eden a terra:
Richelieus prominentes,
No gabinete, ou marcial campanha,
Já são Carvalhos, já Pachecos fortes,
Grandes em ambas as diversas Sortes.

Epodo 4.^a

Tu , Palma esclarecido ,
Es a imagem , es o ramo , e o fructo
Desse inçlyto apellido ,
A quem sempre Mamud rendeu tributo.
Soberbo Tocantins teu Nome , e gloria ,
Inda repete agora ,
Correndo ás praias , donde nasce a aurora.

Estrophe 5.^a

De Delfos ó Sacrilego attentado
Abre a Felipe as portas da Elateia ,
Por mais que denodado
O orador solte a fulminante veia :
De Focion não se attende á voz honrada ,
Que o patriotismo inspira :
Da Attica a liberdade oppressa geme
Do mar irado , que combate o leme.
Mas tu , ó Palma ! que lhe vês o erro ,
Sei que abominas seculos de ferro.

Antistrophe 5.^a

Teu genio , teu saber , tua alma pura ,
E os raros dons herdados ,
São altos predicados ,
Com que o teu Nome , qual o Sol , fulgura ;
Novo Focion illustre ,
Mais que Athenas ao seu , te adora Minas.
Mas onde meu baxel sem leme entrego
A's grossas ondas de hum profundo pego ?

Epodo 5.^a

Dos Euros combatido,
Não temo rasgue a desfraldada vela,
Por ti sendo sustido,
Eu zombo, ó Palma! d' horrida procella.
Mas consente, que hum pouco encoste a Lyra.
Virá tempo propicio,
Que me vejas cantar teu Natalicio.

P O L I T I C A.

Cartas de D. João de Castro, IV Vice-Rei da Índia, continuadas do N. 5.º pag. 49.

C A R T A I I I .

A ElRei D. João III (a).

PElas náos, que partirão o ano passado, escrevi a V. A. inda que brevemente a vinda, e tornada dos Turquos a estas partes, e assi algumas outras cousas de seu serviço. Já aguora cumpre, que ho faça mais largamente, pois uou enuelhecendo na terra, indo ganhando experiencia do que se nella trata, e faz. Creio eu, que as lembranças, que de qua fizer a V. A., serão ellas pouco importantes, e desnecessarias, porem eu lhe afirmo, que tudo quanto nesta parte fizer he com muito grande trabalho, e que me custa muito caro cuidar nellas, e depois escreuelas a V. A., porque cada huma destas materias he tam alta, que requiere outro entendimento, e engenho, que em mim nom ha, mas como seja uerdade que grandes letrados se uão caminho do inferno, e muitos sempre idiotas sejam saluos acertando no uerdadeiro caminho da uerdade, terei eu ousadia de apresentar diante de V. A. minhas lembranças, e V. A. tomará dellas a uontade, e tenção, com que lhas offereço.

As nouas desta terra summariamente são estas. Os Turquos lançámo-los desonradamente desta terra, e não se fiaram d'emuernar em nenhum porto

b ii

(a) Esta Carta he escripta por letra do Secretario menos o que vai em grifo, e os nomes das pessoas em que falla a ElRei, os quaes são da sua letra, e parece que D. João de Castro a escreveu ainda em vida de D. Garcia de Noronha.

do estreito, mas toda sua armada he ida a se uarar a Suez. Solimão Baxá, Capitão General, ueio a tamanho descredito dos soldados que lhe cumprio desaparecer do exercito, alguns affirmão, que ho leuão preso ao Turquo. A Cidade d'Adem fica ganhada polos Turquos, e hum lugar do Estreito que se chama Azebibi. O Viso-Rey me deo conta, e tomou meu parecer em grandes segredos sobre se era bem, e segurança da India fazer-se huma fortaleza ás portas do estreito, ho meu uoto foi, que em nenhuma maneira se fizesse. As cauzas, que me a este parecer moerão, são as seguintes. Eu tenho tomado informação de fidalguos, e de pilotos, e mestres, e doutras muitas pessoas da distancia, que ha da Ilha, que está nas portas do estreito donde dizem, que se deue edificar a fortaleza, á terra do Arabio, e assi mesmo se este espaço he todo naueguel, ou se ha nelle algum certo, e determinado canal, e tambem inquiri ho que auia entre esta Ilha, e a terra do Abixim, e certifico a V. A. que nam ouue homem, que me falasse nisto senam como por sonhos, e ateguora nam achei pessoa que concertasse com outra, pelo que me foi necessario mandar buscar pilotos Arabios, e Guzartes, e assi do Malauar, e os perguntei apartadamente sobre este caso, todos me certificarão que desta Ilha que dixe á terra do Arabio auia mais de meia legua, e que posto que por todo este espaço se podesse nauegar, ho mais alto fundo era pegado com a terra firme do Arabio. E mais que me affirmarão, que entre esta Ilha e a terra do Abixim, em que ha caminho de quatro leguas, uam alguns canaes altos, por onde podem passar Galéz. Ora se isto he uerdade de que pode aproueitar a fortaleza? E que nam seja assi, quem por medo de bombardas deixou d'ir onde lhe cumpria? Para que quer V. A. huma fortaleza tanto no sêo aos Turquos? Ella feita, que cousa auerá no mundo,

que os mais atice á sanha, e uingança, e como cuida alguém, que se pode fechar com a chauce o Oceano Indico aos Turquos? Vejamos defendida a boca do Sino Arabico, não fica a mesma acção, e demanda no Sino Persico? Certamente, que eu aueria por cousa muito perigoza pôr em extrema desesperação aos inimigos, se eu nesta parte não uiuo enganado, hinda affirmaria que se deue d'arecear mais de Baçorá, que da boca do Eufrates, e deste mar d'Ormuz, que de Suez, e de todo o mar Roxo, sem embargo que ao presente nos lançou qua nossos inimigos. A guarda, e fortaleza, com que V. A. ade sustentar seu Estado, e ter a India pacifica he huma grossa, e bem aparelhada armada, e tres mil homêes disciplinados na guerra, que possam entrar nela quando cumprir e desta maneira, e não d'outra alguma, estará a India segura dos nossos contrarios.

Pois tenho diro a V. A. quanto importa huma poderosa armada pera a defensão destas partes, não será fora de propozito dizer-lhe a que achamos, e ao presente está nesta terra. As Galés, e Galeotas são tão velhas, e mal repairadas, que nenhuma delas he pera atrauesar golfão, e este mal he ho menor, que nelas ha, porque nenhuma noticia chegua a elas de se saberem molhar os remos n'aguoa, huma só cousa tem em que se saluam que he muito natural de Galéz que fazem tamanho gasto a V. A., como as de André Doria: os outros navios são pequenos, e esses alquebrados, e quase podres, parece-me, que ou a relé dos Governadores nam era esta, ou eram ualentes, que sem armada queriam triunfar dos Turquos. O Viso-Rey poem por obra de fazer muitas Galéz, e Galeotas, sem embargo, que meo concelho he que na India não aja Galéz, uisto como se não remão, e fazem grande despeza, mas Naos, Galeões, e Carueclas. E porque Pero Lopes de Sousa, a quem

tudo los Portuguezes deuemos confeçar uentajem, e dar obediencia no mister, e officio do mar, uio tudo isto, a elle me remeto, e dou as uezes pera que melhor, e mais larguamente informe a V. A. da uerdade, e de tudo que neste caso toca.

He grande o numero dos Portuguezes, que nestas partes andam, porque de Sofala até a China nam ha cousa que delles nam seja trilhada, mas os que andamos em seu seruiço somos poucos, e mal ordenados, e ha meu juizo, cumprindo ao Viso-Rey dar huma batalha aos Turquos, nam poderá ajuntar dous mil homens, daqui parece ho sono, e relaxamento de seu seruiço, que ouue na Indja, pois ha tantos annos, que paga V. A. dezasete mil homões, nam tendo em seu seruiço dous mil, nam falando em outros tantos, que podem estar em guarda de suas fortalezas. Eu tomei alguma pratica da matricula, e os aforismos, que della tirei, foram estes. Alem de muitas onzenas, roubos, perdimento de uergonha, destruição de fazendas de V. A., polo que nam ja matricula, mas laguo de maldades se deue chamar: nela achei muitos homões, a que forão paguos uinte, e trinta mil cruzados de soldo, comprados a quinze e uinte por cento, e daqui pera baxo infinitos. Por cousa auerigoada tenho que esta matricula foi o preceitor, que ensinou os Portuguezes a perderem ha uergonha, e ho temor de Deos, e desejo de seruir a V. A. Grande remedio e emenda foi acudir-lhe V. A. com huma pessoa tam uirtuoza, e que tanto trabalha por se fazer uerdade, como he Cosme Anes, escriuão dela.

V. A. tem muitas fortalezas nestas partes, que uerdadeiramente correm delas fontes d'ouro. E este nome nam he estranho, pois antiguamente se chamaua Malaqua, aurea Chersoneso, e nam estaria muito errado quem suspeitasse, que Sofala seja Ofir, onde Salamão mandaua carregar d'ouro suas

naos. E as outras fortalezas se dixerem eu nam tenho ouro nem prata, como Sam Pedro dixeu ao proue, que lhe pedia esmola, pode-se-lhe pedir aquilo que em si tiuerem, e daram canela, gengiure. crauo e toda sorte de drogaria, e sendo isto assi, uejo que as mais proueitozas, e riquas despendem mais a V. A. do que lhe dam proueito, o que he cramado per quantos nestas partes andamos. Nam sei determinar quem he este Cabido, que tem a culpa. Parece-me, que deuia V. A. d'arrendar Çofala, e tudo o que tem de Cabo de Comorim pera dentro S. a leste, e sahiria fora de tamanhos gastos, e cuidados.

Todas estas cousas se poderam desimular, porque a nosa carne he chea de pecados, e maldades, mas quem terá sofrimento pera deixar de pedir justiça a Deos dos Governadores desta terra, pois foram tam ingratos á patria, e a V. A., que até o dia d'oje nam tiraram V. A. e seu Reino de tamanha opreçam, como he mandar cada anno cinquenta e sesenta mil cruzados pera se gastarem qua, certamente que este dinheiro deuia de uir embuçado, e trazido com todo segredo, pera que Venezeanos, e os outros povos d'Italia ho nam soubessem: nam quero apontar razoens como este dinheiro he escuzado qua, auendo na terra a quem isto doa, sómente uejo que todo h'ouro, prata, pedraria, especiarias, e todo outro género de mercadorias a nesta terra, ha qual he senhoreada, e regida per nós, e tam obediente, que os moradores della mais propriamente se podem chamar nossos escrauos, que subditos, e toda a despeza, que esta terra faz a V. A. he dar de comer a quatro mil homêes.

Foi o remate, que acabou de deitar a longe a India, e ho erpes, que saltou na fazenda de V. A., e ho descredito da onra, e cavalaria dos Portuguezes, estas náos de Chatins, que cobrem todo o mar, uejo má cura a esta fistula, porque em todos

nos outros he ja este nome de Chatim tam aprazivel, e onrozo, que tenho por certo nam se achar huma só pessoa, que nam defenda, e proue por testemunhas ser este o seu uerdadeiro, e natural nome da pia, e como isto assim seja, nam sei quem será ho Governador tam ousado, que se atreua a arancar tam profundissimas e fortes raizes, e a sofrer martirio, e mais em terra, onde ho credito, e ualor se ganha com deslealdades e mãos seruiços.

E porque sei que V. A. he informado dos grandes rendimentos, que tem nas terras de Baçaim, e pode ter tomado alguns portos do mar de Cambaia, me parece, que não será fora de proposito tocar-lhe alguns pontos desta materia, quizera eu ser marca, que podera tirar instromentos, e lançar na Torre do Tombo de Lisboa, sobre afirmar, que em nenhuma maneira os Portuguezes deuião d'entrar hum só palmo pela terra dentro da India, porque nenhuma outra coisa sustenta a paz, e conserua em amizade hos Reys, e Senhores da India, senam crerem, e terem por muito auerigoado, que sómente nos contentamos do mar, e que nenhum proposito, nem maginaçam reina em nos de lhe cobiçarmos suas terras, nam duuido, que as terras de Baçaim rendam mais de cem mil cruzados, mas que proueito tira disso V. A. até agora, nem o Veador da Fazenda, nem outro seo official me dixe, que uira hum só cruzado de Baçaim, antes me mostrarão grandes roes, e itens de despezas, que são feitas nele.

Grande seruiço de Deos, e bem uniuersal de todo seu Reino e acrescentamento de seo Estado, seria busquar-se algum remedio pera se mercar a pimenta de hum ano pera ho outro, porque em ser uerde, ou sequa releua muito, e as náos carregariam cedo, e fariam seo caminho em tempos prosperos sem sentimento de tormentas, nem pairos do Cabo da Boa Esperança, que he a maior fortuna,

e tribulação que se pode imaginar, nam aribarem a Moçambique, que he grande perda de sua fazenda, e muito prejuizo da negociação do trato de Moçambique e Çofala, nem se perderiam senam por grande desastre, porque eu tenho por opinião, que as náos, que se perdem nesta carreira, he por soffrerem estes pairos, e no dobrar do Cabo, o tudo nace de partirem tarde de Cochim esperando a cargua:

Pois tenho dito a V. A. ho grosso desta terra, e ho miudo nam abastão muitas nidas pera se acabar de dizer; rezam será que me dê licença pera lhe apontar em algumas cousas que me parece serem la geradas per descuido; a primeira será, que me parece mui prejudicial a sua consciencia e fazenda dar as Capitancias, e Feitorias, e outros officios da India em pagamento de seruiço. A prona disto ser destruiçam de sua fazenda seja a experiencia, que neste caso uemos, que hum Capitam e hum Feitor acabado seo tempo tira cada hum delles cem mil cruzados de seu carguo, e deixam outros tantos de diuida pera V. A. auer de pagar, o que se nam fosse no todo, seria em muita parte emendado este dano, quando quer que V. A. escolhesse pessoas suficientes, e autas pera os taes carguos, e posto que isto seja a consa do mundo peor de conhecer, todauia no que assentão os muitos com deliberação e concelho uemos pela maior parte ser melhor.

Uejo comummente que prouer V. A. todo los carguos desta terra a homens que qua andaram muitos anos, isto parece muito deuido, porque he grande exemplo, que os homens hajam hos galarções, e mercês no luguar onde seruirão, e porem se V. A. podesse satisfazer em seo Reino os seruiços que qua sam feitos, eu aueria por grande seruiço de Deys as taes pessoas nam tornarem outra uez qua, perdoe-me V. A. nam lhe dar muitas razões, que pera isto tenho.

Humã cousa quero alembra a V. A. e he que nam consinta, que enuelheçam os homẽs nesta India, e que faça de qua hir todo los uelhos, porque assi como em toda las partes elles sam espelho, e exempro de uirtude e bons ensinos, assi nesta se fazem escolas de uicios, e preguadores d'escandalos, e discordias, e grandes semeadores de zizania, e dão muita trouçam na Republica, sem delles se poder colher algum fruito, que seja pera seruiço de V. A. e onra de seo Estado Real.

He pera mim a maior afronta do mundo auer de falar a V. A. no Viso-Rey, pois estou auenturado nesta parte a perda, e nam a ganho: se delle lhe disser mal mentirei, se bem, sou eu tam suspeito por sua partẽ, que nam deuo de ser crido: se quizer dissimular e nam falar nelle, parecerá hum grandissimo descuido, e que nisto ho ofendo; creio que ha melhor destas partes he seguir aquella, em que sentir que a mais uerdade. Elle serue V. A. com grande amor, trabalha por lhe aproueitar ha sua fazenda ho mais que pode, faz justiça na terra assi a Mouros, como a Christãos honestamente, porque ha uerdadeira fugio da terra pera ho Ceo, e creio que pera ho mais alto, e afastado della e sam estas tres cousas bastantissimas pera ser malquisto, e capitulado.

Tem V. A. no Vedor da fazenda hum bom official, e seruidor, e ate aguora nam sei se ueio a estas partes quem fosse mais escoimado em seo seruiço, ao que posso comprehendẽr além de pro- ue está mui indiuidado, parece-me justo auer V. A. de socorrer a isso.

Temos nestas partes o Vigario Geral por reliquias, e quanto a mi he hum monstro da natureza de uirtudes, eu nam sei oje neste dia cabeça, onde lustrasse e parecesse melhor humã mitra, V. A. ho deuia muito de fauorecer, e onrar, porque ha uirtude quer-se muitas uezes louuada, e ajudada a sustentar, pera que nam enfraqueça, e cance.

Hò Ouvidor Geral he um grande official de justiça, tem duas cousas, que mui raramente uemos juntas, a saber amado do pouo e auido por justiça, muitas mais cousas desta calidade dixerá delle, senam fora a razão, e criação que tenho com elle, que me fará suspeitozo.

He qua tido em grande conta, e reputaçã de uirtuozo hò Padre Mestre Dioguo pregador, e uerdadeiramente que sua uida e costumes diz muito com a doutrina, e ensino, que samea, seria grande exemplo lembrar-se V. A. delle, e conhece-lo, pera que a todos fosse notorio quanta estima faz dos bons, e lhe aborrece hos máos.

Huma das boas cousas que qua temos he o Mosteiro de S. Francisco desta Cidade de Guoa, e afirmo por uerdade a V. A. que ainda nam uí frades tam recolhidos, e em que ho pouo tiuesse tamanho credito, creio eu que muito aproueitaria a isto assi ser ho bom pastor, que tem, que he o Guardiam Frei Paulo.

Faço lembrança a V. A. que a esperança de Portugal deue ser posta na India, e que naturalmente, nam entreuindo milagres, nam pode V. A. tirar-se das diuidas de Frandes, e o Reino de muitas oppressões, se ho remedio nam uier de lá, se quer que isto assi seja, e folgar de ajuntar tesouro pera ganhar o Reino de Fez com gloria ante Deos, e fama perdurauel entre hos homens, mande qua ho Conde de Castanheira, por que elle só me párece a mi, que se doe mais da fazenda de V. A. que da sua propria.

Tambem me parece necessario trazer-lhe a memoria, que Martim Affonso he homem muito sufficiente pera guouernar a India, porque tem muitas calidades, que se requerem pera o guouerno desta terra; lembre-se V. A. de ho onrar e lhe fazer mercê, porque o tem elle mui bem seruido.

Ja aguora será razam, que falle a V. A. em

mi, inda que nam sei se ho teram tanto enfadado
 has minhas parouvelas que nam chegue tanto ao
 cabo desta carta, que possa ler este derradeiro capi-
 tulo, e se assi acontecer nam lhe porei nenhuma
 culpa, mas a mi, que sei tam mal escolher os
 tempos, e os lugares, donde se me pode seguir
 proueito. *Eu, Senhor uim rico, e estou pobre, sou
 eu muito cobiçozo de natureza, e mal incrinado, po-
 rem falta-me habelidade pera ganhar dinheiro, e in-
 dustria pera executar minha condiçam. De dezoito
 annos tomei as armas em seu seruiço, seis uezes
 passei em Africa, e lá me nasceram as barbas,
 mandou-me na armada de Leuante contra Barba Ro-
 xa, fui pessoalmente na tomada de Guoleta, onde a
 minha carauela ficou chea de pelouros de bombardas,
 de que o muito excclente Principe o Infante Dom
 Luiz he boa testemunha, uim em socorro da India
 por seu mandado a resistir ao impeto, e cruel fu-
 ria dos Turquos, fui em ajuda de se lançarem fora
 destas suas terras tam pestilenciaes imiguos, nunca
 a honra, e opiniam dos Portuguezes foi por mim
 diminuida, nem maculada, unte annos tenho gasta-
 do em seu seruiço, hos melhores e mais estimados da
 uida, por amor de Deos, e em pagua destes traba-
 lhos peço a V. A., que me dé licença pera me hir
 caminho de Portugal a fazer uida com minha mu-
 lher e filhos, e a acabar estes breues, e perturbados
 dias, que me fiquem por passar, na Serra de Cintru.
 Nosso Senhor acrescente a uida, e real estado
 de V. A. (a)*

(a) Esta Carta de que no original se não pôde
 ler já a data, parece escripta no primeiro anno do
 Governo do Vice-Rey D. Garcia de Noronha,
 que partio de Portugal para a India no de 1538, e
 como D. João de Castro diz a ElRey que 20 an-
 nos contava de o servir, e elle nasceo no de 1500,
 e o principio dos seus serviços se deva contar do
 anno de 1518, em que D. João, fugindo de Lisboa

CARTA IV.

A ElRei D. João III (1).

ESTAS Cartas escreuo a V. A. por minha mam, pera lhe dar conta de algumas cousas, que nam he bem confiar de nenhuma pessoa, e ao que lhe nellas dixer pode dar inteiro credito, porque uerdadeiramente lhas direi sem odio. afeição, nem outro algum interesse saluo da obrigação que tenho de o servir, que tamanha como ho amor. que lhe tenho, e dezejos de o uer senhor do mundo.

Tanto que soube da morte de Bras de Araujo, cuidei muitos dias que pessoa poria em seu cargo, e depois de corridas todas pola memoria determinei ao encarregar Ruy Gonçalues de Cami-

para Tangere, foi naquella Praça alistar-se por Fronteiro, e viver de baixo da disciplina de Dom Duarte de Menezes, fica ao que julgamos bem asentada nossa conjectura acerca do tempo em que D. João de Castro escreueo esta carta. Quanto ao dar-se D. João por suspeito no que respeitava ao Vice Rey, allude elle no que diz a ser D. Garcia de Noronha seo cunhado. A original, he escripta pelo Secretario, menos os nomes das Pessoas de quem falla a ElRey, e o ultimo paragrafo, em que falla de si, que he da propria letra de D. João de Castro. Tambem advertimos; que sem embargo de dizer D. João, que 6 vezes passara a Africa, esta lição nos parece errada por quanto só 3 viagens a Africa nos consta fizera D. João de Castro, a saber, huma em 1518 quando fugio de Lisboa para Tangere, outra .

(1) Parece escripta da segunda vez que D. João de Castro passou a Dio, em que fez descercar a Fortaleza do cerco, que defendeo D. João Mascarenhas.

nha : as partes que tem Ruy Gonçalves sam estas , a saber ; he muito rico , e em extremo izento , grande homem de negocio , de muito credito em toda a terra , zelozo de esfolar Feitores , e Almojarifes grande arrecadador da fazenda de V. A. , e mui apertado em a despender , e com estas partes tem outras , a saber , nam goarda nenhum segredo , toca de mexericos , he homem de muito más repostas , e de uiua quem uence , e de quando em quando asaqua o que lhe uem á uontade , o principal motiuo que tiue de o pôr neste officio foi parecer-me que por esta uia podia auer dinheiro de Coje Cemaçadim , porque Ruy Gonçalves he o seu frêo , e concelheiro , espero em nosso Senhor que estas esperanças me sayam certas , e crea V. A. que se o ouuer , que lhe não pedirei nunca os quintos , nem fogirei com elles para Castella ; eu tenho dito a Ruy Gonçalves , que se tirar de Coje Cemicadim dinheiro , farei com V. A. que lhe dê este officio em sua uida , e lhe faça outras muitas onras , elle uay com este proposito pera Cochim e eu estou em Cambaia , não sei se poderei inda saber o que nisto passa a tempo , que ho escreua a V. A. , parece-me que lhe deuia escrever muitos mimos , e confianças delle ; porque se não perderá nada , e poder-se-á ganhar muito polo que me parece necessario sustentalo neste cargo até uer o que funde.

A Relação da India he a mais desnecessaria cousa que pode ser , e a meu juizo mui prejudicial a terra , e muito mais ao serviço de V. A. porque estes Leteratos , que qua uem por Desembargadores , entram tam mortos de fome , e uiuos na cobiça , e dezejos de enriquecer , que nenhuma outra tenção tem , nem a outro fito atiram ; Pasqual Frorim que eu meti no Desembargo por mãos concelhos que me deram , he cousa perdida , Jeronimo Rodrigues he tam solto , e afouto , e

desauergonhado que me tem espantado de se lá nam conhecer - uem em extremo cobiçozo, e logo me começou pedir niajes, e outras muitas cousas o Chançarel he homem de bom siso e assento, e parece de bom proposito Manoel Mergulhão, Veador da Fazenda dos Contos, entra bem em seu officio, parece isento e inteiro, e que seruirá bem V. A. Simam Botelho he bom homem, e serue bem, onre-o sempre V. A. com suas cartas, Antonio Rodrigues de Gamboa uai lá, he imigo do Chançarel, e o Chançarel seu, a nenhum deue V. A. crer contra ho outro, e assi Jeronimo Rodrigues he mui contrario a Manoel Mergulhão, e de Portugal uem já em odio, Ruy Gonçalues diz de todos, e todos delle, isto he Senhor o que passa entre os seus officiaes.

Simão Martins, Ouvidor Geral da Índia, faleceu de doença, foi grande perda pera esta terra, porque era mui inteiro na justiça, e em toda cousa de serviço de V. A., e tanto que me punha espanto, e querendo eu prouer deste officio chamai os Veadores da Fazenda, Chançarel, Antonio Cardozo Vigario Geral, e com elles alguns Fidalgos, e a todos pareceu nam auer pessoa auta para elle, saluo Bastiam Lopes Lobato porque os Leterados que o podiam ser, não eram para lhes encarregar, nem confiar delles este officio por suas más uidas, e costumes, o que fiz assi, parece-me que seruirá bem, porque he muito bom homem, e caualeiro, isento, e de gentil juizo, que ual mais que boas letras, e más cabeças.

Ha dous annos, que escreui a V. A. de alguns homens que me pareciam autos a governar esta terra, do que aguora estou arrependido; porque o tempo e os negocios mos deram a conhecer, polo que certifico a V. A. que nam tem qua pessoa conueniente a este cargo, e que deuia qua mandar alguma que pudesse succeder.

Eu sou mui mal ajuizado dos Fidalgos, e peor dos Capitaens, e não he de espantar porque sempre o fizeram assi com seus Capitaens e Governadores, se qua houuer de estar, o que Deos nem V. A. mande, farme-á grande mercê em me mandar Lourenço Pires e Thomé de Souza pera me ajudarem ao seruir, porque confio nelles, que o faráo bem e uerdadeiramente, o que ao presente não tenho quem o faça, saluo D. Aluaro em quem nam ousou de falar por ser meu filho, e em Portugal nam parecer razam de lhe V. A. fazer mercê do nome de Capitam do mar, que lhe qua dam os Turcos, e Mouros por sua abelidade, e caualaria.

Quanto ao que me V. A. escreueo ho anno passado, que lhe mandasse dizer a que pessoa de-ra qua Coje Cemaçadim dinheiro, nam acho mais que a alguns criados de Martim Affonso. e porém nam foi muito, e algum foi emprestado, e já lho fiz tornar, como a Diogo Aluares Teles, Capitam que foi de Cananor, e a hum Meireles de Martim Affonso, e a outras pessoas de pouca sustancia uerdade he que o apresauam, e queriam tyrannizar muito, porém, segundo o que tenho sabido, a obra nam foi mais do que isto, que digo a V. A.

Luiz Falcão e hum seu sobrinho, e hum Antonio Mendes, que foi seu Feitor, sam culpados na deuassa geral que mando tirar sobre as pessoas, que tratam em pimenta, e enxofre, e em uez de os castigar, ou mandar prezos a V. A., fiz Luiz Falcão Capitão de Dio, e outros culpados mando estar seruindo V. A. na fortaleza; a este estado he chegada esta terra, porque não achei em toda a India Fidalgo que quizesse aceitar a Capitania desta fortaleza por estar de guerra, nem Luiz Falcão aceitara, senão fora suspeitar suas culpas, e querer-se remediar com V. A. e por aqui uerá V. A. que trabalho será o meu; a razão porque

nam puz D. Alvaro em Dio he a grande necessi-
dade, que em toda a parte tenho delle, porque co-
mo eu (a).

C A R T A V.

*De D. Fernando de Castro para seu Pai o
Vice-Rei D. João de Castro, estando o dito D.
Fernando em Dio, no tempo do cerco, que defendeo
D. João Mascarenhas. He original escripta por le-
tra do mesmo D. Fernando em 1546.*

HEU fico de saude, Nosso Senhor seja louva-
do e toda minha companhia, sómente Jorge de
Almeida hum Fidalgo honrado. que está ferido de
huma espingardada, porque este he o officio deuido
a nossas pessoas. Helles, e heu ficamos seruindo
nosso Capitam segundo emxemplo, e doutrina, que
recebi de v. m., porque pera sina de comprir seu
mandar sinto meu natural: nam tenho mais que di-
zer a v. m., porque ho mais he licito aos Capi-
taens, e nam soldados, senam que em toda a par-
te onde estiuer serei seu filho. Nosso Senhor acres-
cente a uida de v. m. de Dio 1 de Julho.

Filho de Vm.

D. Fernando de Castro.

c

(a) He lastima que desta carta não appareça mais
do que o fragmento que transcrevemos. Toda ella
he, como D. João de Castro no principio diz, es-
cripta por sua letra, e parece que o fez nos fins
do anno de 1547, ou no principio do seguinte,
tempo em que D. João de Mascarenhas voltava pa-
ra Portugal deixando o Governo da Fortaleza de
Dio. Veja-se Diogo de Couto Decad. 6. L. 5. cap. 8.

D. Joham de Castro, do Conselho de ElRei Nosso Senhor., seu Capitão General, e Gouvernador nestas partes da India, &c.

Faço saber a quantos este meu Aluará de Alçada, e poder uirem, como pola muita confiança que tenho de D. Aluaró de Castro, meu filho, servirá ElRei Nosso Senhor com aquelle cuidado, uigilancia animo, e amor, que delle se espera, e cumpre ao serviço do dito Senhor, ho mando ora por Capitam mor do mar com huma armada a tomar posse da Cidade de Adem, pera o dito Senhor, e a tornar a entregar em nome de S. A. ao dito Rei, e fazer com elle todas as cousas, que cumprirem ao serviço de ElRei Nosso Senhor. E porque pera semelhantes casos cumpre levar poder, e alçada na gente que consigo leua, por este lhe dou alçada nos casos crimes em toda pessoa, como não for Capitam, ou fidalguo, ou criado do dito Senhor, até morte inclusive; e nos que forem fidalgos, ou criados de S. A. fazendo alguns crimes, porque com justiça deuo ser castigados, os mandará prender, e fazer autos de suas culpas com hum escriuão que pera isso tomará, e mandará presos, e a bom requado com os autos de suas culpas pera dellas mandar fazer justiça, e assi lhe dou poder, e alçada, que succedendo casos pera isso os possa apenar até cinquenta cruzados, e quatro annos de degredo, e nestas cousas com as limitaçoes deccaradas dará nos crimes suas sentenças a execução, e nos casos civeis lhe dou poder, e alçada de cinquenta mil reis, e da dita contia pera cima dará apelação e agrauo: por tanto o notifico assi a todos Capitães de nauios, que com elle uão, e Fidalguos, Caualleiros Lascarins Comitres, e marinheiros, e toda outra pessoa de qualquer calidade, e condição que seja; e lhes mando que lhe obedeção, e ho ajão por seu Capitam mór do mar, e cum-

prão seus mandados, como se delles esperá. Bastião Dias o fez em Baçaim a 23 de Fevereiro de 1548.

D. Joham de Castro.

Aluará de poderes, que V. S. dá a D. Aluarro de Castro, Capitam mór do mar da India, que ora uay a Adeni.

Para V. S. uer.

Concebido nestes mesmos termos he o Aluará, que em Goa fez Bastião Dias aos 22 dias de Julho de 1546, o qual fez escrever Antonio Vaz Lopo, quando D. Joam de Castro nomeou D. Aluarro de Castro por Capitam Mór do mar com huma armada a descercar a fortaleza de Dio, e a fazer a guerra a Cambaya.

D. Joam de Castro &c. Faço saber a quantos este meu Aluará uirem, que eu ey por bem, e seruiço de ElRei Nosso Senhor que . . . que ora mando ficar na Cidade de Adem por Capitam da gente Portugueza, e armada, que ha de andar nesta costa pera guarda, e defenção della, por me mandar pedir, e requerer ElRei de Adeni que mandasse tomar entrega da dita Cidade para ElRei Nosso Senhor: E por quanto nelle confio, que nisto, e no mais de que ho encarregar - seruirá ElRei Nosso Senhor como a seu seruiço cumpre, Ey por bem, e me praz que elle tenha, e huse na dita Capitania de que ho ora encarreguo, toda a jurdição e poderes que os Capitaens do dito Senhor tem nas outras fortalezas da India. Notifiquo-o assi a todos Fidalguos, e Lascarins que com elle ficarem, e lhes mando que ho ajão, e obedeção por seu Capitam, e cumprão em tudo inteiramente seus mandados sem duuida, nem em-

barguo algum, que a ello ponham. Bastião Dias o fez em Baçaim a 27 de Feuereiro de 1548.

D. Joham de Castro.

D. Joam de Castro, &c. Faço saber a quantos este meu Aluará uirem que auendo respeito a eu ter mandado D. Aluaro de Castro meu filho por Capitam Mór do mar a fazer a guerra a Cambaya, e a soccorrer a fortaleza de Dio, pera o que pode ter necessidade de muita máis gente da que leua, e por quanto som informado, que pelas fortalezas da India, e ao longuo de toda a costa antre Mouros andam muitos Portuguezes omiziados: ey por bem que o dito D. Aluaro de Castro lhes possa dar seguro de todo ho caso a todo omiziado, que com elle quizer andar nesta armada, e pera isso lhe dou poder sómente não dará seguro a qualquer pessão, que em meu tempo tiuer desafiado, ou desafiar ha alguma pessoa, porque aos taes desafiadores ey por bem que se lhes não dê seguro por alguns justos respeitos, que me a isso mouem. E mando a todos los Capitaens, Ouuidores, Juizes e outros quaesquer officiaes, que cumprão, e guardem os seguros, que o dito D. Aluarò de Castro der, e isto em quanto elle andar d' armada. Bastião Dias o fez em Goa a 18 de Agosto de 1546. Antonio Vaz Lopo o fez escrever.

D. Joham de Castro.

Em 23 de Feuereiro de 1548 mandou o mesmo D. João de Castro a Bastião Dias, estando então o dito D. João de Castro em Baçaim, passar hum Alvará do mesmo theor ao seu filho D. Aluaro de Castro, quando o nomeou C. M. da India, e o mandou tomar posse da Cidade de Adem, para que elle podesse conceder seguros aos omi-

ziados, que andavão entre os Turcos, que o quizessem acompanhar naquella expedição.

D. Joham de Castro, &c. Mando aos Feitores, e Officiaes das fortalezas de Chaul, Baçaim, e Diu, e a qualquer outro Feitor, e Official do dito Senhor, que por mandado de D. Alvaro de Castro meu filho, Capitam Mórdo do mar da India, que ora mando a Adem com sua armada, dem todolos mantimentos necessarios ha dita armada, que com elle for, e andar, e por este, ou treslado delle, que será registrado nos Liuros das Feitorias, e seus mandados mando aos Contadores do dito Senhor, que lhes leuem em conta os mantimentos, e todas as outras cousas necessarias ha armada, e assinem tres Capitaens, a quem forem entregues as taes cousas. Bastião Dias o fez em Baçaim a 23 de Feuereiro de 1548.

D. Joam de Castro.

Aluará porque V. S. ha por bem que os Feitores, e Officiaes de ElRei Nosso Senhor dem por mandado de D. Alvaro de Castro Capitam Mórdo do mar da India todolos mantimentos, e cousas que forem necessarias ha armada, que com elle vay a Adem.

Para V. S. uer.

HISTORIA.

Continuação da Descrição Geografica da Capitania de Mato Grosso.

O Rio Paraná, ou Grande, que os primeiros descobridores tiveram pelo rio principal destas regiões, pelo seu grande cabedal de agoas, conflue com o Paraguay pela margem Oriental, na latitude de 27^o 25'. Deste ponto até entrar no Oceano, toma o Paraguay o nome de Rio da Prata, que muitos querem se dê a outro, de que aquelle grande rio seja braço, tendo pelo principal o Pilco Mayo, só porque este rio vem do Potozi; pretensão sem fundamento pelo que vamos a dizer.

Martim de Souza, primeiro Donatario da Capitania de S. Vicente, auxiliou ou mandou com sufficiente escolta a Aleixo Garcia, para reconhecer os vastos, e inda não trilhados sertoes a Oeste da larga costa do Brazil. Este impavido Portuguez atravessou o Paraguay, para as partes do Perú, donde voltou carregado de prata, e de algum ouro; e fez pouso nas margens do Paraguay, com hum filho de tenra idade, e alguma gente, em quanto mandou dar parte da sua rica descoberta. Neste intervallo apparecerão os Indios Uaicurus, e Payaguás, inimigos dos das Varzeas, ou Xarayes, entre os quaes ficara Aleixo Garcia, e o matarão, e a toda a sua comitiva, captivando-lhe o filho, e ficando igualmente toda aquella riqueza em poder dos inimigos. A mesma mortandade repetirão aleivosamente por aquelles sitios, sobre as agoas do Paraná, contra 60 Portuguezes que no anno seguinte vinhão encontrar-se com Aleixo Garcia. Succedeu que, logo depois deste catastrophe, os Hespanhoes principiassam a estabelecer-se no rio Paraguay commandados por Sebastião Cabot; e querendo pelos annos de 1526 reconhecer mais

acima este rio, encontrando nas suas margens áquelles Indios com a prata roubada assentarão ser producção daquelle paiz, e em consequencia derão o nome de rio da Prata ao verdadeiro Paraguay, que ficou sómente conservando este nome na sua parte superior.

O rio Paraná, ou Grande, traz as suas principaes origens da face Occidental das serras da Mantiquira, 25 leguas a Oeste da Villa do Paraty; e passando por S. João d'ElRey, vem com muitos e diversos rumos confluir no Paraguay, com 400 leguas de curso total; recebendo por ambos os lados muitos e grandes rios. Os que lhe entrão pelo Norte comprehendem grandes terrenos, e fazem contravertentes com os rios Paraíba, de S. Francisco, Tocantins, Araguaya, rio das Mortes, e outros; não tendo menor extensão os que lhe entrão pela opposta margem, que têm os seus nascimentos muito perto, e nas altas serras, que ornão a soberba costa do Brazil, sendo hum dos mais notaveis, e o mais do Sul o Rio Curutiba, ou Guassú, que em parte he limitrofe pelo Tratado de Limites. Este rio traz as suas fontes das serras vizinhas á costa de Parnaguá, e correndo directamente de Leste a Oeste na extensão de 120 leguas, entra no Paraná na latitude de $25^{\circ} 35'$. A este se seguem para o N. os rios Yvay, Paranapeina, ou Tibagy, e Tieté; e a este, os rios Mogi, Pardo, Sapucahy, e outros, contendo todos ricas e trabalhadas minas.

Da confluencia do Paraná com o Paraguay para baixo, tem os Hespanhoes sobre as margens deste ultimo grandes estabelecimentos. Hum delles he a Cidade de Correntes na margem Oriental do Paraguay, proxima á junção deste rio com o Paraná; e 26 leguas abaixo sobre o mesmo lado está o grande Povo de Santa Fé, no angulo, que faz com a margem Occidental do Paraguay, a bu-

ca do rio Salados, ou Guachupus, que vem das serras dos Andes com 200 leguas de curso; e outros menores e intermedios estabelecimentos.

O rio Uruguay que tem as suas fontes nas serras vizinhas á Ilha de Santa Catharina, e que na sua parte superior pertence ao Dominio Portuguez, entra no Paraguay pela sua margem de Leste, com 240 leguas de curso; em cujo espaço recebe por ambos os lados, muitos e não pequenos rios, que o fazem fundo, e caudaloso: a sua fóz está na latitude de $33^{\circ} 30'$, e nella finda o rumo geral de Sul, que traz o Paraguay desde as suas remotas fontes cujo rumo, ou Meridiano de 390° , e de 500 leguas de extensão, corta este grande rio em muitos pontos, apezar das grandes voltas que faz, hindo passar muito proximo da Cidade de Buenos Aires.

Esta Capital do Vice-Reinado deste nome, existe na margem Austral do Paraguay, ou Prata, 20 leguas abaixo da boca do Uruguay e na latitude de $34^{\circ} 36'$. O rio da Prata, que neste lugar já tem 12 leguas de largo, volta directamente ao Oriente, até ao fronteiro lugar da Colonia do Sacramento, alargando-se consideravelmente até ao Cabo de Santa Maria, que dista de Buenos Aires 80 leguas, e fórma a ponta de Norte da amplissima boca deste grande rio. ficando no meio desta distancia, e na sua margem de Norte, a Enseada e Praça de Monte Video, até onde chegão navios de alto bordo.

Pela descripção que havemos dado do Paraguay, se vê que este grande rio, sem catadupas, nem outros alguns estorvos, pôde ser navegado até ao interior dos nossos estabelecimentos da Capitania de Mato Grosso, por barcos de grande porte.

O rio Guaporé tem o seu nascimento no cumme dos campos e serras dos Parecis, na latitude de $14^{\circ} 42'$, e longitude de $313^{\circ} 42'$, 6 leguas ao

Poente da fonte principal do Jaurú, 2 a Leste da do Juruena, e 3 ao mesmo rumo da origem do Sararé; e precipitando-se igualmente com o Jaurú pela alta escarpa das serras, formando logo tanto hum como outro, muitas catadupas correm parallelos com pequeno espaço entre si, até voltarem a oppostos rumos. O Jaurú volta ao Nascente para entrar no Paraguay, como fica dito; e o Guaporé tendo tambem corrido ao mesmo rumo do S. por espaço de 15 leguas, vai voltando ao Poente por mais 10, até ao lugar da sua ponte, por onde passa a estrada geral de Mato Grosso para o Cuiabá, e portos maritimos, tendo neste lugar 15 braças de largo, e 2 de fundo. Da ponte continúa o Guaporé a correr a Oeste por espaço de 22 leguas, até Villa Bella, capital do Governo de Mato Grosso, situada na margem Oriental deste rio em terrenos e campos, que todos os annos se inundão, e cercada dos pantanos do Guaporé, e do Sararé, que lhe fica 3 leguas ao S. Foi o Conde da Azambuja, primeiro Governador e Capitão General desta Capitania, quem lançou os primeiros fundamentos de Villa Bella, em 13 de Março de 1752. Está na latitude de 15° , e na longitude de $317^{\circ} 42'$.

Esta Capital dista 50 leguas a Oeste da foz do Jaurú no Paraguay, espaço que extrema pelo S. com os Dominios Hespanhoes da Provincia de Chiquitos; coberto de altas serras, densos matos, grandes pantanos, largos campos, e cortado pelos dous rios Alegre, e Aguapehy. Estes rios, nascendo pela latitude de 16° ; no vertice, e extremidade Austral do solido triangular das altas serras chamadas do Aguapehy, com poucos palmos de distancia entre si, correm parallelos, com pequeno intervallo de permeio, atravessando as serranias pela extensão de sete leguas, até se precipitarem pela sua face do N, em duas altas catadupas na latitude de $14^{\circ} 52'$; formando no campo, huma legua

distante dellas, hum isthmo de 3920 braças, voltando delle com oppostas direcçoens, o Aguapehy a Nascente para desagoar no Jaurú, tres leguas abaixo do registo deste nome com 30 leguas de curso; e o Alegre a Poente, para entrar com pouco maior extensão no Guaporé pela sua margem do Sul, meia legua acima de Villa Bella.

No tempo em que Luiz Pinto governou a Capitania de Mato Grosso, se passou por ordem sua hum canôa do Guaporé para o Paraguay. Navegou-se desde Villa Bella pelo Alegre acima, e deste rio, por hum varadouro de 522 braças, mais extenso, porém mais favoravel que o já mencionado, se passou a canôa para o Aguapehy, pelo qual se entrou no Jaurú, e deste no Paraguay. Este trajecto, pelas poças agoas destes rios, mórmente no tempo das sêcas, como pelos seus apertados canaes, só no tempo das grandes chêas pôde praticar-se, tanto pelas rasoens ponderadas, como para se vencerem as catadupas que tem, duas das quaes são bastante notaveis, hum a no Alegre, quando este rio se encosta ás serras do Cágado, ou de Santa Barbara, e a outra no Aguapehy, 13 leguas acima da sua boca no Jaurú.

São estes dous pequenos rios Alegre, e Aguapehy os que enchem o sentido literal do artigo decimo do Tratado de Limites, tomado na sua ampla acepção, vista a inadmissivel e manifesta impossibilidade da linha recta, mandada tirar da fóz do Jaurú á do Sararé, que deixaria com notoria implicancia para a Coroa de Hespanha os mesmos terrenos de que esta Monarchia nos confirma a actual e antiga possessão, e ficaria de melhor partido no mesmo que cede, renunciando pelo artigo 20 toda a posse, ou direito, que possa ter e allegar a elles; o que já no mesmo artigo decimo se ordena positivamente se não observe, entre o

Jaurú e o Guaporé, para encher os expressados fins: e estes pontos, balizas, ou rios só podem ser os ditos Alegre, e Aguapehy privativamente, e as serras e terrenos de que nascem; limite o mais natural, e conforme ao sentido do dito artigo decimo, 13^o, e 4^o, sendo estes dous rios os que formão a mais proxima communicação entre o Paraguay, e o Amazonas.

No rio Alegre, 3 leguas acima da sua boca no Guaporé, entra pelo Sul o pequeno rio Barbados, em cuja margem de Leste; e na latitude de 15^o 19' 46'' e no mesmo Meridiano de Villa Bella, se acha a Povoação de Casal Vasco, novamente reedificada, distante daquella Villa 10 leguas pela navegação do rio, e 7 pela estrada de terra; onde os Portuguezes já em 1760 tinham fazendas de gado, e estabelecimentos coevos com Villa Bella. O rio Barbados, que se perde, ou finda entre pantanos, quatro leguas acima da dita Povoação, recebe por ambos os lados muitos escoantes que o formão, e correm por largas campinas. Hum delles, e que vem directamente de Sul 10 leguas distante de Casal Vasco, he o principal tronco do pequeno Barbados, e nasce em hum lago de huma legua de extensão, que pela sua figura tomou o nome de Rebeca cercado de altos matos; á Nascente do qual, e a menos de legua de distancia, se encosta áquelles matos o escoante das Salinas, que inda vem mais do Sul. Este capão de mato he terreno alto, de não pequena extensão, e proprio para a cultura. A vereda pantanosa chamada Salinas, inda que de pouca largura, he muito abundante de succo salino.

Seis leguas ao Poente dos largos campos destas Salinas, e na latitude de 15^o 46', ha huma comprida serra chamada das Salinas onde vão atar os matos e terras altas, que das serras fronteiras e a Oeste de Villa Bella, continuando ao Sul, passão

por aquelle monte, e se estendem ainda além d'elle no mesmo rumo, cercado desta maneira aquelles matos, e limitando pelo Poente os campos de Casal Vasco, que se estendem por mais 6 leguas para Leste, até se encostarem aos matos, que bordão o lado Occidental das serras do Aguapehy; vindo a ter estes campos, que com pouca differença fórmao huma superficie quadrada, 12 ou 14 leguas de largura, cortados por muitos escoantes, e cobertos de muitos capoens, ou Ilhas de mato derramadas por todos elles. Estes escoantes nascem com pouca differença pela latitude de $16^{\circ} 15'$ de terreno elevado, e coberto de densas e extensas matas, que se prolongão por espaço de muitas leguas até ao Paraguay, e cobrem a ponta da serra de limites, ou de Uberava, continuando igualmente para Oeste por grande extensão.

Ao Sul destas dilatadas matas existem as Missoens Hespanholas da Provincia de Chiquitos, sendo a mais proxima denominada de Santa Anna, povoada por 1400 almas, e 36 leguas a SSO de Villa Bella.

Sete leguas adiante de Santa Anna, e ao mesmo rumo, existe a de S. Rafael, que consta de 3500 almas.

Ao Poente, e a sete leguas de S. Rafael, existe a de S. Miguel de 1500 almas.

S. Ignacio, Missão de 3000 almas, fica a oito leguas de Santa Anna, a rumo do Poente, sobre huma das origens do rio Paraguaú.

Vinte leguas a Oeste da precedente está a Missão da Conceição, de 30 mil almas, sobre as fontes do rio propriamente chamado Baúres.

Outras vinte leguas ao Sud Oeste da Conceição existe a Missão de S. Xavier de 1500 almas: daqui contão os Hespanhoes 50 leguas até á Cidade de Santa Cruz de la Sierra.

De S. Rafael são 30 leguas a rumo geral do

Sul até a Missão de S. José de 3600 almas, onde ha copiosas Salinas, de que os Hespanhoes extrahem muito sal; e perto, ao Sul desta Missão, existe S. José Velho, primeiro lugar da fundação da Cidade de Santa Cruz, de que inda existem bons edificios, em que vivem alguns Indios.

S. João, de 500 habitantes, fica com pouca differença 30 leguas a Leste de S. José, e 40 e tantas distante das Salinas de Jaurú; terreno já varias vezes trilhado por Hespanhoes e Portuguezes, desde esta Missão até ao registro do Jaurú.

Finalmente a rumo de Sud OEste se segue á Missão de S. João a de S. Thiago de 700 habitantes; e 10 leguas ao mesmo rumo adiante de S. Thiago, está a do Santo Coração de 800 almas; Missão a mais remota da Provincia Chiquitos, e situada a Poente das serras de Albuquerque. Estas duas Missoens, e inda a de S. João, podem communicar-se facilmente com o Paraguay pelos Lagos Mandioré, Gaiba, e Uberava. Por esta Lagôa, dobrando para o Sul a ponta de Norte da Serra de Limites, e vencendo alguns pantanaes, acharão os Portuguezes em 1791 caminho, que os conduzio até á Missão de S. Thiago, e em poucos dias; o que os Hespanhoes ignorão, não se animando a transitar estes terrenos com medo dos Guaicirús, que atacão muitas vezes esta Missão, e a do Santo Coração, o que tem reduzido a pequeno numero a população de ambas.

A Provincia de Chiquitos, ou seja pelas Salinas do Jaurú, ou mais breve e facilmente pelos campos de Casal Vasco, he hum seguro asilo para os profugos escravos Portuguezes, e para os desertores. A sua população total consta de 2000 almas, comprehendidos os Indios de ambos os sexos, e de todas as idades. O terreno he regularmente saudavel, nas suas campinas ha fazendas de gado vacum, e cavallar; com tudo he Provincia pobre.

O grande numero de extensos rios, que nascem na Capitania de Mato Grosso, indicão assaz a necessaria existencia de grandes serras, que se podem considerar como os solidos ossamentos da terra, e outros tantos reservatorios que fórmão e separão aquelles rios. A Nascente de Villa Bella fica hum prolongamento de continuadas serras, em que existem os seus adjacentes arrayaes. Estas serras tem a sua extremidade de Sul na latitude de $16^{\circ} 21'$ a Occidente das Salinas do Jaurú, e do pantano do Pau-a-pique, que a ellas se encosta; e dirigindo o seu rumo geral a NNO, vão formar com 10 leguas de extensão a cataracta grande do Aguapehy, levantando-se no mesmo rumo dahi a quatro leguas para formarem a alta tromba de Santa Barbara, chamada tambem do Aguapehy. Daqui continuão estas serras por mais 10 leguas, até ao lugar em que o Guaporé as atravessa, duas leguas abaixo e a Súl da sua ponte. Quatro leguas mais adiante passa por ellas a estrada geral de Villa Bella: 5 leguas inda mais adiante são cortadas pelo rio Sararé, 7 leguas distante de Villa Bella, por onde passa a sua estrada para os arrayaes: daqui continúa por mais 10 leguas até 2 leguas a Oeste do arrayal de S. Vicente, onde terminão com 40 leguas de extensão, e 5 distante do rio Guaporé. Toda esta serra he coberta de densos matos, donde se deriva o nome desta Capitania; terrenos tão fertéis e pingues, que não admira colher o lavrador 200 e mais alqueires de milho por hum de sementeira.

Sobre a escarpa desta serrania existem os arrayaes, e minas adjacentes a Villa Bella. Delles he o mais antigo e proximo o da Chapada de S. Francisco Xavier na latitude de $14^{\circ} 47'$, 6 leguas em linha recta a Nordeste de Villa Bella, e 12 pela estrada da face Occidental das ditas serras. Foi este sitio descoberto em 1734, e repartido em

1736. Cada escravo dava de jornal no primeiro anno 3 e 4 oitavas de ouro por dia, riqueza que pouco servio aos primeiros povoadores vindos do Cuiabá; pois como não tiverão tempo para huma sementeira proporcionada ao povo que concorreu, subirão os generos de tal maneira, que o alqueire de milho valia 6 e mais oitavas de ouro; o de feijão 10 a principio, vindo depois a subir a 30; huma libra de carne secca de vaca, porco ou de toucinho duas oitavas; 15, o frasco de agoa ardente de cana; quatro, hum prato de sal; huma galinha, huma libra de assucar, huma camisa, seis oitavas qualquer destas cousas; e o mais á proporção. Nos dous annos seguintes inda o jornal chegava a duas oitavas e meia por dia; e assim se forão diminuindo até hoje, em que este arrayal está quasi abandonado, não por lhe faltarem os ricos vieiros daquelle metal em hum dos quaes se extrahe purissimo ouro de 24 quilates, o que talvez se não encontre em outra alguma mina do universo; mas sim por ser este arrayal falto de aguas, e depender a sua lavra de grande força e cabedal, para que os lucros convidem a ambição; o que sustenta as esperanças de hum futuro feliz.

O arrayal do Pilar fica 11 leguas distante de Villa Bella, na escarpa Oriental das mencionadas serras: fazem o seu todo muitas fabricas contiguas.

Huma legua adiante do Pilar na latitude de 14^o 45' está o arrayal de Santa Anna, coevo com o da Chapada: foi igualmente rico e grande, hoje tambem decadente, e quasi abandonado.

A' precedente se seguem encostadas á mesma face Oriental das serras, as fabricas do Ouro-fino, a pouco mais de legua; e quatro mais adiante está a da Boa Vista.

Duas leguas adiante da Boa Vista, e 21 distante de Villa Bella, seguindo a estrada, mas só 12 em linha recta, existe o arrayal de S. Vicente na

latitude de $14^{\circ} 30'$, que presentemente he o mais povoado e rico.

O ultimo arrayal que fica 17 leguas a Leste da Capital, na estrada, que vai para a Villa do Cuiabá, e na latitude de $15^{\circ} 13'$, he o da Lavrinha, tambem já decahido da sua primeira grandeza. Sete leguas ao Sul da Lavrinha está Santa Barbara, sobre a tromba da serra deste nome; tem boas pedreiras, pouca agua, mas quasi se não trabalha neste arrayal.

De todos os arrayaes e lavras se extrahem regularmente, quando as aguas não são diminutas, 10 arrobas de ouro por anno.

O rio Sararé he o primeiro, que entra no Guaporé pela sua Occidental margem, na latitude de $14^{\circ} 51'$, 5 leguas de navegação abaixo de Villa Bella, segundo as voltas do rio. Este rio, que nasce nos campos dos Parecis como fica dito, corre por 15 leguas a Sul, espaço em que se engrossa com muitos ribeiroens, de que o mais notavel he o Pindaitauba, que tem as suas origens proximas ás do Guaporé e Juruena. Findo o dito rumo de Sul, corre o Sararé por outras 15 leguas ao Poente até á sua fóz no Guaporé. A sua navegação he facil desde a cataracta, que fórma no pé das serras dos Parecis: as suas margens são na maior parte alagadas, e os seus matos offerecem a mais pingue cultura.

Seis leguas abaixo da foz do Sararé, desagoa na margem opposta do Guaporé, na latitude de $14^{\circ} 40'$ o pequeno rio Capivary, que tem as suas origens nas serras fronteiras a Villa Bella, no mesmo lado do rio.

Já fica dito, que as serras dos Parecis estendem huma alta e prolongada face a rumo de NNE, pararella ao Guaporé, que corre 15 a 25 leguas distante dellas, segundo as suas sinuosidades: na summidade das ditas serras tem o seu nasci-

mento, não só o Guaporé, mas todos os seus confluentes que lhe vem pela margem direita.

O rio Galerã he o que, nascendo nos ditos campos em quatro não pequenos braços, se segue ao Sararé: desagoa na margem de Leste do Guaporé, 8 leguas abaixo da foz do Capivary.

Na latitude de 14° , 22 leguas distante de Villa Bella, desagoa na margem Occidental do Guaporé o rio Verde, cuja boca dista da mesma Villa 37 leguas navegando pelo Guaporé. O rio Verde tem a sua origem na latitude de $15^{\circ} 15'$, e corre a Norte cortando as serras, que principião tres leguas ao S. da Villa Bella, e fôrmao a margem Occidental do Guaporé, continuando parallelas com elle. Tem o rio Verde muitas caxoeiras, das quaes a primeira fica tres leguas acima da sua foz; altos e densos matos, em que inda vive muito gentio.

As serras, que dicemos fronteiras a Villa Bella, e que tem 30 leguas de extensão, abeirão no Guaporé por hum morro destacado, que tem a apparencia de arruinadas e velhas muralhas, donde lhe vem o nome de = Torres =, e existe na latitude de $13^{\circ} 39'$, 11 leguas distante da boca do rio Verde, sendo este lugar como hum fêcho para a navegação superior do Guaporé.

Cinco leguas antes de chegar ás Torres, entra na margem Oriental do Guaporé, o rio Quariteré, ou Piolho, que tomou este nome de hum grande Quilombo de escravos fugidos assim chamado, que Luiz Pinto de Souza Coutinho mandou destruir no tempo do seu governo, aprehendendo-se então muitos escravos. A mesma diligencia se repetiu em 1795, governando João de Albuquerque, por constar que o resto daquelle Quilombo se havia allí novamente estabelecido; e com effeito se acharão 54 pessoas, que vierão para Villa Bella; isto he 6 negros já muito velhos, que servirão de Pa-

atriarchas deste escondido povo; 8 Indios, e 19 Indias, sendo destes 27 individuos 10 nascidos naquelle Quilombo, de idade de 3 até 15 annos; e 21 robustos caborés, 10 rapazes, e 11 femeas, de idade de 2 até 16 annos, filhos daquelles, e de outros já fallecidos negros, e de Indias. E como a inexperiencia dos que forão a esta deligencia lhes fazia encarecer as esperanças de hum riquissimo descoberto nas visinhanças daquelle sitio, se mandarão novamente com ferramentas e mantimentos para povoar solidamente este lugar, os seus antigos domiciliarios, dando-se o nome de Aldêa Carlota a este estabelecimento. Porém hindo 12 dos principaes Mineiros de Maço Grosso, com grande numero de escravatura e despesa, examinar aquella supposta descoberta, unanimemente acharão não conter nem ainda o mais insignificante sinal, nem formação que indicasse ouro; ficando assim estes novos colonos entregues á antiga indigencia, e separados de toda a communicação. A Aldêa Carlota dista 15 leguas da margem do Guaporé, e pouco mais de 20 do arrayal de S. Vicente.

Tres leguas abaixo da foz do rio Piolho entra no Guaporé pela mesma margem Oriental, o rio Branco, ou Cabixi de 30 leguas de extensão, que como o antecedente tem as suas fontes nas serras dos Parecis.

Duas leguas abaixo das Torres desagoa na margem direita do Guaporé, o rio Turvo, que muitos confundem com o Piolho.

Vinte leguas ao Poente de Torres, e trinta e tres segundo a navegação, entra na margem Austral do Guaporé o rio Paragaû na latitude de 13° 33'. He este rio, inda que de poucas aguas, de não pequena extensão, tendo as suas origens na Provincia de Chiquitos, entre as Missoens de Santo Ignacio, e da Conceição, que bebem das suas agoas na latitude de 17°; e correndo de Sul

a Norte, inclinando-se na sua parte inferior para o Poente, com 60 leguas de curso, partarello aos rios Verde e Guaporé, entra neste ultimo naquelle lugar. Este rio seria muito proprio para extremo das duas Naçoens confinantes.

Duas leguas abaixo da boca do Paragaú, recebe o Guaporé pela mesma margem esquerda, o pequeno ribeirão dos Quarajús, na latitude de $13^{\circ} 29'$, e longitude de $31^{\circ} 45'$. Quatro leguas a Oeste da margem do Guaporé ficão os Minas de Quarajús, ou de Santo Antonio; descobertas no tempo do Conde da Azambuja, e trabalhadas algum tempo pelos Portuguezes. Estas Minas pagavão bem a sua lavra, suspendida ha poucos annos, quando ellas davão as mais ricas esperanças.

Dos Quarajús corre o Guaporé a Sud-Oeste por 10 leguas de navegação, até á foz do rio Curumbiará, que entra no Guaporé pela margem direita na latitude de $13^{\circ} 14'$. Tres leguas antes de chegar a esta foz, entra pela margem opposta, o Igarapé Catururinho, fronteiro ao lugar das Larangeiras, que existe na margem de Leste do Guaporé; lugar em que viverão alguns dos primeiros moradores da Capitania. O rio Curumbiará traz as suas origens em muitos braços das serras dos Parecis, e com ellas fazem contravertentes pela opposta e Oriental face desta serra, as origens do Jamary. Pelos annos de 1744 os sertanejos da Chapada de S. Francisco Xavier acharão neste rio alguns ribeiroens com ouro; mas a descoberta de 1747, chamando a si a maior parte destes moradores, fez perder até hoje a certeza destes lugares, de que apenas resta a vaga tradição.

Dez leguas inferior ao Curumbiará, e com 16 de navegação a rumo geral de Oeste, entra na margem direita e de Norte do Guaporé, o rio Mequens, que tem as suas cabeceiras em varios braços das serras dos Parecis, que tambem são

contravertentes de Jamary. O rio Mequens tem a sua foz coberta pela Ilha comprida de quatro leguas de extensão, entrando no braço ou canal de Leste dos dous que a Ilha fórma. Os Portuguezes já em 1746 se tinham estabelecido com plantaçoens, e pescarias na Ilha comprida, domesticando os Indios habitantes daquelle e de outros rios. Esta noticia incitou as ávidas e sinistras idéas dos Jézuitas da Provincia de Mochos, e com ardilosa manha conseguirão ser ajudados pelos mesmos Portuguezes, e se estabelecerão no rio Mequens pouco acima dá sua foz - onde fundarão a Missão de S. Miguel.

Dez leguas a Occidente da ponta inferior da Ilha comprida, entra na margem de N do Guaporé o ribeirão de Cacáo, ou Pote-pintado, onde abeira o campo dos Amigos.

Tres leguas mais a Oeste faz barra na opposta margem do Guaporé a bahia Matuá; e outras tres leguas mais abaixo, e do mesmo lado, está a boca do riacho de Tanguinhas, da qual he legua e meia até ao destacamento das Pedras, que fica 16 leguas abaixo da Ilha comprida. Este destacamento situado na latitude de $12^{\circ} 52' 35''$, e longitude de $314^{\circ} 37' 30''$, sobre a margem Oriental do Guaporé está em huma colina, unico terreno alto que se encontra em toda a extensa margem de Leste deste grande rio, e parece ser a meta Meridional do vasto paiz das Amazonas, por findar aqui a producção de algumas arvores e frutas, que nelle se encontrão, como a Sapocaya, e outras especies de cocos, &c. Neste lugar que sempre foi olhado como hum ponto importante, ha hum destacamento militar.

Tres leguas de navegação abaixo do destacamento das Pedras entra pela margem do Sul no Guaporé, huma bahia de pouco mais de duas leguas de extensão chamada S. Simão pequeno, na qual termina a actual e privativa posse Portu-

gueza de ambas as margens do Guaporé: e por ser cousa inadmissivel, impraticavel, e contraditoria a linha recta mandada tirar da foz do Jaurú á do Sararé, segundo o artigo 10º do Tratado de Limites, se julgou, que tanto para encher a amplitude deste artigo, como a do 16º, e do 20º, devia a linha divisoria, para salvar os terrenos, e actuaes possessoens Portuguezas da margem do Sul do Guaporé, que mais inferiormente he tambem a Occidental, vir desde o Paragau entrar nelle pela Bahia de S. Simão pequeno, que deve ser limitrofe.

Oito leguas a Nor-Oeste deste pequeno rio, ou bahia de S. Simão pequeno, entra pela margem de Norte no Guaporé o rio de S. Simão grande, hum dos que nascem das serras dos Parecis. Nelle fundarão tambem os Jezuitas Hespanhoes no mesmo anno de 1746 huma Missão, que denominarão de S. Simão; estabelecimento doloso, pois vendo aquelles Padres que os Portuguezes desde os annos de 1733 e 1742 navegavão o Guaporé inda além da Provincia de Mochos, e depois seguião a navegação até á Cidade do Pará, repetidas nos annos seguintes, com inteira e livre posse da margem direita do Guaporé, e dos muitos rios, que nella entrão; vierão subrepticamente fundar estes Povos nas terras Portuguezas.

Abaixo de S. Simão grande 6 leguas, entra pela margem de Sul no Guaporé o pequeno rio de S. Martinho, que corre por entre campos, inundados no tempo das chêas do Guaporé, offerecendo então huma facil navegação para o rio Baures.

Seis leguas abaixo da foz do rio de S. Martinho, está a do rio de S. Miguel que desagoa no Guaporé pela sua margem de Norte.

De S. Miguel se navegão pouco mais de duas leguas a Nor Oeste até á boca do rio Cautanos, terceiro que entra no Guaporé pela mesma margem de Norte, e bastante cabedal.

Do Cautandó são 16 leguas de navegação a rumo geral de Poente com muitas voltas e Ilhas até ao lugar de Leonil, situado junto da boca do rio de S. Domingos de pequeno curso, que entra no Guaporé pela mesma margem de Norte.

Da boca do rio de S. Domingos são duas leguas até A'guas da Portugueza, que existe defronte da foz do Baures, que entra no Guaporé pela margem de Sul. O rio Baures de extensão, e cabedal de agoas igual ao Guaporé, de que he o maior confluyente, he formado por dous grandes braços de que o mais Oriental he propriamente o Baures, que traz as suas remotas origens da Provincia do Chiquitos, e latitude de 17° , correndo ao Sul por espaço de 50 leguas. A distancia entre estes dous rios (a) he muito curta, e consta de matos, campos, e pantanaes; terrenos que, ficando cobertos de agoa no tempo das inundaçoens, podem dar passagem de hum para outro rio. Destas navegaveis communicaçoes as que offerecem mais facil e breve passo, são a bahia de Matuá, Tanguinhas, S. Simão pequeno, e o rio de S. Martinho; este com menor difficuldade do que os outros por correr entre campos. As margens do Baures, e as do Guaporé distarão entre si nestes lugares apenas 6 até 10 leguas.

O segundo, e ainda maior e mais Occidental braço do Baures, he o rio Branco, que faz a sua junção com aquelle pela sua margem de Norte, 23 leguas acima da foz, que estes dous rios unidos com o nome de Baures fazem no Guaporé. O rio Branco traz as suas mais distantes origens da Missão de S. José da Provincia de Chiquitos, e latitude de 13° , passando 10 leguas a Poente do Povo de S. Francisco Xavier, onde lhe dão o nome de rio de S. Miguel.

(a) Baures, e Guaporé.

Doze leguas acima da confluencia do Baures com o rio Branco, engrossa-se este ultimo pela sua margem de Leste com o pequeno rio da Conceição, que navegando 6 leguas, se encontra a Missão deste nome, habitada por 400 almas.

Tres leguas acima da mesma confluencia entra tambem no Baures o rio de S. Joaquim, que navegado por oito leguas, se encontra a Missão do mesmo nome, de 500 habitantes. Os Hespanhoes tinham derramadas pelo Baures as Missoens de S. Miguel, S. Martinho, S. Simão, e S. Nicoláo, que abandonarão ha muitos annos.

Quatro milhas ao Norte da foz do Baures, existe na margem opposta do Guaporé o pequeno lugar de Lamego.

Duas leguas ao Poente deste lugar, desagoa no Guaporé pela sua margem do Sul o rio Itonamas, muito frequentado dos Hespanhoes, que tem neste rio a grande Missão da Magdalena, a que huns dão 7 e outros 900 habitantes situada na latitude de $13^{\circ} 21'$, trinta leguas de navegação, pelas muitas voltas que este rio faz até á sua foz no Guaporé. Duas leguas $\frac{1}{2}$ de navegação acima deste ponto entra no Itonamas pela sua margem de Poente, o rio Machupo em que os Hespanhoes fundarão em 1792 hum novo Povo, que denominarão de S. Romão.

Quatro milhas a Oeste da foz do Itanamas, e sobre a margem de Norte do Guaporé, na latitude de $12^{\circ} 20'$, e longitude de $312^{\circ} 42' 30''$ se acha situado o Forte do Principe da Beira, de que os primeiros alicerces se lançarão em 1776, para substituir o Forte da Conceição, que existia huma milha mais abaixo já muito arruinado, e em estado de nenhuma serventia. Este Forte he hum quadrado fortificado pelo methodo de Vauban, revestido de cantaria, e fundado em terreno solido, muito proprio para semelhante obra, e o unico que se

não alaga no tempo das grandes chéas do Guaporé, (que neste lugar se elevão a 45 palmos) desde a foz do Mamoré até ao destacamento das Pedras; inundação que abrange grande parte da Provincia de Mochos. O Forte do Principe da Beira dista de Villa Bella 110 leguas, e 190 segundo a navegação do rio; e como as margens do Guaporé na maior parte são alagadas e pantanosas, com parte do alveo dos rios seus confluentes, huma estrada que communique estes dous importantes estabelecimentos só se poderá praticar pela escarpa Occidental das serras dos Parecis com 140 a 150 leguas de extensão.

No lugar em que existiu o antigo Forte da Conceição, esteve a Missão Hespanhola de Santa Roza, fundada pela mesma época que a dos Mequens, e de S. Simão grande, regidas e administradas pelos Jezuitas Hespanhoes; os quaes, conhecendo que pelo Tratado de Limites de 1750 devião evacuar os tres povos nomeados, que clandestinamente havião estabelecido na Oriental margem Portugueza do Guaporé, espontaneamente o fizerão em 1753, com o sinistro fim de subtrahirem ao nosso dominio os Indios, que os povoavão, domesticados muito anteriormente pelos Portuguezes, transplantando estas Missoens para a Provincia de Mochos. E como no Tratado annullatorio de 1761 se determina que, vistas as difficuldades que se acharão na execução do dito Tratado de Limites, ficasse este de nenhum effeito, e as cousas no estado antigo em que se achavão, tem esta clausula sido hum pretexto, e aquélle Forte huma pedra de escandalo para os Hespanhoes, que suppoem em virtude della assistir-lhes direito para revendicarem huma anterior, intrusa e dolosa possessão em sólo alheio, abandonada neste positivo conhecimento, devolvendo-se assim ao seu direito senhorio.

Considerando a posição geographica do Forte

do Príncipe, e a do Guaporé, em relação aos rios Baures, Itonamas, e Mamoré, sobre os quaes existem as Missoens Hespanholas, que fórmão a Provincia e Governo de Mochos; rios que facilitão a communicação de huns para os outros, muito frequentada pelos Hespanhoes, que atravessão com facil navegação o espaço entremedio ao Guaporé com os ditos rios, que liga esta diaria communicação; parece que neste intervallo deverá haver huma força, que sirva no tempo de guerra de barreira a tantas portas para o Dominio Portuguez, e que, segurando aquella margem e fronteira, seja tambem hum obstaculo aos hostis e cavilosos intentos daquella Nação em tempo de paz.

Do Forte do Príncipe da Beira para baixo corre o Guaporé a rumo geral de Nor-Oeste. Nas primeiras tres leguas de navegação, na latitude de $12^{\circ} 13' 30''$ lhe entra pela margem de Leste o pequeno rio Cautanos. Finalmente com 21 leguas de navegação, coptadas do Forte do Príncipe da Beira, e 14 de distancia, conflue o Guaporé com o Mamoré pela margem de Leste, e aqui perde o nome.

Esta he em summa a descripção do Guaporé, que desde o seu nascimento nos campos dos Parecis, corre com muitos e diversos rumos, serpejando a miudo, e formando muitas Ilhas; correndo por espaço de 250 leguas até á sua junccão, em que por hum e outro lado se enriquece com as agoas dos mencionados rios, dos quaes os que lhe entrão pela margem Oriental ou direita trazem as suas fontes das serras dos Parecis, com 30 leguas regularmente de extensão. E supposto as margens do Guaporé sejão em grande parte alagadas, e inundadas no tempo das agoas; com tudo, a grande escarpa das serras dos Parecis, e os largos terrenos a ella contiguos, que distão daquellas margens de 8 até 12 leguas, cortados por tantos rios, formados

de terras elevadas, e cobertas das mais densas e copadas matas, com excellentes madeiras para toda a construcção, inculca assaz ser esta vasta extensão de terreno a mais propria para huma pingue cultura, sendo cortada por tantos rios todos navegaveis, e com fama de auriferos, que se podem communicar em poucos dias de navegação, descendo o Guaporé, que recebe a todos, e por este com a Capital de Mato Grosso, e seus adjacentes, estabelecimentos.

Nas serras, matos, e campos dos Parecis, vivem muitas Naçoens de Indios inda não domados, de que as mais proximas a nós, e conhecidas são as seguintes.

Cabixis; Nação que transita os campos dos Parecis; vive nas cabeceiras e matos dos rios Guaporé, Sararé, Galera, Piolho, e Branco. Entre elles se occultão muitos dos novos escravos fugidos.

Cabixis-u-ajururis; mistura de duas Tribus deste nome: vivem pelas cabeceiras do Jamary, e Jahira.

Parecis; antiga Nação dominante dos campos deste nome, que habitava as origens dos seus principaes rios, e que as incursoens captiveiros, e emigração occasionada pelos Portuguezes, quasi extinguiu; devendo esta Nação a sua ruina ao seu valor, e pacifica conducta: o resto que escapou a este flagello se misturou com os Cabixis, e Mambarés.

Ababás, Puchacazes, e Guajejús: vivem nos matos, que fórmão tres superiores braços do rio Curumbiorá.

Mequens; Nação mansa no rio deste nome.

Patitins; Nação valente e numerosa: habita a parte superior do mesmo Mequens.

Aricoronés, e Lambis; Tribus numerosas, que vivem no rio de S. Simão.

Tumarares; entre os rios S. Simão, e Jamary.

Cutriás ; em hum braço superior e de Norte do mesmo rio de S. Simão, e nas vertentes do Juina.

Cautariós ; Nação numerosa e valente, e desconfiada : habita os tres rios deste nome.

Travessoens, e U-ajurutós ; vivem a Norte do Cautariós.

Pacas-Novas ; no rio deste nome, braço do Mamoré.

Estas são as Naçoens, que vivem na face Occidental das serras dos Parecis, e sobre os rios lateraes do Guaporé ; havendo na opposta face de Leste outras muitas, das quaes as mais proximas e conhecidas são. =

Maturarés ; extremão a Leste com os Cabixis, e se estendem até aos matos dos Arinos.

Mambarés ; Nação com que tambem se misturão os Cabixis : vive no Taburuina, braço Oriental do Juruena.

Apiacás ; lingua geral : habitão perto da confluencia do Juruena com o Arinos.

Cabahibas ; lingua geral, situados inferiormente, proximo da mesma confluencia.

U-y-apas ; Nação feroz : vive ainda mais abaixo da antecedente.

Mambriarás ; ainda mais abaixo.

Tamarés ; no Juina, e alto Galera.

Puchacaz ; no Juina abaixo dos precedentes.

Sarumás ; entre o Jamary e o Tapajos.

Uhahias ; abaixo dos antecedentes.

Xacuruhinas ; no rio do mesmo nome.

Quajajas ; e Bacuris, no rio Arinos.

Camarares ; no rio deste nome, braço do Jamary.

Quariterés ; nas cabeceiras do Jamary, e na parte da serra correspondente, que olha para o Guaporé.

Todas estas Naçoens não querem mudar-se dos

terrenos do seu natural domicilio, por mais saudáveis e abundantes do que as plantanosas margens do Guaporé, que, nimio calor faz doentias e sezonaticas. *Continúa no 3.º Volume pag. 115*

Manifesto de S. M. o Imperador d' Austria, Rei de Hungria e Bohemia.

A Monarquia Austriaca em consequencia da sua situação, das suas varias relações com as outras Potencias, e da sua importancia na Confederação dos Estados Europeos, tem sido obrigada a entrar na maior parte das guerras, que tem assolado a Europa ha mais de 20 annos. No progresso daquellas arriscadas contendas S. M. se tem conduzido invariavelmente pelo mesmo principio politico. Amante da paz por sentimento de dever, por sua propria inclinação, e pelo amor do seu povo livre de todos os pensamentos ambiciosos de conquista, e engrandecimento, S. M. somente tomou as armas quando o chamarão a urgente necessidade da propria conservação, o cuidado da sorte dos Estados vizinhos, inseparavel da do seu, ou o perigo de ver todo o systema social da Europa victima de huma Potencia sem lei, e absoluta. O objecto da vida e reinado de S. M. tem sido promover a justiça e a ordem: só por estas a Austria tem pelejado. Se naquellas lidas, muitas vezes infructiferas, a Monarquia recebeo profundas feridas, ficava á S. M. a consolação de reflectir, que a sorte do seu Imperio não se havia arriscado a emprezas escuzadas e violentas: que todas as suas decisoes erão justificadas na presença de Deos, do seu povo, dos seus contemporaneos, e da pòsteridade.

Sem embargo das maiores preparaçoens, a guerra de 1809 arruinaria o Estado, se a bravura, sempre memoravel, do exercito, e o espirito do

verdadeiro patriotismo, que animava todas as partes da Monarquia, não sobrepujassem todos os reveses. A honra da Nação, e sua antiga reputação nas armas se sustentaráo felizmente em todos os reveses daquella guerra: mas perderão-se ricas Provincias; e a Austria cedendo os Paizes, que bordão o Adriatico, ficou privada de ter parte no commercio marítimo, hum dos meios mais efficazes de promover a sua industria; golpe, que haveria sido ainda mais sensivel, se ao mesmo tempo hum systema geral e destructivo não fechasse todo o Continente, estorvando todas as relações commerciaes, e quasi suspendendo toda a communição entre as Naçoens.

O progresso e resultado daquella guerra venceu plenamente a S. M. que na manifesta impossibilidade de huma immediata e inteira reforma da condição politica da Europa, abalada até os alicerces, os esforços de Estados particulares em sua propria defeza, em vez de por termo á geral calamidade, tenderião sómente a destruir a pouca força, que ainda conservassem, apressarião a queda do todo, e até dissiparião todas as esperanças de futuros, e melhores tempos. Nesta persuasão S. M. previo a importante vantagem, que resultaria de huma paz, que, se durasse alguns annos, reprimiria aquella Potencia expriada, e até então irresistivel, accordaria á Sua Monarquia aquelle descanso, que era indispensavel para restabelecer suas finanças e seu exercito, e ao mesmo tempo procuraria aos Estados visinhos hum periodo de tranquillidade, que aproveitado com prudencia, e actividade, daria entrada a tempos mais felizes. Só hum esforço extraordinario poderia conseguir huma tal paz nas actuaes circumstancias de perigo. O Imperador conheceu, e fez este esforço. Para conservar o Imperio, para os mais sagrados interesses da humanidade, com huma segurança, contra males in-

calculaveis , como hum pehor de melhor ordem de cousas , S. M. sacrificou o que era mais caro ao seu coração. Com estas vistas , levantado acima de todos os escrupulos ordinarios , armado contra toda a má interptração do momento , formou-se huma alliança , que tinha por objecto , com hum presentimento de alguma segurança , reanimar o partido mais fraco , e mais soffredor , depois das misérias de huma desgraçada contenda , inclinar o mais forte e victorioso á moderação e justiça , sem a qual a Sociedade dos Estados pôde unicamente considerar-se como huma Sociedade de miseria.

S. M. tinha os melhores fundamentos para estas esperanças , porque no tempo da consumação desta união o Imperador Napoleão havia tocado aquelle ponto da sua carreira , em que a conservação das suas conquistas era hum objecto mais natural , e mais dezejavel , do que huma sede insaciavel de novas possessoens. Qualquer ulterior extensão dos seus Dominios , trasbordando dos seus proprios limites , era considerada com evidente perigo , não só para a França , que gemia com o pezo de suas conquistas , mas ainda para seus verdadeiros interesses pessoaes. A sua authorityade perdia necessariamente em segurança , quanto ganhava em extensão. Unindo-se com a mais antiga familia Imperial da Christandade , o edificio da sua grandeza adquiria aos olhos da Nação Franceza , e do Mundo , tal augmento de força , e perfeição , que qualquer outro designio de grandeza necessariamente enfraqueceria , e destruiria sua estabilidade. Huma solida politica prescrevia ao Triunfante Dominador como huma Lei da propria conservação , aquillo que a França , a Europa , tantas Naçoens opprimidas e desanimadas incessantemente supplicavam ao Ceo e devia esperar-se , que motivos tão grandes e unidos prevalecessem sobre a ambição de hum individuo.

A Austria não tem a culpa de se haverem dissipado aquellas vistas lisongeiras. Depois de estereis esforços de muitos annos, depois de illimitados sacrificios de toda a especie, havia sufficientes motivos para esperar alcançar melhor ordem de cousas por confiança, e concessão, em quanto rios de sangue não haviam até alli produzido mais que miseria, e destruição, nem peza a S. M. o haver concebido aquella esperanza.

Ainda não tinha expirado o anno de 1810, a guerra ainda lavrava na Hespanha, o povo da Alemanha apenas havia tido tempo para sanar os estragos das duas primeiras guerras, quando em huma hora minguada o Imperador Napoleão resolveo unir huma porção consideravel do Norte da Alemanha com a massa de Paizes, que tem o nome de Imperio Francez, e esbulhar as antigas Cidades livres Commerçiantes de Hamburgo, Bremen, e Lubek, primeiro da sua existencia politica, pouco depois da commercial, e com esta dos meios de subsistencia. Este violento passo foi adoptado sem algumas pretenções ao menos plausiveis, a despeito de toda a fórma de decencia, sem alguma declaração precedente, ou communicação com algum outro Gabinete, debaixo do pretexto arbitrario e futil de que assim o requeria a guerra com a Inglaterra.

Este cruel systema, que maquinava destruir o commercio do Mundo á custa da independencia, da prosperidade, dos Direitos, e Dignidade, e arruinando os bens publicos e particulares de todas as Potencias do Continente, foi levado avante com desapiadada civilidade, esperando debalde forçar hum resultado: que, se felizmente se não provasse ser impossivel de conseguir, ha muito tempo abysmari a Europa em hum estado de pobreza, impotencia, e barbaridade.

O Decreto, pelo qual se estabelecia nas Costas da Alemanha hum novo Dominio Francez de-

baixo do titulo de trigésima segunda Divisão militar, bastava para despertar as suspeitas dos Estados convisinhos, e era para elles o mais assustador, como preludio de perigos futuros, e maiores. Este Decreto mostrou claramente, que o systema creado na França (posto que precedentemente transgredido, ainda inculcado como existente) o systema dos pretendidos limites naturaes do Imperio Francez, era illudido sem mais justificação, ou explicação, e da mesma maneira arbitraria forão aniquilados também os actos arbitrarios do Imperador. Para completar aquella terrivel usurpação, elle não poupou, nem aos Príncipes da Confederação do Rheno, nem ao Reino de Westphalia, nem a territorio algum grande ou pequeno. Os limites, que parecião traçados pelo cego capricho sem outra regra, ou plano, sem alguma consideração de relações politicas antigas, ou modernas, interceptava rios, e comarcas, cortava os estados do meio, e do Sul da Alemanha de toda a communicação com o mar Germanico, passava o Elbo, separava a Dinamarca da Alemanha, extendia as suas pretensões até o Baltico, e parecia aproximar-se rapidamente á linha de fortalezas Prussianas, ainda occupada sobre o Oder; e este acto de usurpação tão longe estava de trazer consigo hum character de determinado e completo accrescimo de territorio, que era impossivel vê-lo em outra face, salvo como hum precursor de usurpações ainda maiores, pelas quaes metade da Alemanha vinha a ser huma Provincia Franceza, e o Imperador Napoleão o absoluto regedor do Continente.

Esta desmarcada extensão de territorio Francez não podia deixar de influir os mais serios receios á Russia e a Prussia. Esta cercada por todos os lados, incapaz de acção livre, privada de todos os meios de conseguir novas forças, parecia apressar-se á sua dissolução. A Russia já com medo da

sua fronteira occidental pela conversão da Cidade de Dantzik declarada livre, pelo Tractado de Tilsit em hum porto militar Francez, e de grande parte da Polonia em Provincia Franceza, vio no adiantamento do dominio Francez ao longo da Costa maritima, e nas novas cadêas preparadas para a Prussia, o imminente perigo das suas possessoes Alemãs, e Polacas.

Portanto desde aquelle momento ficou decidido o rompimento entre a França e a Russia.

A Austria não observou sem a mais profunda e justa inquietação a tempestade, que se levantava. A scena de hostilidades em qualquer caso seria vizinha ás suas Provincias, que estavam em hum estado absolutamente indefensavel em rasão da necessaria reforma no systema financial, que havia embargado o estabelecimento dos seus recursos militares. Em mais alto ponto de vista a contenda, que ameaçava a Russia, parecia ainda mais duvidosa por começar debaixo das mesmas circumstancias desfavoraveis com a mesma falta de cooperação da parte das outras Potencias, e com a mesma desproporção em seus recursos relativos; por consequencia era tão desesperada como todas as precedentes contendas da mesma natureza. S. M. o Imperador fez os esforços, que pôde por amigavel mediação com ambas as partes para arredar a tempestade imminente. Nenhum juizo humano poderia antever, que estava tanto á mão o periodo em que malograrem-se aquellas diligencias amigaveis, seria mais injurioso ao Imperador Napoleão, que aos seus contrarios; todavia assim o havia resolvido a sabedoria da Providencia.

Quando já se não podia duvidar do começo das hostilidades, S. M. foi obrigada a recorrer a medidas, que em circumstancias tão extraordinarias, e perigosas combinassem a sua propria segurança com as justas considerações pelos reaes interesses

dos Estados vizinhos. O Systema de inacção desarmada, unica neutralidade, que o Imperador Napoleão permittiria conforme as suas declaraçoens, era inteiramente inadmissivel por todas as solidas maximas de politica; e a final provaria sómente hum vão empenho de escoar-se do proximo trabalho. Huma Potencia tão importante como a Austria não podia renunciar a toda a participação dos interesses da Europa, nem pôr-se em huma situação, na qual igualmente inutil na paz, e na guerra, perdesse o seu voto, e influencia em todas as grandes negociaçoens, sem adquirir alguma garantia pela segurança da sua fronteira. Seria tão pouco conforme com a equidade, como com a prudencia, preparar-se para entrar em guerra contra a França nas circumstancias existentes. O Imperador Napoleão não havia dado a S. M. motivos pessoaes para procedimentos hostis, e a esperança de conseguir alguns beneficos resultados, empregando dextramente as relaçoens de amizade estabelecidas, representaçoes confidenciaes, e conselhos de reconciliação, ainda não havia sido abandonada, e relativamente ao interesse immediato do Estado semelhante revolução teria infalivelmente esta consequencia, que o territorio Austriaco viria a ser o primeiro, e principal theatro da guerra, que em breve tempo derribaria a Monarquia pela bem sabida mingoa de meios de defeza.

Nesta penosa situação S. M. não tinha outro recurso mais do que por-se em campo da parte da França. Tomar armas pela França no verdadeiro sentido da palavra haveria sido huma medida não só contraria aos deveres e principios do Imperador, mas ainda ás repetidas declaraçoens do seu Gabinete, que sem alguma reserva havia desaprovado aquella guerra. Na assignatura do Tractado de 12 de Março de 1812 S. M. caminhou sobre dous distintos principios: o primeiro, como provão as palavras do Tractado, era não desperdiçar hum só

meio , que podesse obter a paz cedo , ou tarde : o outro era por-se interior e exteriormente em huma posição , que , se fosse impossivel effectuar a paz , ou em caso , que a sorte da guerra tornasse necessarias nesta parte medidas decizivas , habilitasse a Austria a obrar com independencia , e em qualquer destes casos adoptar as medidas que huma politica justa , e prudente prescrevesse. Sobre este principio era que estava sómente destinada a cooperar na guerra huma parte do exercito determinada , e comparativamente pequena ; os outros recursos militares que estavam naquelle tempo promptos , ou que ainda faltava a preparar , não erãõ chamados para a continuação desta guerra. Por huma especie de tacito consentimento entre os belligerentes , o territorio Austriaco era tractado como neutro. O fim real , e o fito do systema adoptado por S. M. não podia escapar á noticia da França , da Russia , ou dequalquer intelligente observador.

A Campanha de 1812 forneceu hum exemplo memoravel de mallograr-se huma empreza sustentada por Potencias gigantescas , conduzida por hum Capitão da primeira ordem , que confiado em grandes talentos militares , espezinha as regras da prudencia e salta as barreiras da natureza. A illusão da gloria levou o Imperador Napoleão ao coração do Imperio da Russia , e huma falsa vista politica das cousas o induzio a imaginar , que ditaria a paz em Moscow , estropearia o poder da Russia por meio Seculo , e então voltaria victorioso. Quando a magnanima constancia do Imperador da Russia , as gloriosas acçoens dos seus guerreiros , e a inabalavel fidelidade do seu povo , pozerão termo a aquelle sonho , era muito tarde para arrepende-se com impunidade. Todo o exercito Francez estava dissipado e destruido : em menos de quatro mezes vimos o theatro da guerra transferido do Dnieper , e do Dwina para o Oder , e o Elbo.

Esta rápida e extraordinária mudança de fortuna era o annuncio de huma importante revolução em todas as relações politicas da Europa. A Confederação da Russia, Gran-Bretanha; e Suecia offerencia hum ponto de união de todos os estados visinhos. A Prussia, que há muito havia declarado estar resollida a arriscar tudo, a preferir ainda o perigo de immediata destruição politica aos longos soffrimentos de continua oppressão, lançou mão do momento favoravel, e correo ás armas dos Alliados. Alguns Principes da Allemanha, grandes e pequenos, estão promptos a fazer o mesmo. Por toda a parte os ardentes desejos do povo se anteciparão aos regulares procedimentos dos seus Governos. A sua impaciencia para viverem na independencia, e debaixo das suas Leys, o sentimento da honra nacional offendida, e o odio a hum dominio Estrangeiro tem por toda a parte arremçado labaredas.

S. M. o Imperador muito intelligente para não considerar esta mudança de negocios como consequencia natural, e necessaria de huma previa, e violenta convulsão politica, e muito justo para ve-la de máo grado, se inclinou sómente a segurar o interesse real, e permanente das Potencias da Europa por medidas bem meditadas, e bem combinadas. Já no principio de Dezembro o Gabinete Austriaco havia dado consideraveis passos para dispor o Imperador Napoleão á politica tranquilla, e pacifica sobre bazes, que igualmente interessavão o Mundo, e o seu proprio bem. De tempos em tempos se renovação, e reforçarão estes passos. Mantinhão-se esperanças de que a impressão da campanha do anno passado, a lembrança do infructifero sacrificio de hum immenso exercito, as cruéis providencias de todo o genero, que seriam necessarias para reparar aquella perda, a decidida repugnancia da França, e de todas as Nações com ella ligadas, a huma guerra, que esgotava, e arrui-

nava a sua força interior sem alguma esperança de futura indemnização, que finalmente ainda hum socogada reflexão sobre o duvidoso resultado desta nova, e immimentissima crise, moverião o Imperador a annuir ás representações da Austria. Acomodou-se com disvello o tom destas representações ás circumstancias dos tempos, serio como a grandeza do objecto, moderado como o desejo de hum favoravel resultado, e como as relações de amizade existentes requerião.

Certamente ninguem adivinharia, que serião decididamente regeitadas aquellas propostas que nascião de hum tão puro motivo; mas a maneira com que ellas forão recebidas, e ainda mais o maravilhoso contraste entre os sentimentos que a Austria conservava, e toda a conduta do Imperador Napoleão até o periodo destes estereis esforços pela paz, depressa destruirão as melhores esperanças, que ainda se conservavão. Em vez de procurar por hum liçoagem moderada melhorar ao menos as nossas vistas do futuro, e diminuir a geral desesperação, em toda a occasião se declarava solememente em presença das maiores authoridades da França, que o Imperador não queria ouvir propostas de paz, que cerceassem a integridade do Imperio Francez no sentido Francez da palavra, ou que fizesse alguma pertença ás Províncias incorporadas arbitrariamente.

Ao mesmo tempo se fallava em condições accessorias com as quaes não parecia ter ainda alguma relação aquelle limite creado por elle mesmo, humas vezes ameaçando indignação, outras com azedo desprezo; como se não fosse possivel declarar em termos assaz distinctos a resolução do Imperador Napoleão, *não fazer ao descanço do Mundo hum sacrificio ainda nominal.*

Estas demonstraçoens hostis forão acompanhadas com esta particular mortificação para a Austria,

que ellas punhão ainda em hum ponto de vista falso, e altamente desacreditado os convites para a paz, que este Gabinete com o conhecimento, e apparente consenso da França fez ás Cortes. Os Soberanos unidos contra a França, em vez de responderem ás propostas da Austria para a negociação, e ás suas offeras de mediação, lhe appresentarão as publicas declaraçoens do Imperador Francez. E quando, no mez de Março, S. M. mandou o Ministro a Londres convidar a Inglaterra a tomar parte em huma negociação de paz, o Ministerio Inglez respondeu, que elle não cria que a Austria conservasse ainda algumas esperanças de paz, quando o Imperador Napoleão havia ao mesmo tempo expressado os sentimentos, que tendião sómente a perpetuar a guerra; declaração, que foi tanto mais pezoza á S. M., quanto mais justa, e bem fundada ella era.

A Austria todavia não deixou por isso de assualhar em termos os mais energeticos e distinctos a necessidade da paz sobre o animo do Imperador da França; dirigindo-se em todas as suas medidas por este principio, que assim como a illimitada superioridade da França havia destruido toda a ordem, e balança de poder na Europa, assim tãobem não se devia esperar huma paz real sem diminuir aquella superioridade. S. M. entretanto adoptou todas as medidas necessarias para fortificar, e concentrar seus exercitos, sentindo, que a Austria devia estar preparada para a guerra, se a sua mediação fosse inteiramente inutil. S. M. Imperial estava além disso persuadida, que a probabilidade de huma immediata parte na guerra não seria por mais tempo excluida dos seus calculos. O actual estado das cousas não podia continuar; disto estava convencido o Imperador: esta convicção era a molla real das suas acçoens, e se vigorava naturalmente por serem frustrados todos os seus disvellos em procurar a paz.

O resultado era claro. Por hum meio, ou por outro, quer por negociação, quer á força d'armas se devia effectuar hum novo estado de cousas.

O Imperador Napoleão não só estava ao facto dos preparativos Austriacos para a guerra, mas até os reconhecia como necesarios; e os justificou mais de huma vez. Elle tinha sufficiente razão para crer, que S. M. o Imperador, em huma época tão decisiva para a sorte de todo o Mundo, poria de parte todos os sentimentos pessoais, e momentaneos consultaria só o bem permanente da Austria, e dos Paizes, que a cercão, e só resolveria o que este grande motivo lhe impoessesé como dever. O Gabinete Austriaco nunca se expressou em termos, que abonassem alguma outra interpretação; e até o Francez não só reconheceu, que a mediação da Austria sómente podia ser huma mediação armada, mas declarou em mais de huma occasião, que a Austria nas actuaes circumstancias não devia limitar-se a obrar como huma parte secundaria, mais sim apparecer em força sobre a scena, e decidir como huma Potencia grande, e independente. Qualquer cousa, que o Governo Francez ou esperasse, ou temesse da Austria, este reconhecimento era por si mesmo huma previa justificação de todas as medidas de S. M. Imperial, até alli intentadas, e adoptadas.

Apenas se desenvolverão as circumstancias, o Imperador Napoleão deixou Pariz para fazer frente aos progressos dos exercitos alliados. Ainda os seus inimigos tem rendido homenagem ao valor das tropas Russas, e Prussianas, nas sanguinarias acções do mez de Maio. Sem embargo o resultado deste primeiro periodo da campanha não lhes foi mais favoravel, parte pela grande superioridade numerica da força Franceza, e pelos talentos militares de seu Chefe geralmente reconhecidos, e parte pelas politicas combinaçoens, que guiavão os Allia-

dos Soberanos em todas as suas empresas. Elles obravão na justa supposição, que huma causa semelhante áquella, em que estavam empenhados não era possível que se limitasse a elles sós; que tarde, ou cedo, ou felices, ou desgraçados, todos os Estados, que ainda conservassem huma sombra de independencia, se ajuntarião á sua Confederação, que todo o exercito independente cooperaria com elles. Portanto não deixarão á bravura das suas tropas mais desafogo do que o momento requeria, e conservarão huma parte consideravel da sua força para huma época, em que com meios mais extensos podessem attentar o desempenho de maiores objectos. Pela mesma causa, e com a mira no desenvolvimento dos acontecimentos, convierão no Armisticio.

Entretanto a retirada dos Alliados deu por hum momento huma face á guerra, que todos os dias se tornava mais interessante para o Imperador porque, se ella continuasse, elle não poderia ficar hum tranquillo expectador. A sorte da Monarquia Prussiana era hum ponto, que particularmente atrahia a attenção de S. M., que conhecia que a restauração da Monarquia Prussiana era o primeiro passo para o restabelecimento de todo o systema politico do Europa; e elle via, que o perigo, em que ella agora estava, igualmente o affectava. Já no mez de Abril o Imperador Napoleão havia sugerido ao Gabinete Austriaco, que elle considerava a dissolução da Monarquia Prussiana, como natural consequencia da sua defeccção da França, e da continuação da guerra, e que sómente dependia agora da Austria accrescentar aos seus Estados as mais importantes, e mais florentes Provincias daquelle Reino; suggestão, que mostrava assaz distinctamente, que não cumpria desprezar hum só meio de salvar aquella Potencia. Se este grande objecto não podesse conseguir-se por hum justa

paz, era necessario sustentar a Russia e a Prussia com huma poderosa cooperação. Desta natural vista das cousas, sobre as quaes não podia a mesma França já enganar-se, S. M. continuou seus preparativos com incansavel actividade. Nos principios de Julho deixou sua residencia e caminhou para a visinhança do theatro da guerra afim de trabalhar com mais efficacia na negociação da paz, que ainda continuava a ser objecto dos seus mais ardentes dezejos; e igualmente para estar mais prompto a dirigir os preparativos para a guerra, se não restasse á Austria outro partido.

Pouco tempo antes, o Imperador Napoleão havia declarado, que elle havia proposto hum Congresso em Praga onde se devião encontrar por huma parte os Plenipotenciarios da França, os Estados Unidos da America Septentrional, a Dinamarca, o Rei da Hespanha, e os outros Principes Alliados, daquella massa hostil, e cimentrarem os alicerces de huma paz duravel. O Gabinete da Austria ignorou perfectamente a quem se dirigia aquella proposta; em que maneira, em que fórma diplomatica, por cujo orgão havia ella sido feita, e sómente teve noticia desta circumstancia pelos papeis publicos. Era tão pouco comprehensivel como podia levar-se ao cabo hum tal projecto, como se podia estabelecer huma negociação para a paz pela combinação de elementos tão heterogeneos, sem algum principio geralmente adoptado, sem algum plano combinado de antemão, que toda a proposta devia considerar-se mais como hum jogo de imaginação, do que como hum serio convite para a adopção de huma grande medida politica.

Canhecendo perfectamente todos os obstaculos para huma paz geral, a Austria considerava há muito se aquelle objecto distante, e difficultozo não se conseguiria mais depressa passo a passo; e nesta opinião se expressou assim á França, como

á Russia, e á Prussia sobre o objecto de huma paz Continental. Não he que a Corte da Austria não comprehendesse ainda por hum momento a necessidade, e a importancia de huma paz universal entre todas as grandes Potencias da Europa, e sem a qual não havia esperança de segurança nem de felicidade, ou hovesse imaginado que o Continente podia existir se a separação da Inglaterra não se considerasse invariavelmente como hum mal mortifero! A negociação, que a Austria propunha depois da assustadora declaração da França havia destruido todas as esperanças, que a Inglaterra unisse os seus esforços no empenho de procurar huma paz geral, era huma parte essencial da grande proxima negociação para hum Congresso geral e effectivo para a paz: tentou-se como hum preparatorio ras-cunhar os artigos preliminares do antigo Tractado, preparar o caminho para huma negociação mais extensa e mais duravel por hum longo armisticio Continental. Se o principio sobre que a Austria caminhava fosse differente deste, nem a Russia nem a Prussia ligadas com a Inglaterra pelos laços mais fortes, condescenderião nunca com as propostas do Gabinete Austriaco.

Depois, que as Cortes Russa, e Prussiana, animadas de huma confiança em S. M., muito lisongeira para o Imperador declararão o seu concurso no proposto Congresso debaixo da mediação da Austria, veio a ser necessario, para obter o formal assenso do Imperador Napoleão, determinar sobre que principios devião estribar-se as negociações para a paz. Para este fim S. M. Imperial resolveo pelo fim do mez de Junho mandar a Dresden o seu Ministro dos Negocios Estrangeiros. O resultado desta missão foi huma convenção concluida a 30 de Junho, accetitando a mediação de S. M. Imperial na negociação de huma paz geral, e se esta se não podesse effectuar, de huma paz

Continental preliminar. Fixou-se a Cidade de Praga para séde do Congresso, e o dia 5 de Julho para a abertura. A fim de obter tempo sufficiente para a negociação, determinou-se pela mesma convenção, que o Imperador Napoleão não romperia o armistício, que devia terminar a 20 de Julho, naquelle tempo existente entre elle e a Russia até 10 de Agosto, e S. M. Imperador tomou a seu cargo alcançar semelhante declaração das Cortes da Russia e Prussia.

Os pontos, que se determinarão em Dresden, forão communicados ás duas Cortes. Ainda que se esperava, que a continuação do armistício encontrasse algumas objeçoens, e muito serios inconvenientes, o desejo de dar a S. M. Imperial outra prova da sua confiança, e para provar ao Mundo, que elles não engeitavão esperanza alguma de paz por mais limitada, que ella fosse, que elles não recusarião diligencia alguma que podesse abrir-lhe o caminho para ella, sopeou todas as suas consideraçoes. A unica alteração, que se fez na convenção de 30 de Junho foi que o termo da abertura do Congresso, que as finaes determinaçoens não podião fixar tão cêdo, se demorassem até 12 de Julho.

Entretanto S. M. que não queria ainda abandonar todas as esperanças de pôr termo completamente, por huma paz geral, aos soffrimentos da humanidade, e ás convulçoens do Mundo politico, resolveo-se tambem a huma nova tentativa com o governo Britanico. O Imperador Napoleão não só recebeu a proposta com apparente approvação, mas ainda offereceo voluntariamente abreviar a negociação dando ás pessoas para aquelle fim despachadas para a Inglaterra huma passagem pela França. Quando isto se devia pôr em effeito, levantarão-se difficuldades inesperadas; os passaportes forão demorados de tempos a tempos sob pretextos insignificantes, e a final inteiramente recusados. Este procedimento

deu hum novo e importante motivo para duvidar da sinceridade dos protestos que o Imperador Napoleão tinha mais de huma vez publicamente expressado da sua disposição para a paz, ainda que muitas das suas expressões naquella época particular davão justa razão para crer, que a paz marítima era o objecto de seus mais soffregos desvellos.

Durante aquelle intervallo, SS. MM. o Imperador da Russia, e o Rei da Prussia, nomearão seus Plenipotenciarios para o Congresso, e os munirão de instrucções muito decisivas. A 12 de Julho chegarão ambos a Praga assim como o Ministro de S. M. encarregado do negocio da mediação.

As negociações não forão demoradas além de 10 de Agosto, excepto na esperança de tomarem ellas tal caracter, que produzissem huma confidente esperança de favoravel resultado. Até aquelle dia se estendeo o armisticio pela mediação da Austria: a situação politica e militar dos Alliados Soberanos, a condição dos Paizes, que elles occupavão, e os seus anciozos dezejos de terminar hum enfadonho periodo de incerteza estorvarão a sua extensão. O Imperador Napoleão o conhecia: elle bem sabia que o periodo do armisticio necessariamente determinava o das negociações; e elle não podia esconder a si mesmo quanto as suas proprias determinações influirião na feliz abreviatura, e prospero resultado das pendentes negociações.

Portanto S. M. conheceo logo com verdadeira magoa, não só que a França não havia dado hum serio passo para acelerar aquella grande obra, mas pelo contrario parecia, que decididamente se havia intentado huma procrastinação das negociações, e evasão de hum favoravel resultado. Havia na verdade no lugar do Congresso hum Ministro Francez, mas sem ordem alguma de tractar de negocios em quanto não apparecesse o primeiro Plenipotenciario.

Dèbalde se esperava de dia em dia a chegada

daquelle Plenipotenciario. A 21 de Julho se conheceu com certeza, que se havia feito uso de huma d'úvida, que occorreo na renovação do armistício entre os Commissarios Francez Russo, e Prussiano embaraço; de mui pouca monta, que não tinha influencia alguma sobre o Congresso, e que a intervenção da Austria removeria mui facil, e brevemente, como justificação daquella extraordinaria demora. E removido este ultimo pretexto ainda não chegou o primeiro Plenipotenciario Francez antes de 28 de Julho, 16 dias depois daquelle destinado para a abertura do Congresso.

Logo nos primeiros dias depois da chegada daquelle Ministro não ficou em duvida a sorte do Congresso. A fórma em que se havião de entregar os plenos poderes, e dirigir as reciprocas explicaçoens, ponto já tratado por todas as partes, veio a ser o objecto de huma disputa, que fez abortar todos os esforços da Potencia mediatriz. A insufficiencia apparente dos poderes confiados ao Negociador Francez occasionou hum silencio de muitos dias. Só a 6 de Agosto deu aquelle Ministro huma nova Declaração, pela qual nem se removião as difficuldades relativas ás formas, nem a negociação adiantava hum passo para o seu objecto. Depois de huma inutil troca de notas sobre questoes muito preliminares, chegou o dia 10 de Agosto. Os Negociadores Russo e Prussiano, não podião exceder aquelle termo: estava acabado o Congresso, e a resolução que a Austria devia tomar estava de antemão decidida, pelo progresso da negociação, pela actual convicção de impossibilidade da paz, pelo manifesto ponto de vista em que S. M. examinou a grande questão em disputa, pelos principios e intençoens dos alliados nos quaes o Imperador reconhecia os seus proprios, e finalmente pelas precedentes declaraçoens positivas, que não davão azo a outra opinião.

O Imperador vê-se obrigado á acção, com sincera afflicção, e unicamente consolado com a certeza de haver esgotado todos os meios de evitar a guerra. Trez annos trabalhou S. M. com incansavel perseverança, para alcançar com brandas e conciliatorias medidas, huma paz real e duravel para a Austria e para a Europa: falharão todos os seus esforços; agora não ha remedio, não ha recurso senão nas armas. O Imperador as toma sem algum rancor pessoal, por huma lamentavel necessidade, por motivos que todo o fiel cidadão do seu Reino, que o mundo, que o mesmo Imperador Napoleão, em hum momento de tranquillidade ha de reconhecer e justificar. A necessidade desta guerra está gravada no coração de todos os Austriacos, de todos os Europeos, em qualquer dominio que vivem em caracteres tão legiveis, que não he mister arte para distingui-los. A nação e o exercito farão o seu dever. Huma união estabelecida pela necessidade commum, e pelo mutuo interesse de cada huma das Potencias, que estão em armas pela sua independencia, dará o devido pezo aos nossos esforços; e o resultado com ajuda do Ceo, será tal que encha as justas esperanças de todos os amigos da ordem e da paz.

Leis publicadas nesta Corte.

Decreto de 26 de Julho de 1813, Ordenando a redução dos aforamentos actuaes incluídos na demarcação da Fazenda de S. Cruz, sejam de novo demarcados; e reduzidos a aforamentos perpetuos com laudemios de quarentena, exceptuando os matos virgens, quando os prazos excederem a quatrocentas braças em quadro; com condição de não derribar os matos virgens nos altos das serras, e

nos cumes dos morros: e outro sim a creação de huma nova povoação no sitio da Sepitiba para commodidade dos pescadores e mais habitantes com hum modico reconhecimento por cada morador: Nomeando para Juiz das ditas Demarcaçoens o Desembargador João Ignacio da Cunha que dará conta á Meza do Desembargo do Paço, e della receberá as Ordens necessarias.

Alvará com força de Lei de 29 de Julho de 1813, Creando na Cidade de N. S. das Neves da Parahiba do Norte e seu termo o lugar de Juiz de Fóra do Cível, Crime, e Orfãos, ficando-lhe unida a Provedoria das Fazendas dos Defuntos e Ausentes Capellas e Residuos no seu Districto, e mais empregos annexos; com o mesmo Ordenado, proes e precalços, que tem o Juiz de Fóra de Pernambuco.

Alvará com força de Lei de 25 de Agosto de 1813 Creando em Villa Bella, cabeça da Comarca da Capitania de Matto Grosso hum Juiz de Fóra do Cível, Crime, e Orfãos com a mesma alçada, ordenado e propinas que tem o de Cuiabá; sendo considerado lugar de segunda entrancia; servindo o mesmo Ministro de Procurador da Coroa e Fazenda, e Deputado da Junta da Administração da Real Fazenda da mesma Capitania; de Intendente da Casa da Fundição; e de Deputado da Junta de Justiça; e Graduando o lugar de Ouvidor da Comarca de Matto Grosso com o Predicamento de primeiro banco, com Beca e posse na Relação da Bahia, podendo ser para elle nomeados Bachareis que tenham servido só de primeira entrancia; e percebendo o Ordenado de tres mil cruzados, e fora os emolumentos estabelecidos.

Decreto de 25 de Agosto de 1813, Extinguindo o Julgado estabelecido no Arraial de S. Pedro de El-Rei, e as Nomeaçõens de Juizes Ordinarios e de Orfãos, e Commissarios de Ausentes, e seus

respectivos Officiaes ; e annexando-o outra vez ao termo da Villa do Cuiabá.

Alvará com força de Lei de 13 de Setembro de 1813. Creando huma Junta em Villa Bella, na Capitania de Matto Grosso, composta do Governador e Capitão General, do Ouvidor da Comarca, e do Juiz de Fóra; o qual se ajuntará huma vez cada mez no primeiro dia que não for de guarda ou feriado para decidir os negocios daquella Capitania abaixo especificados e que pertencião á Meza do Desembargo do Paço, escrevendo os Despachos o Juiz de Fóra; e expedindo-se Alvarás, Cartas, e Provisoes em Nome de S. A. R. assignadas pelo Governador e Capitão General, e lavradas pelo Secretario do Governo, e passadas pela Chancellaria, servindo de Chanceller neste caso o Ouvidor da Comarca.

A Junta pode: 1.º nomear a Camara, 2.º apurar as pautas das mais da Capitania; 3.º conceder reformas de cartas de seguro não findo o livramento por justo impedimento; 4.º passar Alvarás de fiança, não sendo contra as Leis e Reaes Ordens; 5.º expedir Provisoes ao Procurador da Coroa em casos pertencentes á Real Coroa ou Fazenda; 6.º dar licença para citar os Conselhos e Provisão para accusar ou defender-se por Procurador; 7.º conceder os perdoens na Sexta feira Santa na forma praticada, não encontrando o Alvará de dez de Setembro de mil oitocentos e onze; 8.º commutar as condemnaçoens em pecuniarias, excepto galés; 9.º conceder Alvarás em processos judiciais alli applicados.

Alvará com força de Lei de 20 de Setembro de 1813, Izentando de quaesquer Direitos de entrada ou sahida em todas as Alfandegas dos Estados e Domínios Portuguezes as Manufacturas do Sabão do azeite de palma, e o mesmo azeite da Ilha de S. Thomé.

Carta Regia ao Conde de Palma, Governador e Capitão General de Minas Geraes de 22 de Setembro de 1813, Declarando abusiva a pratica seguida pela Junta de Justiça, e ordenando que se não pratique mais as remessas dos Réos de crimes capitaes, e que se observem as ordens Regias anteriores ao Aviso expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, e Dominios Ultramarinos ao Governador e Capitão General D. Rodrigo José de Menezes; sentenciando-se os delinquentes na fôrma nellas estabelecidas e segundo for de Direito e Justiça.

Alvará com força de Lei de 23 de Outubro de 1813, Ordenando que em todas as terras do Reino de Portugal e Algarves, em que ha Juizes de Fôra, se lhes annexem desde já os Officios de Juizes dos Orfãos, que não tiverem Proprietarios, e os que os tiverem, quando forem vagando por fallecimentos delles, ou pelos haverem perdido por Sentenças.

Decreto de 27 de Outubro de 1813, Concedendo aos Professores de Filosofia, e das Escolas das Primeiras Letras a aposentadoria activa de que gozavão os Professores de Rhetorica e Grammatica Latina e Grega por Decreto de 3 de Setembro de 1759.

Decreto de 13 de Novembro de 1813, Louvando o valor das tropas Portuguezas na batalha de Victoria, e em particular dos regimentos de Infantaria, N. 9, 21, 11, e 23 aos quaes manda pôr nas bandeiras a seguinte inscripção — *Julgareis qual he mais excellente* — Se ser do Mundo Rei, ou de tal gente: e dos batalhoens de caçadores N. 7, e 11, aos quaes concede bandeiras com a epigraphie — *Distintos vós sereis na Lusa Historia* — C'os louros que colhestes na Victoria.

Alvará com força de Lei de 17 de Novembro de 1813, Ampliando a todos os mineiros o privilegio concedido pelo Decreto de 19 de Fevereiro de 1752 e Resolução de 22 de Junho de 1758, ainda que não

tenham trinta escravos, e quaes quer que sejam as dividas; não excedendo ou igualando estas ao valor das fabricas, escravos, terras, e mais pertencas.

Alvará com força de Lei de 24 de Novembro de 1831, Regulando a arqueação dos navios empregados na conducção dos negros, que dos portos de Africa se exportão para os do Brazil, dando muitas saudaveis providencias a favor daquelles individuos assim na viagem, como no porto; determinando o estabelecimento de Lazaretos convenientes, em que sejam recebidos os negros enfermos, e outras muitas philantropicas medidas, filhas dos incomparaveis Sentimentos de S. A. R.

Decreto de 26 de Novembro de 1813, Ordenando que os Magistrados empregados nos Lugares de Inspectores dos Transportes, e nos de Commissarios e Auditores do Exercito de Portugal, tenham no fim de cada triennio os accessos, que lhes competirem nos Lugares, em que estiverem a caber até á Relação, e Casa do Porto.

Alvará de 6 de Dezembro de 1813, Annullando o Assento de 10 de Abril do corrente, em se dicio que não podião os impetrantes das revistas embargar as sentenças contra elles proferidas ainda no caso de se lhes accrescentar alguma cousa de novo, e ordenando que daqui em diante seja licito a qualquer das partes embargar o Julgado em gráo de Revista, quando lhe for contrario em todo, ou em parte, devendo os Juizes á vista da sua materia deliberar se merecem que delles se conheça.

Advertencia.

O Redactor, achando-se gravissimamente enfermo desde os fins de Novembro, e impossibilitado de trabalhos litterarios, foi obrigado a terminar este N.º (que já tinha 50 paginas no tempo do seu ataque) differentemente do que intentara. Pela mesma razão não pôde ainda ler as Obras que sahirão á luz neste mez, e muito menos analysalas, segundo o costume; o que promette fazer, logo que as suas forças o permittão, em o N.º seguinte, se huma breve convalescença o habilitar a lançar mão dos seus trabalhos litterarios. Entre as Obras publicadas existindo hum ataque ao mesmo Redactor, pelo Author do Juramento dos Numes, que foi dado á luz nos momentos mais arriscados da sua doença, o Redactor affiança huma proxima resposta no N.º annunciado; e quando não emprehenda aquelle trabalho, em folheto separado; porque está bem persuadido que a defeza contra hum semelhante ataque não vale o sacrificio da sua vida; e nem ainda de alguns dias do seu restabelecimento.

Continuação do Estado da atmosfera.

Novembro.

Dia.	Ther. Graos.	Bar.			Tempo.
		Pol.	Vint.	Mil.	
8	75	29	13	38	
9	74		13	10	
10	80		12	14	pezado
11	82		13	10	claro
12	82		13	2	
13	79 $\frac{1}{2}$		12	30	chuvozo
14	78		12	4	claro
15	80		12	12	
16	80 $\frac{1}{2}$		12	12	
17	81		12	20	
18	83 $\frac{1}{2}$		12	14	chuva
19	82 $\frac{1}{2}$		12	16	
20	76		14		pezado
21	71		16	14	
22	72		16	24	
23	75		12	20	claro
24	74		13	10	
25	73		14	42	
26	76		14		
27	77		13		
28	82		10	46	
29	83		11	22	
30	83		12	14	

Dezembro.

1	84	29	11	36	
2	87		11	30	chuva
3	87		11	36	
4	87		14		claro
5	77		21	24	

Dia.	Ther.	Bar.			Tempo.
	Graos.	Pol.	Vint.	Mil.	
6	77	29	11	12	
7	78		12		
8	80		12	22	
9	78		12	40	
10	80		12		
11	81		10	42	chuva
12	77		11	30	claro
13	78		10		
14	82		11	20	
15	81		12	46	chuvozo
16	82		13	12	
17	79		12	40	trovoada e chuva
18	75		14	6	
19	74		13	10	claro
20	80		12	20	trovoada
21	85		12	14	
22	83		12		
23	82		11	46	chuva
24	81		11	12	claro
25	79		11	38	chuva
26	76		12	10	
27	75		12	6	
28	74		12	8	
29	76		11	38	

INDICE.

HYDRAULICA.

- Noticia sobre o meio que se seguiu no esgotamento de hum pantano. Por B.*** pag. 3*

TOPOGRAFIA.

- Roteiro para seguir a melhor Estrada do Maranhão para a Corte do Rio de Janeiro. 6*
Roteiro para regressar com a maior presteza, que se pode imaginar. 8
Roteiro para seguir a estrada do Maranhão para a Cidade da Bahia. 8

LITTERATURA.

- Serenissimæ Infantis Dominae Mariæ Annæ Immortali Memoriae. Pelo Dr. João Ferreira Soares, Conego da Sé de Mariana. 10*
Resposta á Epistola que ao despedir-me do Rio de Janeiro me escreveu Elmano Bahiense. 11
Ode Pindarica feita aos annos do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Francisco de Assiz Mascarenhas, Conde de Palma, Governador, e Capitão General da Capitania de Minas Geraes, em 30 de Setembro de 1813. Pelo Padre Mestre M. J. R. Professor Regio de Filosofia da mesma Capitania. 13

POLITICA.

- Cartas de D. João de Castro, IV Vice-Rei da India continuadas do N. 5.º pug. 49. A El Rei D. João III. 19*
Carta de D. Fernando de Castro para seu Pai o Vice-Rei D. João de Castro, estando o di-

to D. Fernando em Dio, no tempo do cerco, que defendeo D. João Mascarenhas. He original escripta por letra do mesmo D. Fernando em 1546.

33

HISTORIA.

Continuação da Descrição Geografica da Capitania de Mato Grosso.

38

Manifesto de S. M. o Imperador d' Auſtria, Rei de Hungria e Bohemia.

60

Leis publicadas nesta Corte.

78

Advertencia.

83

Continuação do Estado da atmosphera.

84

*Lista dos Subscriptores à segunda Assignatura do
Patriota.*

A Nastacio Feliciano de Bastos.
Antonio de Araujo de Azevedo.
Antonio da Cunha.
Antonio Francisco Leal.
Antonio Homem do Amaral.
Antonio Joaquim de Oliveira.
Antonio Martins Bandeira.
Arceidiago Antonio Nicoláo de Sousa Pereira Pinto.
Antonio Nunes de Aguiar.
Antonio Pereira de Sousa Caldas.
Antonio Pimentel do Vabø.
Barão do Rio Secco.
Barão de S. Lourenço.
Bernardino de Senna e Almeida.
Bento Correa.
Bento da Silva Lisboa.
Bernardo Carneiro Pinto de Almeida.
Bernardo da Costa Pacheco.
Bispo do Rio de Janeiro.
Camillo Luiz de Rossi.
Camillo Martins Lage.
Candido Lazaro de Moraes.
Carlos Antonio Napion.
Conde dos Arcos.
Conde de Caparica.
Conde de Cavalleiros.
Conde da Ponte
Diogo Duarte Silva.
D. Diogo de Sousa.
Diogo de Toledo Lara e Ordonhès.
Domingos Borges de Barros.
Domingos Carvalho de Sá.
Domingos Gomes Duarte.
Fernando Carneiro Leão.
Francisco Borges da Silva.

Francisco das Chagas Ribeiro.
 Francisco Jaques de Araujo Bastos.
 Francisco José Ferreira Rego.
 Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.
 Francisco Lobo.
 Francisco Luiz Saturnino.
 Francisco Manoel.
 Francisco Pereira de Mesquita.
 Fr. Francisco de S. João Baptista.
 Francisco Xavier de Araujo.
 Gaspar José de Mattos.
 Gaspar Marques.
 Guilherme Briggs.
 Jacinto Teixeira da Cunha.
 João Bandeira de Gouvea.
 João Ferreira da Costa Sampaio.
 João Lopes Baptista.
 João José de Souza.
 João Loureiro.
 João Mazzoni.
 João Marcos de Souza.
 João Pinto Pereira.
 João Ricardo.
 João Rodrigues de Brito.
 João Rodrigues Pereira de Almeida.
 João Rodrigues da Costa.
 João Soares de Oliveira.
 Joaquim Antonio Alvares.
 * José Albano Fragozo.
 * José Antonio de Oliveira Silva.
 José Bernardo de Campos.
 José Bernardes de Castro.
 José Gomes Morel Salgado.
 José Ignacio da Silva.
 José Maria de S. Anna.
 José de Oliveira Pinto Botelho Mosqueira.
 José Pereira Lopes Silva de Carvalho.
 José de Rezende Costa.

José da Silva Lisboa.
Isidoro Manoel Francisco Ferrugento.
* Intendente Geral da Policia.
Ildefonso José da Costa e Abreu.
Leandro José Rodrigues Machado.
Leão Cohn.
Luiz Joaquim Duque Estrada Furtado de Mendonça.
Luiz Joaquim dos Santos Marrocos.
Luiz Prates Almeida e Albuquerque.
Manoel Jacinto Nogueira da Gama.
Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.
Manoel Joaquim da Silva Porto.
Manoel Luiz Alvares de Carvalho.
Manoel Theodoro da Silva.
Manoel Vieira da Silva.
Mariano José Pereira da Fonseca.
Martiniano José de Andrade e Silva.
Nicoláo Viegas da Proença.
Paulo José Miguel de Brito.
Paulo Martin e filhos, em Lisboa, 25 Exemplares.
Pedro Francisco Xavier de Brito.
Pedro Maria Colona.
D. Ramon Nounell.
Raynaldo José da Silva
Roberto João Damby.
Ruttman, & Kalkman.
Simeão Estellita Gomes da Fonseca.
D. Thereza do O' de Almeida, Mello e Castro.
Thomé José da Silva.
Thomas March.
Fr. Tiburcio José da Rocha.

